

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE ENERGIA E ELETROTÉCNICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL

BÁRBARA ELISA PEREIRA

**Crianças Caiçaras de Guaraqueçaba – PR:  
Relações com a natureza**

São Paulo  
2011

BÁRBARA ELISA PEREIRA

**Crianças Caiçaras de Guaraqueçaba – PR:  
Relações com a natureza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, do Instituto de Energia e Eletrotécnica da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciência Ambiental

Orientador: Antonio Carlos Sant'ana Diegues

São Paulo

2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO OU DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO OU PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

*À minha família e às montanhas da serra do mar*

*Com vocês.*

*Por vocês.*

*Para vocês.*

*E para sempre!*

## AGRADECIMENTOS

Não posso dizer que sou uma pessoa.

Sou formada pelas pessoas que conheci.

Pelos lugares pelos quais passei.

Pessoas e lugares responsáveis por tudo que aprendi e o que sou hoje.

Cada parte de mim tem um pouquinho daqueles com quem convivi a vida toda, e daqueles com quem também tive breves encontros pela vida. Do lugar no qual vivi o maior tempo ao lugar por onde nem me lembro de ter passado.

Assim fui me constituindo. Assim fui aprendendo. Logo, não posso dizer que essa dissertação é só minha.

As palavras de agradecimento colocadas aqui não são suficientes para demonstrar sequer o necessário. Entretanto, aqui estou limitada a elas, na expectativa de que com o tempo eu possa demonstrar o que cada palavra de incentivo, cada bronca, cada abraço ou mesmo cada momento de “silêncio fazendo nada” significaram para mim. Ainda que só este mesmo tempo me faça perceber a real importância desses detalhes, fazendo-me lembrar com saudades de cada um desses momentos.

Ah! Saudades!

Companhia corriqueira.

Se a distância nos manteve longe fisicamente, sempre estivemos perto em palavras e pensamentos. Meu pai, minha mãe, meu irmão. Minha base, meu tudo. Meu “mais que muito obrigada”. Não encontro palavras que expressem o significado que vocês têm para mim. Talvez um dia alguém crie uma palavra capaz de expressar tudo de bom e mais um pouco. Palavra, acredito, que seja parecida com uma já conhecida e reconhecida como *amor*.

E quando criarem essa palavra, ela também será usada para toda minha família. Família grande. Grande em número, grande de coração. Poderia colocar todos os nomes aqui e sei que não esqueceria ninguém, mas estes agradecimentos ganhariam algumas linhas. Mas quero que minhas avós, cada tio e tia, primo e prima recebam meu “muito obrigada” pelo apoio que recebi, pelos momentos de descontração, pelas festas de aniversários e pelas muitas risadas que rolaram nesses últimos anos.

Por falar em primos, como poderia agradecer minha prima-irmã, tão diferente de mim, mas com uma importância incalculável, que ultrapassa o apoio recebido para elaborar essa dissertação e a define como essencial na minha vida.

E em um ponto mais ao sul e outro mais ao norte da BR 116, foi mais que bom poder contar com pessoas especiais, independentemente de em qual dos pontos eu estava. Mais ao sul, amizades que nasceram no Instituto de Educação do Paraná, e no ponto ao norte, amizades que se tornaram minha estrutura na maluquice de São Paulo. Impossível descrever tudo o que aprendi com vocês e como cada momento com vocês foi importante para mim!

Lembrar-me de São Paulo não é fácil, mas lembrar-me das pessoas que conheci é muito bom! Cair em São Paulo de paraquedas e encontrar as pessoas que encontrei é foi uma experiência fantástica que rendeu amizades que continuarão a existir, de pertinho ou de longe, no real ou virtual, na USP ou na casa de pedra, na cidade ou na rocha, mas sempre no coração.

E na confusão de não morar de verdade nem aqui e nem lá, agradeço a paciência do meu orientador, Prof. Diegues, com meu nomadismo; professor que me mostrou as verdades que cercam um trabalho acadêmico e me conduziu para que eu desenvolvesse um trabalho de verdade.

Trabalho desenvolvido com a ajuda de pessoas que vivem em um mundo cercado de verde e passarinhos, com um jeito especial de viver com o qual temos muito a aprender. São os caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita os responsáveis pela concretização dessa pesquisa. São as crianças caiçaras as responsáveis por eu seguir pensando que ainda é possível tentar mudar o mundo, ou pelo menos parte dele!

E são as montanhas da Serra do Mar do Paraná que constituem a razão para tal tentativa. São essas mesmas montanhas que me trouxeram da Pedagogia até a Ilha das Peças, até São Paulo e até o mestrado em Ciência Ambiental. E são elas que continuarão definindo o caminho que ainda tenho que percorrer.

*“Tem sempre alguém pra me mostrar a  
trilha certa  
Onde comprar, o que comer, como vestir  
Pode ser o meu caminho complicado  
Mas não insista porque eu não vou por aí  
Se pra ser alguém é requisito o seu bom  
gosto  
Eu quero ir pro lado oposto  
[...]  
Desconfio de qualquer autoridade  
Política, religiosa, científica ou moral  
Que elege os ignorantes e os detentores da  
verdade  
Cria um muro que impede de ver o mundo  
se abrindo colossal  
Se pra ser feliz devo manter algum padrão  
Vou seguir na contra mão  
Só quero dar uma volta do outro lado  
Pra ver como é que está”  
(BAIA & ROCKBOYS, Lado Oposto)*



## RESUMO

A região abrangida pela Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba e demais Unidades de Conservação nela contida, apresenta aspectos peculiares e intrigantes. Além de ser um dos remanescentes de Floresta Ombrófila Densa, o habitat de inúmeras espécies endêmicas ameaçadas de extinção e abrigar sítios arqueológicos, a região também concentra populações tradicionais caiçaras. Existem diversas discussões e estudos relacionados à presença caiçara na região, sendo que muitos a apontam como responsável pela conservação da mesma. Inserido nesse contexto, o presente trabalho aborda as relações e perspectivas existentes entre as crianças caiçaras das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro, localizadas no município de Guaraqueçaba, litoral norte do Paraná, e o meio ambiente em que vivem e convivem. Partindo da hipótese de que os caiçaras, em particular as crianças, estão em contato direto com o meio ambiente e que este não é percebido como um elemento exterior e está envolvido na cultura e no cotidiano, a pesquisa procurou investigar a transversalidade do meio ambiente nos processos sociológicos e cognitivos do desenvolvimento das crianças, juntamente com a identificação das perspectivas das crianças caiçaras acerca do mesmo. Para alcançar os objetivos propostos, inicialmente foi realizada a caracterização da área de estudo, seguida pelos conceitos e aspectos metodológicos norteadores da pesquisa. As pesquisas de campo proporcionaram o desenvolvimento de dois capítulos, que abrangem as percepções dos adultos e das crianças caiçaras sobre o meio ambiente local, a relação entre a sobrevivência caiçara e a conservação da natureza, e o processo de ensino e aprendizagem, por meio das brincadeiras e do auxílio aos adultos nas atividades de subsistência, desenvolvidos durante a infância das pessoas mais velhas e das crianças que integram as comunidades atualmente. As conclusões desta pesquisa trazem algumas considerações sobre os aspectos investigados durante todo o trabalho, associados aos pressupostos da etnoconservação da natureza, no intuito de contribuir para discussões acerca das possíveis razões pelas quais as regiões florestais habitadas pelas populações caiçaras continuam preservadas, apesar dos séculos de existência das comunidades nos locais e da fragilidade do ecossistema.

Palavras-chaves: Crianças Caiçaras; Guaraqueçaba; Meio Ambiente; Educação; Conservação da Natureza.

## ABSTRACT

The region covered by the Area of Environmental Protection of Guaraqueçaba and other conservation units contained therein has peculiar and intriguing aspects. Besides being one of the remnants of dense ombrophilous forest, the habitat of several endangered endemic species and archaeological zones, the region also includes the presence of caiçara traditional populations. There are many discussions and studies related to caiçara presence in the region, and many regard their presence as responsible for its conservation. Within this context, this paper addresses the relationships and perspectives between the children from the caiçara communities of Abacateiro and Saco da Rita, located in Guaraqueçaba, northern coast of Paraná, and the environment in which they live and coexist. Assuming that caiçaras, particularly children, are in direct contact with the environment and that this environment is not perceived as an external element, but it is involved in their culture and daily life, the study sought to investigate the crossover of the environment in sociological and cognitive processes in the development of children, along with the identification of caiçara children's perspectives on it. To achieve the proposed objectives, the characterization of the study area was first carried out, followed by the concepts and methodological issues that guided the field research. The field research led to the development of two chapters, which include the perceptions of caiçara adults and children on the local environment, the relationship between caiçara survival and nature conservation and the process of teaching and learning through play and assistance to adults in subsistence activities, developed during the childhood of both, older people and children that integrate the communities today. The findings of this study provide some insights on the issues investigated throughout the work, regarding the assumptions of ethno conservation of nature, in order to contribute to discussions about possible reasons why the woodlands where caiçara people live are still preserved despite the century-long presence of these communities in the place and the fragility of the ecosystem.

Key-words: Caiçara Children; Guaraqueçaba; Environment; Education; Nature Conservation.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Guarás ( <i>Eudocimus ruber</i> ).....	09
Figura 02: Planície costeira do Paraná visualizada a partir do complexo montanhoso que compõe o conjunto Pico Paraná.....	16
Figura 03: Vegetação de mangue preto ( <i>Avicenia schaueriana</i> ) na comunidade caiçara de Abacateiro em Guaraqueçaba - PR.....	17
Figura 04: Tamanduá-mirim ( <i>Tamandua tetradactyla</i> ), mamífero pertencente à fauna local.....	20
Figura 05: Processo de defumação de carne proveniente da realização de uma caça.....	29
Figura 06: Casa de farinha localizada na comunidade caiçara de Barbados - Guaraqueçaba – PR.....	32
Figura 07: Vista parcial da comunidade de Abacateiro.....	84
Figura 08: Vista parcial da entrada para a comunidade de Saco da Rita.....	85
Figura 09: MONZIEL 04. Comunidade de Saco da Rita.....	93
Figura 10: Roça caiçara no Rio dos Patos – plantação de arroz.....	94
Figura 11: ERENILSON 02. Rio dos Patos e Pico Torto.....	95
Figura 12: ÉDER 03. Casa caiçara.....	99
Figura 13: Fogo de chão em uma cozinha caiçara.....	100
Figura 14: JAQUELINE 02. A mata.....	102
Figura 15: ADRIANO 01. Animais na mata fechada.....	104
Figura 16: Maré enchente em Abacateiro.....	107
Figura 17: MONZIEL 03. Voadeira atravessando a baía das Laranjeiras.....	108
Figura 18: Manguezal.....	110
Figura 19: Pé de Palmito.....	111
Figura 20: EDILBERTO 03. Espécies da fauna local.....	113
Figura 21: Em sentido horário: Vegetação do mangue; Pé de abacate; Casa; Caminho....	114
Figura 22: Meninas brincando de “cozinhar”.....	128
Figura 23: Edilberto brincando de cortar lenha com o facão, enquanto os adultos trabalhavam no plantio de arroz.....	130
Figura 24: EDER 13. Desenho retrata o rio que corta a comunidade de Saco da Rita, uma paca e Éder nadando no rio.....	133

Figura 25: ERENILSON 04. Desenho retrata um pé de palmito, um pé de banana, a casa de Dona Alzira, o caminho para a casa de Dona Alzira e uma formiga comendo uma folha.....	134
Figura 26: Erenilson mostra o peixe capturado.....	136
Figura 27: Brincadeira de “mãe-se-esconde” (esconderijo na copa de uma árvore localizada na encosta do morro próximo às casas).....	137
Figura 28: Brincadeira de “caça” com arco e flecha e o arco criado com um pedaço de bambu, objeto utilizado durante a brincadeira de Éder.....	140
Figura 29: CRISTAL 01. Desenho retrata um jogo de bet’s das crianças e um jogo de futebol no campinho da comunidade.....	142
Figura 30: DOUGLAS 04. Desenho retrata a brincadeira de “mãe-se-esconde” .....	145
Figura 31: Fotografia do lugar preferido para as brincadeiras.....	148
Figura 32: Porto da família de Agostinho: local utilizado para “tomar banho de maré” ..	151
Figura 33: Confecção de remo.....	157
Figura 34: CRISTAL 01 (Detalhes da casa). A casa da avó.....	161
Figura 35: Crianças durante o trabalho na roça caiçara.....	165
Figura 36: Cadela Pintada.....	169
Figura 37: Coleta de ostras.....	173
Figura 38: Crianças caiçaras da comunidade de Saco da Rita.....	194
Figura 39: Crianças caiçaras da comunidade de Abacateiro.....	196
Figura 40: Comunidade de Abacateiro.....	200
Figura 41: Comunidade de Saco da Rita.....	201
Figura 42: Descrição da família de Dona Alzira e Juvelino Pereira.....	202

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 01: Localização do município de Guaraqueçaba.....	12
Mapa 02: Comunidades tradicionais caiçaras de Guaraqueçaba.....	34
Mapa 03: Áreas Protegidas – Guaraqueçaba (PR).....	36

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 01: Caracterização dos espaços socializados de convivência.....	88
Tabela 02: Caracterização dos espaços florestados.....	97
Tabela 03: Caracterização dos espaços estuarinos e marítimos.....	105
Tabela 04: Comparativo entre as brincadeiras infantis desenvolvidas pelas gerações pesquisadas.....	141

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Relação entre as brincadeiras realizadas na mata e no mar pelas crianças atualmente.....	150
Gráfico 02: Denominação das brincadeiras realizadas na mata e no mar pelas crianças atualmente.....	150

## ÍNDICE DE ABREVIATURAS

APA- ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL  
CDB- CONVENÇÃO DA DIVERSIDADE BIOLÓGICA  
CNUMAD- CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO  
GT- GRUPO DE TRABALHO  
IBAMA- INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS  
INPE- INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS  
IPARDES- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL  
ITC- INSTITUTO DE TERRAS E CARTOGRAFIAS  
PARNA- PARQUE NACIONAL  
PNUMA- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE  
SEMA- SECRETÁRIA ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE  
SNUC- SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO  
SPVS- SOCIEDADE DE PROTEÇÃO A VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
ONG- ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL  
ONU- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS  
UC- UNIDADE DE CONSERVAÇÃO  
UFPR- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
UNESCO- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA  
OMPI- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE PROPRIEDADE INTELECTUAL  
OMC- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO



## SUMÁRIO

Dedicatória.....	V
Agradecimentos.....	VI
Resumo.....	IX
Abstract.....	X
Índice de ilustrações.....	XI
Índice de mapas.....	XIII
Índice de tabelas.....	XIV
Índice de gráficos.....	XV
Índice de abreviaturas.....	XVI

## Índice

1. Introdução.....	01
1.1. Do projeto à pesquisa.....	04
2. O pequeno mundo no mundo.....	08
2.1. Na porção oriental do Paraná.....	10
2.1.1. Localização.....	10
2.1.2. Mar e mato.....	15
2.1.3. Lugar de Caiçaras.....	21
2.1.3.1. Caiçaras de Guaraqueçaba.....	33
2.1.4. Aspectos institucionais.....	35
3. O passado no presente.....	40
3.1. Memórias e lembranças.....	41
3.2. Caiçara como sujeito na história.....	47
3.2.1. Na busca de lembranças.....	49
3.3. Na margem da história oficial: a importância do “não-dito”.....	52
4. De objetos a sujeitos de pesquisa.....	57
4.1. Pesquisa com crianças, pesquisa com sujeitos.....	58
4.2. Pesquisa etnográfica: do adulto “primitivo” a “criança civilizada”.....	62
4.3. A criança caiçara como construtora da própria cultura.....	65
4.4. Inserção em campo: Possibilidades “êmicas” e “éticas”.....	72
5. Entre a teoria e a prática.....	74

5.1. Trabalhando com lembranças.....	
5.2. Entre culturas de crianças.....	
6. O quintal de casa.....	
6.1. Os caiçaras e seus espaços de convivência social.....	
6.1.1. A cidade.....	
6.1.2. Um bairro caiçara.....	
6.1.3. A vizinhança.....	
6.1.4. O “Centro”.....	
6.2. Entre árvores, caças e caminhos de caiçaras.....	
6.2.1. O quintal.....	
6.2.2. A mata aberta.....	
6.2.3. A mata fechada.....	
6.3. Nas águas do mar.....	
6.3.1. O mangue e a maré.....	
6.3.2. O mar aberto.....	
6.4. Algumas percepções sobre a natureza.....	
6.5. Entre a sobrevivência caiçara e a conservação da natureza.....	
7. Criança caiçara: o crescer entre o mato e o mar.....	
7.1. Conhecimentos tradicionais: entre o ensino e a aprendizagem.....	
7.2. Infância caiçara e as brincadeiras de crianças.....	
7.2.1. Mata adentro.....	
7.2.2. Dentro da água.....	
7.3. Infância caiçara e os trabalhos de gente grande.....	
7.3.1. Dentro da mata.....	
7.3.2. Perto do mar.....	
8. Considerações finais: entre homens, natureza e conservação.....	
Referencias bibliográficas.....	

## 1. INTRODUÇÃO

*“Como o mundo é governado das cidades onde os homens se acham desligados de qualquer forma de vida que não a humana, o sentimento de pertencer a um ecossistema não é revivido. Isso resulta em um tratamento implacável e imprevidente de coisas, das quais, em última análise, dependemos, tais como, a água e as árvores”.*  
(Berthrand de Juvenel IN: RIBEIRO, 1987: 11)

É altamente improvável não se deixar hipnotizar pelas grandiosas escarpas, montanhas e planícies que constituem o maciço da Serra do Mar, sistema montanhoso originado por uma série de fatores geológicos associados às condições climáticas (BIGARELLA, 2008: 97). Coberto por um extenso verde constituído por um bioma único denominado “Floresta Atlântica”, esse sistema montanhoso está associado às planícies costeiras a leste, limitando-se aos vastos planaltos, a oeste.

A constituição original da Floresta Atlântica abrangia 15% do território do país, o que corresponde a 1.315.460 Km<sup>2</sup>, compreendendo um total de quinze estados brasileiros. No Paraná, a cobertura original de Floresta Atlântica correspondia a 98% dos 20.044.406 hectares que compõem seu território, reduzida atualmente para 10, 53%, com destaque para os remanescentes localizados na região do Parque Nacional do Iguaçu, oeste do estado, e na costa atlântica, onde se encontra Guaraqueçaba e outros municípios litorâneos (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 2009).

Observando a continuidade da floresta, que abrange aquelas escarpas até alcançar os limites com o mar, imagina-se o quanto esse ambiente deve ser hostil e selvagem. Encostas jamais transpostas, pequenas ilhas perdidas em grandes baías, planícies envolvidas pela mata fechada, e assim poderia continuar a apontar inúmeros aspectos capazes de mistificar a porção do litoral norte do estado do Paraná, os quais facilmente teriam créditos com a maioria que conhece esse lugar apenas por imagens muito aquém

dos fatos. Warrean Dean (1996: 28) descreve a Floresta Atlântica como “*um lugar inóspito para o homem. Embora nicho de nossos ancestrais simiescos no passado, há muito fomos expulsos desse paraíso*”.

Tal descrição pode ser colocada em dúvida quando comparada à realidade conhecida por aqueles que já entraram nesse ambiente e encontraram pessoas que o transformaram no lugar onde moram e do qual tiram seus meios de sobrevivência sem, no entanto, derrubar a floresta, ao contrario do que fizeram — e ainda fazem — as sociedades modernas, pautadas no modelo econômico capitalista.

Enquanto a sociedade dominante destrói a floresta (não apenas a Atlântica, mas outros diversos biomas) para garantir seu “desenvolvimento”, também elabora tentativas de preservá-la, por meio de uma perspectiva que busca a sacralização da natureza, assinalando no homem o seu pior inimigo. Entretanto, o reconhecimento da coexistência de uma floresta contínua e preservada, como o remanescente de Floresta Atlântica no Paraná, localizado a leste desse estado e de presença de populações humanas tradicionais gera questionamentos de várias ordens e conduz à quebra de paradigmas que impõem dicotomias entre homem e natureza.

Partindo desses pressupostos, enfatiza-se o fato de que mesmo antes do processo colonizador do Brasil pelos europeus, populações humanas já habitavam a América do Sul, último continente alcançado pelo *Homo sapiens*, incluindo as áreas de Floresta Atlântica (DEAN, 1996: 43). Sabe-se ainda que no período anterior à chegada dos portugueses, etnias indígenas tinham seus territórios fixados em diferentes regiões, sendo os índios Carijós os habitantes das planícies litorâneas que hoje pertencem ao estado do Paraná (ROCHA, 2005: 18). A comprovação da existência de presença humana em áreas que são consideradas na atualidade como “preservadas” ou “naturais” remete à desconstrução da idéia de áreas intocadas. Contudo, desperta a necessidade de investigações que pontuem os aspectos que possibilitaram a continuidade dessas florestas ao longo do tempo.

Em relação às áreas de Floresta Atlântica, os diversos ciclos econômicos que permearam o desenvolvimento do país após a chegada dos europeus, possibilitaram a exploração das regiões do continente dominadas por este bioma através do extrativismo desordenado, da mineração, da agricultura extensiva e da pecuária, entre outras atividades (DEAN, 1996: 74). A maior parte da floresta da região nordeste do país foi derrubada para dar lugar, inicialmente, às plantações de cana-de-açúcar, enquanto em partes do sudeste e do sul, as atividades econômicas se direcionaram para o interior, deixando marcas menos

profundas na costa litorânea, mesmo sendo as principais responsáveis pelo seu povoamento.

O isolamento relativo para o qual essas porções da região sudeste e sul foram destinadas garantiu certo nível de proteção para a natureza desses locais e, concomitantemente, desencadeou um modo de vida humana específico, repleto de conhecimentos particulares, originados pelas intensas relações com o ambiente físico e social habitado por essas populações (SCHMIDT, 2001: 73). Ainda é possível afirmar que a articulação desses conhecimentos com as características das populações tradicionais torna perceptível a relação de dependência estabelecida com os recursos naturais. A partir de 1990, as questões ambientais contemporâneas influenciaram o desenvolvimento da análise dessa dependência por meio de uma perspectiva mais abrangente, gerando a possibilidade da associação entre a conservação de alguns recursos naturais com os conhecimentos e práticas dessas populações (BERKES, 1999: 17).

Essa hipótese surge de uma observação mais atenta do sistema econômico capitalista, que além de gerar diversas desigualdades sociais que resultam em fatores como a pobreza para grande parte da população, passou a ser considerado um dos propulsores da crise ecológica sem precedentes que vem sendo fortalecida desde o final do século XIX (MARTÍNEZ-ALIER, 2007: 9). Para Dupas (2008: 45), o conceito de “progresso” sustentado pela lógica de produção e tecnologia está intimamente ligado a esses impactos e suas consequências, pois visa ao lucro privado e não prioriza os interesses e necessidades da população em geral e nem a correta manutenção dos recursos naturais.

Inserindo-se nesse cenário, em contraposição ao modelo econômico dominante, o movimento ambientalista denominado “ecologia social”, ou “*ecologismo dos pobres*”, está diretamente conectado com o conceito de justiça ambiental, as relações existentes entre as populações dos países em desenvolvimento, nos quais se encontram as populações tradicionais, e o manejo e preservação dos recursos naturais. Essa corrente ambientalista foi originada em consequência dos conflitos ambientais (em nível local, regional, nacional e global) gerados pelo crescimento econômico e pela desigualdade social (MARTÍNEZ-ALIER, 2007: 38).

Nesse sentido, também em posição favorável às populações tradicionais e às possibilidades concretas de proteção da natureza, a etnoconservação da natureza direciona seu foco para as questões relacionadas às áreas naturais protegidas e as populações tradicionais, por meio de uma nova perspectiva, sensível à percepção de que o manejo

sustentado dos recursos naturais desenvolvidos por essas populações contribui para a conservação dos mesmos (ARRUDA & DIEGUES, 2001: 30; DIEGUES, 2000: 40). Esse enfoque na relação entre conhecimentos tradicionais e recursos naturais conduz à reflexão sobre a ideia de natureza como uma construção cultural de algumas sociedades humanas, que ao desenvolverem essa noção como algo externo, longínquo, digno de observação e contemplação, não percebem que também são uma das partes dessa “natureza” e que apresentam intensa dependência de todo o ciclo, que é perpetuado constantemente.

Imersos nos conflitos e possibilidades inerentes à Floresta Atlântica, a região de Guaraqueçaba e sua população tradicional caiçara difundem questionamentos acerca do futuro no decorrer de seus cotidianos. Habitantes de pequenas comunidades, algumas situadas nas margens e ilhas das baías de Laranjeiras, Paranaguá e Pinheiros; outras inseridas na mata, no “pé” da Serra do Mar. Dependentes do mangue, do mar, do mato. Difusores de um modo de vida único e culturalmente rico, que vivem as dificuldades impostas pela vida no estuário, mas que demonstram amplos conhecimentos que proporcionam meios para sobreviver nesse ambiente. Responsáveis não propositais pela conservação da Mata Atlântica localizada nessa porção do Paraná, mas ainda assim, responsáveis. Compreender como se constituem essas pessoas, como aprendem e ensinam a ser quem são, faz parte do reconhecimento da importância que elas têm como cidadãos na sociedade mais ampla, integrando a busca por meios que garantam o respeito de seus direitos e a perpetuação de sua cultura.

### **1.1. Do projeto à pesquisa**

A complexidade dos sistemas associados à Floresta Atlântica é permeada por fatores ambientais e sociais. As regiões remanescentes que ainda contam com esse bioma são alvos de diversificados conflitos e interesses, tanto públicos como particulares. As tentativas de proteção dessas áreas tornam-se questionáveis, pois muitas vezes os instrumentos legais criados com esse intuito são corrompidos ou ignorados a fim de garantir a satisfação dos objetivos de alguns, os quais nem sempre estão em sintonia com a necessidade de proteção desse bioma.

O diagnóstico da situação na qual se encontra a Floresta Atlântica permite o estabelecimento de um paralelo entre a existência de áreas que sobreviveram à degradação

quase completa e áreas que são territórios de populações tradicionais, entre as quais, neste caso, é possível destacar as caiçaras e quilombolas.

Apesar de relevante, tal aspecto é muitas vezes esquecido ou omitido. As populações tradicionais passam a representar um obstáculo, seja para o “progresso” ou para a preservação ambiental, sendo necessário se sobrepor a elas para garantir o almejado desenvolvimento definido sob a perspectiva da sociedade dominante.

Contrapondo-se à idéia acima, esta pesquisa foi desenvolvida na região abrangida pela APA de Guaraqueçaba e demais UC's nela contida, remanescente de Floresta Ombrófila Densa que apresenta a maior extensão e continuidade do território nacional e concentra populações tradicionais caiçaras, sendo que esse aspecto proporciona diversas discussões e estudos, dentre os quais, a indicação da presença caiçara na região como responsável pela sua conservação..

Em meio a esse cenário e partindo da hipótese de que os caiçaras, em particular as crianças, estão em contato direto com natureza, de modo que essa não é percebida como um elemento exterior e está envolvida na cultura e no cotidiano, procurou-se verificar como se desenvolvem as relações existentes entre as crianças caiçaras residentes em comunidades localizadas no litoral norte paranaense, e a natureza em seu entorno, e se estas contribuem para a conservação do ambiente local. Cabe ressaltar que o presente trabalho não incluiu o ambiente escolar por entender que as questões relacionadas às escolas localizadas em comunidades tradicionais requerem pesquisas específicas, em função de o assunto envolver uma série de problemáticas que abrangem desde a estrutura do currículo, importado de centros urbanos, até o cotidiano escolar, o qual muitas vezes não condiz com a realidade das crianças.

Para satisfazer seu objetivo principal, a pesquisa procurou ressaltar a transversalidade da natureza nos processos de sociológicos e cognitivos do desenvolvimento das crianças, juntamente com a identificação das perspectivas das crianças caiçaras acerca da natureza.

Entretanto, a inserção em campo proporcionou a verificação de que os conteúdos e os modos de transmissão difundidos atualmente não se assemelham mais àqueles que os caiçaras mais velhos rememoraram em conversas informais. A ausência da escola em muitos casos, a dependência quase total do meio ambiente no qual estavam inseridos, as relações com o mato e com o mar, quase tudo passou por abruptas transformações impostas, em maiores proporções, por agentes externos. Ocasionalmente na maior parte pela

imposição da legislação ambiental brasileira, essas transformações não foram benéficas em sua totalidade. Percebeu-se a presença de uma saudade que machuca aqueles que relembram os tempos de criança e os ensinamentos dos mais velhos, repletos de uma sabedoria que com o tempo vem sendo inutilizada e deixada para trás.

As mesmas restrições que modificaram o modo de vida das populações caiçaras envolvidas nesta pesquisa a favor da proteção do meio ambiente local, também prejudicaram o alcance dos objetivos para os quais foram delineadas. Responsáveis diretos, não propositais, pela conservação da área durante “algumas” décadas, esses caiçaras tiveram seus direitos negados e foram ignorados, fato que repercutiu na Floresta Atlântica, uma vez que o manejo tradicional contribuía para a manutenção da biodiversidade local e consistia em atividades antrópicas com impacto minimizado.

A necessidade de perceber o antes para compreender o atual mostrou-se indispensável. Compreender o que e como era ensinado anteriormente e o que e como é ensinado hoje permite contrapor determinados aspectos e perceber até que ponto as transformações foram benéficas, tanto para os caiçaras quanto para o ambiente local. Com esse intuito, resgataram-se lembranças dos mais velhos, referentes aos processos de aprendizagem difundidos durante suas infâncias, com o objetivo de compará-los com os processos das crianças da geração atual, apontando e analisando possíveis mudanças.

Procurando cumprir os objetivos traçados no projeto que direcionou esta pesquisa, realizaram-se trabalhos de campo em comunidades tradicionais caiçaras localizadas na região de Guaraqueçaba. Na entrada do Canal do Varadouro, as quatorze famílias das comunidades do Saco da Rita e de Abacateiro, que têm como principais atividades de subsistência a agricultura e a caça, contribuíram amplamente com este trabalho<sup>1</sup>.

Os caminhos percorridos durante esta investigação remeteram a buscas conceituais e metodológicas que nortearam a análise dos dados obtidos em trabalhos de campo. No capítulo seguinte, “*O pequeno mundo no mundo*”, procurou-se caracterizar o cenário que envolveu esta pesquisa em paisagens ímpares, capazes de surpreender mesmo aqueles que desenrolam seus cotidianos ali por muitos anos.

Os capítulos três e quatro trazem conceitos e aspectos metodológicos norteadores, referindo-se primeiramente à pesquisa realizada com os velhos e os aspectos mnemônicos,

---

<sup>1</sup> Apesar de existir um número maior de comunidades caiçaras na região do município de Guaraqueçaba, optou-se pelas duas comunidades citadas, as quais podem ser consideradas uma amostragem significativa e validam os resultados obtidos pela pesquisa, que corroboram com outros trabalhos científicos sobre o tema.



para em seqüência definir o trabalho que envolveu as crianças caiçaras, direcionado por pressupostos da teoria socioconstrutivista e da sociologia da infância.

Os materiais e métodos utilizados durante a realização desta pesquisa foram descritos no quinto capítulo, intitulado “*Entre a teoria e a prática*”. Procurou-se desenvolver uma descrição abrangente e densa dos atores sociais envolvidos, assim como das ferramentas metodológicas adotadas e das pesquisas de campo realizadas.

Em “*O quintal de casa*” foram expostas as impressões acerca das significações sobre o meio ambiente local, mesclando as percepções dos adultos e das crianças caiçaras. Esse capítulo também abrange a relação entre a sobrevivência caiçara e a conservação da natureza, construída durante o processo de ensino e aprendizagem das crianças caiçaras, buscando indicar e analisar as mudanças e interferências que ocorreram no modo de vida dessas populações e no ambiente local.

O sétimo capítulo procurou discorrer sobre o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido durante a infância das pessoas mais velhas e das crianças que integram as comunidades atualmente. “*Criança caiçara: o crescer entre o mato e o mar*” traz algumas reflexões sobre o aprendizado das crianças caiçaras, por meio das brincadeiras e do auxílio aos adultos nas atividades de subsistência, momentos que possuem a floresta Atlântica como cenário, e por isso, são repletos de peculiaridades.

Por fim, o último capítulo apresenta as considerações finais desta pesquisa, trazendo as ponderações sobre os aspectos investigados durante todo o trabalho, associados aos pressupostos da etnoconservação da natureza, juntamente com algumas possibilidades encontradas em favor das comunidades que auxiliaram a realização deste trabalho.

## 2. O PEQUENO MUNDO NO MUNDO

*“Guaraqueçaba é isto e muito mais. Todo mundo que vive e morre, com sua felicidade e suas tristezas. Todo mundo ignorado que não conta. Doze mil pessoas que não são nada no contexto econômico do Brasil, pois o que interessa são os dois mil metros quadrados de solo e as riquezas que contém; o que interessa é o seu mar e o seu mato”.*

(ALVAR & ALVAR, 1979: 43)

A palavra “*Guaraqueçaba*” tem suas raízes fixadas no tupi-guarani, traduzida para a língua portuguesa como “*lugar de guarás*” (VON BEHR, 1998: 18). Corroborando com a definição popular que compreende Guaraqueçaba como “*mar e mato*”, o lugar de guarás divide-se entre esses dois ambientes. Quando se refere à espécie *Eudocimus ruber*, guarás são aves de plumagem avermelhada, típicas de manguezais, que utilizam as águas rasas das margens das baías para procurar pequenos caranguejos que compõem a sua dieta alimentar. Já a vegetação que cresce às margens das baías é utilizada como abrigo por esses animais, aspecto que define o significado de lugar de guarás como “*ninhos de guarás*”.

A busca pelo aprofundamento dos aspectos lingüísticos inerentes a palavras Guaraqueçaba sugere alguns equívocos nessas traduções. Straube (1999: 96) se refere a essa tradução apenas como aceitável, uma vez que o *Eudocimus ruber* tem a região como pouso e não como habitat fixo, apesar da presença dos extensos manguezais. Ainda para este autor:

*No caso específico de Guaraqueçaba, então, prefere-se uma interpretação como “pouso de aves”, ou melhor, “pouso de aves aquáticas”, resultante da composição guyrá (ave) adicionado de kessaba (rede, local de descanso ou pouso) que é mais concordante com a grande abundância de espécies limícolas que se reúnem ao entardecer em vários locais desse município litorâneo paranaense (STRAUBE, 1999: 96).*



Figura 01: Guarás (*Eudocimus ruber*)

Créditos: Karla Martinski

Ultrapassando os limites da tradução e da semântica, relacionam-se os significados intrínsecos à Guaraqueçaba também aos elementos peculiares que compõem suas paisagens. Entre as tipologias de relevo que a envolvem, percebe-se a forte presença do mar por meio das porções territoriais localizadas nas planícies costeiras, uma extensa região estaurina, e dos recursos naturais da mata, oriundos da Floresta Atlântica que se faz presente nas imponentes encostas da Serra do Mar, que ultrapassam os 1.800 metros de altitude na área da Serra do Ibitiraquire.

Entre os diversos aspectos que compõem a área abrangida pelos limites do município de Guaraqueçaba, destacam-se a diversidade biológica, a presença de espécies endêmicas raras e ameaçadas de extinção, assim como a existência dos sítios arqueológicos e das populações humanas tradicionais. Pode-se ainda afirmar que tais características fundamentaram a necessidade da criação das diversas unidades de conservação na região,

junto ao fato de que a mesma é considerada uma das áreas brasileiras constituídas por Floresta Ombrófila Densa mais conservada e representativa, principalmente no que se refere à sua dimensão e continuidade (BRASIL, 1985; IPARDES, 2001: 4).

O município de Guaraqueçaba é constituído pela porção territorial do litoral norte do Estado do Paraná e abrangido pela APA de Guaraqueçaba, com exceção apenas de sua sede. Criada em 31 de janeiro de 1985, pelo Decreto nº 90.883, essa unidade de conservação compreende uma área de 315.241 hectares, dentro da qual estão localizados o município de Guaraqueçaba e parte dos municípios de Antonina, Campina Grande do Sul e Paranaguá (IPARDES, 2001). A região abriga alguns dos últimos e mais significativos remanescentes da Floresta Ombrófila Densa - Bioma Mata Atlântica - e ecossistemas associados, protegidos legalmente pelas UC's presentes.

O estabelecimento dessas UC's não relevou efetivamente a importância, ou mesmo reconheceu a presença, das populações tradicionais que estabeleceram seus territórios nas regiões envolvidas. Considerando a afirmação de Langowski (1973: 77) de que *“o povoamento do litoral do Paraná, por brancos europeus, tenha se processado logo após o descobrimento do Brasil, nos começos do século XVI, mais ou menos depois de 1540”*, associada ao reconhecimento da região como uma *“área natural preservada”*, torna-se possível perceber a existência de uma relação de dependência entre esses fatores. Entretanto, as diversas categorias de UC's presentes na região impõem restrições aos modos de vida tradicionais, dicotomizando homem e natureza e abrindo lacunas anteriormente inexistentes.

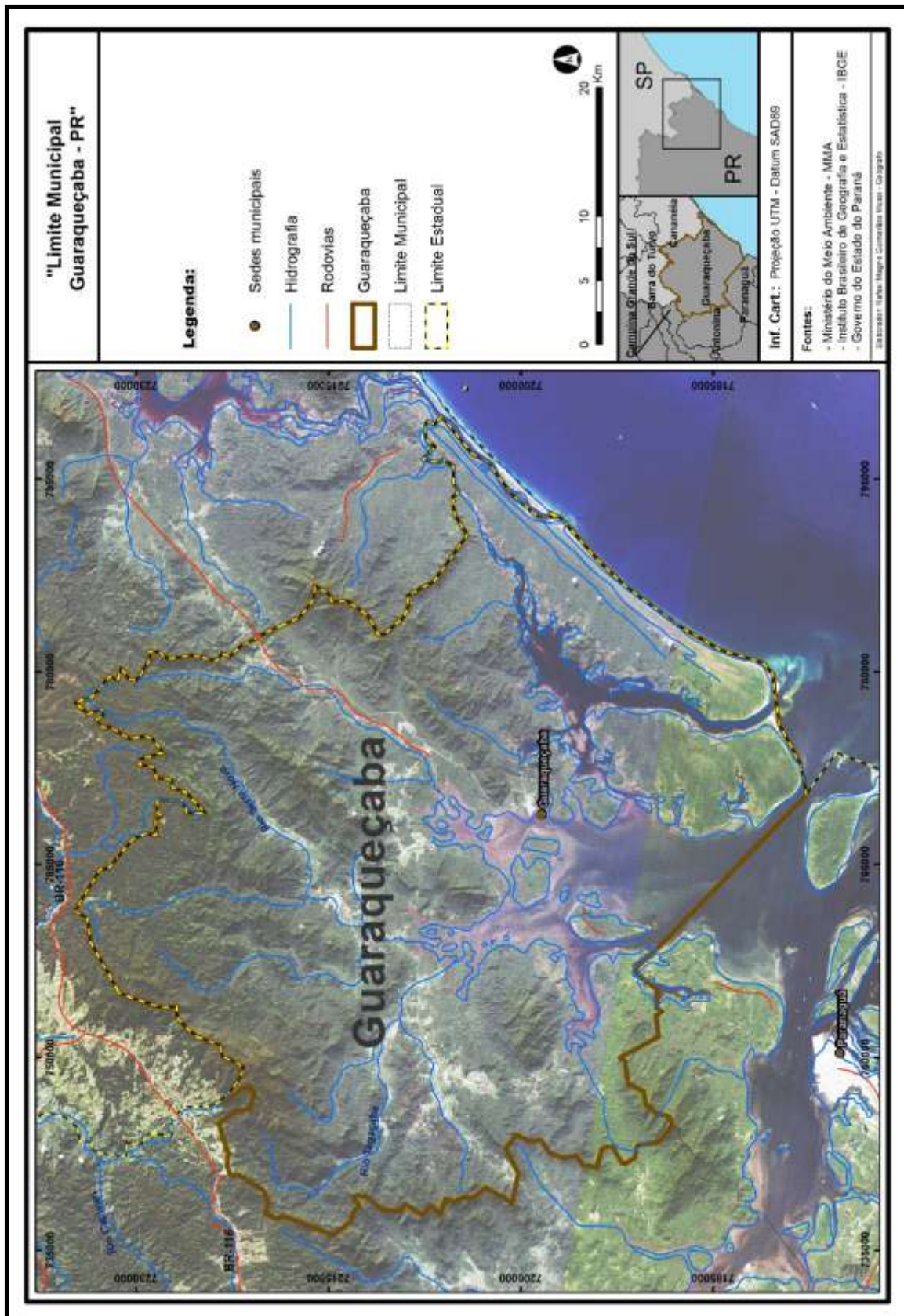
## **2.1. Na porção oriental do Paraná**

### **2.1.1. Localização**

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma região dominada pelo bioma Floresta Atlântica, situada entre o oceano Atlântico e a Serra do Mar paranaense, inserida dentro dos limites do município de Guaraqueçaba, indicada como a região com maior índice de cobertura florestal do estado do Paraná e integrante do complexo estaurino-lagunar Iguape-Paranaguá.

Dotado de caracteres ímpares, o município de Guaraqueçaba está localizado a 25° 18' 24" S e 48° 19' 44" W" (Mapa 01), com área aproximada de 2.315,733 quilômetros

quadrados, a 180 quilômetros de Curitiba, capital do estado (IPARDES, 2007). O município se limita ao norte pelo rio Ararapira, Canal do Varadouro e Serra do Taquari (fronteira com o Estado de São Paulo); ao sul pela baía de Laranjeiras, com o município de Paranaguá; a leste pelo Oceano Atlântico e a oeste pelo rio Cachoeira, divisa com os municípios paranaenses de Antonina e Campina Grande do Sul (SPVS, 2000: 10).



Mapa 01: Localização – Guaraqueçaba (PR)

Elaborado por: Rafael Magno G. Mussi

O acesso à sede municipal é realizado por via terrestre, através da BR 277, passando pelos municípios de Morretes e Antonina, percorrendo a PR 440 e a PR 405, sendo que esta última conta com apenas aproximadamente 15 quilômetros de pavimentação, o que pode dificultar ou mesmo impedir o acesso, uma vez que os fatores climáticos contribuem para as possibilidades de trânsito no local. Também é possível alcançar a sede utilizando a rota marítima, partindo do município de Paranaguá e atravessando a Baía das Laranjeiras, em uma viagem com duração média de quatro horas.

Cabe ressaltar também que a constituição territorial desse município não se restringe à sua sede, de modo que existem inúmeras comunidades de populações humanas que se estabeleceram ao longo da área abrangida pelos limites municipais, para as quais o acesso ocorre com maiores níveis de dificuldade.

Essas comunidades são resultados do processo de colonização da região, iniciado em meados do século XVI, no qual os primeiros portugueses e espanhóis alcançaram as planícies litorâneas que hoje integram o território do estado do Paraná, anteriormente habitadas por indígenas.

*Quando os primeiros colonos vindos de Cananéia às Babas de Paranaguá, entre os anos de 1550 e 1560, acharão [sic] os contornos destas Bahias e em suas ilhas, todas povoadas de imensas hordas de Índios Carijós, os quase [sic] seguramente excederia o total de suas populações de 6 a 8 mil habitantes... Em todas as ilhas que matizão [sic] aquellas Bahias nellas principalmente he que encontrarão grandes avultados montes de Ostreiras, onde índios atrahidos pela abundancia da pescaria do peixe, e destes mariscos testaceos preferirão [sic] suas ordinárias habitações, as costeiras do continente e por isso, a maior parte dellas bem povoadas (SANTOS, 1851 apud ROCHA, 2005: 18).*

De acordo com IPARDES (1989: 9) e Teixeira (2004b: 26), os bandeirantes da Capitania de São Vicente (litoral da região sudeste do Brasil) passaram a explorar regiões além do Tratado de Tordesilhas, o que proporcionou a fundação de vilarejos, que prosperaram por conta dos ciclos econômicos e deram origem às cidades costeiras atuais.

Guaraqueçaba participou dessa trajetória até estagnar-se economicamente. Como distrito do município de Paranaguá<sup>2</sup>, Guaraqueçaba teve seus recursos minerais explorados durante o ciclo do ouro, responsável por grande parte do povoamento na região. Essa atividade declinou durante o século XVII, substituída pela extração de madeiras e

---

<sup>2</sup> O desmembramento ocorreu no ano de 1947 (IPARDES, 2010: 1).

posteriormente pelas atividades agrícolas, que comercializavam as produções (banana, mandioca, arroz, café) por meio de rotas marítimas, com municípios próximos e outros países da América do Sul, como o Uruguai e a Argentina (ALVAR & ALVAR, 1979: 7; SPVS – IBAMA, 1995: 10).

A expansão colonizadora rumo ao interior do território brasileiro, nas primeiras décadas do século XX trouxe o declínio do comércio de produtos agrícolas na região, restringindo a produção à subsistência, acompanhada pelas atividades pesqueiras voltadas para o consumo local imediato (SPVS, 1992: 9).

Nesse período de retrocesso econômico, Guaraqueçaba também se estagnou. Elevados índices de migração, desaparecimento de tecnologias da época e eventos sociais deram lugar novamente ao mar, ao mato e às poucas pessoas que lá continuaram. Alvar & Alvar trazem o depoimento de um morador da região, que descreve esse período do município com a precisão de quem viveu os fatos:

*“Todas gentes abandonaram  
A terra de seu nascimento  
A procura de viveres  
Alguns passando tormento  
Heróis os que aqui ficaram  
Sem ter arrependimento*

*Dos tempos que se passaram  
Não devemos recordar  
De tudo quanto aqui tinha  
Que agora vamos precisar  
De correio e telégrafo  
Que somente existe o lugar”.*

*(Pedro Nilo do Nascimento – Cerco Grande – Guaraqueçaba. IN: ALVAR & ALVAR, 1979: 7).*

Contudo, ainda na metade deste século, inserem-se novas atividades na região que recebem constante apoio dos governos federal e estadual, marcadas pela ideia de desenvolvimento a qualquer custo e pela exclusão das populações tradicionais locais. Segundo a descrição contida no relatório elaborado pelo IBAMA e pela SPVS (1995: 11), durante o período entre 1950 e 1980, Guaraqueçaba passou por inúmeras transformações ocasionadas por grandes empresas de extração de madeira, palmito e de criação de búfalos. Em muitos casos, tais empresas foram responsáveis pelo êxodo da população local,



ocasionado tanto pela expulsão, como pela venda das terras a preços abaixo do valor de mercado.

Como uma das cidades costeiras do país que participaram das constantes transformações dos ciclos econômicos, Guaraqueçaba se converteu em um município de baixo desenvolvimento e com pouca integração com centros urbanos, situando-se entre o passado colonial e as lembranças de um passado recente de prosperidade econômica. Para Teixeira:

*Isto tem produzido um grande distanciamento da sociedade em desenvolvimento, relegando os povos antigos às pequenas comunidades marítimas (Forman, 1970) que passam a fundamentar seu modo de vida em atividades de subsistência, dentro do ambiente aquático e com uma importante leitura da Floresta Atlântica Brasileira (TEIXEIRA, 2004a: 27 – tradução da autora)<sup>3</sup>.*

Atualmente, Guaraqueçaba se difere dos outros municípios costeiros que percorreram a mesma trajetória, como Ubatuba, São Vicente, Iguape, Paraty e Angra dos Reis (SPVS, 1992: 9; TEIXEIRA, 2004b: 27). É possível considerar as dificuldades de acesso por terra como um dos aspectos responsáveis pelo isolamento relativo da região, pela baixa densidade demográfica e pelo baixo uso e ocupação do solo. Entretanto, o mesmo aspecto também proporcionou as características peculiares capazes de definir Guaraqueçaba como uma região única, dotada de ampla diversidade biológica e cultural.

### **2.1.2. Mar e mato**

Os dois principais aspectos que definem o cotidiano em Guaraqueçaba, o mar e o mato, são compostos por uma série de características extraordinárias e envolvidos pelos mangues, planícies e cadeias montanhosas cobertas pela Floresta Atlântica, banhados pelo oceano Atlântico e integrantes do complexo estaurino-lagunar Iguape-Paranaguá<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> “*Esto ha producido siempre un grado de distanciamiento con la sociedad en desarrollo, relegando a los antiguos pueblos a pequeñas localidades marítimas (Forman, 1970) que pasan a fundamentar su modo de vida en actividades de subsistencia, dentro del ámbito aquático y con la lectura importante del entorno de la Floresta Atlântica Brasileira*”.

<sup>4</sup> O complexo estaurino-lagunar Iguape-Paranaguá é um dos ecossistemas costeiros mais produtivos do mundo, com extensas áreas de manguezais e vegetação preservadas, localizado nos estados de São Paulo e do Paraná.

A Serra do Mar, “*espinha dorsal da região continental de Guaraqueçaba*”, limita a planície costeira e o primeiro planalto, constituída por escarpas e blocos que se elevam acima dos 1000 metros acima do nível do mar, formando vales e encostas íngremes (VON BEHR, 1997: 70). Separada do oceano por planícies que alcançam até 50 km de largura, o conjunto de montanhas da Serra do Mar paranaense possui algumas ramificações direcionadas para o mar, constituídas por conjuntos de montanhas com altitudes menores, como a Serra Negra, Itaquí, Morato, Tromomó, Ariri, entre outras (Figura 02).



Figura 02: Planície costeira do Paraná visualizada a partir do complexo montanhoso que compõe o conjunto Pico Paraná.

Créditos: Élcio Douglas.

Bigarella (2008: 24) aponta as encostas e cumes da Serra do Mar como os locais nos quais está a maior parte das nascentes de rios, que sob a forma de pequenos riachos e córregos, descem a serra até atingirem um coletor principal rumo às baías, onde ficam sujeitos aos fluxos e refluxos das marés. São também as encostas da Serra as responsáveis pelo equilíbrio do estuário, pois enquanto cobertas pela Floresta Atlântica, controlam o escoamento da água das constantes chuvas na região (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, s/d: 119).

A manutenção desse delicado equilíbrio permite a sobrevivência dos mangues, ecossistemas importantes responsáveis pela manutenção da biodiversidade costeira, considerados por Von Behr (1998: 82) como o elo entre ambientes marinhos e terrestres, desempenhando funções biológicas e sociais na região<sup>5</sup>. A porção norte do litoral do Paraná é ocupada por extensas áreas de manguezais, que em conjunto com as demais regiões do complexo estaurino-lagunar Iguape-Paranaguá, são reconhecidas como os últimos grandes ecossistemas não poluídos do Atlântico Sul (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, s/d: 119) (Figura 03).



Figura 03: Vegetação de mangue preto (*Avicenia schaueriana*) na comunidade caiçara de Abacateiro em Guaraqueçaba - PR.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

---

<sup>5</sup> Coloca-se que os manguezais desempenham importantes funções biológicas e sociais devido ao fato de que, além de fornecerem componentes de dietas alimentares de inúmeras espécies que habitam a região, também proporcionam o desenvolvimento de atividades econômicas por populações humanas de comunidades tradicionais de Guaraqueçaba.

Esses complexos ecossistemas que dominam a região de Guaraqueçaba incluem também as inúmeras ilhas espalhadas nas baías de Pinheiros e Laranjeiras. Com extensões variadas, as maiores ilhas são a das Peças e Superagui (artificial), acompanhadas por outras menores, como Rasa, Laranjeiras, Pinheiros, Pinheirinho e Gamelas<sup>6</sup>.

Além da presença dos manguezais, a cobertura vegetal das ilhas da região, assim como áreas de planície, também é constituída por Formações Pioneiras de Influência Marinha, designadas, de modo geral, como restingas. Estas vegetações têm estruturas complexas e peculiares, resistentes aos ventos fortes e fixadas sobre solo arenoso pobre e seco (BIGARELLA, 2008: 155). Von Behr (1998: 85) ainda destaca o fato de que as restingas existentes na região de Guaraqueçaba estão entre as mais preservadas do Brasil.

Do mesmo modo, o diagnóstico da Floresta Atlântica da região permite colocá-la como um dos remanescentes brasileiros mais extensos e preservados. De caráter primário e secundário (definidos pela ausência ou presença de ações antrópicas locais, respectivamente), inclui Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, Floresta Ombrófila Densa Sub-Montana, Floresta Ombrófila Densa Montana, Floresta Ombrófila Densa de Alta Montana, que se diferenciam entre si conforme a altitude, a qual define as espécies vegetais que as compõem (IPARDES, 2001: 39).

Bigarella (2008: 73) traz um estudo detalhado sobre os aspectos florísticos relacionados com as diferentes altitudes, pelo qual é possível apontar a existência de árvores com cerca de 40 metros de altura nas encostas da Serra do Mar. Na Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas, encontram-se árvores um pouco menores, como o guanandi (*Callophyllum brasiliensis*), enquanto no alto das encostas e cumes de montanhas predominam pequenos arbustos e campos.

Contudo, entre as possíveis 25 mil espécies vegetais presentes na região, as epífitas exercem maior domínio em todas as altitudes, sendo possível observar diferentes bromélias, orquídeas e samambaias na floresta localizada nas planícies, vales, encostas e cumes de montanhas localizados a mais de 1.800 metros acima do nível do mar (HATSCHBACH In ALVEZ, 2008: 317).

O IPARDES (2001: 39) desenvolveu um estudo acerca do uso do solo na região da APA de Guaraqueçaba, caracterizando outros padrões, que associados com as tipologias

---

<sup>6</sup> As ilhas desempenham a importante função para a manutenção do delicado equilíbrio do estuário, impedindo a invasão da água salgada e protegendo os sedimentos do fundo das baías contra a ação dos ventos e das ondas (VON BEHR, 1998: 72).

de cobertura vegetal descritas acima, totalizam 12, identificados de acordo com imagens de satélite e inserções em campo, definidos pela utilização da área e características da cobertura vegetal (Floresta Primária; Floresta Secundária; Capoeira; Manguezal; Brejo; Áreas Desmatadas; Reflorestamento; Agricultura; Agricultura e Capoeira; Pastagem; Pastagem e Arbusto; Várzea).

A biodiversidade da Floresta Atlântica é significativa e reconhecida internacionalmente, considerada também como um valioso banco genético natural. A Fundação SOS Mata Atlântica e o INPE (2009) salientam que:

*[...] o recorde mundial de diversidade botânica para plantas lenhosas foi registrado na Mata Atlântica, com 454 espécies em um único hectare do sul da Bahia, sem contar as cerca de 20 mil espécies de plantas vasculares, das quais aproximadamente 6 mil restritas ao bioma (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 2009).*

Integrando as relações de dependência entre os elementos que compõem os ecossistemas associados presentes em Guaraqueçaba, a fauna também é responsável pela manutenção da cobertura vegetal, ao mesmo tempo em que necessita da mesma para sua reprodução (VON BEHR, 1998: 87).

Composta por uma rica variedade de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, sendo algumas ainda não conhecidas cientificamente, a região é criadouro e abrigo de espécies marinhas que se dividem entre o mar e o mangue, como o mexilhão ou marisco (*Mytilus perna*), a ostra (*Crassostrea brasiliana*), a tatuíra (*Hippa emérta*), o caranguejo uça (*Ucides cordatus*), e peixes como a pescadinha (*Cynoscion virescens*), a tainha (*Mugil lisa*), o robalo (*Centropomus parallelus*), entre outros (BIGARELLA, 2008: 92).

Concomitantemente, os ecossistemas terrestres são habitat de espécies pertencentes a diferentes classes, contribuindo para a caracterização da biodiversidade da região como expressiva e de grande importância internacional. Dentro do Reino Animalia, o IPARDES (2001: 61) e Von Behr (1998: 88) destacam espécies de mamíferos, de pequeno e grande porte, como o mico-leão-da-cara-preta<sup>7</sup> (*Leontophitecus crysopygus*

---

<sup>7</sup> Espécie descoberta recentemente, em 1989, na vegetação de restinga presente no extremo norte do Parque Nacional de Superagui, sendo o nome científico *Leontophitecus crysopygus caissara* uma homenagem à população tradicional da região, que auxiliou em seu reconhecimento e descoberta.

caissara), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), puma (*Puma concolor*), onça-pintada (*Panthera onca*) e cutia (*Dasyprocta azarae*) (Figura 04)<sup>8</sup>.



Figura 04: Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), mamífero pertencente à fauna local.  
Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

Baseadas nos mesmos critérios de distribuição dos mamíferos, ou seja, topografia e formações vegetais, as espécies de répteis e anfíbios presentes na área deste estudo incluem uma diversidade de lagartos (*Pantodactylus*, *Anisolepis* entre outros), tartarugas marinhas (*Chelonia mydas*, *Caretta caretta*), serpentes inofensivas, como a caninana (*Spilotes pullatus*), e outras venenosas, como a Jararacuçu (*Bothrops jararacussu*) e as

---

<sup>8</sup> Lange (IN: ALVEZ, 2008: 337) enfatiza um aspecto interessante referente aos animais que habitam a Floresta Atlântica, que devido aos hábitos noturnos ou crepusculares que possuem, dificilmente são avistados no ambiente, fato que contribui para a falsa sensação de pouca numerosidade.

espécies de corais-verdadeiras (*Micrurus*), sendo temidas e por isso frequentemente exterminadas pelas populações locais (MOURA LEITE in ALVES, 2008: 359; VON BEHR, 1998: 90). Conhecidos popularmente como sapos, rãs e pererecas, os anfíbios que habitam as matas de Guaraqueçaba também representam a rica biodiversidade da região, ainda que existam muitas espécies ainda não conhecidas. O IPARDES (2001: 61) aponta a existência de 37 espécies catalogadas, as quais representam 27% do total de espécies conhecidas da Floresta Atlântica no Paraná.

Entre as quase 400 espécies de aves presentes na região, percebe-se que a ocorrência é dependente das características da vegetação relacionadas aos hábitos desses animais. Enquanto alguns permanecem nas áreas de praia e mar, como o mergulhão (*Sula leucogaster*) e o papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*)<sup>9</sup>, outros como o martim-pescador (*Ceryle torquata*), o biguá (*Phalacrocorax olivaceus*) e o guará (*Eudocimus ruber*) vivem nas áreas de mangue (VON BEHR, 1998: 95). Entretanto, a maior parte das espécies de aves é caracterizada como florestal (75%), entre as quais destacamos o macuco (*Tinamus solitarius*), o gavião-pega-macaco (*Spizaetus tyrannus*) e a jacutinga (*Pipile jacutinga*) (IPARDES, 2001: 63).

Infelizmente, muitas das espécies presentes na região correm o risco de desaparecer devido à destruição de seus habitat, atividades de caça e capturas para fins comerciais. O equilíbrio entre a biodiversidade e as populações humanas de Guaraqueçaba passou a ser desconstruído pela inserção de elementos culturais e valores difundidos pela sociedade urbano-industrial, que impõem seus interesses a favor do “progresso” sem considerar os diversificados e delicados aspectos que compõem esse cenário.

### **2.1.3. Lugar de caiçaras**

As populações humanas presentes em Guaraqueçaba podem ser divididas em dois grupos, de acordo com o território habitado e atividades econômicas desenvolvidas, sendo a população urbana aquela residente na sede do município e a rural fixada nas diversas comunidades espalhadas pela área abrangida pelo município. Somando as populações urbanas e rurais, o município apresenta por volta de 8.000 habitantes, com densidade demográfica de 3,30 (hab/km<sup>2</sup>) (IPARDES, 2010: 21).

---

<sup>9</sup> O *Amazona brasiliensis* é uma espécie endêmica que habita exclusivamente as planícies litorâneas e ilhas do litoral norte do Paraná e litoral sul de São Paulo.

Caracterizada como um pequeno centro urbano, com aproximadamente 3.000 habitantes, o IPARDES (2010: 9) aponta que as principais atividades desenvolvidas na sede municipal remetem à prestação de serviços, comércio e turismo. É na sede do município que a população rural encontra os suprimentos para necessidades básicas e específicas, que englobam desde a compra de alimentos até serviços públicos, como saúde e educação.

O IPARDES (2001: 83) define a população de Guaraqueçaba como tradicional, caracterizando-a como pescadores artesanais e agricultores familiares. Entretanto, o termo “população tradicional” está no cerne de diversas discussões e sua implicação ultrapassa a procura pela teorização, envolvendo uma série de problemáticas relacionadas às políticas ambientais, territoriais e tecnológicas, uma vez que os diversos organismos multilaterais que trabalham em torno desse assunto apresentam dificuldades e discordâncias na tentativa de indicar uma definição aceita universalmente <sup>10</sup>.

No Brasil, o decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007 refere-se ao termo populações tradicionais como povos ou comunidade tradicionais<sup>11</sup>, os quais são definidos pelo Artigo 3 como:

*I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007)<sup>12</sup>.*

---

<sup>10</sup> Uma das dificuldades da utilização do termo “populações tradicionais” se encontra na diversidade étnica mundial (a qual contempla muitos povos e populações que não se auto-identificam dentro da generalização que se refere aos mesmos como indígenas ou tradicionais), e nas traduções do termo em inglês “*indigenous people*”, que apresenta múltiplos significados de acordo como idioma e contexto no qual é traduzido (DIEGUES, 2008: 82).

<sup>11</sup> Utilizar-se-á neste trabalho “população tradicional” devido a sua maior abrangência em relação a outros termos mais específicos como sociedades, culturas ou comunidades tradicionais. Diegues (2008: 77) aponta a importância em definir cada um desses termos para que se evite o uso equivocado dos mesmos. Porém, visto que a definição dos mesmos depende das diversas vertentes antropológicas, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

<sup>12</sup> Esse decreto contribui muito para as discussões ao não atribuir a mesma definição para populações tradicionais e povos indígenas, visto que tanto a legislação que discorre sobre esses grupos, quanto as várias pesquisas científicas, deixam claro que esses dois grupos apresentam diferenças. No caso brasileiro, Almeida & Cunha (1999: 4) destacam as questões territoriais como um dos principais divergentes entre esses grupos, haja vista que os povos indígenas têm a propriedade das terras habitadas reconhecida por meio da historicidade de sua ocupação; já as populações tradicionais (exceto quilombolas) ainda estão em processo de busca por esse reconhecimento. É importante ressaltar também que os povos indígenas possuem línguas



Apesar da existência da definição legal para “populações tradicionais” é preciso considerar que, segundo Almeida & Cunha (1999: 3), esse termo é permeado por aspectos semânticos e está sujeito a modificações. Partindo desse pressuposto, assinalam-se algumas de suas características, entre as quais são evidenciadas a transmissão oral, a existência de uma ampla ligação com o território habitado, os sistemas de produção voltados para a subsistência e o caráter econômico pré-capitalista (ARRUDA, 2000: 274; CUNHA, 1989: 3; IBAMA, 2008, TEIXEIRA, 2004b: 29).

Dentre essas, a utilização dos recursos naturais ocupa um lugar de destaque, uma vez que tem relação direta com a ocupação dos territórios, assim como a fixação nos mesmos esteve diretamente acoplada aos ecossistemas locais, devido ao desenvolvimento das atividades culturais e de subsistência dessas populações:

*Na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico. Essa unidade é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, onde o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições. Mas ela também aparece em culturas como: a caiçara do litoral sul; ribeirinhos amazonenses, de forma menos clara talvez, mas nem por isso menos importante (DIEGUES, 2008: 63).*

Nessa perspectiva, o manejo desses recursos está diretamente ligado a mitos, regras, valores e conhecimentos, que definem a maneira e período como tais recursos serão utilizados, podendo ser considerados “*elementos culturais regulatórios*”, pois determinam as atitudes das pessoas perante o meio ambiente (CULTIMAR, 2008). Nesse sentido, Lévi-Strauss analisa alguns sistemas de classificação dos recursos naturais por populações indígenas e as relações com seus conhecimentos e manifestações sociais:

*De fato, descobre-se mais, a cada dia, que, para interpretar corretamente os mitos e os ritos e, ainda, para interpretá-los sob o ponto de vista estrutural (que seria errado confundir com uma simples análise formal), a identificação precisa das plantas e dos animais, que se mencionam ou que são utilizados, diretamente sob*

---

específicas que diferem do idioma oficial do país, enquanto alguns grupos de populações tradicionais difundem dialetos próprios, mas que não são adotados como oficiais pelos mesmos.

*a forma de fragmentos ou de despojos, é indispensável (LÉVI-STRAUSS: 1989: 68).*

Concomitantemente, Marques (2001: 162) demonstra que é a partir desses elementos que a população age com o meio natural e desenvolve seus sistemas tradicionais de manejo. Existe uma relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade com a natureza, o que se apresenta como causa direta da preservação ambiental das localidades nas quais as populações tradicionais habitam. Cunha (1992: 77) discorre sobre o fato da existência da indissociabilidade entre o homem e a natureza, já que o meio ambiente significa “*o meio essencial de sua sobrevivência social – fonte de sua vida e de sua identidade cultural – e, por conseguinte, significa a possibilidade de continuarem vivendo na história*”.

O fato de o modo de produção não se enquadrar completamente nos padrões da sociedade urbano-industrial e ser caracterizado em parte como de subsistência, remete diretamente ao sistema de manejo de recursos naturais que essas populações utilizam. Ainda segundo Diegues (2008: 84), esse manejo é diferenciado, uma vez que, fundamentalmente, não visa ao lucro, mas está interligado com a reprodução social e cultural, adicionado de percepções acerca da natureza e seus ciclos.

Por meio de uma perspectiva marxista e baseando-se no fato de que essas populações dependem apenas parcialmente do mercado, é possível definir seu modo de vida como pré-capitalista:

*Dentro de uma perspectiva marxista, as culturas tradicionais, estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, onde há grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos da natureza, em que a dependência do mercado existe, mas não é total. Essas culturas distinguem-se daquelas próprias ao modo de produção capitalista, em que não só a força de trabalho, como a própria natureza, se transformam em objeto de compra e venda (mercadoria) (DIEGUES, 2008: 84).*

O caráter pré-capitalista das populações tradicionais está igualmente relacionado com às questões territoriais, o que pode ser exemplificado pelo caso brasileiro da fixação dessas populações, as quais, de acordo com Diegues (2008: 19), são descendentes dos grupos que durante o período da colonização do território se estabeleceram em regiões isoladas de centros econômicos e de desenvolvimento. Estes grupos constituíram um modelo de cultura diferenciado, baseado na relação intensa com o território habitado, na qual a exploração equilibrada dos recursos naturais possibilitou a sobrevivência dessas

populações, “*através da observação e experimentação de um extenso e minucioso conhecimento dos processos naturais, até hoje, as únicas práticas de manejo adaptadas às florestas tropicais*” (ARRUDA, 1999, 83).

Partindo desses pressupostos, Castro (2000: 169) apresenta a relação entre os diversos elementos que compõem a cultura das populações tradicionais com o território habitado por elas. Colchester (2000: 239) corrobora com a autora ao ressaltar que a forte ligação desses grupos com seus territórios pode ser expressa pelo “*sistema simbólico e pelo conhecimento detalhado dos recursos naturais*”, os quais são decorrentes da ocupação perpetuada pelas gerações anteriores.

Transversal às demais características intrínsecas às populações tradicionais expostas anteriormente, encontra-se a transmissão oral como mecanismo de difusão, a qual estabelece uma relação contínua com os conteúdos disseminados: “*Oralidade é simultaneamente conteúdo e processo. Ela impõe maior atenção aos movimentos de audição, percepção e memória, coerência de pensamento e criatividade como desenvolvimento do enredo narrado*”<sup>13</sup> (REVEL, 2005: 6 – tradução da autora). Sendo assim, é possível afirmar que a transmissão oral dos conhecimentos dessas populações remete diretamente ao modo como se perpetuam as demais características, uma vez que, de acordo com Lenclude (1994: 31), é a partir da oralidade que os conhecimentos, valores, linguagens, representações, visões de mundo e práticas são transmitidos entre os sujeitos, permitindo a continuidade do tempo passado no tempo presente.

Para Becquelin (1992: 34), a transmissão oral envolve outros processos durante seu desenvolvimento, tais como a interpretação e construção de ações constantes, o que garante a transformação do conteúdo propagado. Além disso, Mello (2008: 44) enfatiza as questões existentes entre a transmissão oral e o contexto no qual ocorre, visto que se observa a influência deste sobre aquela o que está associado com a composição dos conteúdos e suas alterações, as quais, no entanto, não interferem na sua legitimidade, pois a identidade fundamental dos mesmos é preservada:

*Embora sujeitas a constantes variações, essas histórias parecem ser sustentadas por vários padrões subjacentes de narração (o que J. Goody [1977, 1987] tem chamado de ‘enredos’ da tradição oral) que adquirem uma certa estabilidade através do tempo, e assim preservam a identidade geral de uma tradição [...].*

---

<sup>13</sup> “*Orality is simultaneously context and process. It sets into motion attentive hearing, perception and memory, coherence of thought and creativity as the plot unfolds in the sung uttered*”

*Muitos antropólogos têm descrito as performances rituais nas quais certo equilíbrio é estabelecido entre o que é sujeito a variações e alguns pontos cruciais (o que seria denominado o foco das performances rituais), onde a improvisação desempenha um papel menos importante*<sup>14</sup>. (SEVERI, 2002: 23 – tradução da autora).

Goody e Watt (2006: 17) conectam a transformação do conteúdo transmitido com os aspectos mnemônicos, de modo que essa ocorre por meio do esquecimento de alguns aspectos e adição de outros, havendo a contribuição das experiências individuais para a formação da tradição oral de uma sociedade e da linguagem como a principal ferramenta utilizada nesse processo. Os autores denominam este processo de memória e esquecimento como “*organização homeostática da tradição cultural em sociedades não letradas*”. Para Menget & Molinié (1992: 12) são esses os aspectos que permitem a recriação de certos pontos do conteúdo e caracterizam a historicidade própria que a tradição possui.

Enquanto população tradicional, a população de Guaraqueçaba apresenta características peculiares, de modo que ultrapassa a proposta do IPARDES (2001: 83) que a define como pescadores artesanais e agricultores familiares, direcionando-a para um grupo social específico designado como população tradicional caiçara<sup>15</sup>, caracterizado pela miscigenação étnico-cultural entre indígenas, negros africanos e colonizadores europeus e pelas inúmeras especificidades ambientais, históricas e locais.

Indivíduos “anfíbios”, dependentes igualmente do mar e da mata, a constituição da população tradicional caiçara está relacionada com a dependência quase integral estabelecida com os recursos naturais da Floresta Atlântica e do estuário, por meio de suas práticas e conhecimentos, dentre os quais se encontram a agricultura itinerante, a caça de subsistência, a pesca e o extrativismo vegetal. A utilização dos recursos naturais pode ser definida como uma das principais características dessa cultura, uma vez que a ocupação dos territórios por essas populações, assim como sua fixação, esteve diretamente ligada à Floresta Atlântica e ecossistemas aquáticos e terrestres associados.

---

<sup>14</sup> “*While being subjected to constant variations, these stories appear to be sustained by a number of underlying patterns of narration (what J. Goody [1977, 1987] has called the ‘plots’ of oral tradition) that acquire a certain stability through time, and thus preserve the general identity of a tradition [...].*”

*Many anthropologists have describes ritual performances where a certain equilibrium is established between what is subjected to variation and a certain number of crucial points (that we could call the foci of ritual performances), where improvisation plays a much less important role”.*

<sup>15</sup> No referencial teórico utilizado nesta pesquisa, encontram-se estudos diversificados que reconhecem a população de Guaraqueçaba como população tradicional caiçara, entre os quais é possível citar uma série de dissertações, teses e outras publicações.

Articulada aos mitos e lendas, a subsistência caiçara, até o final do século XVIII, se baseava na agricultura, pesca e caça de subsistência, as quais forneciam algum excedente para necessidades além daquelas supridas diretamente pelos recursos naturais locais, sustentando os sistemas de trocas entre as comunidades e dessas com centros urbanos próximos (sede municipal de Guaraqueçaba e o município de Paranaguá):

*A economia caiçara era caracterizada por uma oposição tanto à economia indígena primitiva, quanto à economia industrial. Seu sistema de produção era organizado para responder, em primeira estância, às necessidades domésticas, mas ainda sim o caiçara prescindia de insumos externos, para os quais precisava gerar um excedente: ferramentas, habitação, vestuário, sal, pólvora, entre outros (ADAMS, 2000).*

A imposição da legislação ambiental, juntamente com a abertura dessas comunidades à sociedade brasileira mais ampla gerou diversas modificações no sistema econômico caiçara. A pesca, que anteriormente correspondia a um complemento na dieta caiçara, tornou-se uma fonte de renda para a população. De acordo com CUNHA (1989: 11) e IPARDES (1989: 53; 2001: 86), os pescadores caiçaras ainda são classificados, em sua maioria, como artesanais, pois os instrumentos utilizados para a pesca são simples e de baixa tecnologia, sendo possível dividi-los em pescadores do interior da baía e pescadores do mar aberto, dependendo da localização da comunidade.

Os apetrechos de pesca, atualmente adquiridos em Paranaguá, em anos anteriores eram confeccionados a partir dos recursos naturais presentes no ambiente local, como as fibras vegetais utilizadas nas redes; a madeira, destinada para a construção de canoas<sup>16</sup>; o barro, empregado nos chumbeiros. Os apetrechos de pesca, segundo CULTIMAR (2008), CUNHA (1989: 19) e IPARDES (1989: 58), estão diretamente relacionados com o produto e a localização da pesca. No geral, os mais utilizados são as redes (de arrasto, de lanceio, de caseio, de fundeio, de vara), cerquinhos, pesca de linha, gerival, cerco, tarrafas, arrastão de prancha. Os principais produtos da pesca são os peixes, como o baiacu e pescada, e o camarão, branco ou de sete barbas.

---

<sup>16</sup> Em relação à construção da canoa, temos um importante aspecto cultural, visto que os caiçaras têm grande apreço pela construção naval. Denominadas canoas de voga, “*estas valentes embarcações foram, no passado, a mais frequente, e talvez a principal condução entre portos e litoral. São construídas de um tronco só, escavado no meio, a enxó e machado*” (SCHIMIDT In: DIEGUES, 2005: 156).

Inserido na mata, o caiçara busca recursos para sua sobrevivência por meio de atividades como a caça, o extrativismo e a agricultura. A caça de subsistência, que antigamente era praticada com mais frequência pelas comunidades caiçaras<sup>17</sup>, possui a finalidade de integrar a alimentação ou proteger as roças dos animais que as destroem. . Utilizando técnicas de caça semelhantes às técnicas indígenas, os caiçaras adotaram armadilhas, como o “mundéu”, o “laço” e o “trepeiro”, associadas às iscas ou “cevas”, que têm a função de atrair as presas. Essas populações também empregam armas de fogo nessa atividade, o que remete às relações de troca desenvolvidas entre as comunidades e centros urbanos próximos para a aquisição de munições (TEIXEIRA, 2004b: 29).

Como nem todas as residências dispõem de energia elétrica ou geladeira, os caiçaras adotaram a defumação da carne de caça como método utilizado para conservá-la por um período mais longo, deixando-a acima do fogo, para receber a fumaça e evitar o contato com animais como a mosca (Figura 05).

---

<sup>17</sup> Hoje em dia, esta atividade está em declínio constante, em consequência, principalmente, da implantação de UC's e da legislação ambiental em vigor. No geral, ela é realizada no inverno, ou em períodos em que faltam pescados.



Figura 05: Processo de defumação de carne proveniente da realização de uma caça.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

É interessante observar que a caça não pode ser classificada como uma atividade exercida pela maioria dos caiçaras, pois além de exigir dedicação exclusiva durante o período em que é realizada, em detrimento de outras atividades, está envolvida por diversos mitos e lendas, de modo que apenas os mais corajosos se dispõem a realizá-la. Esse aspecto a caracteriza como um dos elementos socializadores entre os caiçaras, uma vez que independentemente do produto da caçada, ele é repartido com amigos e parentes, assim como vendido ou utilizado em processos de trocas (CULTIMAR: 2008; NOFFS, 2004 *apud* DIEGUES, 2005: 292).

A Floresta Atlântica e ecossistemas associados proporcionam outros meios de subsistência para os caiçaras, por meio do extrativismo vegetal, que inclui a coleta de

frutos nativos da época e extração de madeira. A exploração comercial de madeira na região teve seu auge durante a construção do porto de Paranaguá, que comprava porções de guanandi (*Callophyllum brasiliensis*) para a confecção de estacas (CULTIMAR, 2008). Porém, Cunha (1989: 10) descreve que, antes e após a construção do porto, a extração de madeira caracteriza-se como uma atividade cotidiana para os caiçaras, uma vez que a sobrevivência da população também está relacionada com esse recurso natural, utilizando-o como lenha para o cozimento de alimentos e até para a confecção de utensílios domésticos, apetrechos de pesca, canoas, instrumentos musicais<sup>18</sup> e construção de casas.

As atividades extrativistas também são desenvolvidas nos manguezais durante o ano inteiro. Os meses de dezembro a fevereiro são denominados a época de “andada”, nos quais os caiçaras coletam caranguejo-uça (*Ucides cordatus*) para a comercialização. A extração de ostras (*Crassostrea sp*) e mariscos sururu (*Mytella charruana*) ocorre invariavelmente, sendo mais forte entre os meses de abril a outubro, dependendo da demanda dos compradores, principalmente de Cananéia (SP).

Em um passado recente, essa atividade era realizada em pequena escala, na maioria das vezes pelas mulheres e crianças, a fim de complementar a renda familiar (IPARDES, 1989). No entanto, atualmente a coleta e comercialização de ostras se transformaram em uma das principais fontes de renda das populações locais. Algumas comunidades caiçaras do Paraná, com o auxílio de projetos como o CULTIMAR<sup>19</sup>, passaram a cultivar as ostras, diminuindo o impacto ambiental ocasionado pelo aumento da extração que visa atender a demanda do comércio dessa espécie.

Ainda em meio à floresta, as populações tradicionais caiçaras adotaram um sistema itinerante para a realização de suas atividades agrícolas, que engloba o cultivo de produtos para o consumo doméstico, como o arroz, feijão, café, milho, frutas, verduras e hortaliças, e para a comercialização, como banana e mandioca (SAMPAIO, 2004: 92). Também denominada *pousio*, a agricultura caiçara utiliza a disponibilidade de áreas a serem cultivadas, na qual ocorre a abertura de clareiras para a plantação, através da derrubada e queimada da mata. O uso da fertilidade natural do solo é um dos aspectos que

---

<sup>18</sup> As madeiras utilizadas para a confecção dos instrumentos musicais do fandango são a caixeta (*Chrysophyllum viride*) para a construção de rabecas e violas e a canela (*família Lauraceae*) e o cedro (*família Meliaceae*) para as tarraxas de afinação (CULTIMAR, 2008).

<sup>19</sup> “A proposta do Cultimar é criar novas fontes de renda para comunidades tradicionais da região litorânea, de forma sustentável e que não descaracterize o ambiente natural ou as atividades tradicionais dessas áreas, por meio da interação entre a maricultura, o turismo e o artesanato” (In: < <http://www.cultimar.org.br> >).



define a itinerância, uma vez que do esgotamento dessa fertilidade, surge a necessidade de encontrar um novo lugar para a roça. A diversidade de cultivos, articulada com o abrangente conhecimento empírico sobre diversos fatores transversais a essa atividade e o meio no qual é desenvolvida completam essa breve descrição acerca da agricultura caiçara<sup>20</sup> (HANAZAKI, 2001: 50).

A partir da mandioca, um dos principais produtos cultivados, decorre o processo de beneficiamento nas “casas de farinha”, “tráficos” ou “aviamentos” (Figura 06). Por meio da utilização de instrumentos rudimentares, como a roda, a prensa, a arataca, a bolandeira, o forno de cobre e o tipiti de cipó, alguns caiçaras ainda mantêm o processo tradicional de fabricação de farinha, descrito em detalhes por Langowski (1973: 80).

*A farinha é obtida ralando a raiz da mandioca ou do aipim, espremendo a massa para retirar todo o líquido e torrando depois o bagaço que fica, em forno especial. A massa ralada é colocada em cestos apropriados, feitos de taquara e chamados de “tipiti”, sendo levada a uma prensa. O líquido extraído chama-se “mandiquera” e constitui perigoso veneno quando ingerido por pessoas ou animais. Também se fabrica a farinha, deixando as raízes da mandioca imersas em água corrente, dentro de um cesto, até ficarem, fermentadas (semi – apodrecidas). Depois, as raízes da mandioca, que é então chamada “puba” ou “puva”, (podre), são reduzidas a uma pasta que após ser prensada, vai ao forno torrar, esta farinha é chamada de “mandipuva” ou farinha de mandioca “puba” ou “puva” (LANGOWISKI, 1973: 80).*

---

<sup>20</sup> A roça caiçara é alvo de estudos interessantes, dentre os quais muitos estão relacionados às questões preservacionistas, devido ao sistema que a compõe. Alguns estudos indicam que esse sistema caiçara é responsável pela preservação do ambiente e da biodiversidade no entorno das roças. Por outro lado, existem também aqueles que colocam as derrubadas e queimadas da mata como agentes causadores da devastação ambiental.



Figura 06: Casa de farinha desativada localizada na comunidade caiçara de Barbados - Guaraqueçaba – PR.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

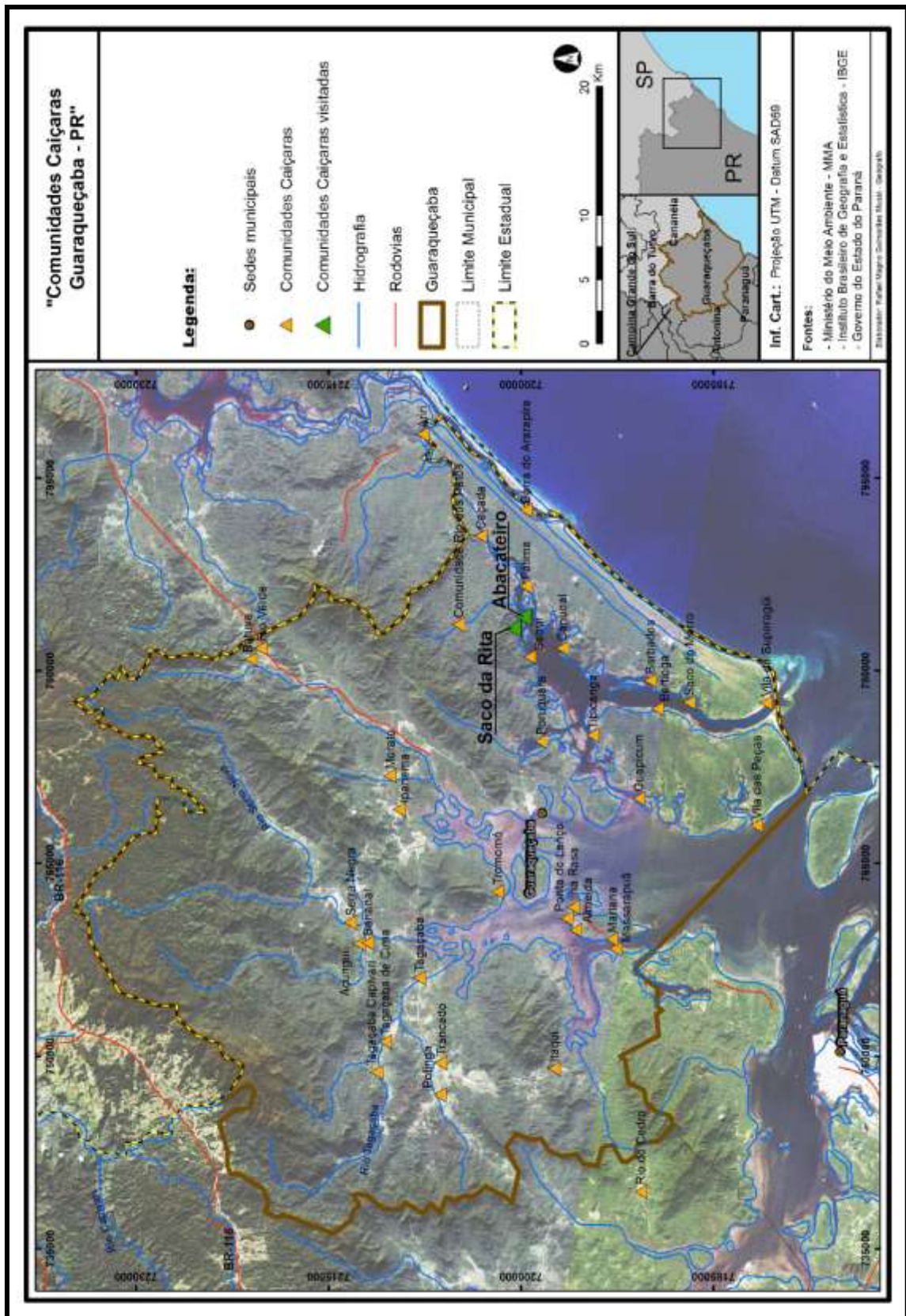
A fabricação da farinha de mandioca, assim como as outras atividades desenvolvidas pelos caiçaras, demanda uma divisão de trabalho norteadas principalmente pelo gênero. Segundo Willens (2003: 73), algumas etapas da fabricação destinam-se apenas a um dos gêneros, e outras para ambos. A realização de atividades cotidianas, como a caça e a pesca, tem os homens como responsáveis, enquanto a agricultura permite a participação masculina e feminina.

Ultrapassando as atividades que garantem o suprimento de necessidades básicas, como alimentação e moradia, a dependência dos recursos naturais envolve também aspectos culturais da vida caiçara. Limitado pelo mar aberto que se impõe além das baías e pela cadeia montanhosa que transforma a floresta à medida que ganha altitude, o cotidiano caiçara se desenvolve na busca de meios que proporcionem a sobrevivência, ao mesmo

tempo em que caracteriza e é caracterizado pelos aspectos culturais peculiares intrínsecos a esse grupo social.

### **2.1.3.1. Caiçaras de Guaraqueçaba**

A população caiçara está distribuída em Guaraqueçaba em comunidades continentais (Abacateiro, Açungui, Bananal, Batuva, Caçada, Cerco Grande, Cerquinho, Ipanema, Ipanema do Norte, Itaqui, Massarapuã, Morato, Pedra Chata, Poruquara, Potinga, Rio Guaraqueçaba, Rio Verde, Saco da Rita, Sebuí, Serra Negra, Tagaçaba, Tagaçaba de Cima, Tagaçaba Mirim, Tromomó, Utinga, Varadouro Velho, além da sede do município e outras comunidades), e insulares, que compreendem Almeida, Barra do Ararapira, Barbados, Barra do Superagüi, Benito, Bertioga, Canudal, Fátima, Guapicum, Ilha Rasa, Laranjeiras, Mariana, Pinheiros, Ponta do Lanço, Saco do Morro, Tibicanga, Vila das Peças, entre outras (Mapa 02) (CULTIMAR, 2008; KASSEBOEHMER, 2007: 26).



Mapa 02: Comunidades tradicionais caiçaras de Guaraqueçaba

Elaborado por: Rafael Magno G. Mussi

Entre essas comunidades, Abacateiro e Saco da participaram desta pesquisa. Os poucos registros históricos acerca da formação dessas comunidades foram inferidos a partir da memória dos moradores mais velhos, uma vez que não existem registros escritos que descrevam a ocupação desses territórios.

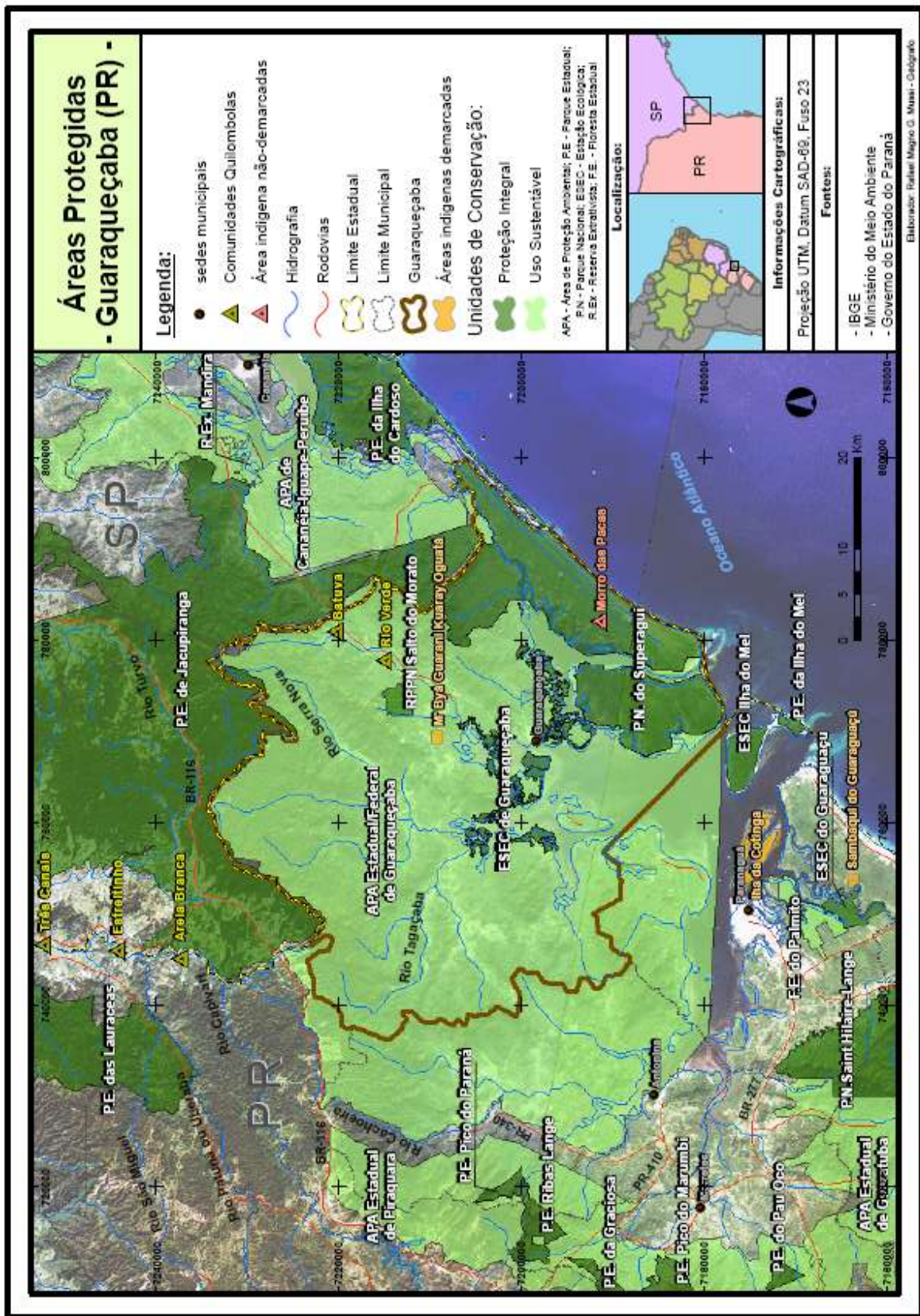
As comunidades de Abacateiro e Saco da Rita estão localizadas geograficamente próximas uma da outra (25° 17' 26" S e 48° 11' 43" O; 25° 17' 22" e 48° 10' 45" O, respectivamente), entretanto distantes da sede municipal, sendo o acesso realizado por meio da utilização embarcações que atravessam a Baía de Pinheiros até alcançar a entrada do Canal do Varadouro<sup>21</sup>, na qual se encontram essas comunidades.

#### **2.1.4. Aspectos institucionais**

A particularidade inerente aos diversos elementos naturais e antropogênicos inseridos dentro dos limites municipais de Guaraqueçaba, assim como em seu entorno, fundamentou a criação de Unidades de Proteção Integral e de Uso Sustentável na região. A Estação Ecológica de Guaraqueçaba, a Área de Relevante Interesse Ecológico das Ilhas do Pinheiro e Pinheirinho, a APA de Guaraqueçaba, o Parque Nacional do Superagüi, e as Reservas Particulares do Patrimônio Natural de Salto Morato e Sebuí, instituídas, respectivamente, por meio dos decretos de lei n° 87.222/1982, n° 91.888/1985, n°90.883/1985, n° 97.688/1989, Lei 9.513/1997, Portarias n° 132/94 – N e 99/1999 – N, abrangem grande parte do município, além das porções territoriais de municípios limítrofes à Guaraqueçaba (Mapa 03).

---

<sup>21</sup> O Canal do Varadouro é um canal artificial com três quilômetros de extensão por aproximadamente cinquenta metros de largura, aberto em 1955 com a finalidade de integrar a Baía de Paranaguá (PR) e a Baía de Trapané (SP). A abertura do canal foi uma reivindicação das populações dos dois estados, que precisavam empurrar as canoas neste trecho, por uma antiga trilha indígena. (VON BEHR, 1998: 40).



Mapa 03: Áreas Protegidas – Guaraqueçaba (PR)

Elaborado por: Rafael Magno G. Mussi

Entre essas unidades, o SNUC (2004: 13) incluí a Estação Ecológica e o Parque Nacional nas categorias definidas como Unidades de Proteção integral, permitindo apenas a utilização indireta de seus recursos, visando à preservação integral da área natural. As demais categorias, Área de Relevante Interesse Ecológico, APA e Reservas Particulares do Patrimônio Natural, permitem o manejo dos recursos naturais, estando inseridas no grupo das Unidades de Uso Sustentável.

A categoria de UC denominada Área de Proteção Ambiental foi criada em 1973, pela Secretária Especial do Meio Ambiente (SEMA), por meio da Lei nº. 6.902 de 27 de abril de 1981 (BRASIL, 1981). Essa categoria difere das demais UC's ao propor conciliar a proteção da natureza com a população humana que habita as áreas destinadas a essa proteção, visando contornar as dificuldades impostas pelos problemas fundiários, que se perpetuam em outras categorias de UC's de proteção permanente e para os quais ainda não foram adotadas medidas consideradas eficazes.

O conceito de APA foi definido pela SEMA (1987: 14) como:

*[...] uma unidade de conservação que visa à proteção da vida silvestre, a manutenção de bancos genéticos e espécies raras da biota regional, bem como dos demais recursos naturais, através da adequação e orientação das atividades humanas na área, promovendo a melhoria da qualidade de vida da população (SEMA, 1987: 17).*

Partindo desse conceito, foram estabelecidos os objetivos intrínsecos à criação de uma APA, sendo o principal a conservação da diversidade biológica da área, dentro da qual se definem os objetivos específicos que contemplam a proteção da flora, fauna e dos recursos do solo, subsolo e rochas; a manutenção dos recursos hídricos e ações de educação ambiental voltadas para a população (SEMA, 1987: 16).

Para atingir os objetivos a que se propõe, uma área definida como APA está sujeita às diversas restrições relacionadas ao seu uso, tais como a proibição da instalação de indústrias potencialmente poluidoras, obras de terraplanagem e abertura de canais que gerem impactos ao ambiente e atividades capazes de ocasionar erosão ou assoreamento ou de ameaçar as espécies da flora e fauna regional (SNUC, 2004: 16).

A delimitação de uma APA pode ocorrer nas diferentes esferas do governo (federal, estadual ou municipal) e a fixação de sua área de abrangência pode incluir, além das terras públicas, propriedades privadas, sem a necessidade de sua desapropriação .De

acordo com Kasseboehmer (2007: 12), este aspecto acabou se transformando em um gerador de conflitos, uma vez que os proprietários das terras incluídas nos limites de uma APA devem adequar-se às restrições ambientais legislativas decorrentes da implantação da mesma.

A Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba foi criada pelo decreto nº 90.883/85 do Governo Federal, em 31 de Janeiro de 1985, compreendendo uma área composta por 315.241 hectares, correspondente a 80% da vegetação original da área (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INPE, 2009). A região abriga uns dos últimos e mais significativos remanescentes da Floresta Ombrófila Densa, Bioma Mata Atlântica, e ecossistemas associados, protegidos legalmente pelas diversas UC's presentes. Além da diversidade biológica, espécies endêmicas raras e ameaçadas de extinção, encontram-se sítios arqueológicos (sambaquis) e populações humanas de comunidades tradicionais (IPARDES, 2001).

A criação dessa unidade é resultado de um projeto elaborado por um Grupo de Trabalho (GT) que forneceu subsídios que justificassem a necessidade da APA e suas delimitações<sup>22</sup>. Neste caso, o GT foi constituído por representantes dos órgãos estaduais relacionados com a área ambiental, entre os quais estavam a Secretária Especial do Meio Ambiente (SEMA), a Universidade Federal do Paraná (UFPR), o Instituto de Terras e Cartografias (ITC), entre outros. Inclusive, segundo Kasseboehmer (2007: 31) e Von Behr (1998: 49), em 1992 ocorreu a criação da APA de Guaraqueçaba pela esfera Estadual do governo, como resposta às ações ineficientes do IBAMA, mas que nunca foi oficialmente reconhecida.

A partir de 1990 ocorreram as primeiras ações relacionadas com o planejamento das ações desenvolvidas na APA de Guaraqueçaba, através do Macro Zoneamento da área, elaborado pelo IPARDES, seguido, em 1992, pelo Plano de Ação Integrado de Conservação para a APA de Guaraqueçaba, resultado de um acordo firmado entre o IBAMA e a ONG regional Sociedade de Proteção a Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS). O Plano indicou as potencialidades e recomendações para a região, baseado em estudos sobre a conservação do meio ambiente e a população humana local (TEIXEIRA, 2004a).

---

<sup>22</sup> De acordo com Teixeira (2004a), a criação da APA de Guaraqueçaba envolveu atores de diversos segmentos sociais durante sua formulação (estado, organizações não-governamentais, sociedade civil), assim como ao longo de sua administração, uma vez que foi inserida em um cenário de conflitos diversificados, decorrentes do seu contexto social.



Em 2001, o IPARDES elaborou o zoneamento dessa APA, no qual são descritos os aspectos físicos e socioeconômicos da região e que inclui “*recomendações de caráter abrangente e visam à qualificação da vida da população tradicional e à preservação dos ecossistemas*” (IPARDES, 2001: 99). Além disso, o zoneamento é considerado como base para o planejamento e ações relacionados à APA, assim como um instrumento para a gestão da mesma, ainda que as informações obtidas por meio do zoneamento não tenham sido homologadas pelo IBAMA, não lhes deferindo caráter oficial (MACEDO, 2008: 112).

A gestão da APA de Guaraqueçaba envolve inúmeras questões complexas, permeadas pela ideia de conservação da natureza, utilização de recursos naturais e presença de populações tradicionais, a partir das quais são formuladas as estratégias que regem as ações desenvolvidas na área incluída pela UC, oficializadas por meio do Plano de Gestão da APA de Guaraqueçaba. Porém, a elaboração e a concretização dessas estratégias dependem apenas do órgão ambiental estatal e das ONG’s locais e compreendem equívocos preservacionistas que afetam o modo de vida das populações tradicionais, prejudicam a conservação efetiva da área e proporcionam benefícios para alguns grupos sociais de maior influência.

*Se por um lado esta legislação de proteção permitiu a diminuição do desmatamento, por outro lado, ela também contribuiu para o empobrecimento das populações locais, uma vez que ela não considerou a maneira com que exploram a natureza, baseadas no sistema de cultura de queimadas, na extração dos recursos florestais e do mangue (UFPR, 1999: 11).*

Responsáveis não propositais pela área natural mais preservada entre os municípios que compõem o complexo Iguape-Paranaguá (VON BEHR, 1998: 125), os caiçaras de Guaraqueçaba estão inseridos em uma trajetória conflituosa de proteção do meio ambiente e desenvolvimento econômico. Dos sambaquis às espécies endêmicas, dos conhecimentos tradicionais aos diversos caracteres físicos singulares da região, Guaraqueçaba detém patrimônios naturais e culturais incomensuráveis, que precisam ser considerados simultaneamente antes de qualquer determinação ou ação que atinja direta ou indiretamente a área e sua população.

### 3. O PASSADO NO PRESENTE

*“Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes”.*  
(BOSI, 1979: 33)

Entre as características peculiares às diversas áreas naturais do Brasil, pode-se destacar que a presença de populações tradicionais é concomitante a quase todas. Porém, esse fato é muitas vezes negligenciado ou omitido quando a gestão ou uso dessas áreas são realizados, de modo que essas populações passam a representar um obstáculo, seja para o “progresso”, na concepção da sociedade urbana e industrial, seja para a proteção do meio ambiente.

No caso da região de Guaraqueçaba, as unidades de conservação implantadas são caracterizadas tanto como de uso sustentável, como de proteção integral, aspecto que insere os territórios das comunidades envolvidas por esta pesquisa nos limites da APA de Guaraqueçaba e do PARNA de Superagui. A sobreposição de áreas ocasionou diversas restrições de acesso aos recursos naturais e aos territórios tradicionais para as comunidades locais. Pela concepção preservacionista em que se baseiam e pela maneira pela qual foram impostas, essas restrições se configuram como barreiras para a continuidade do modo de vida dessas populações.

Essas barreiras têm impacto nas populações caiçaras locais, gerando alterações na educação e desenvolvimento das crianças dessas comunidades. A compreensão da infância caiçara atual necessita da compreensão da infância caiçara anterior à criação das unidades

de conservação na área. Nesse sentido, a memória dos indivíduos que integram essas populações é uma importante fonte histórica, repleta de fatos ausentes na história oficial, que auxiliam a compreensão dos episódios por meio de uma perspectiva mais abrangente, a qual considera a história daqueles que foram muitas vezes ignorados no decorrer dos acontecimentos<sup>23</sup>.

### 3.1. Memórias e lembranças

A memória é um dos aspectos que integram o cotidiano dos seres humanos com frequência considerável. De maneira voluntária ou não, em diversos momentos o indivíduo recorda algum acontecimento no qual esteve envolvido ou obteve conhecimento por meio de outras pessoas.

O desenvolvimento de estudos científicos focados nos processos de lembrança e esquecimento não é privilégio da atualidade, uma vez que o assunto vem sendo abordado há séculos por diferentes áreas do conhecimento. Inclusive, KESSEL (2010: 1) destaca que o período mais recente desses estudos passou a incluir áreas como as ciências físicas e biológicas. Mesmo assim, entender os mecanismos de funcionamento da memória humana ainda constitui um dos grandes desafios da ciência moderna para diferentes especialidades que aplicam o conceito, cada qual com perspectivas e complexidades particulares<sup>24</sup>.

A compreensão dos processos mnemônicos envolve necessariamente conceitos como a retenção, o esquecimento e a seleção de conteúdos, dependentes de estímulos externos e do tempo presente no qual o indivíduo está situado, uma vez que se considera que a memória está impregnada pelas percepções atuais, responsáveis pela transformação do conteúdo lembrado (HALBWACHS, 2006: 29; KESSEL, 2010: 2).

*A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem*

---

<sup>23</sup>A busca pelas lembranças da infância caíçara envolveu indivíduos de ambos os gêneros, com idades superiores a 35 anos, sendo que o entrevistado mais velho tem 76 anos de idade (a abordagem dessa faixa permitiu que a pesquisa abrangesse duas gerações de caíçaras nas entrevistas: a geração de Dona Alzira, 76 anos, e a geração de seus filhos e respectivas esposas, que têm idades entre 35 e 50 anos). A descrição dos entrevistados está no capítulo quinto deste trabalho. Como os entrevistados pertencem à mesma família, procurou-se descrever a genealogia da família a fim de contextualizar melhor os fatos descritos nas entrevistas (Anexo 08).

<sup>24</sup> Para a compreensão dos processos mnemônicos, optou-se pela abordagem da teoria psicossocial (Halbwachs) e da fenomenologia das lembranças (Bergson), pois se considerou que as reflexões desses autores vão ao encontro das necessidades desta pesquisa.

*construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1979: 55).*

De acordo com a teoria psicossocial de Halbwachs (2006: 61), o contexto atual do indivíduo está associado à memória, a qual, por sua vez, é dependente das relações sociais e está inserida na relação de predomínio que o social exerce sobre o individual.

A interface entre o individual e o social também se estende para a constituição da memória, denominada por Halbwachs “*memória coletiva*”. Essa denominação implica a dependência entre as lembranças próprias do indivíduo e o contexto social no qual ele está inserido. A memória individual existe a partir de uma memória coletiva, ao mesmo tempo em que a memória coletiva é composta pelas lembranças individuais. Ainda que as lembranças individuais sejam inspiradas pelo contexto social, elas estão repletas de valores próprios do indivíduo, os quais, por sua vez, são resultados de diversas interações sociais.

*A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referencia peculiares a esse indivíduo [...] Goethe já observava, em Verdade e Poesia: “Quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos de infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças...” Daí o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social, da memória (BOSI, 1979: 17).*

Bosi (1979: 335) corrobora com Halbwachs (2006: 69) na definição de que a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, sendo esse ponto de vista constantemente modificado de acordo com grupo social que o indivíduo integra e as relações imbricadas no mesmo. Cada um dos grupos sociais nos quais o indivíduo se insere no decorrer da sua vida contribui para a geração de diferentes pontos de vistas sobre determinado acontecimento por meio da associação de um acontecimento comum aos membros do grupo com os valores pessoais de cada indivíduo.

*Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda*

*segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006: 69).*

O contexto social presente do indivíduo e os acontecimentos que o envolvem proporcionam as contribuições necessárias para a transformação dos conteúdos das lembranças individuais, por meio dos acréscimos de detalhes e correções, assim como pelas inserções de novos valores que geram novas análises sobre os fatos que são lembrados (BOSI, 1979: 332).

Associando a teoria psicossocial de Halbwachs às reflexões de Bergson acerca da fenomenologia das lembranças, é possível aprofundar a compreensão acerca dos processos socializadores presentes nas ações de lembrar e esquecer. Bosi desenvolve uma análise das ideias desse último autor e salienta que a “*memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo (1979: 9).*”

Por meio da fenomenologia das lembranças (BERGSON, 1990:68), baseada na relação entre o tempo e a memória, considera-se igualmente que o indivíduo está inserido em um grupo social. Todavia, enquanto Halbwachs enfatiza a dependência do desenvolvimento dos processos mnemônicos do indivíduo com os grupos sociais, Bergson se preocupa com as ações relacionadas à memória do indivíduo enquanto indivíduo. O autor desenvolve seus estudos com foco nos processos de constituição do sujeito relacionados a elementos da memória, utilizando subsídios da biologia para explicar o funcionamento de ações de percepção<sup>25</sup> e de rememoração das imagens.

De acordo com Bergson, (2006: 47), a definição da memória abrange a junção das percepções dos diversos acontecimentos vivenciados diariamente, caracterizando-a como algo que ultrapassa a inércia para a qual aspectos relacionados ao passado são direcionados na maior parte das vezes.

*Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente. A memória... não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou de inscrevê-la num*

---

<sup>25</sup> No primeiro capítulo de sua obra “*Matéria e memória*”, Bergson define a percepção como “estímulos que não são transformados em ação”. O autor também difere as percepções das lembranças, principalmente pelo acréscimo do fator tempo: “*Ou o presente não deixa nenhum vestígio na memória, ou então ele se desdobra a cada instante, em seu próprio jorramento, em dois jatos simétricos, um dos dois cai para o passado ao passo que o outro se lança para o porvir. Este último, que chamamos de percepção [...]*” (BERGSON, 2006: 50).

*registro. Não há registro, não há gaveta, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce de forma intermitente, quando quer ou quando pode, ao passo que a acumulação do passado sobre o passado segue sem trégua (BERGSON, 2006: 47).*

O acúmulo involuntário de novas lembranças está associado à realidade presente do sujeito, e às percepções e ações que essa desencadeia. A percepção dos acontecimentos e objetos com os quais o indivíduo interage compõe a relação entre a memória e as ações contemporâneas, entre a qual existe o movimento constante que traz as lembranças para o presente, permitindo a compreensão das atuais circunstâncias e, simultaneamente, define comportamentos e apreciações da realidade (BERGSON, 2006: 65, BOSI, 1979: 10). Esse movimento é denominado por Bergson (2006: 65) “*idéia geral*” ou “*schêma*”, e reflete sobre a maneira pela qual as percepções da atualidade propulsionam o ato que permite trazer para o consciente aquilo que estava no inconsciente.

Baseando-se na representação desse movimento pela figura de um cone, o autor o explica com as seguintes palavras:

*Isso significa que entre os mecanismos sensório-motores figurados pelo ponto S [vértice do cone] e a totalidade da lembrança disposta em AB [base do cone] há um lugar, como pressentíamos no capítulo anterior, para mil e uma repetições de nossa vida psicológica, figuradas por inúmeras seções A'B', A''B'' etc do mesmo cone. [...] Com efeito, o eu normal nunca se fixa em uma dessas posições extremas; move-se entre elas, adota sucessivamente as posições representadas pelas seções intermediárias, ou, em outras palavras, dá a suas representações o estritamente necessário em termos de imagem e o estritamente necessário em termos de idéia para que elas possam concorrer utilmente para a ação presente (BERGSON, 2006: 66).*

Os atrelamentos que ocorrem entre as representações da realidade presente e as lembranças se convertem em ações do corpo, qualificando a memória como a junção das imagens ao longo do tempo, transformadas em “desenhos” dos acontecimentos ou em mecanismos motores (BERGSON, 1990: 59). Essa dupla transformação das lembranças remete à existência de duas memórias no indivíduo, distinguidas de acordo com a influência que as lembranças exercem sobre o presente (BOSI, 1979: 11).

As lembranças convertidas em “desenhos” estão inseridas na memória designada “*memória imagem-lembrança*”. A composição dessa memória no indivíduo compreende

acontecimentos distintos e isolados, com lugar e data determinados, assinalados como únicos, e por isso, a possibilidade de repetição é considerada ausente.

*A primeira [memória imagem-lembrança] registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data (BERGSON, 1990: 62).*

Bergson (2006: 91) considera que essa memória é “*Coextensiva à consciência, retém e alinha uns após outros todos os nossos estados à medida que se produzem, reservando para cada fato o seu lugar e, por conseguinte, marcando-lhe sua data, movendo-se realmente no passado definitivo [...]*”. A rememoração destes fatos específicos é considerada uma ação voluntária do sujeito que a desenvolve, o qual evoca as lembranças impressas em sua memória como se fizesse uma leitura dos acontecimentos que compõem sua própria história.

Se por um lado a memória imagem-lembrança assenta o passado “no passado”, quando as lembranças passam a ser introduzidas no tempo presente do indivíduo e se transformam em aspectos que integram o processo de socialização, tornam-se “*parte de todo o nosso adestramento cultural*” (BOSI, 1979: 11). A memória que transpõe a constituição do tempo presente do indivíduo se distingue como uma memória ativa e motora, conceituada por Bergson como memória-hábito.

*Assim que se forma uma experiência de uma ordem bem diferente e que se deposita no corpo, uma série de mecanismos inteiramente montados, com reações cada vez mais numerosas e variadas às excitações exteriores, com réplicas prontas a um número incessantemente maior de interpretações possíveis. Tomamos consciência desses mecanismos no momento em que eles entram em jogo, e essa consciência de todo um passado de esforços armazenado no presente é ainda uma memória, mas uma memória profundamente diferente da primeira, sempre voltada para a ação, assentada no presente e considerando apenas o futuro (BERGSON, 1990: 63).*

As lembranças que integram a memória-hábito localizam-se no inconsciente do indivíduo, e por isso, não podem ser evocadas de acordo com a vontade daquele que as

detém. Essas lembranças são invariavelmente transformadas em ações de maneira mecânicas, sem possibilitar a percepção desse processo ao sujeito que as opera.

Constituindo-se como o fundamento dos mecanismos sensório-motores, a memória-hábito define quais serão e como esses mecanismos ocorrerão. Em contrapartida, são esses mecanismos que possibilitam que as lembranças alcancem o nível da consciência, por meio da sua transformação em ação. (BERGSON, 2006: 92).

*E, de fato, a lição, uma vez aprendida, não contém nenhuma marca que revele suas origens e a classifique no passado; ela faz parte de meu presente da mesma forma que meu hábito de caminhar ou de escrever; ela é vivida, ela é “agida”, mais que representada; - eu poderia acreditá-la inata, se não me agradasse evocar ao mesmo tempo, como outras tantas representações, as leituras sucessivas que me serviram para aprendê-la (BERGSON, 1990, 62).*

A transformação cotidiana de lembranças em ações ocorre em função do processo de socialização, com o qual o sujeito possui a relação de dependência que garante sua própria sobrevivência (BOSI, 1979: 11). São as diversas repetições das ações, baseadas nas lembranças, que permitem ao indivíduo a fixação dos hábitos imprescindíveis para a vida em sociedade. A memória-hábito é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade presente e descrita como um “conjunto dos mecanismos inteligentemente montados que garantem uma réplica adequada às diversas interpelações possíveis” (BERGSON, 2006: 91).

Ainda que apresente uma função que diverge daquela correspondente à memória imagem-lembrança, a memória-hábito se conecta àquela, por meio da utilização das lembranças capazes de auxiliar no esclarecimento da situação presente ou para transformá-las em mecanismos sensório-motores (BERGSON, 1990: 65).

A conversação entre o consciente e o inconsciente, as diferentes formas de atuação da memória no cotidiano do indivíduo, coexistentes à influência dos indivíduos sobre a memória, e as determinações que a temporalidade gera para a memória permitem ao indivíduo o regresso constante ao passado, ainda que se mantenha no presente. A busca pelo passado no presente traz para a vivência atual os reflexos dos acontecimentos de outros tempos, os quais são considerados importantes para a compreensão do contexto social e essenciais para o processo de socialização do indivíduo. Por essa perspectiva, tem-se na memória um elemento indispensável para todas as etapas do desenvolvimento do ser



humano, contribuindo para esse processo tanto as lembranças evocadas como as lembranças “não percebidas”, localizadas no inconsciente do indivíduo.

### **3.2. Na busca pelas lembranças da infância caiçara**

No decorrer de sua existência, o indivíduo acumula inúmeras experiências e conhecimentos de épocas diferentes, arquivados pela memória, a responsável por mantê-los à disposição do mesmo, que os resgata de maneira consciente ou não, de acordo com a necessidade do presente, imprimindo sentido aos acontecimentos que o cercam.

As lembranças guardadas cuidadosamente pelo inconsciente são trazidas para o conhecimento do indivíduo quando evocadas ou ainda de maneira involuntária, sendo ambos os processos associados ao coletivo que cerca aquele que rememora (HALBWACHS, 2006: 39). Para Halbwachs (2006: 39), essa associação é elemento fundamental para o início do processo de rememoração.

As relações sociais contemporâneas do indivíduo oferecem pontos convergentes entre as lembranças dos membros que integram um grupo social, os quais permitem a recordação de determinados fatos, transformando as lembranças de um no elemento que desencadeia a ação de lembrar do outro e assim sucessivamente (HALBWACHS, 2006: 62). É esse aspecto que define o grupo como o “*suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado*” (BOSI, 1979: 336).

A dependência que a rememoração possui com o grupo social e o tempo presentes possibilita que sua qualificação ultrapasse a descrição restrita do fato, pois abrange uma análise do acontecimento permeada pela ampla influência do presente.

*É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de relembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora (BOSI, 1994: 88).*

A ação de lembrar é desencadeada por um objeto ou uma circunstância que é relacionada inconscientemente a uma ou mais lembranças do indivíduo (BERGSON, 2006:

58). Em outras palavras, as lembranças são evocadas por elementos externos ao indivíduo que rememora.

‘Lembrar’ de acontecimentos que integraram a infância requer um esforço exaustivo daquele que o faz. Para BOSI (1979: 337) a rememoração dos eventos ocorridos durante esse período do desenvolvimento humano é complexa, pois a autora considera que a *“infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude.”*

As lembranças da infância estão restritas à convivência com a família, caracterizada como seu principal contexto e inicialmente, o único. Percebe-se que as primeiras lembranças da infância do indivíduo remetem às primeiras relações sociais que o ele estabelece, ou seja, com membros da família, a qual constitui o *“grupo social do qual a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta”* (HALBWACHS, 2006: 44).

Como o convívio com outros grupos sociais é limitado, posteriormente se torna mais difícil a relação com indivíduos que tenham vivenciado os acontecimentos particulares à vida familiar e, por conseguinte, pela função que o grupo social desempenha na rememoração, as lembranças de determinados acontecimentos permanecem no inconsciente (HALBWACHS, 2006: 43).

Ainda é possível afirmar que a ausência de lembranças da primeira infância ocorre pelo fato de que a criança é ponderada como um ser que ainda não estabeleceu relações sociais. Pela perspectiva da memória coletiva de Halbwachs, a não inserção da criança em um grupo social impossibilita a rememoração de determinados episódios, uma vez que a memória individual depende da memória coletiva.

*É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social (HALBWACHS, 2006: 43).*

Mesmo que de maneira invisível ou disfarçada, a família está presente nas lembranças individuais da infância, por meio dos valores transmitidos ou ainda pelo cuidado dos pais (BOSI, 1979: 344). Dessa maneira, as lembranças da infância persistem

por toda a existência da pessoa e são constantemente trazidas do inconsciente como ações resultantes do processo de socialização, o qual adota a memória como um dos elementos fundamentais para seu desenvolvimento.

A busca consciente pelas lembranças da infância contempla uma variedade de situações, inseridas em um período longínquo, de difícil acesso para o indivíduo que as guarda em seu inconsciente. A impossibilidade de recompô-las integralmente, no entanto, não se configura como uma razão para a desistência, pois a compreensão dos seus fragmentos, apesar de ser considerada um desafio exaustivo, é capaz de proporcionar conhecimentos significantes sobre um período particular. Nesse contexto, as lembranças da infância necessitam do estabelecimento de uma relação equilibrada entre a memória, aquele que lembra e aquele que escuta, para que, enfim, possam emergir do inconsciente, transformando-se em importantes fontes contemplativas de aspectos referentes ao passado, mas invariavelmente alusivas ao presente.

### **3.2.1. Caiçara como sujeito na história**

O desenvolvimento de pesquisas que buscam as lembranças particulares de um sujeito exige do pesquisador a adoção de uma postura empática, possibilitando o estabelecimento de vínculos de confiança ou mesmo de amizade com aqueles que recordam. Ultrapassando apenas a adoção da metodologia cunhada como observação participante, BOSI (1979: 2) ressalta que são esses vínculos que permitem a realização das conversas e das entrevistas, assim como a inserção do pesquisador na realidade do entrevistado.

Durante as entrevistas, é fundamental que o alicerce da relação entre entrevistador e entrevistado seja o respeito por aquele de quem depende o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, de quem o pesquisador depende para a coleta de dados (MEIHY, 1996: 28). O entrevistado é considerado o colaborador essencial, de modo que os limites e valores apresentados pelo mesmo, ainda que interfiram na transmissão de suas lembranças, não devem ser ignorados pelo pesquisador, pois a realização de uma entrevista depende de uma relação entre pessoas e as diversas subjetividades que a compõe.

As entrevistas desenvolvidas pela metodologia da história oral<sup>26</sup> se caracterizam como registros do passado que são transformados em importantes fontes para diferentes áreas do conhecimento acadêmico (DELGADO, 2006: 64; THOMPSON, 1992: 25). Ultrapassando as informações existentes em documentos oficiais ou em outros materiais escritos, a história oral oferece outra perspectiva sobre fatos já conhecidos, ou ainda, expõe fatos até então ignorados pelos estudos científicos. Para Queiroz (2008: 43):

*“História oral” é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos da mesma coletividade (QUEIROZ, 2008: 43).*

A busca pelo esclarecimento de fatos do passado posiciona a memória como um aspecto fundamental, a qual, associada à identidade e aos fatos históricos, integra os elementos necessários para o desenvolvimento de pesquisas que utilizam os pressupostos da história oral<sup>27</sup> (DELGADO, 2006: 46).

A procura por informações e posterior produção de conhecimentos fundamentados em relatos orais de pessoas que testemunharam os acontecimentos, ocorre por meio um conjunto de procedimentos que inclui desde o planejamento da entrevista e sua posterior realização, com o auxílio de equipamentos para a gravação de som e imagem, até o arquivamento, análise e publicação do material coletado (MEIHY, 1996: 15).

Baseando-se nas reflexões de Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva, considera-se que a realização das entrevistas prima por estímulos externos, capazes de instigar o processo de rememoração dos fatos:

---

<sup>26</sup> Apesar da discussão sobre a validade científica e limitações da história oral ser foco de diversos trabalhos acadêmicos, não se pretende abordar essa questão nesta pesquisa. As reflexões sobre história oral desenvolvidas aqui tem o objetivo de fundamentar a metodologia utilizada nas entrevistas realizadas com os caixaras mais velhos.

<sup>27</sup> É importante ressaltar que os estudos em história oral se diferenciam dos estudos sobre memória. De acordo com Meihy (1996: 65), enquanto o primeiro se direciona para os fatos rememorados, o outro tem como objetivo o estudos dos processos que envolvem as ações de lembrança e esquecimento. Nas palavras do autor:

*Na história oral busca-se ou o registro da experiência vivencial ou informações. Com elas prepara-se um documento objetivo que, ou vale por si e neste caso dispensa análise, ou é equiparado com outros discursos ou documentos. Nos estudos sobre memória, normalmente bem conduzidos por psicólogos treinados para isto, o objetivo é notar os trajetos das lembranças e os lapsos de esquecimentos individuais e coletivos (MEIHY, 1996: 65).*

*A entrevista, de acordo com o projeto, deve ser efetuada segundo a conveniência do entrevistado. As entrevistas podem ser: únicas ou múltiplas; estimuladas ou não (com presença de fotos, cartas, documentos em geral); diretivas ou não (com perguntas, questionários ou sem eles); longas ou breves (MEIHY, 1996: 55).*

O desenvolvimento das entrevistas requer uma estruturação prévia pautada nos objetivos da pesquisa, responsáveis pela definição da técnica de história oral adotada. Para Queiroz (2008, 46), *“a escolha de uma ou outra técnica não pressupõe apenas diferenças na maneira de aplicá-las, mas inclusive, e, sobretudo, diferença nas preocupações do pesquisador com relação aos dados que pretende obter”*.

Entre as técnicas de pesquisa disponibilizadas pela história oral, a “história de vida” proporciona a verificação da trajetória de vida de um indivíduo, constituída pelos acontecimentos particulares submersos em acontecimentos públicos. (QUEIROZ, 2008: 46). As pesquisas que se baseiam nessa técnica focam no indivíduo entrevistado e na construção de um “retrato de sua vida”, integrado por diferentes períodos e situações vivenciados pelo depoente (MEIHY, 1996: 35).

No caso de pesquisas que tenham como objetivo apreender lembranças sobre um acontecimento ou período determinado, a técnica chamada “depoimentos temáticos” (QUEIROZ, 2008: 47) ou “história temática” (MEIHY, 1996: 41), apresenta-se como a melhor opção. Os depoimentos temáticos têm como foco de investigação um assunto específico e pré-estabelecido pelo pesquisador, realizados por meio de entrevistas e utilização de documentação escrita (QUEIROZ, 2008: 43).

No caso da investigação sobre as lembranças da infância caiçara, os depoimentos temáticos se mostraram um meio eficaz para a coleta de dados necessários, por permitir uma abordagem direcionada para o período da infância.

De acordo com Meihy (1996: 55), essa técnica consiste na etapa de preparação do questionário das entrevistas, seguida da realização da entrevista e finalizada com a análise e retorno do material ao entrevistado.

Delgado (2006: 26) também recomenda a elaboração de um roteiro de entrevista pré-estruturado e flexível como fundamentação para as questões norteadoras da entrevista, baseadas nas pesquisas bibliográficas e nos contatos iniciais com os entrevistados<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> As questões das entrevistas realizadas estão no Anexo. 01.

A partir a realização das entrevistas, desenvolve-se a transformação do relato oral em registro escrito, ou seja, ocorre a transcrição da entrevista, que permitirá a realização da análise dos dados coletados. Ainda que busque a transcrição de todos os detalhes que integram o relato oral, o pesquisador dificilmente conseguirá transcrever totalmente os sentimentos e o contexto da entrevista, sendo esse aspecto integrante das limitações inerentes à história oral e ao seu caráter subjetivo (MEIHY, 1996: 58).

Entretanto, Thompson (1992: 26) garante que, ainda que possuam limitações, os registros obtidos por meio da utilização da história oral permitem “*uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado*”. O envolvimento de outras fontes, além das oficiais, permite que as pessoas anônimas que participam da construção constante da história, passem a contribuir também para a construção de um conhecimento mais próximo da realidade.

*A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro [...] A evidência oral, transformando os “objetos de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovedora, mas também mais verdadeira (THOMPSON, 1992: 26).*

### **3.3. Na margem da história oficial: a importância do “não-dito”**

A tese XIV de Benjamin (KOTHE, 1985: 161) é iniciada com a reflexão de Karl Kraus: “*A origem é a meta*”, por meio da qual o autor procura destacar a interface que existe entre os acontecimentos do passado e aspectos mnemônicos que os envolvem, com o processo de produção da realidade presente do indivíduo ou de um grupo social. Bosi assegura que:

*Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é um sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1944: 55).*

A coexistência do passado e do presente remete à desconstrução da ideia de tempo linear, impondo transformações e continuidades aos conteúdos, dependentes das interações do indivíduo com os diversos grupos sociais. Para Benjamin (KOTHE, 1985: 161) o passado e o presente coexistem em uma relação dialética de continuidade e descontinuidade temporal. O passado que persiste no presente e o presente que faz referência ao passado apresentam - se por meio de um movimento que associa memória e conhecimento em direção da não temporalidade: *“Assim, ele fundamenta uma concepção de presente como um ‘momento presente’ em que se inserem estilhaços do tempo messiânico”* (KOTHE, 1985: 163).

Os fatos que ocorreram anteriormente compõem a estrutura dos fatos que se desenvolvem no cotidiano atual, do mesmo modo que a significação e análise dos primeiros estão permeadas pelas percepções e contribuições do contexto do indivíduo, o qual envolve os diversos acontecimentos e relações sociais que foram desencadeados a partir da ocorrência do fato lembrado até o ato de lembrá-lo:

*Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções no presente. É como se tivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências* (HALBWACHS, 2006: 29).

A rememoração dos acontecimentos passados demanda a existência de um ponto convergente entre a situação atual e a anterior, por meio do qual se estabelece uma relação que permite, de uma maneira nem sempre consciente, a compreensão da circunstância na qual o indivíduo se insere no momento presente (BERGSON, 2006: 62). Essa *“operação prática da memória”* é caracterizada pela experiência passada que é utilizada no presente, seja por meio de uma ação mecânica que conduzirá automaticamente as ações apropriadas para a situação vivenciada, ou pela busca de lembranças que correspondam à ocasião atual (BERGSON, 1990: 59).

A relação entre as lembranças e o tempo presente estende - se para a dependência que a rememoração do passado possui com os acontecimentos presentes, pois são esses que conduzem a rememoração dos acontecimentos.

*Essencialmente virtual, o passado não pode ser aprendido por nós como passado a menos que sigamos e adotemos o movimento pelo qual ele se manifesta em imagem presente, emergindo das trevas para a luz do dia (BERGSON, 2006: 49).*

Para desenvolver a análise das lembranças dos caiçaras, coletadas pelas entrevistas realizadas durante esta pesquisa, fez-se necessário considerar as constantes transformações do conteúdo lembrado, impregnadas pelas percepções atuais dos indivíduos:

*Não se lê duas vezes o mesmo livro, isto é, não se relê da mesma maneira um livro. O conjunto de novas idéias atuais, principalmente sobre a sociedade, nos impediria de recuperar exatamente as impressões e os sentimentos experimentados a primeira vez (BOSI, 1979: 21).*

Essas transformações conduzem aos aspectos intrínsecos à oralidade e, no caso dessa pesquisa, também à marginalização de alguns aspectos pela história oficial da região. Aspectos que raramente são citados nas densas descrições sobre Guaraqueçaba e suas riquezas naturais, mas que podem ser capturados em meio às lembranças dos caiçaras. A compreensão da infância caiçara anterior à imposição da legislação ambiental e a intensificação de interesses econômicos no local abrange todo um contexto de conflitos, que está fortemente presente e direciona a rememoração e a análise de fatos lembrados.

*[...] mas, sobretudo os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição (CHAUÍ In: BOSI, 1979: XX).*

Os conteúdos que integram as lembranças dos caiçaras do litoral norte do Paraná podem ser caracterizados como componentes de uma “*história de vencidos*” (KOTHE, 1985: 156), sendo apenas possível enquanto não tenha sido consolidada a vitória totalizada dos dominadores, pois “*se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo deles*”.

Até que se concretize a vitória de uma das partes, a relação entre dominadores e dominados proporciona que esses últimos ainda possuam bens culturais próprios. Ainda que sejam modificados, esses bens culturais continuam a ser transmitidos, ação configurada não apenas pelo transporte de informações, pois envolve outros processos durante sua transmissão, como a interpretação e construção de ações constantes e



novamente, destaca-se a coexistência entre o passado e o presente (BECQUELIN, 1992: 33).

A ação de transmitir conhecimentos, proporcionada pelas lembranças daqueles que rememoram e desenvolvem as narrativas dos fatos para os demais, remete à função social da memória, que por sua vez, está associada à função social dos velhos em determinada sociedade. Ambos os aspectos mantêm relação de dependência com o valor e a utilidade atribuídos ao ato de lembrar em cada grupo social. De acordo com Bosi (1979: 23), “*o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra*”.

Enquanto nas sociedades urbanas e industriais as lembranças e os saberes dos velhos são muitas vezes inutilizados, o valor dessas lembranças para as comunidades caiçaras mantém profunda relação com o estabelecimento de valores, comportamentos e conhecimentos necessários para a sobrevivência, configurando-se como a estrutura dessa sociedade. Ou ainda, como destaca Chauí (In: BOSI, 1979: XVIII), os velhos desempenham a função de unir o passado e futuro, por meio de conselhos baseados em suas lembranças.

A transmissão de bens culturais, proporcionada pela rememoração e narração de lembranças pelos velhos caiçaras remete a uma experiência rica, que traz consigo a tentativa de compreensão de um contexto que ora converge e ora diverge daquele vivido pelo sujeito que escuta.

*Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalentadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do homem consumidor atual (BOSI, 1979: 41).*

Acredita-se que ouvir as lembranças dos velhos caiçaras sobre um tempo que já passou, mas que continua vivo em suas memórias, “*não como uma aparência física um tanto apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo*

*quadro, que o resume e o condensa” (HALBWACHS, 2006: 85), ultrapassa a função de auxiliar o alcance dos objetivos desta pesquisa.*

A memória desses caiçaras está impregnada pelas sensações de um “tempo de fartura”, no qual essas pessoas viviam em um mundo à parte, em acordo com o meio ambiente local. O resgate dessas memórias remete a uma sensação de saudade, não apenas para quem rememora, mas também para aquele que escuta, pois ainda que o ouvinte não tenha vivenciado os fatos, a saudade do que poderia ter sido vivido torna-se presente entre os sentimentos desencadeados pelos relatos.

#### 4. DE OBJETOS A SUJEITOS DE PESQUISA

*“Quando eu era menina bem pequena, em nossa casa, certos dias da semana se fazia um bolo, assado na panela com um testo de borralho em cima. [...]”*

*A gente mandona lá de casa cortava aquele bolo com importância. Com atenção. Seriamente. Eu presente. Com vontade de comer o bolo todo. [...] Criança, no meu tempo de criança [...]”*

*(CORA CORALINA, Antiquidades).*

Uma pesquisa etnográfica com crianças exige a precisão da descrição densa dos fatos observados, tal como qualquer pesquisa etnográfica que envolva outros grupos sociais. Entretanto, a pesquisa etnográfica com crianças, sob a perspectiva da sociologia da infância, acresce uma diversidade de elementos conceituais e metodológicos, ocasionada principalmente pela presença e enfoque da preposição “com”.

A sociologia da infância remete a uma nova análise que destaca aspectos relacionados ao posicionamento das crianças na estrutura da sociedade. Nesses estudos, cada criança é reconhecida como indivíduo, sendo as crianças componentes de grupos sociais. Esses grupos, por sua vez, compõem a categoria social da infância, desconstruindo a concepção de infância como fase de imaturidade biológica do desenvolvimento humano, e de criança como ser não socializado. Nesse sentido, reconhece-se a *agência* da criança nas relações sociais das quais ela participa, de modo que passa a ser possível tecer afirmações acerca do fato de a criança ser construtora da própria cultura.

Fundamentando-se nesses pressupostos, torna-se perceptível que a pesquisa etnográfica realizada com crianças adquire outras características, tanto quando comparada com pesquisas etnográficas em outros grupos sociais, como quando comparada com outras pesquisas que envolvem crianças. Essa divergência pode ser justificada pelo fato de que, ao se considerar as crianças como agentes sociais, a postura do pesquisador frente ao seu campo de pesquisa é modificada, juntamente com a perspectiva que esse detém sobre os “*sujeitos*” (não mais objetos) de pesquisa.

Ao adotar essa perspectiva, deve-se procurar o desenvolvimento de uma postura diferenciada no campo de pesquisa, posicionando-se como um adulto atípico, a fim de se aprofundar ao máximo na cultura das crianças, do mesmo modo em que se investigam significações mais próximas da “*visão de mundo infantil*”. Ao buscar essas significações, constatam-se limitações, mesmo para o “*pesquisador-adulto-atípico*”, pois, a priori, considera-se que o ponto de vista nativo só é possível para aqueles que estão inseridos em determinada cultura, sendo as interpretações decorrentes de pesquisadores, ou sujeitos externos ao contexto cultural, permeadas de elementos que podem interferir nas significações reais que os fatos recebem dentro do contexto no qual se desenvolvem.

#### **4.1. Pesquisa com crianças, pesquisa com sujeitos**

De acordo com James & James (2004: 12), até o período da Idade Média, não havia olhares especialmente voltados para as crianças, uma vez que eram consideradas como adultos em miniatura e dividiam os mesmos espaços cotidianos com os mais velhos, sem que existisse nenhuma diferenciação, pois “*no momento em que tivessem condições de sobreviver sem o cuidado e atenção de suas mães ou amas, em algum momento entre as idades de 5 e 7 anos, as crianças eram lançadas na “grande comunidade dos homens”*” (HEYWOOD, 2004: 23).

A percepção e interesse acerca da situação das crianças na sociedade foram enfatizados a partir de Philippe Ariés em “*História social da criança e da família*” (1962), na qual o autor teceu reflexões sobre a imagem das crianças, sendo essa obra reconhecida por muitos estudiosos como a “*descoberta da infância*” (JAMES & JAMES, 2004: 12; VASCONSELLOS & SARMENTO, 2007: 27).

*Os últimos séculos - do 19 ao 20 - foram testemunhas das principais mudanças na sociedade e do surgimento de novos paradigmas científicos sobre as crianças. Por um lado a consolidação da sociedade industrial em termos da mecanização, urbanização, transição demográfica, uma nova ideologia familiar e a escolarização das crianças; por outro lado, a emergência da pediatria, psiquiatria infantil, assim como da psicologia infantil. O sucesso dessas novas ciências da infância e sua aceitação e adoção tanto pelas massas quanto pelas políticas foi uma afirmação do que Ariés (1962) mais tarde chamou de invenção cultural da infância. De elemento integrado de toda a sociedade anteriormente, a*

*infância agora se torna visível, mas assumindo uma nova posição na sociedade*<sup>29</sup> (QVORTRUP, 2000: 105 – tradução da autora).

Apesar da “*descoberta da infância*” ter sido um importante, senão o principal avanço nos estudos sobre a infância, ela conduziu a concepções adultocêntricas que não consideraram a visão de mundo infantil, tão pouco a autonomia desse grupo social referente à construção das próprias significações da realidade. Vasconcellos & Sarmiento (2007: 26) denominam esse processo “*iluminação-ocultação*”, pelo qual se buscaram conhecimentos sobre a infância sem, no entanto, considerar os conhecimentos próprios das crianças sobre a infância.

A modernidade permitiu a continuidade da concepção colonialista adultocêntrica sobre criança e infância. Uma vez que as crianças não são indivíduos “aproveitáveis” pelo sistema de produção implantado, elas acabam sendo marginalizadas, reconhecidas apenas como possibilidades futuras, ou seja, “virão a ser” adultos produtivos e consumidores.

*Infância é o “ser em devir” e nesta transitoriedade se anulou por demasiado tempo a complexidade da realidade social das crianças. Há uma marginalidade conceptual no que respeita à idéia ou imagem de infância no passado, que é correlata da marginalidade social em que foi tida (VASCONCELLOS & SARMENTO, 2007: 27).*

Sendo assim, percebe-se que a invisibilidade para qual a infância foi destinada no sistema econômico dominante pode ser associada ao aspecto funcional em que os indivíduos são colocados nos sistemas de produção, pelo qual os mesmos são reconhecidos não como indivíduos, mas pela função desempenhada no processo produtivo (MARTINS, 1993: 4).

Ocorre, dessa maneira, a subvalorização da criança, que é definida como um ser ainda não racional e incompleto, sendo necessária tanto a preparação moral pela família

---

<sup>29</sup>*Around the last turn of centuries – from the 19 to the 20 – one was witness to a similar coincidence between major societal changes and the appearance of new scientific paradigms about children. On the one hand the consolidation of industrial society in terms of mechanisation, urbanisation, demographic transition, a new family ideology, and scholarisation of children; on the other hand, the emergence of paediatrics, child psychiatry and not least child psychology. The success of these new child sciences and their being widely adopted and accepted by both the masses and the polity was an affirmation of what Ariés (1962) later called the cultural invention of childhood. From having been an integrated element of any society before this time, childhood now became visible, while assuming a new position in society.*

quanto a cognitiva pela escola, para que finalmente se alcance a perfeição racional da forma humana”, na qual, teoricamente, encontram-se os membros adultos da sociedade.

A essa lógica, presente nas relações entre adultos e crianças e estendida também para as relações entre adultos e velhos, insere-se o fato de que os valores fundamentais e as significações da realidade são definidos e impostos pelos adultos, a partir da dominação das outras gerações:

*[...] são os adultos que ocupam o primeiro plano e suas funções são nitidamente de camada dominante; são eles que ditam as normas educativas, construindo a educação formal e orientando a educação informal. Noutras palavras, são eles que definem os valores fundamentais da educação em seu sentido tanto amplo quanto restrito, são eles que estruturam a imagem do homem que jovens e crianças se esforçarão por realizar (QUEIROZ apud DEMARTINI, 2002: 3).*

A compreensão dessas imagens e representações da infância deve ter sua importância enfatizada nos estudos que abordam infância, crianças e criança<sup>30</sup>, pois fundamentam análises relacionadas à construção e reconhecimento deste grupo social, assim como geram percepções acerca da “totalidade de realidade social” (HEYWOOD, 2004: 37; JENKS, 1994: 188; SARMENTO, 2008: 19).

Nesse sentido, Vasconcellos & Sarmiento (2007: 29) afirmam que é importante considerar que a infância, seja como concepção ou imagem, é uma construção social, determinada pelo contexto cultural pelo qual é difundida. Marchi coloca que:

*Significa antes constatar a produção de uma espécie de “círculo” nessa construção: as definições coletivas que resultam de processos sociais e discursivos se codificam em leis e em políticas e se encarnam em formas particulares de práticas institucionais e sociais que, por sua vez, contribuem para produzir as formas de conduta que se consideram tipicamente “infantis” e, simultaneamente, geram formas tanto de adesão quanto de resistência a elas. Naturalmente, tais definições não são necessariamente congruentes nem coerentes, podendo mesmo ser contraditórias entre si. Assim, “infância” é um termo cambiante e relacional cujo significado se define principalmente por sua oposição a outro termo também cambiante e socialmente construído: a “idade adulta” (MARCHI, 2009: 232).*

---

<sup>30</sup> Os estudos desenvolvidos pela sociologia de infância assinalam as diferenças existentes entre os termos “infância”, “crianças” e “criança”. De acordo com JAMES & JAMES (2004: 18), *infância* é o lugar estrutural na sociedade que é ocupado pelas *crianças*, como um coletivo. E inserida nesse coletivo a *criança* é definida como o indivíduo.

Rompendo com as construções tradicionais, na sociologia da infância o termo “*infância*” assume o caráter de categoria social geracional permanente, negando a ideia que o define apenas como a fase do desenvolvimento humano que é ultrapassada pelo indivíduo.

Enquanto categoria social geracional<sup>31</sup>, a infância é definida como componente da estrutura social, que co-existe e interage com as outras categorias (“*adultez*”<sup>32</sup> e velhice), sendo permanente devido ao fato de que são os indivíduos que passam por ela, ou, como coloca Qvortrup (1993: 5), “*não é uma fase de transição*”. É importante considerar que o caráter permanente dessa categoria não significa que ela seja estática, pois existe a constante transição dos indivíduos que a compõem (as crianças, como coletividade), assim como transformações das suas características e significações (JAMES & JAMES, 2004: 14; JENKS, 2002: 190; SARMENTO, 2005).

Nesse sentido, Sarmiento (2005: 365) traz reflexões de Leena Alanen ao reconhecer que o aspecto geracional interage com outros fatores de estratificação social, como gênero, etnia e classe econômica:

*[...] a autora tematiza a geração simultaneamente como variável dependente de aspectos estruturais mais vastos e como variável independente, pelos efeitos estruturantes da ação das crianças como atores sociais, e como tópico de análise externa da infância, pela abordagem das relações intrageracionais com a geração adulta, e tópico de análise interna sobre as relações intrageracionais em que a infância (também) se (auto) constitui (SARMENTO, 2005:365).*

Diante desses pressupostos, as pesquisas com crianças assumem que aquilo que anteriormente era considerado um objeto, *sobre* o qual se desenvolviam pesquisas, passa a ser reconhecido como sujeito, *com* o qual se desenvolvem pesquisas. Tal transformação, além de conduzir a reflexões próprias para os pesquisadores, possibilita a adoção de metodologias inovadoras, assim como contribui amplamente para os resultados dos estudos

---

<sup>31</sup> No presente trabalho, “*Geração*” é compreendida pela definição proposta por Mannheim (*apud* SARMENTO, 2005: 364), como um “*grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida*”.

<sup>32</sup> O termo “*adultez*” foi importado da língua portuguesa (Portugal), que o emprega nos seus estudos da sociologia da infância para designar a fase adulta do ser humano.

desenvolvidos, uma vez que proporciona a visibilidade para diversos aspectos que se encontravam na obscuridade.

#### **4.2. Pesquisa etnográfica: do adulto “primitivo” à “criança civilizada”**

A pesquisa etnográfica pode ser compreendida como a busca por significações da realidade, que são definidas dentro das especificidades culturais das diversas populações humanas que habitam as diferentes regiões do globo. A observação e descrição dos significados que um povo designa para sua realidade permitem que o etnógrafo busque estabelecer algumas relações, assim como compreender contextos particulares que divergem amplamente da sua realidade.

Para Geertz (1989: 15), um estudo etnográfico remete a uma descrição densa dos fatos observados pelo pesquisador, a qual deve estar associada ao contexto no qual foram propagados, a fim de que estruturas e fatores associados se tornem perceptíveis.

*“O ponto a enfocar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. [...] Fazer etnografia é como ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989: 20).*

Ao desenvolver uma descrição densa sobre determinado aspecto, faz-se necessária a tentativa de esgotamento das peculiaridades que permeiam o objeto pesquisado, o que conduz a uma busca incansável e obsessiva pelos muitos detalhes que o compõem (MAUSS, 1967: 7). Essa busca constitui um processo contínuo de coleta de dados, de inscrições de discursos sociais, de interpretações e de construções conceituais por parte do pesquisador. Ainda é possível acrescentar a necessidade de se estabelecer paralelos entre detalhes que compõem o objeto de estudo e o contexto mais amplo no qual o mesmo está inserido, observando-os simultaneamente na procura de explicações de um pelo outro, e vice-versa (GEERTZ, 1997: 105).



No entanto, inicialmente esses processos não eram pautados por observações próprias dos pesquisadores, pois eram utilizados relatos de viagens de pessoas que se aventuravam pelo mundo, sem fins acadêmicos ou de estudos antropológicos. A pesquisa etnográfica desenvolvida por meio da inserção do pesquisador em campo passou a ocorrer a partir do trabalho de Malinowski, *“Argonautas do Pacífico Ocidental”* (1922), que ressaltou a necessidade do trabalho de campo para a produção de conhecimentos antropológicos.

Da mesma maneira que os relatos de viagem incluíam descrições sobre grupos sociais distintos, designados como primitivos pela sociedade ocidental, os estudos que foram desenvolvidos a partir de Malinowski seguiram em direção semelhante, envolvendo populações indígenas ou tribais, as quais apresentam modos de vidas divergentes daquele difundido pela sociedade dominante.

Como a pesquisa etnográfica confere um maior aprofundamento sobre o contexto e elementos estudados, ela passou a ser adotada por outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a educação, de modo que se tornou uma possibilidade para estudos além daqueles voltados para populações indígenas, *“permitindo uma compreensão mais densa e profunda dos processos que nela acontecem, tornando visíveis processos até então considerados invisíveis”* (VIÉGAS, 2007: 105).

A análise de sistemas culturais proporcionada pelos pressupostos da pesquisa etnográfica associados às concepções de criança e infância sob a perspectiva da sociologia da infância, remete a uma nova percepção acerca das relações entre adultos e crianças, juntamente com o reconhecimento do mundo social da infância como um lugar real com significações próprias (JAMES *et al.*, 2004: 28). Qvortrup coloca que: *“Se a infância é, então, parte integrante da sociedade, deveria ser, do mesmo modo elementar que é qualquer outro fenômeno social, tema legítimo e desejável, de inquéritos científicos-sociais”* (QVORTRUP, 1995: 12).

Nesse sentido, Corsaro (2005: 446) afirma que ao desenvolver a pesquisa etnográfica com crianças, considera-se que as crianças têm uma cultura distinta, com suas próprias significações, da qual é necessário fazer parte para conseguir compreendê-la. Como salientam Delgado & Muller:

*“Quando trabalhamos com pesquisa etnográfica fazemos uma apreensão dos significados de um grupo, mais especificamente de um grupo de crianças, e isto nos convida a trabalhar com uma*

*ciência irregular, plural [...] Nesse sentido precisamos conviver com as incertezas nos estudos das crianças, agora não mais compreendidas como sujeitos passivos na apreensão dos programas culturais de governo dos seus comportamentos (DELGADO & MULLER, 2005: 3).*

Ainda, para Marchi:

*É nesse sentido que a etnografia tem sido apontada pela sociologia da infância como metodologia particularmente adequada ao imperativo de “dar voz” às crianças, fazendo-as participar na produção dos dados sociológicos sobre suas maneiras de ser, sentir, agir e pensar (MARCHI, 2009: 39).*

O desenvolvimento da pesquisa etnográfica com crianças remete ao que James, Jenks & Prout (2004: 28) definiram como o estudo da “*criança tribal*” e, concomitantemente, à abordagem denominada por Sarmiento (2008) “*estudos interpretativos*”. A articulação destas abordagens é permitida tanto pela semelhança da metodologia adotada, quanto pelos conceitos da sociologia da infância que integram o foco pelo qual estes estudos são desenvolvidos, uma vez que partem da mesma imagem específica de criança.

O estudo da “*criança tribal*” proposto por James, Jenks & Prout (2004, 28) remete a uma nova perspectiva sobre as relações entre adultos e crianças, que reconhece a autonomia das crianças na construção das próprias significações, sendo as mesmas capazes de estruturar mundos sociais tão específicos e reais quanto os mundos sociais adultos. Sarmiento (2008) traz uma imagem semelhante de criança, pois reafirma o caráter autônomo desses atores sociais, colocando o conceito de “*reprodução interpretativa*” no centro desta abordagem.

Desenvolvido por Corsaro em “*Friendship and peer cultures in the early years*” (1985), o conceito de reprodução interpretativa sugere que as crianças não observam e imitam o mundo adulto, mas o observam, interpretam e o resignificam, em um movimento que proporciona transformações e continuidades da cultura adulta (CORSARO, 2002: 114). As crianças não estão isoladas da sociedade na qual estão inseridas, mas interagem com ela, produzindo mudanças em todas as categorias que compõem a estrutura da sociedade, ao mesmo tempo em que constroem as próprias culturas, e conseqüentemente, os próprios mundos sociais.

*O termo reprodução, ao enfatizar a idéia de que as crianças são constrangidas e afetadas pelas estruturas sociais e pelas culturas existentes, isto é, pela reprodução social das sociedades das quais são membros, procura salientar que, pela participação efetiva, também elas contribuem recíproca e ativamente para a produção e mudança social e cultural do mundo adulto. O termo interpretativo, ao sublinhar os aspectos inovadores, transformadores e criativos dos pontos de vista e das participações das crianças nas interações sociais, salienta a apropriação seletiva, reflexiva e crítica que elas efetuam do mundo adulto, quando ao interpretá-lo de acordo com os seus interesses e preocupações como crianças, desenvolvem uma troca de negociações intensivas de significados e intencionalidades que vêm, ao longo do tempo, a ser partilhadas subjetiva e coletivamente (CERISARA & SARMENTO, 2004: 61).*

A autonomia das crianças na construção das próprias culturas é fator decisivo para o reconhecimento da existência de uma “*cultura de pares*”, constituída por elementos particulares das crianças, elaborados por meio das relações interativas entre elas, pelas quais “*o conhecimento infantil e as práticas são transformadas gradualmente em conhecimento e competências necessárias para participar do mundo adulto*” (CORSARO, 2002: 114).

A partir desses pressupostos, as crianças passam a ser consideradas sujeitos de conhecimentos e, conseqüentemente, como parceiros para as pesquisas que envolvem sua categoria social, devendo haver o reconhecimento e a valorização de suas percepções por meio da adoção de metodologias participativas, direcionadas pelos conceitos definidos pela sociologia da infância.

#### **4.3. A criança caiçara como construtora da própria cultura**

Tanto o contexto cultural quanto o ambiente físico nos quais se insere a criança caiçara abrangem características peculiares, que demandam a compreensão dos seus aspectos, a fim de possibilitar uma análise válida sobre a maneira como estas crianças constroem seus conhecimentos. Como afirma Qvortrup: “*É certamente verdade, que as infâncias das crianças - no plural - diferem de acordo com suas circunstâncias de vida*

*específicas. Os mundos das crianças são dependentes da sua classe ou origem étnica e do seu gênero, por exemplo*<sup>33</sup> (QVORTRUP, 2000: 108 – tradução da autora).

A influência do contexto também foi apontada por Vygotsky, que afirmou que o processo cognitivo da criança ocorre “de fora para dentro”, sendo dependente das interações sociais (VYGOTSKY In: LEONTIEV, 2005: 38). Segundo a perspectiva sócio - histórica, o indivíduo se constitui por meio da sociedade da qual faz parte, a qual é condição natural para o seu desenvolvimento:

Nesse sentido, a internalização, um dos conceitos centrais da teoria de Vygotsky, pode ser compreendida como a transformação de uma atividade externa para uma atividade interna, ou seja, o movimento de um processo interpessoal para um processo intrapessoal (OLIVEIRA, 1993: 38). A internalização mantém estrita relação com o processo aprendizagem, que por sua vez, também é dependente das relações sociais e das consequentes ações comunicativas das quais as crianças participam. Vygotsky ainda explica que:

*Assim, não é necessário sublinhar que a característica essencial da aprendizagem é que engendra a área de desenvolvimento potencial, ou seja, que faz nascer ,estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento dentro do âmbito das inter-relações com outros, que na continuação são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimento e se convertem em aquisições internas das crianças (VYGOTSKY In: LEONTIEV, 2005: 39).*

Essa transformação consiste na transmissão de complexos padrões de comportamento, associados às significações e símbolos que constituem a visão de mundo e valores de um grupo social. Geertz (1989: 103) insere esse conjunto no seu conceito de cultura, que é definido pelo autor como:

*[...] um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989: 103).*

---

<sup>33</sup> *It is certainly true, that children`s childhoods – in the plural – differ according to their specific life circumstances. Children`s worlds are dependent on their class or ethnic background and on their gender, for instance.*

Entretanto, tanto o conceito de cultura quanto as importantes contribuições do trabalho de Vygotsky, só são válidos em trabalhos com crianças quando associados à noção de “*agência*”, sugerida pela sociologia da infância. Caso contrário, considerar-se-ia a criança como a “*tabula rasa*” proposta por Locke, na qual os conteúdos seriam depositados e reproduzidos, em movimentos de constantes repetições (HEYWOOD, 2004: 37; JAMES, JENKS & PROUT, 2004: 15).

A concepção de “*agência*” da criança resgata novamente o caráter autônomo presente na construção de sistemas culturais próprios pelo qual as crianças são consideradas como participantes potenciais nas mudanças que ocorrem no âmbito da categoria social da qual são protagonistas. Por essa perspectiva, rejeita-se a ideia de socialização *das* crianças para afirmá-las como indivíduos que *se* socializam, estabelecendo diversificadas relações inter e intra categorias sociais (BOGOYAVLENSKY & MENCHINSKAYA In: LEONTIEV, 2005: 64; JAMES, JENKS & PROUT, 2004: 26). Segundo James & James (2004: 26), as “*crianças não são meros objetos passivos, produtos de processos biológicos e sociais, mas são participantes ativos nos próprios mundos sociais e no dos adultos*”<sup>34</sup> (tradução da autora).

Cabe ressaltar que a produção dos mundos sociais infantis está integrada aos processos de transmissão dos conhecimentos. No caso de populações tradicionais como a caiçara, a dimensão educativa denominada informal é um dos principais mecanismos difusores de significados e signos (VIEIRA; 1990: 53). Para Brandão (1985: 132), existe a coexistência entre esse processo de transmissão e a concepção de agência da criança:

*É através de posições, relações e modos sociais concretos de inserção pessoal na vida comunitária e no trabalho, que cada um deles, assim como seus grupos de iguais vivem coletivamente a experiência de não apenas participar de uma maneira própria e absolutamente original de “sua cultura”, mas e principalmente, de recriá-la de modo contínuo, inserindo na vida da comunidade (o bairro rural, o bairro de periferia, a vila do BNH, a favela) modalidades às vezes muito criativas de uma subcultura infantil ou adolescente (BRANDÃO, 1985: 132 – grifos do original).*

Validada como um fator presente e essencial para a propagação dos conhecimentos, a educação informal, sistematizada ou não, estende-se por toda a vida do

---

<sup>34</sup> “*children are not simply passive objects, the product of universal biological and social processes, but are active participants in their own social worlds and in those of adults*”.

indivíduo e ocorre principalmente nas atividades cotidianas, permitindo que cada pessoa se constitua pela aquisição dos conhecimentos transmitidos, assim como pelos novos conhecimentos elaborados constantemente. Como o indivíduo está permanentemente situado no meio social, conseqüentemente estará em contínua aprendizagem e reelaboração de conhecimentos.

*Na realidade, a suposta 'natureza humana' não é um dado de partida: ela vai se constituindo no espaço natural e social, bem como no tempo histórico, num processo contínuo de interação do sujeito com a natureza física e com a sociedade, numa práxis entendida como atividade atravessada por determinantes objetivos e por intencionalidades subjetivas (SEVERINO: 1992, 10).*

Brandão (1984: 100) e Demartini (1985: 58) apontam que o ensino e a aprendizagem na cultura camponesa<sup>35</sup> não se concretizam em situações formais, mas estão profundamente articulados com momentos cotidianos que envolvem os indivíduos de diferentes categorias sociais. As ações educativas ocorrem por meio de práticas presentes no desenvolvimento de trabalhos que garantem a subsistência, rituais, festas, assim como diálogos entre familiares e vizinhos.

*Por onde andei nunca vi espaços próprios e situações formais ou escolarizadas de ensino, mas aqui e ali encontrei inesquecíveis momentos de um persistente trabalho pedagógico, mesmo quando aparentemente invisível [...] deparei-me com diferentes situações, onde o próprio ato do ofício é carregado do exercício ativo de fazer circular o conhecimento. De educar, portanto. (BRANDÃO, 1984: 16).*

Em "Educação como cultura" Brandão (1985: 121) demonstra que a aprendizagem em comunidades rurais, o que pode ser estendido para comunidades tradicionais, garante a sobrevivência física e social do indivíduo. Física, devido ao fato de que o ambiente em que residem exige a busca diária de meios que garantam a provisão das necessidades básicas. E social, pois a aprendizagem possibilita que o indivíduo se torne parte da sociedade no qual está inserido, ao mesmo tempo em que internaliza saberes que conduzem ao desempenho de tarefas que garantem a sobrevivência física da comunidade, as quais são obrigações imprescindíveis "porque não é possível viver a vida do grupo e da pessoa fora delas" (BRANDÃO, 1985: 121).

---

<sup>35</sup> A cultura camponesa à qual o autor se refere pode ser caracterizada pela transmissão oral de conhecimentos, assim como a caçara.

Ainda sob o prisma da educação informal, torna-se possível afirmar que a transmissão oral dos conhecimentos dessas populações remete diretamente ao modo como se perpetuam as demais características, uma vez que, de acordo com Lencludé (1994: 31) e Becquelin (1992: 34), é a partir da oralidade que os conhecimentos, valores, linguagens, representações, visões de mundo e práticas são transmitidos entre os sujeitos, envolvendo outros processos durante seu desenvolvimento, tais como as interpretações e construções constantes, o que garante a transformação do conteúdo propagado.

A difusão oral remete à linguagem como meio de comunicação, um dos aspectos da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças mais influenciado pelos fatores sociais (VYGOTSKY In: LEONTIEV, 2005: 17). As ações comunicativas com outros membros da sociedade integram o processo de construção do indivíduo, caracterizando a linguagem como um ato social que busca, a priori, satisfazer necessidades, para então ser internalizada pela criança.

A transmissão de conteúdos entre gerações envolve meios padronizados de atuação e símbolos verbais, denominados por Goody & Watt (2006: 13) “*categorias de compreensão*”, as quais têm sua continuidade assegurada pela linguagem. De acordo com os autores, nesse tipo de comunicação existe a relação entre o símbolo e a referência, uma vez que o símbolo deve estar conectado com uma situação concreta e tem seu significado construído socialmente, o que vai ao encontro das afirmações de Qvortrup (2000: 108) e Vygotsky (In: LEONTIEV, 2005: 38) referentes à importância do contexto nos estudos que envolvem a categoria social da infância.

Esses pressupostos da tradição oral ainda permitem a realização de outra interface com a sociologia da infância ao considerar que as crianças que integram essas populações tradicionais, enquanto “*agentes sociais*”, desempenham um importante papel na transformação dos conteúdos, uma vez que existe uma intensa relação de ensino e aprendizagem entre elas e os mais velhos, que disseminam os conhecimentos tradicionais, já transmitidos entre gerações mais anteriores.

Assim como qualquer pesquisa etnográfica, o desenvolvimento de uma etnografia da educação de crianças caiçaras está imbuído de observações, descrições densas e reflexões interpretativas. Entretanto, a presença de diversas particularidades neste estudo exige alguns cuidados relacionados aos conceitos trazidos pela sociologia da infância, juntamente com o fato de essas crianças integrarem uma categoria social inserida em um grupo social específico, chamado população tradicional. Percebe-se que o pesquisador está

envolvido em uma investigação “do outro” que abrange a coexistência e a sobreposição de duas “culturas exóticas”<sup>36</sup>: o mundo social caíçara e o mundo social infantil das crianças caíçaras, sendo ambos definidores dos processos de ensino e aprendizagem.

Pensar em como as crianças caíçaras aprendem, ou seja, desenvolver um estudo etnográfico sobre a educação das mesmas, requer a elaboração de uma descrição densa, baseada em observações originadas por uma relação de intensa proximidade entre o pesquisador e as crianças como sujeitos de pesquisa, fazendo-se necessária a adoção de uma postura diferenciada no trabalho de campo, que rompa com os paradigmas que fundamentam as relações entre adultos e crianças.

A contemplação desse aspecto sugere a postura do pesquisador-adulto-atípico como uma interação diferente entre o pesquisador e as crianças, a qual deve se opor à relação de dominação dessas por aquele, na tentativa de integração ao mundo social da criança. Corsaro (2005: 451) ainda define que o adulto deve procurar se transformar em uma criança grande, a ser considerado um amigo especial pelos demais. Mayall complementa esta afirmação ao propor que:

*[...] a observação participante de crianças requer tentar adotar o “papel menos adulto”, misturando-se com o mundo social das crianças, não tomando o lado dos adultos, operando física e metaforicamente ao nível das crianças nos seus mundos sociais (MAYALL, 2005: 124 apud Mandell e Thorne).*

O pesquisador enquanto “adulto-atípico” detém a possibilidade de utilizar ferramentas metodológicas estratégicas, ao mesmo tempo em que exige que as mesmas estejam permeadas de criatividade, sendo capazes de interagir com as crianças, posicionando-as como sujeitos na pesquisa. Sarmiento *et al.* (2004: 12) explica que a escolha dessas ferramentas é dependente das especificidades e objetivos da pesquisa e da diversidade dos sujeitos envolvidos, fundamentando-se nas teorias que permeiam a investigação com crianças.

A presença da criatividade em pesquisas que envolvem crianças é necessária para a real captura das significações e fatos observados, assim como para o envolvimento das crianças, a fim de que a pesquisa participativa seja consolidada. Nesse sentido, as

---

<sup>36</sup> Esses mundos sociais são definidos como “culturas exóticas” a partir do ponto de vista do pesquisador (indivíduo membro da categoria social geracional adulta, da sociedade urbano industrial), considerando a diferenciação proposta por Geertz (1997: 226): “Agora somos todos nativos, e os que não estejam por perto são exóticos [...]”.



ferramentas metodológicas utilizadas ultrapassaram aquelas habitualmente adotadas em pesquisas acadêmicas, englobando, inclusive, um pouco dos atributos didáticos adquiridos em sala de aula pela autora deste trabalho, enquanto professora.

A associação entre a observação participante, consagrada pelas pesquisas etnográficas, e as técnicas inerentes à pesquisa participativa com crianças pode ser caracterizada como uma tentativa de apreensão mais aprofundada das significações das crianças caixaras. Enquanto a observação participante, aliada a entrevistas informais entre pesquisadora e crianças, auxilia na busca da compreensão dos processos cognitivos, a utilização de recursos visuais, como a fotografia e a realização de entrevistas formais semi-estruturadas entre pares, possibilita a caracterização dos contextos de vida dessas crianças, juntamente com a captura do conteúdo que é transmitido pelos processos cotidianos de ensino e aprendizagem<sup>37</sup>:

*A investigação é, e deve ser, um processo criativo, e a geração de dados sobre crianças desafia-nos a ser especialmente criativos. Ao fazer trabalho de campo com crianças, tem de se encontrar permanentemente maneiras novas e diferentes de ouvir e observar as crianças e de recolher traços físicos das suas vidas (GRAUE & WALSH, 2003: 120).*

A adoção de instrumentos diversificados remete a uma triangulação que permite o desenvolvimento de uma descrição densa capaz de contemplar perspectivas diferentes sobre um mesmo objeto ou fato (DELGADO & MULLER, 2005), resultando na ampliação das possibilidades de que os resultados da pesquisa etnográfica sejam mais profundos e de maior proximidade com o mundo social da infância. Soares (2006: 36) aponta que *“Consideramos assim, que estas, deverão ser passíveis de serem utilizadas de uma forma associada, de forma a rentabilizar as diferentes competências das crianças, para que a construção de conhecimento acerca da infância seja um conhecimento válido e sustentado cientificamente”*.

A ultrapassagem dos limites impostos pelas concepções que permeiam as relações entre adultos e crianças é norteadora do desenvolvimento de pesquisas efetivamente participativas, que envolvem a categoria infância. Tal perspectiva conduz à audição das *“vozes das crianças”*, que por sua vez possibilita novos *“conhecimentos”* sobre aspectos muitas vezes tidos como *“conhecidos”*.

---

<sup>37</sup> As ferramentas metodológicas utilizadas nesta etapa da pesquisa estão descritas no capítulo cinco deste trabalho.

#### 4.4. Inserção em campo: Possibilidades “êmicas” e “éticas”

Ainda que os pressupostos da sociologia da infância contribuam para a estruturação de novos paradigmas relacionados a essa categoria social, a inserção em campo, mesmo ocorrendo por meio do posicionamento do pesquisador como um adulto atípico, e posterior interpretação e análise de dados, estão permeados por limitações, enquanto uma tentativa de captura de significações mais próximas da “visão de mundo infantil”.

Como demonstrado pelas reflexões desenvolvidas neste trabalho, a infância se caracteriza como um grupo social distinto, uma “cultura exótica”, de modo que os aspectos intrínsecos a ela, como alvo de pesquisas, são interpretados a partir do ponto de vista do pesquisador, ou seja, de alguém que não faz parte daquele contexto específico. A análise dos fatos e significados observados são construções do investigador, uma vez que a perspectiva êmica só é possível para aqueles que fazem parte do contexto, ou seja, a visão nativa só é possível para os nativos, pois a perspectiva “ética” refere-se à visão de mundo de sujeitos externos a um determinado contexto, enquanto a perspectiva “êmica” é intrínseca àqueles que fazem parte de determinado contexto, ou seja, os nativos de uma cultura:

*Isso significa que as descrições das culturas berbere, judaica ou francesa devem ser calculadas em termos das construções que imaginamos que os berberes, os judeus ou os franceses colocam através da vida que levam, a fórmula que eles usam para definir o que lhes acontece. O que isso não significa é que tais descrições são elas mesmas berbere, judia ou francesa [...] (GEERTZ, 1989: 25).*

Por outro lado, Corsaro (2005: 444) acredita que por meio da inserção reativa<sup>38</sup> e postura de adulto atípico do pesquisador em campo, torna-se possível desenvolver uma perspectiva êmica sobre os fatos observados, mesmo com a diversidade existente entre adultos e crianças, a qual se concretiza pelos interesses, aspectos físicos, cognitivos ou linguagem.

É possível afirmar que, diante dessas percepções, permanece a dúvida trazida por Delgado & Muller (2005: 165), referente aos recursos que podem ser adotados pelos

---

<sup>38</sup> O autor define a “*entrada reativa*” como a iniciativa de comunicação e relacionamento por parte das crianças em interações entre adultos e crianças (COR SARO, 2005: 448).

adultos para que estes possam “*aprender as culturas da infância e os modos de ser e estar no mundo das crianças*”, ou ainda, se essa apreensão é possível.

Contudo, é importante ressaltar que tanto a negação quanto a afirmação sobre a possibilidade de desenvolvimentos de interpretações êmicas transcendem a discussão acerca da análise da descrição etnográfica, impondo uma reflexão que apresenta maior relevância no âmbito científico e questiona sobre até quais pontos é possível alcançar a “*visão de mundo infantil*”. Porém, este questionamento não coloca em dúvida e nem subestima as contribuições da sociologia da infância (pois, senão, colocaria em dúvida estudos etnográficos que envolvem outros grupos sociais). Ao contrário, ele traz a percepção dos avanços que ocorreram nos estudos que se referem às crianças e assinala aspectos que ainda exigem maiores aprofundamentos, direcionando-se para as concepções contrárias que estruturam e dominam as perspectivas da sociedade contemporânea, proporcionando novas maneiras de enxergar e pesquisar as culturas da infância e suas crianças.

## 5. ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

*“Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas por seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar. Isso descreve exatamente minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné” (MALINOWSKI, 1998: 23).*

Ainda que existam inúmeras diferenças naturais e sociais entre os elementos que compõem o litoral sul da Nova Guiné e o litoral norte do Paraná, a inserção no campo desta pesquisa foi permeada por sensações semelhantes às aquelas experimentadas por Malinowski no início de seu trabalho: “[...] *um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar*” (MALINOWSKI, 1998: 23). E ainda que o trabalho de campo que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa se caracterize como uma trajetória singular, em decorrência da junção entre seus objetivos, objetos e meio físico, ela compartilha situações comuns a muitas outras pesquisas.

Do projeto ao início do trabalho de campo, inúmeras discussões, leituras, disciplinas e orientações aprimoraram cada um dos itens que compõem a fundamentação da pesquisa, contribuindo para o momento em que finalmente ocorreu a inserção em campo. Momento que trouxe sensações semelhantes às aquelas descritas por Malinowski (1998: 23), quando vi a canoa a remo, meu meio de transporte para Abacateiro durante os dois dias de viagem pela baía das Laranjeiras e Pinheiros, aportada no manguezal e senti a necessidade de descanso para os meus braços, para em seguida me perceber como *“um principiante, sem nenhuma experiência”* (Malinowski, 1998: 23), prestes a iniciar a primeira etapa de um trabalho que se prolongaria por outras etapas, distribuídas ao longo de 17 meses.

Acessar as comunidades caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro com o objetivo de buscar percepções autênticas sobre as relações entre as crianças caiçaras e o meio ambiente local exigiu a capacidade de superar alguns obstáculos, o que ocorreu ao mesmo tempo em que uma série de regras metodológicas estava sendo colocada. E o desenvolvimento de reflexões sobre o trabalho de campo remete a aspectos que ultrapassam a metodologia e ferramentas adotadas e abrangem todo o processo que permeou e pesquisa, desde o início, quando os objetivos foram delimitados e o campo da pesquisa definido.

E entre a delimitação do problema, hipóteses e objetivos, foi na definição da metodologia que se delinearão os principais aspectos referentes ao trabalho de campo. A escolha das comunidades que fizeram parte da pesquisa, ainda que a logística de acesso às mesmas fosse complexa, ocorreu em favor do modo de vida das famílias caiçaras que lá residem e vivem entre a Floresta Atlântica e o estuário.

Dividido em quatro momentos, permeados por objetivos diferentes, mas de igual importância para a presente pesquisa, o trabalho de campo ocorreu durante os meses de setembro de 2009 a fevereiro de 2011, com intervalos entre cada uma das inserções.

O primeiro trabalho de campo, desenvolvido de 1º a 14 de setembro de 2009, incluiu entre suas metas a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, assim como seus objetivos, às comunidades envolvidas. Foi realizado o levantamento inicial dos dados que fundamentaram o desenvolvimento da pesquisa, referentes à população das comunidades, ao número de crianças e levantamento de dados específicos sobre as mesmas.

A etapa seguinte do trabalho de campo foi realizada entre o dia 26 de abril e o dia 10 de maio de 2010. Os objetivos dessa etapa incluíram os caiçaras mais velhos e o resgate das lembranças acerca dos tempos de infância, buscando compreender as significações estabelecidas durante a infância, para posteriormente compará-las com as significações que as crianças que constituem atualmente a categoria social da infância constroem.

A última inserção em campo realizada a fim de coletar dados com a população das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro, aconteceu a partir do dia 20 de outubro de 2010 e se estendeu durante os quinze dias seguintes, visando captar as significações que as crianças caiçaras constroem acerca da natureza, assim como a relação delas com a mesma.

Além das entrevistas realizadas com as crianças pela pesquisadora, foram desenvolvidas outras atividades, que incluíram entrevistas entre pares e a realização de desenhos sobre o meio ambiente local e as atividades desenvolvidas no cotidiano. As crianças também capturaram imagens fotográficas, a partir de solicitações da pesquisadora

durante a realização de atividades lúdicas. Era logo após o nascer do sol, entre as atividades na roça, corridas pela mata, subidas em árvores, busca por esconderijos na mata e no manguezal que o trabalho de campo aconteceu, fundamentado na pesquisa qualitativa participante.

A adoção da pesquisa qualitativa participante neste trabalho ocorreu em favor da busca pelo contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e com os indivíduos envolvidos, permitindo a busca pelos detalhes intrínsecos ao tema da pesquisa. Para Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa é mais adequada para a investigação de valores, atitudes e percepções, sendo reconhecida no meio acadêmico por possibilitar a construção de conhecimentos científicos legitimados, ainda que não utilize os recursos da estatística ou os rígidos procedimentos da pesquisa quantitativa.

Ao buscar a construção de conhecimentos científicos por meio de práticas de investigação qualitativas, a coleta de dados se baseou na pesquisa participante, desenvolvida a partir da inserção na vida cotidiana do objeto estudado. Para Oliveira (1998), a pesquisa participante viabiliza uma “*aceitação*” mínima do pesquisador pelos membros do grupo social no qual ele procura se inserir. Essa aceitação é necessária para o desenvolvimento do trabalho uma vez que possibilita desde a realização de entrevistas semiestruturadas até a observação constante de diferentes momentos e situações.

Segundo Oliveira (1998), a observação participante constitui um gênero de observação muito peculiar, por meio da qual o pesquisador busca interpretar e compreender a sociedade e a cultura de determinado grupo social. O observador se envolve em uma relação intensa com os observados, participando com eles em seu ambiente natural de vida e coletando os dados necessários, buscando se tornar parte do contexto. Nesse sentido, Mann (1983) se refere à observação participante como uma situação na qual o observador se aproxima do grupo que ele está estudando e participa das atividades cotidianas do mesmo.

Becker (1994) também lembra que:

*Assim, torna-se mais difícil que as pessoas observadas consigam manter comportamentos ou impressões que não sejam verdadeiras o tempo todo, que finjam ou dissimulem durante o período da pesquisa, pois são observadas de diferentes maneiras (BECKER, 1994).*

Partindo das afirmações de Yin (2005) sobre a importância da escolha das ferramentas utilizadas para o desenvolvimento da coleta de dados e como essas proporcionam amplo impacto sobre a qualidade da pesquisa no intenso trabalho de coleta de dados realizado, adotou-se uma combinação de técnicas e instrumentos da pesquisa qualitativa, o que incluiu entrevistas informais semiestruturadas, observação participante e atividades direcionadas com as crianças. As ferramentas metodológicas utilizadas durante o trabalho de campo estão descritas nos próximos parágrafos deste capítulo<sup>39</sup>.

### **5.1. O trabalho com as lembranças de caiçaras adultos**

A memória dos caiçaras com idade entre trinta e cinco e setenta e seis anos esteve no foco do trabalho de campo realizado entre o dia vinte e seis de abril e o dia dez de maio de 2010. A busca pelas lembranças de acontecimentos da infância baseou-se em entrevistas informais semiestruturadas, registradas em um gravador de voz, com a permissão dos entrevistados.

Com o intuito de compreender os processos educativos que permearam a constituição dos indivíduos adultos que atualmente residem nas comunidades caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro, assim como de capturar os conteúdos transmitidos, as entrevistas realizadas abrangeram inicialmente questões relacionadas às informações gerais do indivíduo (nome, idade, escolaridade, local em que residiu durante a infância), para em seguida inserir os aspectos referentes à infância desses caiçaras.

Entre os indivíduos que compõem a família de Dona Alzira e Juvelino Pereira (falecido), apenas aqueles que residem em Abacateiro e Saco da Rita participaram das entrevistas realizadas pela pesquisa, ao lado dos outros moradores que não são filhos do casal, mas também possuem relação de parentesco com o mesmo. Com a finalidade de contextualizar a análise de dados presente nos próximos capítulos, desenvolveu-se uma breve caracterização dos entrevistados:

- Dona Alzira Pereira: viúva atualmente, vive sozinha em sua casa na comunidade de Saco da Rita, amparada pelos filhos que moram nas proximidades.

---

<sup>39</sup> Os pressupostos teóricos que fundamentaram a definição das ferramentas metodológicas empregadas integram o conteúdo dos dois capítulos anteriores desta pesquisa.

- Adriano Pereira: Seu Adriano Pereira é morador da comunidade de Saco da Rita e filho de Dona Alzira. Casado com Ilza e pai de seis filhos do sexo masculino.

- Ilza: Esposa de Adriano Pereira, é responsável pela criação dos seus seis filhos e pelas atividades domésticas.

- Agostinho Pereira: Com 46 anos de idade e viúvo, atualmente tem uma relação estável com Tânia. É o presidente da associação de moradores do Sebuí.

- Tânia: Esposa de Agostinho Pereira, tem 47 anos de idade, nasceu na comunidade de Borrachudo, mas já viveu em centros urbanos como Curitiba e Paranaguá.

- Sebastião Pereira: Filho de Dona Alzira aos 43 anos de idade, Sebastião atualmente é morador da comunidade de Saco da Rita e o proprietário do pequeno bar da comunidade.

- Ameire: Com quase 40 de idade, é esposa de Seu Sebastião Pereira e mãe de um casal de filhos (Leandro e Telma).

- Leonildo Pereira: Sobrinho de Dona Alzira, Leonildo mora atualmente na comunidade de Abacateiro. Seu Leonildo é conhecido em cidades como Curitiba, Paranaguá e São Paulo devido ao fandango, elemento integrante da cultura caiçara.

- Creuza: Creuza (55) cresceu na comunidade do Ariri, mas passou a integrar a família Pereira após seu casamento com Leonildo.

As questões elaboradas para nortear as entrevistas realizadas visaram abordar aspectos da infância dos entrevistados relacionados com as atividades desenvolvidas em conjunto com os pais, as relações estabelecidas com outros parentes mais velhos e vizinhos, os trabalhos realizados diariamente, as brincadeiras cotidianas na infância, possíveis lembranças de fatos que tenham acontecido no ambiente escolar, as funções do mar e do mato no cotidiano da infância e os modos de transmissão dos conhecimentos. As questões utilizadas para coletar dados referentes aos aspectos citados acima estão no Anexo 01. Cabe ressaltar que ocorreu uma variação constante das perguntas realizadas entre uma entrevista e outra, em favor do assunto abrangido pelo entrevistado, o qual geralmente trazia uma multiplicidade de informações relacionadas aos objetivos das entrevistas, mas que surgiam sem a necessidade de questionamentos da pesquisadora.

O processo relacionado às entrevistas envolveu aspectos anteriores e posteriores ao momento da entrevista em si. Seu desenvolvimento exigiu um período de aceitação da pesquisadora pelas comunidades, o que consumiu alguns dias em campo, realizando visitas



informais aos caiçaras, até o momento em que se percebeu que os mesmos estavam suscetíveis à realização das entrevistas. O retorno do campo não significou o fim dessa etapa, que envolveu a transcrição minuciosa das entrevistas, para que as mesmas pudessem ser utilizadas durante para a análise de dados.

## 5.2. O trabalho com as crianças caiçaras

A última etapa do trabalho de campo teve como objetivo principal as atividades relacionadas às crianças caiçaras (a descrição das crianças que participaram da pesquisa está nos Anexos 02 e 03). Ainda que observações e algumas participações no cotidiano infantil tenham ocorrido nas demais inserções em campo, foi nessa etapa que as mesmas foram enfatizadas e as atividades planejadas aconteceram.

A máquina fotográfica foi uma das ferramentas que fizeram parte das atividades direcionadas desenvolvidas com as crianças caiçaras. Apesar de apenas uma câmera fotográfica digital estar disponível, as atividades propostas obtiveram êxito em relação aos objetivos inerentes a cada uma delas. Após explicar o funcionamento da câmera fotográfica digital, a pesquisadora solicitava a captura de imagens específicas a uma criança de cada vez, por meio de propostas lúdicas.

A máquina fotográfica foi utilizada nas seguintes atividades, que aconteceram nos espaços das comunidades e no Rio dos Patos, durante os vários dias do trabalho de campo:

- A1 *“Preferências locais”*: A fim de compreender a relação que as crianças estabelecem com o meio ambiente local, durante essa atividade a pesquisadora solicitou que as crianças pensassem no lugar preferido nas proximidades da comunidade. Utilizando a câmera fotográfica, uma criança de cada vez capturava imagens dos locais escolhidos. Ao retornar ao grupo, as imagens capturadas eram descritas e explicadas pelo fotógrafo.

- A2 *“Significação do meio ambiente em que vivem”*: Essa atividade teve como finalidade a captura dos significados que as crianças caiçaras designam ao ambiente em que vivem. A pesquisadora solicitou que cada criança capturasse imagens da natureza. Em seguida, a criança explicava e justificava cada uma delas.

- A3 *“Brincadeiras”*: Depois da brincadeira de esconde-esconde, a pesquisadora solicitou que cada criança capturasse imagens e descrevesse os principais esconderijos. A

captura dessas imagens visou compreender as maneiras pelas quais as crianças interagem com o meio ambiente local durante as brincadeiras.

- A4 “*Subsistência Caiçara*”: No intuito de compreender uma porção da relação cotidiana entre as crianças e o meio ambiente, a pesquisadora solicitou que as crianças capturassem imagens de elementos da natureza que contribuem para a subsistência das famílias no local. Após a captura das imagens, cada criança destacou algumas características dos recursos fotografados e explicou a fração conhecida do processo de extração dos mesmos.

A utilização de imagens também esteve presente em outra atividade, mas por meio de desenhos elaborados pelas crianças caiçaras, durante os intervalos e descansos entre brincadeiras e trabalhos. Os desenhos foram feitos sem intervenções diretas da pesquisadora, no intuito de possibilitar que as crianças reproduzissem as imagens de acordo com preferências pessoais ou sobre os elementos do meio local que mais recebem destaque para cada uma delas. A análise desses materiais buscou capturar quais elementos do contexto de vida dessas crianças foram reproduzidos, auxiliada pelas explicações dos próprios autores dos desenhos, registradas por um gravador de voz e transcritas posteriormente<sup>40</sup>.

O gravador de voz também participou das entrevistas informais semiestruturadas desenvolvidas pela pesquisadora com as crianças caiçaras inseridas na faixa etária dos três aos doze anos de idade. Entre os objetivos dessas entrevistas, esteve a captura das percepções das crianças caiçaras referentes ao meio ambiente no qual estão inseridas, assim como a busca de elementos que demonstram aspectos relacionados com a conservação do meio ambiente.

Por meio de questões como “Como é o lugar em que você mora?”, “Do que você brinca?”, “O que tem no mato?”, “No que você ajuda seu pai quando ele vai para o mato/pescar?”, “Por que você ajuda seu pai/mãe?”, foram abordados os aspectos relacionados aos significados do meio ambiente, do mar e do mato no cotidiano da infância; aos conhecimentos sobre o meio ambiente local e a conservação do mesmo; às brincadeiras cotidianas na infância e às atividades desenvolvidas junto com mãe ou pai (as questões utilizadas estão no Anexo 04).

---

<sup>40</sup> Não foram utilizados pressupostos da psicologia para a análise dos desenhos em função dos objetivos inerentes à atividade realizada no durante o trabalho de campo.

As mesmas crianças que participaram da atividade acima também fizeram parte das entrevistas realizadas entre as próprias crianças a partir de um roteiro elaborado pela pesquisadora, com os mesmos objetivos das entrevistas descritas acima. Essa atividade envolveu duas crianças de cada vez, sendo necessário o domínio da leitura pela criança responsável por fazer as questões, uma vez que essas foram estruturadas pela pesquisadora e disponibilizadas às crianças-entrevistadoras por meio de um registro escrito. Após a explicação da pesquisadora sobre o funcionamento do aparelho de gravação de voz, cada dupla de crianças caiçaras desenvolveu a entrevista de maneira autônoma, ou seja, a pesquisadora só interferiu para solucionar problemas técnicos com o gravador, de modo que não foi uma presença constante durante a atividade.

Assim como ocorreu com os objetivos das duas atividades que envolveram as entrevistas, os aspectos abordados também foram semelhantes entre as mesmas. Porém, as dez questões utilizadas pela criança entrevistadora foram pré-definidas e não variaram entre as entrevistas realizadas (Anexo 05)

O ingresso no “*quintal de casa*” das famílias caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro para tentar compreender o “*criar entre o mar e o mato*” que permite a continuidade de um modo de vida tradicional repleto de particularidades, trouxe inúmeras vivências e conhecimentos sobre as relações estabelecidas entre “*homens e natureza*”. Percebidas com o auxílio de ferramentas metodológicas em constante adaptação à realidade local, essas relações estão no foco dos próximos capítulos desta pesquisa, os quais utilizaram os dados coletados na tentativa de demonstrar as significações sobre o meio ambiente local e a relação entre a sobrevivência caiçara e a conservação da natureza. Em seguida, algumas reflexões sobre o aprendizado das crianças caiçaras por meio das brincadeiras e do auxílio aos adultos nas atividades de subsistência se tornaram o foco das discussões que compõem esta pesquisa.

## 6. O QUINTAL DE CASA

*“Vi que não há natureza,  
Que natureza não existe,  
Que há montes, vales, planícies,  
Que há árvores, flores, ervas,  
Que há rios e pedras,  
Mas que não há um todo a que isso  
pertença,  
Que o conjunto real e verdadeiro  
É uma doença das nossas idéias.  
A natureza é partes sem um todo.  
Isto é talvez o tal mistério de que  
falam”.*  
(FERNANDO PESSOA, *Guardador  
de Rebanhos*)

Limitadas pelas águas do Canal do Varadouro e pela Floresta Atlântica, que cobre as montanhas e vales que se espalham pela área da Serra do Mar paranaense inserida no município de Guaraqueçaba, as comunidades caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro desenvolvem seus cotidianos em espaços diferenciados, compostos pelas águas estuarinas, manguezais, relevos acidentados e vegetação densa.

Compostas por aproximadamente cinquenta e cinco pessoas, essas comunidades não possuem rede de esgotos e energia elétrica. Existem placas de energia solar que garantem o funcionamento de um rádio comunicador em Abacateiro, e a utilização de alguns aparelhos eletrônicos e de luz durante a noite. A água potável desce das montanhas em pequenos rios de pedras e é encanada para as casas.

Como descendentes das populações que vieram do Rio dos Patos<sup>41</sup>, possuem a tradição da agricultura, de modo que em diversos pontos ao redor da comunidade é possível encontrar pequenas plantações destinadas ao consumo familiar (em geral, os principais cultivos são de mandioca, arroz e milho, além de algumas árvores frutíferas). Para complementar a dieta alimentar, esses caiçaras recorrem à pesca e a caça de subsistência, entre as quais essa última ocorre com maior frequência.

A ocupação humana em Saco da Rita é de aproximadamente trezentos anos. Segundo os moradores da comunidade, ainda no tempo dos escravos havia uma grande

---

<sup>41</sup> O Rio dos Patos é uma comunidade caiçara já extinta. Ver o item 6.1.4. O “Centro” deste capítulo.

fazenda na área em que atualmente se localiza a comunidade, da qual é possível avistar algumas ruínas pela região. Dona Alzira (76 anos), moradora de Saco da Rita, conta que a área era propriedade do seu avô, Domingos Afonso:

*Dona Alzira - Aqui era terra do falecido meu avô. Domingos Afonso. Faz [pausa]. Faz quase 300 anos que ele é morto. [...] Ele que era dono do terreno. Ai tinha meu tio, que era sobrinho, filho. [pausa] Daí nós moremo lá no Rio dos Patos.. Ai depois lá, ele falou pra mim: "Olha Alzira, era bom de você ir morar no seu sitio minha filha". Pra mim morar lá é: "Vai morar lá, tomar conta daquele terreno lá pra você". Dai viemo pra cá, morar pra cá. [pausa] Agora o terreno aqui é tudo meu. Desde lá da barra do rio, por lá, até lá no Sebuí. É tudo meu! (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

As comunidades de Saco da Rita e Abacateiro são vizinhas, ligadas por um caminho que corta a região da floresta localizada logo após o manguezal. As casas distam poucos metros do mangue, construídas em áreas de terreno limpo, anteriores à floresta.

Em Abacateiro, as casas podem ser avistadas do Canal do Varadouro, pois a vegetação de mangue existente em frente às mesmas foi derrubada para dar lugar ao pequeno porto utilizado coletivamente, para embarque e desembarque das voadeiras e canoas.

Atualmente existem cinco construções<sup>42</sup> próximas a um largo de terra. Nos fundos da comunidade há um pequeno rio que abastece as famílias caiçaras locais e antecede o morro que se ergue adiante, no qual existem as trilhas utilizadas para a realização das atividades de subsistência realizadas na floresta. Na base dessa montanha surge a trilha que conduz às outras três casas, distantes aproximadamente vinte minutos de caminhada (Figura 07). Esta outra porção de Abacateiro abriga as famílias de Agostinho Pereira, Adriano e Beto (sendo essas duas últimas provenientes da comunidade de Ilha Rasa), e assemelha-se com as construções retratadas acima, próximas ao mangue e à encosta de uma montanha (Anexo 06).

A vegetação de mangue em frente às casas também foi removida para dar lugar ao porto particular dessas duas famílias e permitir a entrada da luz solar. Existe pouco terreno

---

<sup>42</sup> Dessas construções, uma é a casa de fandango de Seu Leonildo Pereira. As demais são as casas das famílias de Leonildo, Aparecido, Aguinaldo e Gerçi.

limpo próximo às casas e as encostas da montanha são cobertas pela vegetação da Floresta Atlântica e cortadas pelos caminhos abertos em seu interior.



Figura 07: Vista parcial da comunidade de Abacateiro.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira

Caminhando paralelamente ao mangue, sentido noroeste, rapidamente se encontra o início de uma trilha de aproximadamente quarenta minutos, que conduz à comunidade de Saco da Rita (Figura 08). Integrada por sete residências<sup>43</sup>, possui um bar, um campo de futebol e uma casa de farinha desativada. Cada casa é rodeada por uma porção de terreno limpo e em algumas existem pequenos cultivos de hortaliças.

---

<sup>43</sup> Em Saco da Rita moram as famílias de Juvelino Pereira, Adriano Pereira, Moisés Pereira e Sebastião Pereira, filhos de Dona Alzira, que também reside na comunidade. Além desses, as famílias de Silvano e Antônio possuem casas no local.

*Douglas- Tem palmito, tem caça. [pausa] Hum. [pausa] Deixa eu ver. [pausa]. Tem cobra, tem casa de madeira, tem cozinha de palha coberta de palha, tem galo, tem cachorro. [pausa] Deixa eu ver o que mais. [pausa] Tem peixe na maré (ENTREVISTA REALIZADA COM DOUGLAS, 13 ANOS).*

As casas de Saco da Rita não podem ser avistadas do Canal do Varadouro e somente quem conhece sua localização consegue indicar a entrada para elas, na foz do Rio da Rita, que corta a comunidade e é utilizado como porto coletivo para as pequenas embarcações das famílias que ali residem (Figura 08). Na região posterior às casas, iniciam-se as elevações no relevo e a floresta se torna cada vez mais densa à medida que se afasta da comunidade, existindo apenas os caminhos abertos pela população local em seu interior (Anexo 07).



Figura 08: Vista parcial da entrada para a comunidade de Saco da Rita.

Créditos: André Esquivel

Situado no centro da comunidade e ao lado do bar, propriedade de Seu Sebastião Pereira que vende bebidas e produtos alimentícios básicos trazidos de Guaraqueçaba, o campo de futebol reúne adultos e crianças nos finais de tarde e principalmente nos finais de semana. Apontado como a área de lazer de Saco da Rita e Abacateiro, o rústico campo de futebol é uma construção da própria comunidade, definido por Brandão (1984a: 144) como uma “*propriedade comum da gente do lugar*”.

Durante a semana, as crianças dessas comunidades se deslocam para outra comunidade próxima (Sebuí) para frequentar a escola. Abacateiro e Saco da Rita também não possuem igrejas, sendo necessário aos moradores irem até Sebuí, onde é possível encontrar uma Igreja Católica e uma sede da Congregação Cristã no Brasil, as duas vertentes religiosas que dominam a região.

Entre os lugares “*em que se vive*” e os lugares “*onde se vai mas nunca se vive*” (BRANDÃO, 1984a: 145), o cotidiano caiçara se desenrola em espaços peculiares à região, os quais são percebidos e recebem significados e classificações pela população local, na medida em que passam a agregar os aspectos necessários para a satisfação das necessidades humanas (LÉVI-STRAUSS, 1989: 21).

Este capítulo mescla as percepções de adultos e crianças caiçaras. A presença constante e a dependência direta da natureza no cotidiano caiçara são responsáveis por proporcionar percepções diferenciadas dessas populações sobre os elementos que fazem parte da mata e do mar. Ainda que tal fato ocorra de maneira distinta entre as gerações envolvidas nesta pesquisa, é possível observar algumas semelhanças entre as percepções desenvolvidas pelas crianças e pelos caiçaras mais velhos, uma vez que parte do conteúdo transmitido oralmente não sofreu alterações significativas.

A tradição oral, umas das principais características das comunidades caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita, é constituída pela memória social do grupo, a qual se caracteriza mais pelas suas formas de transmissão do que pelo seu conteúdo, aspecto que permite considerar que conteúdo não é estático. As transformações sofridas, no entanto, não interferem na legitimidade do mesmo, pois sua essência é preservada, e, geralmente, as alterações incidem sobre pontos de menor relevância.

*Em uma sociedade onde só existe a tradição oral, memória social é sempre a memória de alguém [...] Apesar de serem submetidas a constantes variações, essas histórias parecem ser sustentadas por uma série de padrões subjacentes de narração [...] que adquirem*



*uma certa estabilidade através do tempo e, assim, preservam a identidade geral de uma tradição [...] Muitos antropólogos descrevem as performances rituais nas quais um certo equilíbrio é estabelecido entre o que está sujeito à variação e um certo número de pontos cruciais [...](SEVERI, 2002: 23 – tradução da autora)<sup>44</sup>.*

A premissa que sugere que a transmissão influencia o conteúdo remete à dependência que existe entre o conteúdo e o contexto, integrado por elementos como trabalho, lazer, influências externas e religiosidade. Para Martins (2006: 103), *os “bens da cultura, portanto, não devem ser vistos como formas cristalizadas ou comportamentos concretos, mas como significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo”*.

### **6.1. Os caiçaras e seus espaços de convivência social**

De acordo com Costa (2007: 26), o espaço antecede qualquer ação humana intencional que dele procure se apropriar. A apropriação do espaço, decorrente das relações de poder, ao se materializar, o humaniza. O espaço transforma-se em uma produção humana, que determina uma funcionalidade de uso para o mesmo, seja política, econômica ou social.

A natureza participa das construções sociais e do desenvolvimento dos caiçaras enquanto indivíduos inseridos em um grupo social repleto de peculiaridades relacionadas ao meio no qual convivem. Os espaços utilizados pelos caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita se misturam entre as áreas de florestas, de manguezais, do estuário e do mar, assim como também abrangem áreas que já sofreram intervenções antrópicas de diferentes níveis de intensidade, subdivididas e classificadas de acordo com a frequência e com o uso pela população.

A cidade de Guaraqueçaba, o conjunto de comunidades caiçaras, as comunidades de Saco da Rita e Abacateiro e o sítio são espaços onde as construções humanas se impõem, a vida cotidiana se desenrola e variadas trocas sociais são estabelecidas.

---

<sup>44</sup> *In a society where only an oral tradition exists, social memory is always the memory of someone [...] While being subjected to constant variations, these stories appear to be sustained by a number of underlying patterns of narration [...] that acquire a certain stability through time, and thus preserve the general identity on a tradition [...] Many anthropologists have described ritual performances where a certain equilibrium is established between what is subjected to variation and a certain number of crucial points [...].*

<b>Caracterização dos espaços socializados de convivência</b>					
<i>Espaço/ Características</i>	<i>Denominação local</i>	<i>Descrição</i>	<i>Domínio</i>	<i>Uso</i>	<i>Trocas</i>
<b>Cidade</b>	<i>Guaraqueçaba</i>	<i>Sede do município de Guaraqueçaba</i>	<i>“Eles”</i>	<i>Lugar de trocas com o mundo externo</i>	<i>Trocas com o mundo externo</i>
<b>Bairro</b>	<i>Comunidades</i>	<i>Comunidades caiçaras (Abacateiro, Saco da Rita, Sebuí, Caçada, Canudal e Vila Fátima)</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de viver e trabalhar</i>	<i>Trocas comunitárias entre vizinhos e parentes</i>
<b>Vizinhança</b>	<i>Rita e Abacateiro</i>	<i>Comunidades caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de viver e trabalhar</i>	<i>Trocas comunitárias entre vizinhos e parentes</i>
<b>Sítio</b>	<i>Centro ou Rio dos Patos</i>	<i>Local no qual algumas famílias caiçaras moravam e atualmente mantêm suas roças</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de trabalhar</i>	<i>Trocas familiares de serviços</i>

Tabela 01: Caracterização dos espaços socializados de convivência.

Fonte: Dados da pesquisa de campo & Brandão (1984: 147).

A tabela acima (Tabela 01), “Caracterização dos espaços socializados de convivência”, descreve sinteticamente os principais espaços de convívio social utilizados pelos caiçaras das comunidades pesquisadas. A caracterização detalhada e a percepção dos caiçaras sobre esses espaços serão descritas com maior profundidade nos próximos itens desse capítulo.

### 6.1.1. A cidade

A sede do município de Guaraqueçaba é o centro urbano mais próximo de Saco da Rita e de Abacateiro. Ainda que seja uma cidade de proporções pequenas e acesso limitado, é em Guaraqueçaba que as comunidades caiçaras adquirem seus mantimentos e dispõem de serviços públicos, principalmente aqueles relacionados à assistência médica (PESQUISA DE CAMPO, 2009 a 2010).

*Sem dúvida é um outro espaço social e, para a comunidade, é o lugar da mediação civilizadora de onde chegam os bens, o dinheiro, o saber, os serviços e o poder externo. As direções entre limites são contrárias: o lavrador ribeirinho penetra na mata; a cidade penetra na comunidade através de seus emissários (BRANDÃO, 1984a: 146).*

Apesar de não ser encarado pelos caiçaras como um ambiente familiar, é em Guaraqueçaba que as relações sociais se amplificam e eles realizam as “*trocas com o mundo externo*” (BRANDÃO, 1984: 147). Anteriormente, a autossuficiência parcial das comunidades instituía uma utilidade secundária para a cidade, que apesar de ser procurada apenas em algumas situações sempre fez parte da vida caiçara. De acordo com Diegues (1983: 222), a relação entre as comunidades tradicionais e as cidades implica uma vinculação entre esses dois espaços de convívio que vai além das trocas comerciais, pois inclui relações de poder.

*Para ele [Redfield (1967)], os camponeses participam de uma sociedade mais ampla, uma sociedade urbana, onde moram elites com as quais eles se relacionam. Foster (1967) chamou as sociedades camponesas de sociedades parciais (part-society – half society), que fazem parte de um complexo social mais amplo, normalmente uma nação. [...] É preciso lembrar, como faz Post (1972 p.230), que essas relações não se reduzem a um aspecto espacial cidade/campo, mas são mediadas pela noção de um excedente produzido pelos camponeses e expropriado pelas classes dominantes que se concentram no meio urbano. Post enfatiza que a entrega desse excedente é não somente a venda de produtos ou coisas, mas expressa uma relação de dominação (DIEGUES, 1983: 222).*

Uma vez que a função destinada à cidade é dependente da comunidade, foram as alterações que ocorreram no modo de vida tradicional que passaram a designar Guaraqueçaba como um ponto de apoio essencial para as comunidades caiçaras insulares e continentais. A cidade se transformou em um espaço indispensável para a sobrevivência, em decorrência das demandas relacionadas com as necessidades atuais, que exigem a compra de produtos que em outros tempos eram produzidos pelas populações, assim como devido às imposições da sociedade urbana e industrial, que insere suas regras no espaço das comunidades.

*Seu Sebastião- [...] Eu pescava antes já. Eu comecei a pescar desde 10 anos. Lá no Rio dos Patos, ali né? Meu irmão Nilo trabalhava aqui no porto. [referente ao porto localizado na foz do Rio dos Patos] Ele só pescava quase, aí eu cheguei e ele me convidou. Eu era pequenininho, nem tinha 10 anos ainda: “Bastião, vamo pra lá pescar comigo”. Daí começemo a pescar com ele. Matar peixe de tarrafa, de cerco. Aí fui pra fora e comecei a pescar. [...] A gente pescava, não tinha muito negócio de fazer documento (ENTREVISTA REALIZADA COM SEU SEBASTIÃO, 43 ANOS).*

Nesse sentido, Brandão (1984: 147) também destaca o fato de que a cidade é um espaço “*hostil por ser dominador*”, no qual a cultura interna da comunidade perde seu lugar para a lógica da sociedade urbana e industrial.

*Dona Alzira- [...] Mas lá [referente à Guaraqueçaba] é só no contrato, só no contrato (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

O “*ir*” à Guaraqueçaba envolve modificações no modo de agir dos caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro. Uma viagem à Guaraqueçaba, por exemplo, demanda pelo menos um dia fora da comunidade, trazendo preocupações relacionadas ao dinheiro necessário para a alimentação nesse período. Ou ainda, é um momento em que as roupas são escolhidas cuidadosamente, demonstrando que a cidade é percebida como um espaço no qual o convívio social se amplia e onde são impostos valores envolvidos pela lógica do mercado, que, por conseguinte, ultrapassam aqueles relacionados com a sobrevivência diária nas comunidades.

### 6.1.2. Um bairro caiçara

A Associação de Moradores do Sebuí abrange as comunidades de Saco da Rita e Abacateiro, juntamente com outras quatro comunidades próximas (Sebuí, Caçada, Canudal e Vila Fátima)<sup>45</sup>.

O conjunto formado por essas comunidades pode ser definido como um bairro rural do município de Guaraqueçaba, de acordo com a definição de Maria Isaura Pereira de Queiroz. A autora propõe que os traços característicos de tais unidades de povoamento são o isolamento, a posse, o trabalho doméstico, o auxílio vicinal, a disponibilidade de terras e as áreas de lazer (QUEIROZ, 1973).

Muller (1966: 129) enriquece a definição de bairro rural ao caracterizá-lo como:

*[...] conjunto de casas, suficientemente próximas para que se estabeleçam contatos sociais entre seus moradores. É uma célula de comunidade rural que existem certos tipos de parentesco ou de vizinhança, reforçados freqüentemente pela existência da venda, capela ou escola e cujo raio de ação marca os limites do bairro (MULLER, 1966: 129).*

Brandão (1984a: 146) ainda ressalta o fato de que os moradores de “*diferentes comunidades de uma mesma região são parentes, cumpadres, ex-vizinhos, companheiros*”<sup>46</sup>. A constante mobilidade entre as comunidades é um dos fatores responsáveis pelos vínculos estabelecidos entre os caiçaras, uma vez que eles já compartilharam a mesma vizinhança em diferentes momentos da vida.

*Bárbara-[...] Você casou no Varadouro?*

*Ilza- Não, casei no Ariri.*

*Bárbara- E vocês ficaram morando lá muito tempo?*

*Ilza- Não. Daí nós casemo e ficamo uma semana só e viemos pro Rio dos Patos, onde ele morava. Aí ficuemo lá uns dez anos morando lá, no Rio dos Patos. E daí saímo lá e fumo morar lá na vila. [pausa]*

*Bárbara- E vieram pra cá já?*

*Ilza- Não, viemo pra Vila Fátima. Ficamos uns cinco anos lá na Vila Fátima. [pausa] Depois não deu pra viver na Vila Fátima.*

---

<sup>45</sup> Ver Mapa 02, página 34.

<sup>46</sup> O Anexo 08 descreve a tênue relação de parentesco existente entre os membros das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro.

[pausa] *Daí viemo pra cá. Ele quis vir pra cá (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

Embora dentre as comunidades que fazem parte da Associação de Moradores do Sebuí apenas Abacateiro e Saco da Rita possuam ligação terrestre entre si, e o acesso entre as demais ocorra por via marítima diariamente<sup>47</sup>, os caiçaras desse conjunto de comunidades se reconhecem como “*nós*”. E ainda que estejam distribuídas ao longo de uma ampla área de estuário, existe o constante acesso às outras comunidades, possibilitando que o conjunto seja percebido como um “*lugar do nós*”, no qual os cotidianos de cada comunidade se assemelham e se encontram em vários momentos (BRANDÃO, 1984a: 147).

Esse conjunto de comunidades caiçaras contempla relações de parentescos entre seus moradores, por meio das quais acontecem situações de ajuda mútua e de trocas entre vizinhos e parentes. Essas situações contribuem imensamente para a sobrevivência humana no lugar, visto que, enquanto “*lugar de viver e trabalhar*”, o espaço denominado bairro traz uma série de obstáculos que exigem a cooperação resultante das relações sociais estabelecidas entre os caiçaras.

### **6.1.3. A vizinhança**

O dia-a-dia caiçara se desenrola a partir do espaço da comunidade, no qual as pessoas convivem e sobrevivem entre os caminhos que ligam as casas umas às outras, as águas do rio, a vegetação nativa e as espécies da fauna que constantemente cruzam essa porção do ambiente dominada pelo homem. Esses elementos fazem parte do contexto próximo à população caiçara, ou seja, são partes das comunidades, “*do lugar de viver, de trabalhar*” (BRANDÃO, 1984: 147).

Brandão (1984: 146) define a comunidade como “*o lugar da vida e a referência do trabalhador lavrador. É o espaço real onde habita o nós*” [grifo do original]. O autor também caracteriza a comunidade como um lugar com o qual existe uma familiaridade estabelecida, onde prevalece a “*cultura interna*” e ocorrem as trocas de conhecimentos e valores entre seus membros.

---

<sup>47</sup> O acesso diário à Sebuí pelos moradores das outras comunidades ocorre em função do fato de somente nessa comunidade existir uma escola, na qual também são realizadas as reuniões mensais da associação de moradores.

O desenho MONZIEL 04 (Figura 09) retrata o contexto que o cerca, a comunidade de Saco da Rita, trazendo os elementos que estão presentes na área que antecede a floresta mais densa e é posterior ao mangue. A casa é colocada próxima a um pé de palmito e a outro de banana, sobrevoados por um pássaro. Ao fundo, Monziel desenhou as árvores que representam a floresta existente atrás da comunidade.

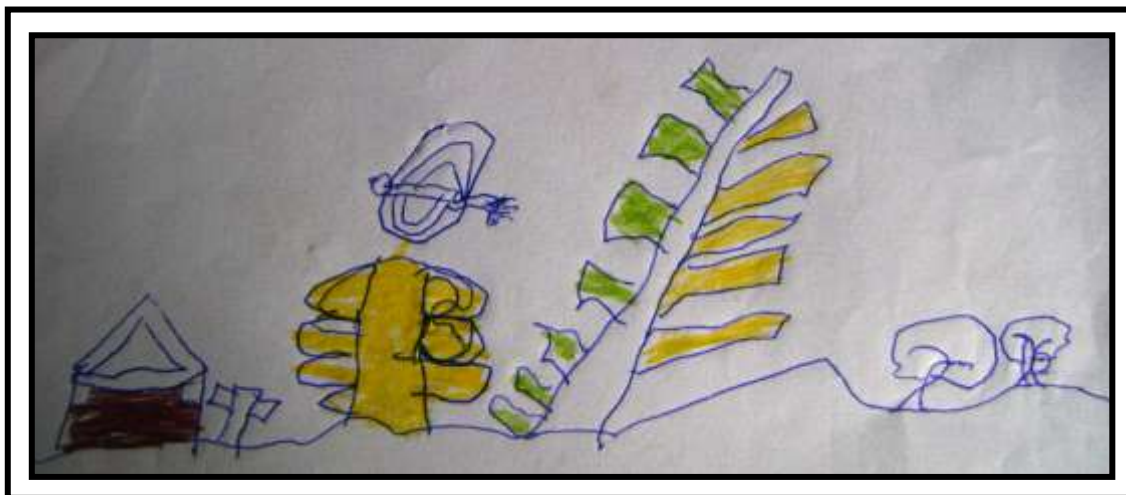


Figura 09: MONZIEL 04. Comunidade de Saco da Rita.

Créditos: Monziel.

#### 6.1.4. O “Centro”

O Rio dos Patos, conhecido como “Centro” ou “sítio”, é uma localidade distante do mar, alcançada após cerca de duas horas caminhando por trilhas na mata, na qual algumas famílias moravam ou mantinham suas atividades agrícolas por meio dos mutirões que eram posteriormente acompanhados por festas animadas pelo som do fandango.

De acordo com os relatos dos ex-moradores, a comunidade do Rio dos Patos era composta por cerca de cinquenta famílias distribuídas ao longo da margem direita do rio. As restrições de uso dos recursos naturais, estabelecidas pela criação de unidades de conservação na área, associadas ao isolamento e consequente dificuldade de acesso à sede do município e às outras localidades, contribuíram para a extinção da comunidade do Rio dos Patos.

*Seu Sebastião- É porque foi morrendo os mais velhos. [pausa] E foi saindo também gente do rio dos patos lá. [pausa] Daí do porto*

*ali, quando saiu um saiu tudo só de uma vez só. Porque morreu. [pausa] Morreu três irmãos juntos na água. [pausa] Então eles saíram lá pra vila Fátima pra lá. [pausa] E essa era uma época de festa. Aí acabou a festa tudo. Aí desanimaram e saiu tudo, levou uma semana e não tinha ninguém mais, na vila ali, no porto. Saiu tudo tudo tudo! Ficou só o Rio dos Patos lá pra cima. Lá tinha gente bastante. Tinha bem umas cinquenta casas aí pra mais, só lá pra cima. Mais o que tinha no porto aqui embaixo. Bastante gente. E tinha caminho dali no Rio dos Patos no Varadouro. (ENTREVISTA REALIZADA COM SEU SEBASTIÃO, 43 ANOS).*

Atualmente, há quatro famílias de Abacateiro e Saco da Rita que mantêm suas antigas casas, utilizadas durante o período em que realizam as roças ou durante as atividades de caça (Figura 10).



Figura 10: Roça caiçara no Rio dos Patos – plantação de arroz.

Créditos: André Esquivel.



O desenho ERENILSON 02 (Figura 11) traz a reprodução dos detalhes que compõem a paisagem do “centro”, entre os quais está a montanha chamada localmente Pico Torto e a trilha que conduz até seu cume e aos poucos sítios que ainda existem ali; o Rio Vermelho no qual as crianças realizam as pescarias e a floresta presente na encosta daquela montanha. Esse retrato da área do Rio dos Patos vai ao encontro das afirmações de Ellen Woortmann (*apud* MARTINS, 2006: 52), que indicam as áreas cobertas por uma vegetação mais densa como o ponto de partida para a constituição do espaço do sítio.

*Para Ellen Woortmann, “dentre as partes que constituem o sítio ideal, o ponto de partida é o mato. Historicamente, os sítios camponeses se constituíam pela ocupação de um trecho de mato, expressão que designa uma área onde a cobertura vegetal original nunca sofreu derrubada, ou em que esta ocorreu numa época que escapa à memória do grupo” (1983:177) (MARTINS, 2006: 52).*

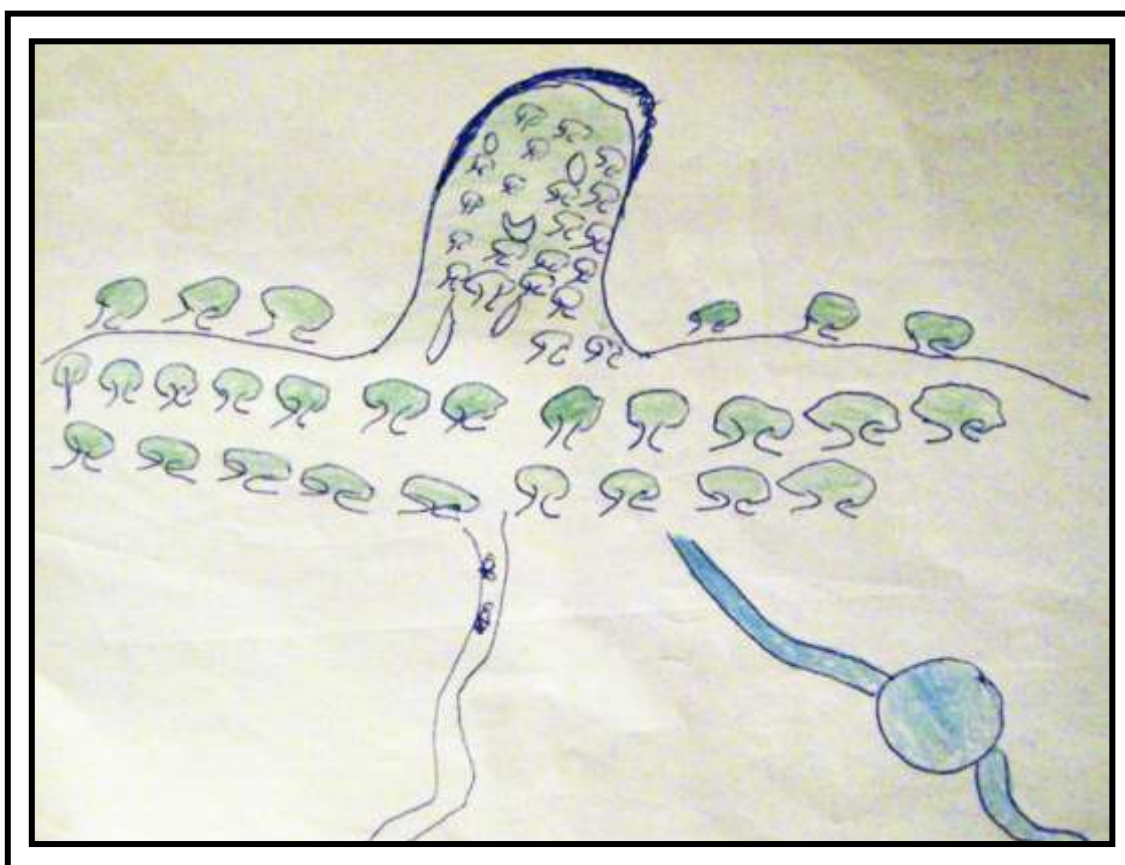


Figura 11: ERENILSON 02. Rio dos Patos e Pico Torto.

Créditos: Erenilson.

O espaço do sítio integra o conjunto das áreas dominadas pelas famílias caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro. Para Brandão (1984a: 147), o domínio desse espaço é dividido entre o homem e a natureza, sendo percebido como o “*o lugar de trabalhar*”, onde são produzidos importantes artigos para a subsistência. Como a produção caiçara está ligada à unidade familiar, ela demanda a ocorrência de trocas familiares de serviços e infere ao espaço do sítio “*um sentido sistêmico, na medida em que, remetendo à casa, remete também à família e a um processo de descendência*” (MARTINS, 2006: 52).

## **6.2. Entre árvores, caças e caminhos de caiçaras**

As áreas dominadas pela Floresta Atlântica são percebidas pelos caiçaras como três espaços distintos: o quintal de casa, a “mata aberta” e a “mata fechada” (Tabela 02). São nesses espaços que uma série de trocas envolvendo os caiçaras e o meio ambiente local são desenvolvidas, proporcionando a aquisição de saberes específicos, ao mesmo tempo em que podem ser caracterizados como espaços que participam do processo de socialização dos indivíduos que integram as comunidades.

<b>Caracterização dos espaços florestados</b>					
<i>Espaço/ Características</i>	<i>Denominação local</i>	<i>Descrição</i>	<i>Domínio</i>	<i>Uso</i>	<i>Trocas</i>
<i>Quintal</i>	<i>Terreiro</i>	<i>Área de terreno limpo que envolve as casas caixaras.</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de viver</i>	<i>Trocas com parentes e com a natureza</i>
<i>Mata aberta</i>	<i>Mato</i>	<i>Área de floresta de um raio de cerca de três quilômetros localizada atrás de Saco da Rita e Abacateiro</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de ir e coletar</i>	<i>Trocas com a natureza</i>
<i>Mata fechada</i>	<i>Mato</i>	<i>Área da floresta posterior à mata aberta, com vegetação mais densa</i>	<i>“Eles”</i>	<i>Lugar aonde se vai, mas não vivem nem trabalham regularmente</i>	<i>Trocas com a natureza</i>

Tabela 02: Caracterização dos espaços florestados.

Fonte: Dados da pesquisa de campo & Brandão (1984: 147).

É importante ressaltar que os espaços descritos na tabela acima são espaços utilizados por todos os membros das comunidades. Diegues e Moreira (2001) designam esses espaços e os recursos naturais que os mesmos abrangem como “*espaços e recursos naturais de uso comum*”. Para McKean e Ostrom a definição desses espaços relaciona-se com as qualidades físicas dos mesmos, ao lado da utilização que o grupo social lhes confere<sup>48</sup>.

*“Propriedade comum” ou “regime de propriedade comum” referem-se aos arranjos de direitos de propriedades nos quais grupos de usuários dividem direitos e responsabilidades sobre os recursos. [...] Dessa maneira, a propriedade comum não se caracteriza por acesso livre a todos, mas como acesso limitado a*

<sup>48</sup> A temática que envolve “propriedades comuns” e “regimes de propriedades comuns” é ampla e merece discussões mais aprofundadas, as quais não foram o objetivo do presente trabalho.

*um grupo específico de usuários que possuem direitos comuns (MCKEAN & OSTROM In DIEGUES, 2001: 80).*

Os caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita compartilham os recursos naturais que existem na área da mata, assim como também aqueles que estão localizados nas áreas estuarinas e marítimas. A realização de atividades extrativistas, como a caça e a coleta de ostras, não são limitadas pela propriedade particular de uma família, uma vez que esta se restringe à área da casa e do quintal. Todos os membros da comunidade têm livre acesso os recursos, limitados pelo “*ethos*” do grupo social ao qual pertencem, constituído por valores e mitos que garantem uma relação de respeito entre familiares e vizinhos. (DIEGUES In DIEGUES E MOREIRA, 2001: 102).

### **6.2.1. O quintal**

As comunidades de Saco da Rita e Abacateiro estão inseridas em uma área de Floresta Atlântica na qual as crianças e os adultos convivem e se socializam por meio do desenvolvimento das suas atividades cotidianas.

O espaço do quintal é caracterizado como um “*lugar de viver*”, e está inserido nos domínios da população local, uma vez que é uma área frequentada e conhecida pelos caiçaras, e por isso, dominada culturalmente (BRANDÃO, 1984: 147).

A percepção dessa área pelos caiçaras combina as construções humanas e os elementos da natureza sem, no entanto, impor uma divisão entre os mesmos. O quintal de uma casa que insere o curso do rio da Rita nos seus limites<sup>49</sup>, ao lado de outro que possui um pé de palmito e uma pequena horta logo atrás da cozinha de fogo de chão, são áreas particulares de cada família caiçara e percebidos como parte do conjunto denominado comunidade.

---

<sup>49</sup> Deve-se considerar que os limites entre as casas e os terrenos nas comunidades de Saco da Rita e Abacateiro não são estabelecidos por cercas. É a área de terreno limpa em volta da casa que delimita o domínio da propriedade da família.



Figura 12: ÉDER 03. Casa caiçara.

Créditos: Éder.

O desenho acima (Figura 12) retrata um espaço que faz parte do cenário no qual ocorre o convívio diário entre os caiçaras, mas também no qual são estabelecidas as trocas entre os caiçaras e o meio ambiente local. A área de terreno limpo que circunda as casas caiçaras inclui a casa, a cozinha de fogo de chão, os animais domésticos, as pequenas hortas e as árvores frutíferas.

A casa caiçara pode ser dividida em dois espaços principais: a casa e a cozinha de fogo de chão. O primeiro, construído com madeiras ou alvenaria, tem seu interior dividido em vários ambientes, que adquirem as funções de sala, cozinha, quartos e banheiro<sup>50</sup>. A sala e a cozinha raramente são utilizadas e acabam funcionando como um local para guardar diversos materiais, o que inclui desde mantimentos até roupas e ferramentas.

---

<sup>50</sup> Alvar & Alvar (1979: 100) descrevem detalhadamente o processo de construção de uma casa caiçara.

O outro espaço, a cozinha de fogo de chão, é externo à casa e instalada na parte traseira da mesma, feita de pau-a-pique e com piso de terra batida. No centro da cozinha está o fogão à lenha, construído de barro ou sobre uma base de pedras, e com uma grelha por cima (Figura 13) (DIEGUES, 2007; PESQUISA DE CAMPO, 2010).



Figura 13: Fogo de chão em uma cozinha caiçara.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira

A cozinha de fogo de chão se configura como o principal espaço de convívio familiar, no qual também são recebidos os vizinhos, parentes e outras pessoas que venham visitar a família. O fogo é mantido aceso durante todo o dia, a fim de aquecer o ambiente e também o café, consumido o tempo todo.

*Cumpria [referente ao fogo] e ainda hoje cumpre em Guaraqueçaba uma missão múltipla, pois além do papel social que desempenha, serve para esquentar, cozer os alimentos e*

*amadurecer os frutos. Tudo isso é razão suficiente para mantê-lo aceso (ALVAR & ALVAR, 1979:101).*

É nesse espaço que acontecem as refeições diárias e as rodas de conversas que se prolongam até altas horas da noite, o que permite designar ao mesmo uma importante função social no contexto caiçara, e conseqüentemente, nos processos de ensino e aprendizagem diários.

### **6.2.2. A mata aberta**

A Floresta Atlântica que envolve as comunidades faz parte do cotidiano dos caiçaras. A porção da floresta localizada atrás de Saco da Rita e Abacateiro, em um raio de aproximadamente três quilômetros, é cortada por diversos caminhos abertos pela população local, frequentados diariamente durante o trânsito entre as duas comunidades e durante a realização das atividades extrativistas e brincadeiras infantis.

*Bárbara- Vocês brincavam tudo junto?*

*Dona Alzira- Tudo!*

*Bárbara- Tudo solto no mato?*

*Dona Alzira- Tudo solto no mato. [risos].*

*Bárbara- E não se perdiam?*

*Dona Alzira- Não! [pausa] Ia pelo caminho, pelo mato, nós sabia de tudo né? (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

A “mata aberta” é parte de uma relação constante desenvolvida entre as crianças caiçaras e a natureza. É uma porção da floresta incidida por uma série de intervenções antrópicas, intercalando trilhas e vegetação secundária em seu interior, o que permite que seja uma região na qual se desenrola uma porção significativa do cotidiano caiçara (Figura 14).

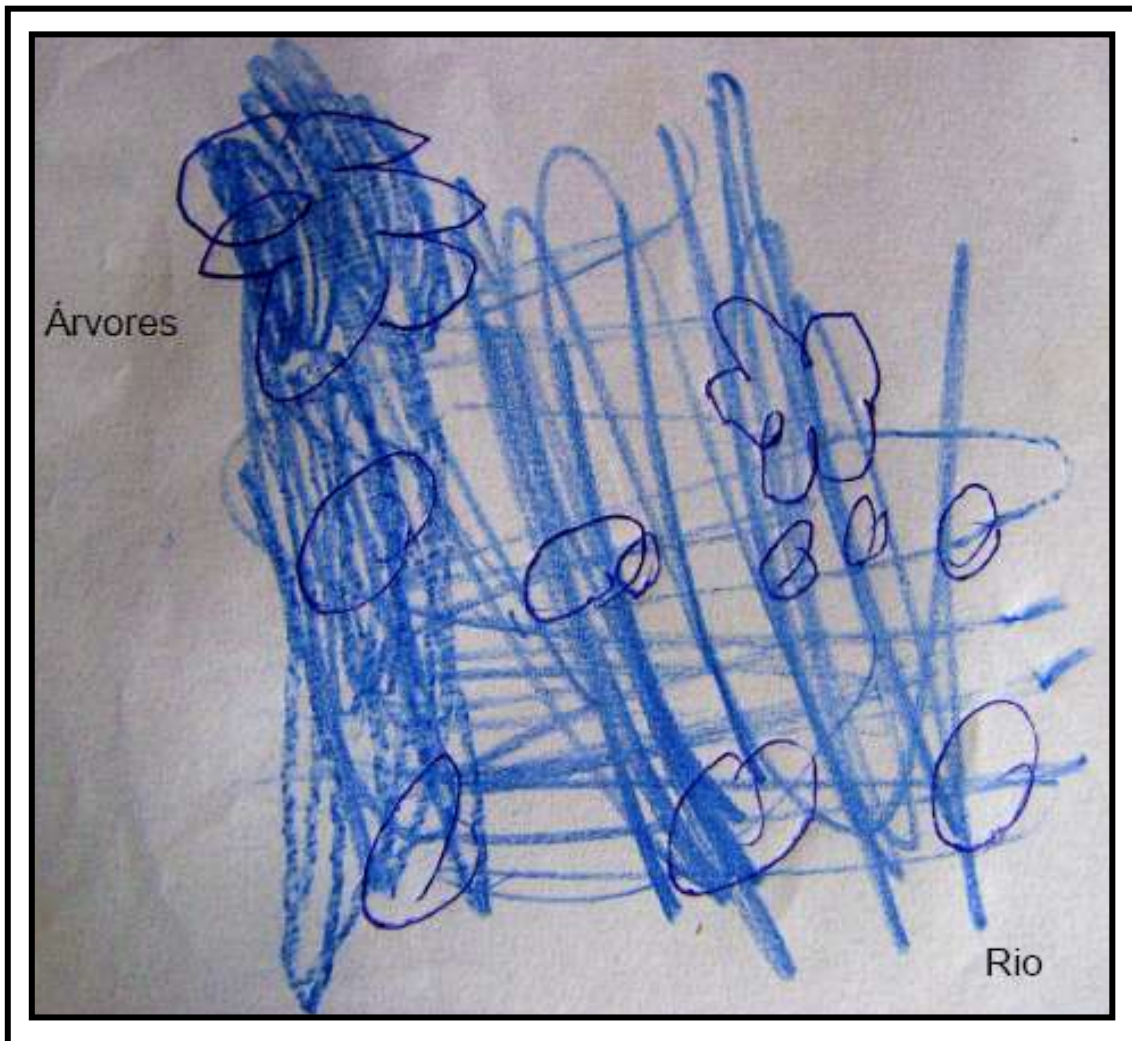


Figura 14: JAQUELINE 02. A mata.

Créditos: Jaqueline.

As crianças mantêm uma forte interação com a mata aberta e reconhecem os elementos que a compõem, assim como os perigos existentes nas proximidades. Apesar de ser uma área muitas vezes considerada inóspita pela população urbana que desconhece a teia de caminhos que ali existe, a “mata aberta” é encarada com naturalidade pelas crianças caiçaras, que conhecem os destinos de cada trilha e suas particularidades.

*Ilza- Que nem andando no mato aí. [referente às crianças] Andam sozinhos e não se perdem por nada, né? Pra eles é a mesma coisa que estejam em casa, né? (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*



Os caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro percebem a “mata aberta” como espaço utilizado para atividades de subsistência, e, até certo ponto, dominado. Porém, ele pode ser caracterizado apenas como o “*lugar de ir, de coletar*”, diferente do espaço da comunidade, no qual se vive e se trabalha (BRANDÃO, 1984: 147).

### 6.2.3. A mata fechada

O domínio da população das comunidades pesquisadas sobre a Floresta Atlântica não se estende para o espaço no qual a floresta apresenta vegetação mais densa e onde existe pouco comparecimento humano. A denominação “mata fechada” se refere à natureza não domesticada e considerada hostil, um “*local até onde se vai, mas onde nunca se vive (como o índio é visto “vivendo”)* e nem se trabalha regularmente. Um domínio da natureza ainda não dominado pela cultura” (BRANDÃO, 1984a: 145)

Encara-se a área de mata fechada como um lugar desconhecido, envolvido em mistérios e perigos, frequentado por poucos que necessitam dirigir-se a ela para garantir a sobrevivência da família:

*Agostinho- [...] É da onde que muitos se obriga a matar caça pra comer, pra sobreviver, porque se tiver o pato, o porco, a galinha no terreiro, o marreco no terreiro, ele num vai passar no mato matar caça. Se você acha que eu tendo um porco no terreiro aí, umas galinha, um pato, um marreco aí, um ganso aí, eu vou perder tempo e arriscar minha vida numa grota de morro desse aí atrás de uma caça pra eu matar pra comer? Nunca que eu vô! Você tendo arrozinho aí pra você comer, o feijão pra você comer aí, do quintal, a batata, o cará o inhame aí no quintal aí, você vai perder tempo é, arriscar a vida em uma grota aí, tirando palmito. Uma vez, até levar um tiro, qualquer coisa aí. O povo vai porque é obrigado, a necessidade obriga (ENTREVISTA REALIZADA COM AGOSTINHO, 46 ANOS).*

A mata fechada é relacionada com a utilidade que possui no cotidiano das famílias caiçaras, sendo percebida como um local restrito ao trabalho.

*Ilza- Nós era muito difícil ir pro mato. Eu ia com minha vó lá pro mato. E o mato era pra trabalhar, fazer janela [pausa] E tudo as coisa. [pausa] Canoinha. [pausa] E ia com ela pro mato. (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

A descrição da mata fechada contempla conhecimentos adquiridos por meio do convívio social, no qual as poucas pessoas que desenvolvem suas atividades nesse espaço transmitem os alertas relacionados aos perigos que a mata fechada oferece.



Figura 15: ADRIANO 01. Animais na mata fechada<sup>51</sup>.

Créditos: Adriano.

Por meio do desenho de Adriano (Figura 15) é possível capturar percepções alusivas à mata fechada. Ao descrever o desenho, a criança expressava sentimentos de medo relacionados aos animais retratados, acompanhados por constantes alertas referentes à necessidade de se evitar o encontro com essas espécies.

O retrato e a caracterização dos animais (as cobras e a onça) carregam parte dos resultados do processo de socialização da criança caiçara, assim como também são

---

<sup>51</sup> O autor do desenho ADRIANO 01 (Figura 15), Adriano, tinha três anos de idade na época de elaboração do desenho. A compreensão das figuras desenhadas necessitou da explicação dada pela criança no momento do desenho e anotada à parte pela pesquisadora.

consequências da convivência estabelecida com esses elementos da fauna local, encontrados nos relatos dos mais velhos ou quando passam pelas áreas próximas às comunidades<sup>52</sup>.

Carregados de sentimentos de medo e respeito, os caiçaras reconhecem os perigos que a mata fechada oferece à sobrevivência humana. Por outro lado, também procuram “dominar e civilizar” esse espaço, o que permite a realização de constantes trocas com a natureza (BRANDÃO, 1984a: 147).

### 6.3. Nas águas do mar

O ambiente aquático inclui os espaços das águas do mar aberto, das baías e do estuário, que diariamente cobrem a vegetação de manguezal. O movimento da maré, e as áreas de mangue constantemente cobertas por ela, também têm suas classificações introduzidas nesse grupo (Tabela 03).

<b>Caracterização dos espaços estuarinos e marítimos</b>					
<i>Espaço/ Características</i>	<i>Denominação local</i>	<i>Descrição</i>	<i>Domínio</i>	<i>Uso</i>	<i>Trocas</i>
<i>Mangue</i>	<i>Mangue</i>	<i>Vegetação de mangue</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de ir e coletar</i>	<i>Trocas com a natureza</i>
<i>Estuário</i>	<i>Maré</i>	<i>Águas próximas às comunidades, sujeitas às variações ocasionadas pelos movimentos da maré</i>	<i>“Nós”</i>	<i>Lugar de ir e trabalhar</i>	<i>Trocas com a natureza</i>
<i>Mar</i>	<i>Mar aberto</i>	<i>Distante cerca de vinte quilômetros das comunidades, na Barra de Superagui</i>	<i>“Eles”</i>	<i>Lugar aonde se vai, mas não vivem nem trabalham regularmente</i>	<i>Trocas com a natureza</i>

Tabela 03: Caracterização dos espaços estuarinos e marítimos.

Fonte: Dados da pesquisa de campo & Brandão (1984a: 147).

<sup>52</sup> A presença de onças não é frequente nas áreas da comunidade e da mata aberta, ocorrendo geralmente na região do Rio dos Patos.

### 6.3.1. O mangue e a maré

As águas do estuário são classificadas em diferentes espaços, relacionados à distância e à utilização das mesmas pelos caiçaras. Ainda que sejam consideradas hostis como as águas de mar aberto, as baías de Laranjeiras e Pinheiros têm seus perigos reconhecidos, mas fazem parte do cotidiano caiçara e são atravessadas constantemente, integrando parte do caminho que conduz aos centros urbanos próximos (Guaraqueçaba e Paranaguá). Tal como a área de mata aberta, as águas das baías compõem um espaço frequentado pelos caiçaras, um lugar pelo qual passam e onde trabalham.

No ambiente marítimo, o “*lugar de viver, de trabalhar*” (BRANDÃO, 1984a: 147) é composto pelas águas próximas às comunidades, sujeitas às variações ocasionadas pelas corriqueiras enchentes da maré<sup>53</sup> (Figura 16) e caracterizadas por Diegues (1983: 114) como “*espaço litorâneo*”:

*O “espaço litorâneo” (inshore) constituído principalmente pelos ecossistemas estuarinos (laguna, estuários, foz de rios, baías fechadas e enseadas, recifes e corais. É um espaço abrigado contra as intempéries do mar de fora e explorado pelo pequeno pescador através de canoas a remo ou pequenas embarcações motorizadas e armadilhas fixas como o cerco de taquara (DIEGUES, 1983: 114).*

---

<sup>53</sup> As enchentes de maré são fenômenos naturais das águas do mar. De acordo com a ACIESP (1987: 119) a maré pode ser caracterizada como “*um movimento oscilatório periódico das águas do mar, pelo qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo. É produzido pela ação conjunta da lua e do sol e, em muito menor escala, dos planetas*”.



Figura 16: Maré enchente em Abacateiro.

Créditos: Éder.

As águas da maré e a área de manguezal constantemente coberta por elas completam o quintal das casas caiçaras, em decorrência não apenas da proximidade, mas também pela utilização habitual desse espaço.

São nessas áreas que as crianças desenvolvem suas brincadeiras e estabelecem os primeiros contatos com o ambiente aquático. É no mangue e nas águas da maré enchente que também são realizadas as atividades da subsistência familiar, como a pesca e a coleta de ostras e caranguejos, observadas de perto pelas crianças, que auxiliam os mais velhos ao mesmo tempo em que adquirem os conhecimentos que permeiam essas atividades.

### 6.3.2. O mar aberto

Saco da Rita e Abacateiro estão situados na entrada do Canal artificial do Varadouro, de modo que a população possui uma relação mais estreita com as águas do estuário do que com as agitadas águas do mar aberto, alcançadas logo após a Barra de Superagui e distantes cerca de 20 quilômetros dessas comunidades. Monziel (Figura 17) retrata a travessia da baía de Pinheiros rumo à Barra de Superagui, reproduzindo as águas cortadas pelas voadeiras, que utilizam grande parte das forças de seus motores para alcançar seu destino. Essas embarcações conseguem chegar apenas até a zona costeira<sup>54</sup>, uma vez que a navegação em mar aberto exige embarcações maiores, capazes de suportar as águas agitadas do “*espaço oceânico*” (DIEGUES, 1983: 116).

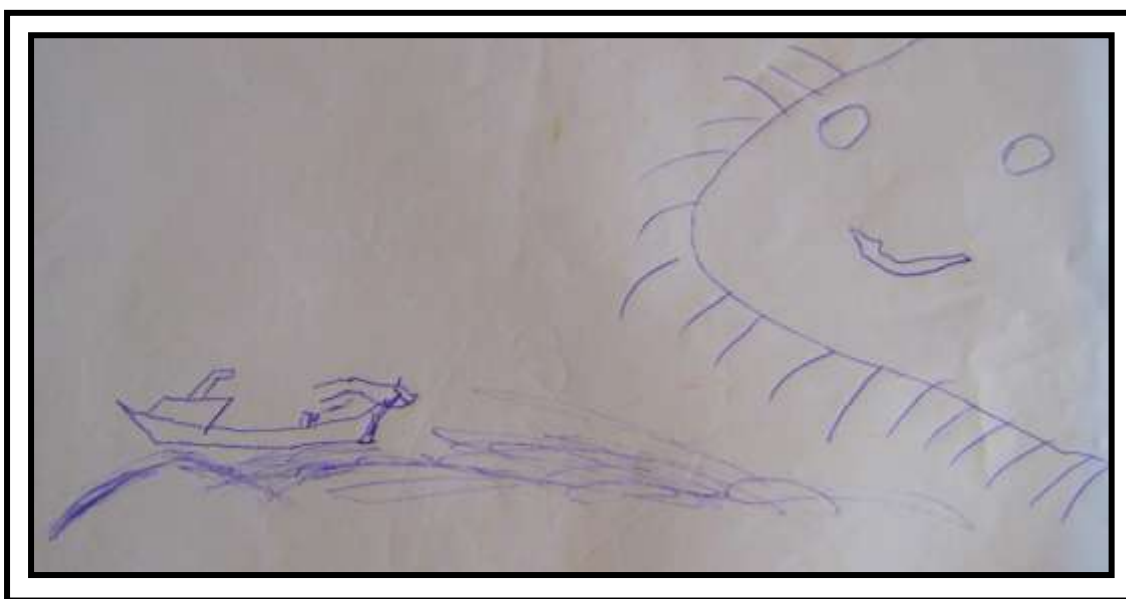


Figura 17: MONZIEL 03. Voadeira atravessando a baía das Laranjeiras.

Créditos: Monziel.

Diegues (1983: 105) descreve o “mar aberto” como um espaço utilizado durante a reprodução das relações sociais e produtivas das comunidades que desenvolvem atividades pesqueiras. Para o autor:

---

<sup>54</sup> De acordo com Diegues (1983: 116), o espaço costeiro corresponde “à faixa compreendida entre a costa propriamente dita e o talude continental”.

*Quando nos referimos a região, não tratamos somente desse espaço geográfico, mas de um conjunto de condições naturais, físicas e biológicas que servem de base a determinadas formas de organização social da produção. O espaço costeiro e/ou oceânico se configura em termos de ecossistemas, dentro dos quais se desenvolvem processos naturais de reprodução de espécies marinhas. Nesses ecossistemas os processos biológicos dão origem a uma verdadeira indústria natural e sobre eles os homens interferem desenvolvendo entre si relações de produção e forças produtivas sociais. São essas que fazem da região a realização espacial de determinados fenômenos sociais e históricos (DIEGUES, 1983: 105).*

A distância aliada à pouca frequência dos moradores em áreas de mar aberto contribuíram para que essa fração do ambiente marítimo seja pouco conhecida, o que desperta sensações de medo e curiosidade. Ao mesmo tempo, o não conhecer reflete na caracterização desse ambiente como não dominado pelo homem, e assim como a mata fechada, hostil.

#### **6.4. Algumas percepções sobre a natureza**

Entre as significações que os caiçaras atribuem aos elementos que compõem o seu mundo, tanto os mais velhos quanto as crianças da geração atual associam a natureza à sobrevivência local. A mata e o mar que cercam as comunidades de Abacateiro e Saco da Rita são geralmente designados como os lugares que fornecem os recursos para a subsistência das famílias, por meio da pesca, da caça, da extração de palmito e da coleta de outras espécies da flora e da fauna.

*Dona Alzira- [...] Aqui tem um peixe, tem uma ostra, tem um camarão, um guapicum, tem tudo aí. Pula no mangue, se não tivé nada, pula no mangue de manhã tem uma ostra, não falta comida em casa. É peixe, é tudo (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

As análises decorrentes da atividade denominada “A2 - Significação do meio em que vivem”<sup>55</sup>, realizada durante a pesquisa de campo, apontaram para a existência da

---

<sup>55</sup> Atividade descrita no capítulo cinco deste trabalho.

associação constante entre os elementos naturais próximos às comunidades e à sobrevivência humana no local (Figura 18). Ao fazer referência à natureza, as crianças geralmente mencionam os elementos que integram a dieta caiçara local. O significado de natureza remete à subsistência, e assim ocorre reciprocamente.

*Douglas- O mangue!*

*Eder- Pra pegar caranguejo!*

*Bárbara- Com o que você pega o caranguejo?*

*Eder e Geovane- Com a mão!*

*Bárbara- Pra que?*

*Erenilson- Pra comer!*

*Geovane- É bom!*

*Eder- Pra comer e cozinhar! (DESCRIBÇÃO DA FOTOGRAFIA DOUGLAS A2 (3)).*



Figura 18: Manguezal.

Créditos: Douglas



A dependência entre o homem e a natureza pode ser reconhecida nos conhecimentos evidenciados constantemente pelas crianças, que apontam para os elementos que compõem a floresta e o ambiente marítimo quando se referem aos meios que fornecem uma porção importante dos alimentos consumidos por elas (ATIVIDADE A4 – SUBSISTÊNCIA CAIÇARA<sup>56</sup>).

Entre as atividades extrativistas realizadas na mata, a retirada do palmito desempenha importante função na dieta e na economia das famílias de Saco da Rita e Abacateiro, de modo que é uma presença constante no cotidiano adulto e infantil (Figura 19).

*Douglas- Palmito!*

*Bárbara- Palmito pra que?*

*Douglas- É pra cortar pra comer!*

*Bárbara- E ele é da onde?*

*Eder- Da terra! (DESCRIÇÃO DA FOTOGRAFIA DOUGLAS A2 (6)).*



Figura 19: Pé de Palmito.

Créditos: Erenilson

---

<sup>56</sup> A descrição da atividade está no capítulo cinco deste trabalho.

A fauna da Floresta Atlântica é comumente designada como “caça” pela população caiçara, que recorre à utilidade destinada à grande parte das espécies de mamíferos e aves que habitam a região para denominá-las.

*Douglas- O que tem no mato?*

*Geovane- Bastante coisa!*

*Douglas- Que tipo de coisa?*

*Geovane- Passarinho [pausa] Caça. [pausa] Cobra  
(ENTREVISTA ENTRE PARES – REALIZADA POR DOUGLAS,  
13 ANOS, COM GEOVANE, 11 ANOS).*

A percepção desenvolvida sobre o meio ambiente é resultado da participação constante deste no cotidiano dos caiçaras, seja nas brincadeiras ou nas atividades de subsistência. As crianças se socializam por meio dos elementos da mata, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimentos sobre a mesma.

Logo nos primeiros anos de vida, uma relação intensa é desenvolvida entre as crianças e a natureza, a qual inclui a convivência com animais silvestres, utilização de espécies variadas espécies da vegetação local, caminhadas pela floresta junto com os pais e irmãos mais velhos, audição de histórias sobre fatos ocorridos na região. Esse cotidiano particular às crianças caiçaras resulta em percepções que misturam sentimentos como o medo e o respeito pelo meio ambiente local, ao lado da familiaridade que possuem com o mesmo (Figura 20).

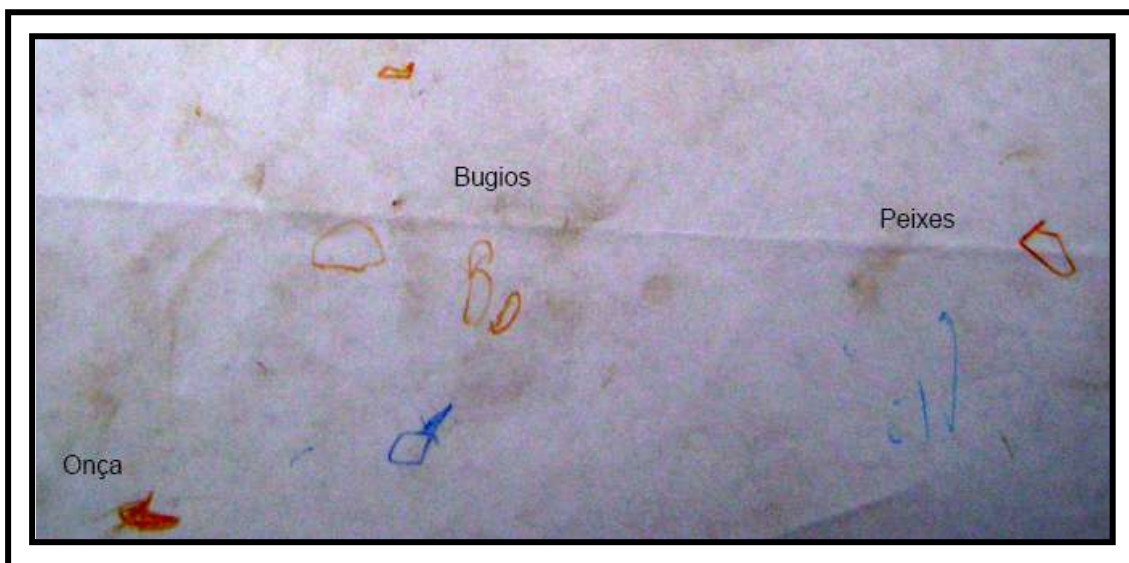


Figura 20: EDILBERTO 03. Espécies da fauna local<sup>57</sup>.

Créditos: Edilberto.

Tanto as percepções quanto os sentimentos relacionados ao meio ambiente são dependentes dos conhecimentos que as crianças possuem sobre ele. Além de estar mais longe dos outros animais, o desenho da onça-pintada foi acompanhado pela expressão de medo em relação a essa espécie pelo autor, que descreveu o animal como perigoso e alertou para a necessidade de cuidado. Já a descrição dos bugios e dos peixes retratados por Edilberto remete às situações encaradas diariamente pelas crianças, de modo que ocorre sem exaltações ou alertas (DESCRITÃO DO DESENHO EDILBERTO 03)

A constante interação entre os elementos naturais e os caiçaras é um dos elementos responsáveis pela aquisição de conhecimentos específicos sobre a região, a qual ocorre no dia-a-dia, por meio de uma aprendizagem que se desenvolve de maneira informal.

*Bárbara- Não tinha medo de se perder no mato?*

*Creuza- Não tinha. Eu conhecia o mato, né? Andava sempre.*

*Bárbara- Como que você conhecia? Andava direto?*

*Creuza- Andava com nosso pai. Depois saía sozinho.  
(ENTREVISTA REALIZADA COM CREUZA, 55 ANOS).*

<sup>57</sup> O autor do desenho EDILBERTO 03 (Figura 20), Edilberto, tinha 5 anos de idade na época de elaboração do desenho. A compreensão das figuras desenhadas necessitou da explicação pela criança no momento do desenho e foi anotada à parte pela pesquisadora.

O processo de socialização da criança caçara conduz à internalização dos saberes sobre o meio ambiente local, ao mesmo tempo em que influencia na definição das percepções construídas acerca da natureza. Seja por meio das brincadeiras ou do trabalho, a interação constante das crianças com a mata resulta na percepção da natureza como um elemento próximo, não existindo uma relação dicotomizada que separa homem e natureza.

Ao analisar as imagens capturadas pelas crianças na atividade “A2 - Significação do meio em que vivem”<sup>58</sup>, percebeu-se que a existência de elementos naturais nas fotografias, como espécies da vegetação e retratos do ambiente marítimo, ocorreu paralelamente às imagens das outras crianças e de construções humanas (Figura 21):



Figura 21: Em sentido horário: Vegetação do mangue; Pé de abacate; Casa; Caminho.

Créditos: Em sentido horário: Geovane; Erenilson; Éder; Douglas.

*Bárbara- E que é essa foto?*

<sup>58</sup> A descrição da atividade está no capítulo cinco deste trabalho.

*Eder- É a casa!*

*Bárbara- Por que você tirou a foto da casa?*

*Eder- Pra gente morar, né?! (DESCRIÇÃO DA FOTOGRAFIA ÉDER A2 (3)).*

*Bárbara- O que é?*

*Douglas- É o caminho!*

*Bárbara- Por que você tirou do caminho?*

*Douglas- Para andar nele.*

*Bárbara- E o caminho é da natureza?*

*Geovane- É.*

*Douglas- É! (DESCRIÇÃO DA FOTOGRAFIA DOUGLAS A2 (7)).*

O contexto que cerca os caixaras de Abacateiro e Saco da Rita contempla as construções humanas ao lado de uma vegetação densa, cortada por caminhos estabelecidos pela população. As relações entre os sujeitos e o mundo são compostas pela visão que é desenvolvida acerca dos elementos que os cercam, a partir da qual se desenvolve a percepção de uma “paisagem” (REVEL, 2005: 2). Aquilo que é construído pelo homem e o que é natural da região se misturam visualmente, e são utilizados com frequência e intensidade semelhantes, sendo percebidos como parte de um único conjunto.

### **6.5. Entre a sobrevivência caixara e a conservação da natureza**

A percepção da natureza como fonte para a sobrevivência reflete em ações baseadas em conhecimentos permeados por noções que remetem ao uso limitado dos recursos naturais pelos caixaras. A proteção dos meios necessários para a própria sobrevivência humana no lugar tem nos conhecimentos tradicionais difundidos pela população uma série de saberes específicos sobre a floresta Atlântica e os aspectos necessários para manter o equilíbrio do ecossistema, e consequentemente, manter as espécies da fauna e da flora necessárias para a subsistência da população.

*Agostinho relatou alguns ensinamentos do seu pai e a necessidade do cuidado com o meio ambiente que eles traziam. Ele contou que uma vez seu irmão Adriano caçou um porco-do-mato, mas depois do abate descobriu que era uma fêmea e que ela estava grávida. Quando seu pai descobriu, Adriano apanhou muito, pois seu pai falou que já havia avisado que aquela época era época de reprodução daqueles animais, e que por isso a caça estava*

*proibida. Agostinho mostrou, em outro momento, o local exato em que Adriano havia apanhado do pai, na trilha que liga Abacateiro a Saco da Rita (PESQUISA DE CAMPO, 13/09/09).*

A observação do modo de vida tradicional permite perceber a relação de dependência entre os caiçaras e a dependência dos mesmos com os recursos naturais. A partir de 1990, as questões ambientais contemporâneas influenciaram o desenvolvimento da análise dessa relação por meio de uma perspectiva mais abrangente, gerando a possibilidade da associação entre a conservação de alguns recursos naturais com os conhecimentos e as práticas dessas populações, por meio dos estudos desenvolvidos pela vertente da etnoconservação (BERKES, 1999: 17).

A etnoconservação, assim como outras ramificações da etnociência<sup>59</sup>, foi difundida principalmente por antropólogos e biólogos, que procuraram articular os conhecimentos gerados por estas duas áreas da ciência a fim de compreender as relações existentes entre homem e natureza, com maior consistência teórica. Entre esses pesquisadores, podem-se citar, entre outros, Willian Balée (antropólogo), Michael Balick (biólogo), Darrel Posey (antropólogo e biólogo), Antonio Carlos Diegues (antropólogo). Influenciada por alguns dos pressupostos da ecologia social e posicionando-se contrária à ecologia profunda, essa vertente direciona seu foco para as questões relacionadas às áreas naturais protegidas e as populações tradicionais, de modo que possibilita a inserção de uma nova perspectiva, sensível à percepção de que o manejo sustentado dos recursos naturais desenvolvidos por essas populações contribui para a conservação dos mesmos (ARRUDA & DIEGUES, 2001: 30; DIEGUES, 2000: 40).

*[...] baseada, entre outros pontos, na importância das comunidades tradicionais indígenas e não indígenas na conservação das matas e outros ecossistemas presentes nos*

---

<sup>59</sup> A etnociência exige a articulação entre o natural e o social, utilizando como metodologia a investigação das nomenclaturas designadas pelas populações tradicionais para os elementos e fenômenos naturais, assim como os valores culturais que transportam. Posey (1987: 15) indica que a partir dessa percepção se desenvolve a hierarquização desses elementos e fenômenos, na tentativa da organização de um sistema taxonômico contemplado por categorias cognitivas, relacionadas à percepção da natureza por meio da cosmologia (influência mítica sobre a visão da natureza, recursos e fenômenos naturais), dos conhecimentos (dinâmicas, relações e utilidades dos recursos naturais transmitidos por meio da tradição) e das práticas (a práxis entre o conhecimento e sua utilização como garantia da sobrevivência). O autor enfatiza que a etnociência envolve um volumoso intercâmbio entre culturas distintas e que a análise dos dados coletados carece de uma perspicácia capaz de envolver as limitações que os conhecimentos tradicionais carregam.

*territórios em que habitam. A valorização do conhecimento e das práticas de manejo dessas populações deveria constituir uma das pilstras de um novo conservacionismo nos países do Sul. Para tanto, deve ser criada uma nova aliança entre os cientistas e os construtores e portadores do conhecimento local, partindo de que os dois conhecimentos – o científico e o local – são igualmente importantes (DIEGUES, 2000: 42).*

É importante ressaltar que a existência do manejo sustentável dos recursos naturais, proporcionado por meio dos conhecimentos tradicionais dessas populações, não está vinculada a uma visão romântica da realidade (TOLEDO, 2000: 461). A idealização de que a relação das populações tradicionais com a natureza é harmoniosa e equitativa, está vinculada ao mito do “*bom selvagem*” (DIEGUES, 2008: 99; HOROWITZ, 1998: 372), também denominado por Almeida & Cunha (1999: 1) “*mito do ecologicamente bom selvagem*”.

Contudo, apesar da relação entre população tradicional e natureza não se radicar nessa visão romântica, ela também não pode ser colocada no outro extremo, como um agente determinante na destruição de áreas naturais, pois a contextualização entre população tradicional e natureza remete à necessidade de uma reflexão acerca da coexistência de ambas e os efeitos gerados, o que recentemente tem se transformado em objeto de estudos de várias pesquisas.

As ações que modificam o ambiente natural habitado procuram favorecer a disseminação de algumas espécies da fauna em detrimento de outras, de acordo com a utilidade que apresentam na dieta alimentar, por exemplo. Ou ainda pode-se citar o sistema itinerante de agricultura, que utiliza a queima e a diversidade de cultivos, originando mosaicos florestais, os quais podem ser considerados colaboradores ativos para o aumento do nível da diversidade biológica local.

*Agostinho- É como eu falei [pausa]: cateto, paca, tatu, tamanduá, essas caças miúdas, até mesmo o porco do mato, se não tiver capoeira, ele não vive [pausa]. Da onde que ele vai comer um milho? Então um passarinho vai comer um capim. Passarinho que come fruto de capim: que é tiriva, baitaca. [...]É tuim, é coleiro, curió. Esses passarinhos miúdo. Hoje você não vê mais, porque não tem o que ele comer. Pedra não enche [a barriga de]pássaro nenhum. Nós prantava, vamos dizer uma roçadinha de arroz, de um alqueire de semente. Um alqueire de semente, ou meio*

*alqueire, era o suficiente pra uma família, pra um pai de família que tinha 10 filhos passar o ano inteiro [pausa]. O resto, colhia só metade daquilo. O resto era tiriva, era baitaca, era o xoxó, era o coleiro, o tuim, periquito, era comida pra eles (ENTREVISTA REALIZADA COM AGOSTINHO, 46 ANOS).*

Cabe ressaltar que ações como essas são permeadas pelos conhecimentos tradicionais acumulados sobre o meio, que permitem que a resiliência<sup>60</sup> necessária para a continuidade do equilíbrio local não seja interrompida.

*Sob múltiplas estratégias de uso, produtores indígenas manipulam as paisagens naturais de maneira que duas características principais são mantidas e favorecidas: habitat e heterogeneidade, variação biológica e genética. [...] Esse mosaico representa o campo no qual os produtores indígenas, na condição de estrategistas multiuso, atuam no jogo da subsistência através da manipulação de componentes e processos ecológicos (incluindo sucessão florestal, ciclos de vida e movimento de materiais)<sup>61</sup> (TOLEDO, 2001: 460 – tradução da autora).*

Ainda hoje, a noção de que não é possível explorar demais os recursos naturais e continuar a utilizá-los no futuro persiste entre os caiçaras, apesar de ser possível observar transformações expressivas decorrentes da inserção de valores da sociedade urbano-industrial no cotidiano caiçara, o que ocorreu paralelamente à implantação de unidades de conservação na área habitada pelas populações caiçaras. Ainda que a essência dos valores transmitidos seja propagada, a intensidade das influências externas que atingiram as comunidades, acompanhadas por uma série de restrições impostas pela legislação ambiental, geraram alterações no modo de vida das famílias de Saco da Rita e Abacateiro.

*Seu Sebastião- [...] Aí eles sobreviviam. [pausa] Eles criaram nós mais com lavoura e carne do mato. Naquele tempo não tinha*

---

<sup>60</sup> Berkes e Folke definem resiliência como “capacity or the ability of a system to absorb perturbations; the magnitude of disturbance that can be absorbed before a system changes its structure by changing the variables and processes that control behavior” (1998: 6).

<sup>61</sup> “Under the multiuse strategy, indigenous producers manipulate the natural landscape in such a way that two main characteristics are maintained and favored: habitat patchiness and heterogeneity, and biological as well as generic variation. [...] This mosaic represents the field upon which indigenous producers, as multiuse strategists, play the game of subsistence through the manipulation of ecological components and processes (including forest succession, life cycles and movement of materials)”.



*proibição, né? Que eles eram quase índio, quase bugre. Papai, a raça de papai com mamãe, era quase bugre. [...] (ENTREVISTA REALIZADA COM SEU SEBASTIÃO, 43 ANOS).*

A implantação das unidades de conservação de proteção integral sobre as áreas das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro é um dos fatores responsáveis pela alteração do conteúdo transmitido entre os caiçaras. Sem considerar o modo de vida local que se manteve em equilíbrio com o meio ambiente durante as gerações passadas, quando a população cuidava do lugar a fim de garantir a própria sobrevivência futura, o Estado impôs restrições que não consideraram nem os conhecimentos tradicionais da população nem a relação entre as famílias caiçaras e seus territórios.

*Durante uma conversa na cozinha da casa da família de Agostinho, ele, Agnaldo e Luiz defenderam a idéia de que antes cuidavam do meio ambiente da região porque o local era considerado uma propriedade deles. E afirmaram que, depois que o IBAMA e o IAP desrespeitaram seus direitos e impuseram proibições sobre os seus modos de vida, ninguém cuida da região atualmente. A situação ainda conta com o agravante de pessoas que moram em outros lugares, como Curitiba, e se dirigem para a região a fim de realizar atividades ilegais como a caça e a retirada de madeira e que estas ações não podem ser impedidas pelos caiçaras (PESQUISA DE CAMPO, 12/09/09).*

Se anteriormente as atividades extrativistas eram conduzidas por saberes específicos, os quais carregavam uma série de classificações e regras para o manejo do meio ambiente local, adquiridas diariamente por meio das relações sociais estabelecidas entre os caiçaras mais velhos e os jovens, a inserção da legislação ambiental pode ser caracterizada como um obstáculo na transmissão desses conhecimentos. Uma vez que as atividades tradicionais de subsistência são consideradas criminosas, ensinar a uma criança os períodos nos quais é possível caçar determinadas espécies, ou como realizar uma queimada para plantar uma roça é como ensiná-la a cometer um crime.

*Bárbara- E como você sabe que aquele palmito está bom pra cortar?*

*Douglas- Tem que tá grosso assim. [pausa] Grande.*

*Eder- Vende. O pequeno não presta. Porque é pequenininho.*

*Bárbara- Ele é ruim?*

*Douglas- Porque eles cortam pra vendê também. Lá em Guaraqueçaba.*

*Bárbara- Pra vender tem que vender lá em Guaraqueçaba?*

*Douglas- Vem aqui. É um rapaz que eles cortam palmito, daí o rapaz passa assim de noite.*

*Eder- Pega de carro.*

*Douglas- Aí vem do Sebuí, pega alí vem e daí ele vai lá pro Ariri. Chega lá no Ariri, chega o Rangel.*

*Eder- Com o carro dele.*

*Douglas- Daí pega o palmito e leva.*

*Bárbara- Tem que ser de noite isso?*

*Douglas- Saem daqui na boca da noite e chegam lá em 3h. [pausa] Umas 11h.*

*Bárbara- Por causa da Força Verde [Polícia Florestal no Estado do Paraná]?*

*Douglas- A Força Verde.*

*Bárbara- Se a Força Verde pegar já era?*

*Douglas- Perde barco, perde tudo.*

*Eder- Perde tudo.*

*Bárbara- E você não fica com medo de cortar palmito por causa da força verde?*

*Eder- Não.*

*Bárbara- E se ela te pegar?*

*Eder- Pegô, pegô!*

*Douglas- Vai pro meio do mato aqui (ENTREVISTA REALIZADA COM DOUGLAS, 13 ANOS E ÉDER, 8 ANOS).*

As crianças observam a realização dessas atividades pelos mais velhos e aprendem como realizá-las. Entretanto, esse aprendizado não abrange os valores, regras e conhecimentos tradicionais que deveriam fundamentá-las. Essa situação é agravada pelas restrições de acesso aos recursos naturais, que impedem o desenvolvimento da maior parte das atividades de subsistência e resultam na necessidade de compra dos gêneros alimentícios, inserindo a lógica do mercado nas comunidades, que passam a buscar fontes geradoras de renda que se sobrepõem à proteção e à resiliência necessária ao meio ambiente local.

*Agostinho- Você tendo arrozinho aí pra você comer, o feijão pra você comer aí, do quintal, a batata, o cará o inhame aí no quintal aí, você vai perder tempo é, arriscar a vida em uma gruta aí, tirando palmito. Uma vez, até levar um tiro, qualquer coisa aí. O povo vai porque é obrigado, a necessidade obriga. O que que o povo vai fazer pra viver? Foi o que gente falou há pouco. Tem um salarinho, tem que ficar catando alguma ostrinha, um peixinho.*

*Vendendo, dando por um pouco mais de nada por aqui. Você vai daqui até Paranaguá por causa de 10 quilos de peixe? Vender lá? Não compensa! Você vai lá vender o quilo do parati por R\$ 1,50, vai comprar óleo diesel a R\$ 1,00 quase R\$ 2,00. Dois e pouco tá o diesel né? Agora R\$ 2,50. Daqui lá você vai gastar 15, 20 de diesel de ida e volta. Isso pra não gastar nada. 15 litro de diesel a R\$ 2,50 vezes, quanto vai dar. Agora você leva 30 quilos de parati vai dá [pausa] a R\$ 1,50. Você veja bem o lucro. Então você prefere ficar aqui catando uma ostra, ganhando uma merreca aqui, que male mal dá pra comprar o café, como se diz. Argum atravessador que vem comprar seu peixe, pagam o que bem quer. Pagam às vez bem, outras vez já vai mancando. Outra vez já leva, num paga, como sempre acontece aqui (ENTREVISTA REALIZADA COM AGOSTINHO, 46 ANOS).*

O manejo dos recursos naturais pelas populações tradicionais é permeado pela necessidade de uma utilização coerente com a resiliência desses recursos (ALMEIDA & CUNHA, 1999: 1), sendo uma das poucas práticas humanas atuais que consegue se caracterizar como sustentável.

Entretanto, as alterações no modo de vida dessas populações, decorrentes da imposição da legislação ambiental nos seus territórios, influenciaram a relação entre os caiçaras e a natureza, pois não consideraram que a necessidade do uso limitado dos recursos naturais se configura como um requisito para a perpetuação das populações tradicionais nos ambientes nos quais estão inseridas, ao mesmo tempo em que a diversidade biológica das áreas nas quais essas populações estão presentes depende da continuidade do manejo tradicional dos recursos.

Além das mudanças ocorridas em função da implantação das unidades de conservação sobre seus territórios, o modo de vida tradicional das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro também esteve sob uma série de influências da vertente religiosa que passou a desenvolver seus trabalhos na região<sup>62</sup>.

Ainda que as restrições colocadas pela doutrina adotada por essa vertente religiosa não seja o alvo das discussões que se seguem, é importante considerar as influências geradas sobre o modo de vida tradicional da população caiçara estudada, uma vez que as mesmas refletem na transmissão dos saberes que contribuem para o manejo tradicional dos recursos naturais.

---

<sup>62</sup> A Congregação Cristã no Brasil comunidade religiosa cristã de origem norte-americana que vem se estabelecendo no país desde 1910 (informações disponíveis no site oficial: [www.cristanobrasil.com](http://www.cristanobrasil.com)).

A presença constante da mata e do mar na vida caiçara permitiu o desenvolvimento de um manejo específico dos recursos naturais, baseado em conhecimentos tradicionais elaborados com o auxílio da herança indígena e regulados pelos mitos e lendas difundidos pela tradição oral. Diegues e Arruda (2001: 26) asseguram que são a partir dos mitos e lendas que a população age com o meio natural e desenvolve seus sistemas tradicionais de manejo.

A presença desses “*elementos culturais regulatórios*” pode ser percebida no decorrer de atividades como a pesca, uma vez que regulam a confecção dos apetrechos, as saídas para o mar, períodos de pesca, assim como o próprio produto desta atividade, através das lendas que prometem castigos àqueles que desrespeitam a natureza e pescam além do que necessitam.

Em relação à caça, por exemplo, a lenda do ‘Pai do Mato’ (que recebe outros nomes, dependendo da região), impõe regras para as pessoas que se aventuram nas florestas, a fim de que as mesmas respeitem e cuidem da natureza ou, caso contrário, o ‘Pai do Mato’ aparecerá para castigar ou assustar, por exemplo, um caçador que desrespeita animais com filhotes, ou outro que derruba árvores sem necessidade:

*“Então tem a história que o cara foi pro mato caça né? O cachorro acuou um pouco de porco e ele pegou e mato tudo né. Daí chego ele. (O Pai da Mata) Falou assim: Por que você matou tudo esta caçarada? Você tem que levá só um. Mas que isso aí, você não vai levar. Aí disse que puxou um cachimbão assim, deu numa fumaçada que tapou tudo. O cara caiu. Daí quando ele acordou-se, só tinha um porco. O resto tinha vingado tudo” (LIMA In: DIEGUES, 2006:360).*

Cabe ressaltar que esses elementos estão presentes no cotidiano das comunidades caiçaras, desde os fundamentos da educação que a criança recebe no seio da família até o exercício das atividades necessárias para o sustento, de modo que integram a relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade entre os caiçaras e a natureza, fato que se apresenta como causa direta da conservação dos recursos naturais das localidades nas quais se encontram essas comunidades, designando uma função ecológica aos mesmos.

*A prudência quanto à natureza da inserção funcional do brejeiro no complexo ecossistema, justifica-se inclusive pelas relações altamente conflitivas, evidenciadas quando da análise das interações Homem/animal. Não obstante, mesmo em relação a*

*recursos animais, há evidência de funções latentes protetoras capazes de contribuir para evitar a “tragédia”, tanto em mitos, quanto em crenças e outros memes, os quais, passados transgeracionalmente boca-a-boca de forma deliberada, geram um tipo de interação Homem/Homem que, além de estender-se vertical e horizontalmente entre congêneres, possivelmente estende-se de forma multidimensional, conferindo inconscientemente imunidade relativa a certos bichos (MARQUES, 2001:161).*

As lendas e mitos que integram o conjunto dos elementos culturais regulatórios são importantes ferramentas para a proteção da área de Floresta Atlântica na qual estão localizadas as comunidades de Saco da Rita e Abacateiro. No entanto, as restrições religiosas interferem nas transmissões de saberes que dependem desses elementos para serem propagados, criando uma amplitude de obstáculos, ou mesmo de impedimentos, para a internalização de importantes conhecimentos pelas crianças, os quais estão intimamente relacionados com o manejo dos recursos naturais e consequente conservação do meio ambiente local<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> Ao apontar a existência de mudanças no modo de vida tradicional, resultantes de restrições religiosas, não se pretende abranger toda a complexidade desse assunto, mas sim, apontar possibilidades para a realização de novas pesquisas, assim como analisar superficialmente as mudanças que ocorrem na transmissão dos saberes entre os caiçaras.

## 7. CRIANÇA CAIÇARA: O CRESCER ENTRE O MATO E O MAR

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”  
(PAULO FREIRE, 1987).*

Em *“O pensamento selvagem”* (1989), Lévi-Strauss caracteriza os conhecimentos das populações tradicionais como elementos que compõem a *“ciência do concreto”*. O autor faz a distinção entre a ciência ocidental moderna e a ciência do concreto considerando que enquanto aquela possui um objeto para investigação definido que tem como finalidade a satisfação das necessidades humanas, a outra apresenta uma atitude científica que busca o conhecer pelo conhecer. Assim como na ciência ocidental moderna, a ciência do concreto está fundamentada em constatações empíricas:

*Como na linguagem profissional, a proliferação conceptual corresponde a uma atenção mais firme, em relação às propriedades do real, a um interesse mais desperto para as distinções que aí podem ser introduzidas. Este apetite de conhecimento objetivo constitui um dos aspectos mais negligenciados do pensamento daqueles que nós chamamos de “primitivos”. Se é raramente dirigido para realidades do mesmo nível que aquelas as quais se liga a ciência moderna, implica diligências intelectuais e métodos de observação semelhantes. Nos dois casos, o universo é objeto de pensamento, ao menos tanto quanto meio de satisfazer necessidades (LÉVI-STRAUSS, 1989: 21).*

Ao lado do reconhecimento desses pontos em comum, admite-se que uma das diferenças primordiais entre o conhecimento produzido pelas sociedades orais e pelas sociedades letradas se refere principalmente ao modo de transmissão empregado, uma vez que, como aponta Lenclède (1994: 39), enquanto essa última utiliza a escrita, a primeira se baseia na oralidade como ferramenta para a transmissão e continuidade dos conhecimentos.

A adoção da oralidade como meio de difusão de conhecimentos tradicionais torna possível a afirmação de que as comunidades caiçaras apresentam a educação informal como principal mecanismo de transmissão dos valores, signos e saberes específicos sobre o

meio local. São os conhecimentos transmitidos durante o cotidiano das comunidades, por meio das relações sociais estabelecidas entre adultos e crianças, assim como entre as próprias crianças, que garantem a inserção do indivíduo no grupo social, proporcionando também a aquisição dos saberes necessários para a sobrevivência no local.

### **7.1. Conhecimentos tradicionais: entre o ensino e o aprendizado**

A associação das características das populações tradicionais, principalmente no que se refere à utilização dos recursos naturais e ao processo oral de transmissão, são partes constituintes do conhecimento dessas populações, que segundo Arruda & Diegues (2001:31), é composto pelo “conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente, de geração em geração”.

A construção dos conhecimentos tradicionais tem vasta relação com o ambiente físico e social habitado por essas populações (Schmidt, 2001: 73). Allut (2001: 113) exemplifica esta relação ao expor alguns elementos provenientes dos conhecimentos que pescadores detêm sobre o meio marítimo, com o intuito de demonstrar que o conhecimento tradicional depende da junção entre os “saberes dos antigos” com o cotidiano dos mesmos, exigindo uma série de percepções e práticas necessárias para o sucesso da pesca e mesmo para a sobrevivência do pescador.

*Desse modo, o conhecimento, além de estar ligado a um savoir-faire, como um ter jeito, relaciona-se com uma rede conceitual de conhecimentos espaciais e ambientais tão ou mais essenciais que na cultura manual e técnica. Tudo isso surge de um processo que pressupõe um sujeito cognitivo em constante interação entre o trabalho mental e manual, e entre este e seu entorno (ALLUT, 2001: 113).*

Para Cunha (1999: 156), a interdependência entre os “saberes dos antigos” e o cotidiano das populações conduz à compreensão dos conhecimentos tradicionais como “produtos históricos”, constituídos pela continuidade e transformação dos seus conteúdos. A inserção desses elementos na composição dos conhecimentos tradicionais coloca a transmissão oral como um dos pontos imprescindíveis para o processo de produção dos mesmos e demonstra a intensa conexão que existe entre as características das populações tradicionais e seus respectivos conhecimentos com o mecanismo de difusão utilizado.

Cunha (1999: 156) salienta que os conhecimentos tradicionais podem ser caracterizados como “[...] *uma combinação de pressupostos, formas de aprendizado, de pesquisas e de experimentação*”.

Esses aspectos permitem considerar que os conhecimentos tradicionais não se limitam ao conteúdo, bem como o processo de transmissão não pode ser entendido como um transporte de informações, pois ambos são dependentes do contexto no qual se propagam (BECQUELIN, 1992: 34; ELLEN, 1997; MELLO, 2008: 44; TOLEDO, 2001: 458).

Ao articular as características das populações tradicionais e a produção dos seus conhecimentos, tornam-se perceptíveis as relações de dependência entre ambos e a dependência dos mesmos com os recursos naturais. As atividades que garantem a subsistência das famílias caiçaras são desenvolvidas nas áreas de floresta Atlântica e de estuário, próximas às comunidades. Essas áreas também são os locais em que as crianças passam a maior parte do tempo, onde realizam as brincadeiras e os jogos, participam de atividades realizadas pelas pessoas mais velhas, de modo que adquirem os conhecimentos tradicionais que são transmitidos oralmente, sempre em constante interação com o meio ambiente local.

## **7.2. Infância caiçara e as brincadeiras de crianças**

A observação constante de crianças brincando, em grupos ou individualmente, conduz a reflexões sobre o significado do ‘brincar’ no processo de desenvolvimento do indivíduo. Percebe-se que durante o brincar, a aprendizagem da criança integra-se à linguagem infantil e ao seu contexto sócio-cultural. Esse aspecto qualifica as brincadeiras como ferramentas que contribuem e enriquecem o processo de desenvolvimento, uma vez que permitem que o sujeito desenvolva relações sociais e experimente comportamentos, ações e percepções sem medo de represálias ou fracassos.

*Vygotsky já havia depreendido de suas investigações que as características ou elementos fundamentais da brincadeira são: a situações imaginárias, a imitação e as regras. Contrapondo-se à concepção da brincadeira como fonte de prazer para a criança ou como instinto natural, indicava a importância de se descobrir quais as necessidades que a criança satisfaz na brincadeira, para*



*que seja possível apreender a peculiaridade da brincadeira como uma forma de atividade (CERISARA In: KISHIMOTO, 2002: 129).*

Enquanto uma atividade que não se retém a geração de prazer para a criança, a brincadeira exerce papel importante nos processos de aprendizado e desenvolvimento do indivíduo. As brincadeiras permitem à criança ser sujeito ativo das ações associadas ao seu crescimento, uma vez que as mesmas são assinaladas como atividades que dependem da ação da criança para acontecerem, desde a elaboração até a sua finalização. Kishimoto (*In: KISHIMOTO, 2002: 150*) ainda assegura que as brincadeiras integram o processo de construção dos primeiros conhecimentos e é por meio delas que *“a criança aprende a se movimentar, a falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas”*.

A criação das brincadeiras pode ser configurada como um *“ato social”* dependente do contexto no qual acontece, das interações sociais instituídas, da interpretação da realidade e posterior estabelecimento de significados (DIAS In: FARIA, 2005: 94). Ao relacionar a brincadeira infantil com o contexto social adulto, torna-se possível afirmar que ela *“produz uma cultura (um conjunto de significações) específica e ao mesmo tempo é produzido por uma cultura”* (BROUGÈRE In: KISHIMOTO, 2002: 29).

A tênue linha entre a realidade e as brincadeiras infantis reflete -\_se nas brincadeiras chamadas faz-de-conta (igualmente conhecidas como simbólicas, de representação de papéis ou sócio-dramáticas), baseadas na realidade percebida ou vivenciada pelas crianças:

*Encontram-se brincadeiras do tipo “papai e mamãe” em que as crianças dispõem de esquemas que são uma combinação complexa da observação da realidade social, hábitos de jogos e suportes materiais disponíveis (BROUGÈRE In: KISHIMOTO, 2002: 19)*

Entre as brincadeiras das crianças caiçaras das comunidades envolvidas nesta pesquisa, percebe-se que a constante reprodução da realidade adulta, que é posterior à observação e interpretação dos fatos pelas crianças, ações que são responsáveis pela construção de uma cultura própria, baseada em seus conhecimentos particulares e nas relações estabelecidas entre as próprias crianças (CORSARO, 2002: 114). Bougère (*In: KISHIMOTO, 2002: 21*) acrescenta que a relação da brincadeira com a realidade é de dependência e pondera a brincadeira como um *“produto cultural”*, que é elaborado a partir

da interpretação da realidade circundante e recebe significações de acordo com a cultura do grupo social no qual é desenvolvido.

Nas comunidades de Saco da Rita e Abacateiro, a maior parte das brincadeiras realizadas pelas meninas reproduz as atividades do lar, desempenhadas pelas mães e mulheres mais velhas (Figura 22). Os meninos, por sua vez, desenvolvem brincadeiras que imitam atividades de caça e pesca, que na maior parte das vezes são típicas dos adultos do gênero masculino.



Figura 22: Meninas brincando de “cozinhar”.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira

*Agostinho- Nosso brinquedo era brincadeira de porco do mato na capoeira de noite. [pausa] Sai cinco pra cá, cinco pra lá, cinco pra lá. Dez era porco, dois era caçador e três era o cachorro. Saía por lá no caiteiro. [pausa] Aquilo lá era tudo limpo por baixo, capoeirado. Noite de luar, levava a noite inteira brincar. Pra lá*

*uma partida e outro chega lá e “pooow!” [som de tiro de arma de fogo] Aquele que morria já virava cachorro pra acoar pros outros. [pausa] Era nosso brinquedo. [risos] Chegava lá na frente ou outro batia no coração, cercava o cara que tava lá e o outro chegava lá e “pooow!” [som de tiro de arma de fogo]: matava aquele. Aquele que morria já virava cachorro pra acoar os outros. E brincava com canoinha no rio. Canoa a motor, bote, nós fazia (ENTREVISTA REALIZADA COM AGOSTINHO, 46 ANOS).*

Agostinho descreveu uma brincadeira repetida diversas vezes por ele em conjunto com as crianças que integravam seu grupo social da infância, demonstrando a reprodução de uma atividade de subsistência constantemente desenvolvida pelos adultos do sexo masculino. Essa brincadeira envolvia as relações sociais entre as várias crianças participantes, de modo que possuía regras específicas que possibilitavam a sua realização. A existência de regras nas brincadeiras infantis remete à caracterização das mesmas como um produto da cultura de um grupo específico.

*As situações imaginárias criadas pela criança quando ela brinca estão interligadas com a capacidade de imitação, além de trazerem consigo regras de comportamento implícitas, advindas das formas culturalmente constituídas de os homens se relacionarem e com as quais as crianças convivem (CERISARA In: KISHIMOTO, 2002: 130 - grifos do original).*

Por essa perspectiva, considera-se que as crianças estabelecem as regras a partir dos valores e significados que são transmitidos por meio das relações sociais estabelecidas com os demais indivíduos das comunidades. Essas relações, associadas às peculiaridades do ambiente físico no qual as crianças caçaras convivem, imprimem particularidades a todo o processo de desenvolvimento e socialização do indivíduo.

A realidade que circunda as crianças caçaras é refletida, por exemplo, nas brincadeiras individuais, como evidencia a imagem da Figura 23, demonstrando a interação que existe entre as crianças e a realidade local, percebida e apreendida em seus diversos detalhes, observados durante o cotidiano e reproduzidas em brincadeiras diversificadas:

*Próximo ao campinho de futebol, Adrianinho brincava em uma área entre a mata e o campinho, coberta por folhas de caetê. Adrianinho pegou o caule de uma folha de caetê e utilizava-o como*

*espingarda, enquanto caminhava entre as folhas, em busca de pacas para caçar. Cada vez que ele encontrava uma paca, imitava o barulho de um tiro de espingarda [pow].*

*Bárbara- Cadê a outra paca?*

*Adrianinho- Tá aqui!*

*Bárbara- Com o que você vai matar a paca?*

*Adrianinho- Tá aqui a paca!*

*Bárbara- Essa é tua espingarda?[apontando para o caule da folha de caeté]*

*Adrianinho- É!*

*Bárbara- Mas cadê a paca?*

*Adrianinho- Aqui!*

*Bárbara- Você já atirou na paca? É grande ou pequena?*

*Adrianinho- Grande. [pausa] Grande! Uma, duas pacas!*

*Adrianinho pegava troncos podres de árvores e trazia-os do mato, carregando-os como se fossem caças (ENTREVISTA REALIZADA COM ADRIANINHO, 3 ANOS).*



Figura 23: Edilberto brincando de cortar lenha com o facão, enquanto os adultos trabalhavam no plantio de arroz.

Créditos: André Esquivel.

A observação da realidade e posterior reprodução da mesma nas brincadeiras infantis integram o processo de ensino e aprendizagem das crianças caiçaras das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro. Brandão (1984b: 19) qualifica as brincadeiras como ferramentas que integram o processo de socialização do indivíduo, uma vez que transmitem significados e regras, necessários para a participação no grupo social (CORSARO, 2002: 114).

Nesse sentido, Brandão ainda aponta que:

*Em sua essência, os jogos com que os meninos brincam, raramente sob o controle de algum adulto, são imitações adequadas da conduta social do jovem e do adulto. Uma seqüência de atos de imitação diferenciada conduz ao aprendizado de tarefas necessárias à vida da comunidade (BRANDÃO, 1985: 121).*

Além de integrarem o processo de socialização das crianças caiçaras, as brincadeiras também podem ser caracterizadas como um mecanismo de ensino e aprendizagem que garante a sobrevivência do futuro adulto no local. Em ambas as gerações envolvidas nesta pesquisa, o importante papel que as brincadeiras desempenham na relação desenvolvida entre os caiçaras e o meio ambiente local é perceptível.

*Bárbara- Vocês brincavam tudo junto?*

*Dona Alzira- Tudo!*

*Bárbara- Tudo solto no mato?*

*Dona Alzira - Tudo solto no mato. [risos]*

*Bárbara-- E não se perdiam?*

*Dona Alzira - Não! Ia pelo caminho, pelo mato, nós sabia de tudo né?!*

*Bárbara- Mas quem ensinava?*

*Dona Alzira - Eu mesmo! Porque o pai ia pro serviço trabalhar com a nossa mãe, nós ia pra mato brincar. Às vezes eles chegavam em casa procurava nós, nós não tavam. Tava pro mato. [pausa] Brincar! [risos] Era engraçado, fazia armadilhas, arapuca e coisa assim, né?! (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

*Bárbara - E tua mãe deixa você andar pelo mato sozinho? Ela não tem medo que você se perca?*

*Douglas- Não! É melhor correr pelo caminho.*

*Bárbara - Mas e quando a gente sobe lá pro mato?*

*Douglas- Mas a gente sobe pelo caminho.*

*Bárbara - Mas a tua mãe não tem medo que você se perca?*

*Douglas- Não.*  
*Bárbara - Você não tem medo de se perder?*  
*Douglas- Não.*  
*Bárbara - E se você pegar um caminho errado?*  
*Douglas- Eu volto pelo mesmo caminho!*  
*Bárbara - E como você sabe que está no mesmo caminho?*  
*Douglas- Porque eu entrei pelo caminho.*  
*Bárbara - Você não tem medo de se perder?*  
*Douglas- Não.*  
*Bárbara - E ontem que a gente entrou naquela 'carrasqueira'*  
*[área com muita vegetação baixa, que dificulta a locomoção], não*  
*tinha caminho. [pausa] Você não ficou com medo?*  
*Douglas- Não. [pausa] Erenilson entrou lá. [pausa] Muito sujo.*  
*[pausa]*  
*Bárbara - E se escurece?*  
*Douglas- Se escurece fica lá. [pausa]*  
*Bárbara - Dorme lá?*  
*Douglas- É!*  
*Bárbara - E os bichos?*  
*Douglas- Não tem bicho.*  
*Bárbara - E a cobra?*  
*Douglas- Mas eles não chegam perto da gente.*  
*Bárbara - Por que não?*  
*Douglas- Porque eles tenham medo do homem.*  
*Bárbara - Por que?*  
*Douglas- Porque eles tenham medo que matem ele.*  
*Bárbara - Até a onça?*  
*Douglas- Até a onça!*  
*Bárbara - Achei que a onça não tinha.*  
*Douglas- Mas ela tem. [pausa] Um pouco. (ENTREVISTA*  
*REALIZADA COM DOUGLAS, 13 ANOS).*

A interação entre as crianças e o meio ambiente local é proporcionada pelas brincadeiras, responsáveis por desencadear uma relação de ampla familiaridade, ao mesmo tempo em que proporciona a aquisição de conhecimentos específicos, transmitidos entre as próprias crianças. Como a floresta Atlântica faz parte do cotidiano, as crianças se socializam por meio dos elementos que compõem este bioma, encarados com familiaridade e percebidos como integrantes do 'quintal de casa'. Este aspecto pode ser percebido no desenho EDER 13 (Figura 24), no qual o autor retrata a realidade em seu entorno por meio do desenho do pequeno rio de pedras, que tem sua nascente na serra e antes de alcançar o mar divide a comunidade de Saco da Rita, de modo que é utilizado como base para muitas brincadeiras diárias das crianças. O desenho também reproduz parte da mata e alguns animais silvestres presentes na região.

Os elementos da composição EDER 13 demonstram a intensa relação existente com o meio ambiente local e estão presentes em todo o processo de desenvolvimento da criança. Em ERENILSON 04 (Figura 25), o cenário em que as crianças caiçaras convivem diariamente também é reproduzido, por meio de desenhos de espécies da vegetação existente no local, como o pé de banana prata (*Musa balbisiana*) e o palmito juçara (*Euterpe edulis*), ao lado da casa de Dona Alzira (avó de Erenilson) e do caminho que conduz até ela.

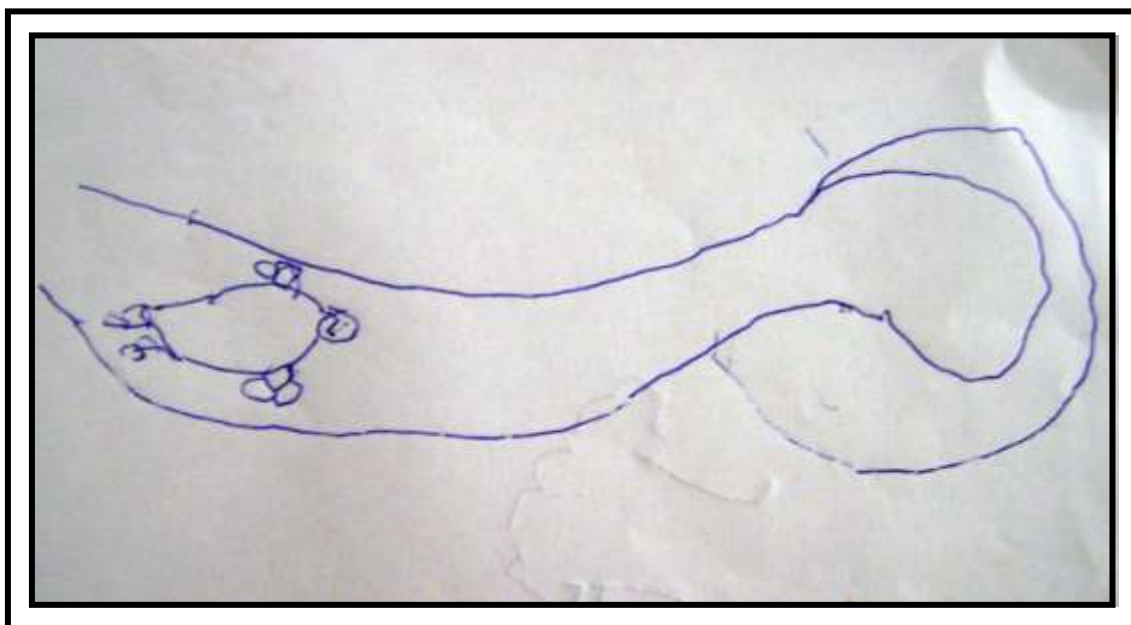


Figura 24: EDER 13. Desenho retrata o rio que corta a comunidade de Saco da Rita, uma paca e Éder nadando no rio.

Autor: Eder.



Figura 25: ERENILSON 04. Desenho retrata um pé de palmito, um pé de banana, a casa de Dona Alzira, o caminho para a casa de Dona Alzira e uma formiga comendo uma folha.

Autor: Erenilson.

O contexto pode ser considerado um dos aspectos fundamentais para o desenvolvimento da criança caiçara, pois exerce influência direta durante todo o processo, ao lado das características de cada indivíduo, que atua como sujeito, construindo significações fundamentadas nas observações e nas relações sociais nas quais o mesmo está envolvido (BROUGÈRE In: KISHIMOTO, 2002: 29). As brincadeiras infantis são criadas a partir do contexto que envolve a criança, que captura elementos de experiências “ouvidas” e “vividas”, interpretando e reproduzindo os mesmos por meio das brincadeiras.

*Para a Psicologia Sócio-Histórica, a essência da vida humana é cultural e não-natural, portanto o fato de as crianças estarem reunindo estes personagens, que, em nossa cultura, ocupam*



*diferentes espaços em um novo campo de significados, pode ser explicado pela presença de um impulso criativo que possibilita realizar novas combinações a partir de elementos extraídos da realidade. Isso acontece porque tanto a atividade lúdica quanto a atividade criativa surgem marcadas pela cultura e mediadas pelos sujeitos com quem a criança se relaciona. Em outras palavras, as crianças só puderam criar esta nova síntese porque, em sua experiência anterior já conheciam todos os elementos envolvidos, sem o que não teriam podido inventar nada (CERISARA In: KISHIMOTO, 2002: 125).*

As atividades de subsistência participam do cenário que envolve as brincadeiras das crianças caiçaras, que muitas vezes coexistem no mesmo espaço ou são transformadas em uma única atividade, que concomitantemente cumpre com as obrigações necessárias para o sustento da família e recebe significações lúdicas (PESQUISA DE CAMPO, 13/09/09). As crianças convertem o trabalho em brincadeiras por meio de provocações, disputas e distrações, atribuindo à atividade novas características que mesclam a percepção infantil acerca do mundo com ações que infiltram um caráter prazeroso.

Algumas atividades lúdicas são igualmente transformadas em trabalho, ou seja, a consequência da atividade ultrapassa o prazer do indivíduo, pois gera outros produtos que, na maioria das vezes, são utilizados para a subsistência. Porém, a conversão da brincadeira em trabalho não sucede de maneira consciente: por meio das brincadeiras, as crianças adquirem um produto final concreto (peixe, caça, palmito) que é consumido por elas e pelo restante da família, ainda que a brincadeira continue a ser percebida apenas como uma brincadeira (Figura 26).

*Dona Alzira- Porque o pai ia pro serviço trabalhar com a nossa mãe, nós ia pra mata brincar. Às vezes eles chegavam em casa procurava nós, nós não tavam. Tava pro mata [pausa] Brincar! [risos] Era engraçado, fazia armadilhas, arapuca e coisa assim né!*

*Bárbara- Brincava e trabalhava?*

*Dona Alzira- Brincando e trabalhando, né? [risos] (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS)*

*Douglas- Agora sim eu peguei: ó! [mostrando o peixe capturado, em seguida, Douglas apertou o peixe próximo às brânquias]*

*Bárbara- Aperta aí para matar o peixe?*

*Douglas- [resposta afirmativa]*

*Bárbara- Qual é essa?*

*Douglas- Piaba raiada.*

*Erenilson- Não presta pra comer!*

*Bárbara- Por que?*

*Erenilson- Porque ela tem um leite dentro. Só pode comer a piaba branca.*

*Bárbara- E qual você pegou Douglas?*

*Douglas- A raiada. Mas jogamos [interrupção de Éder]*

*Eder- Joguemo pra dentro da panela! (ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A OBSERVAÇÃO DA PESCARIA NO RIO VERMELHO, EM 25/10/2010).*



Figura 26: Erenilson mostra o peixe capturado.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira

Os conhecimentos adquiridos por meio da observação e da participação nas atividades dos adultos são colocados em prática durante as brincadeiras, como o “mãe-se-esconde”. Realizada na área de floresta próxima as casas, essa brincadeira demanda que as crianças corram em busca de esconderijos entre a vegetação, o que geralmente fazem sem

calçados (Figura 27). Ao entrar na mata, as crianças reconhecem os perigos existentes na floresta, assim como os cuidados necessários.



Figura 27: Brincadeira de “mãe-se-esconde” (esconderijo na copa de uma árvore localizada na encosta do morro próximo às casas).

Créditos: Douglas.

*Bárbara- Do que você brinca lá? De pique, mãe pega, esconde-esconde?*

*Edilberto- [afirmativa para esconde-esconde]*

*Bárbara- Você brinca lá no morro de esconde-esconde? Onde é teu esconderijo preferido?*

*Edilberto- Atrás!*

*Bárbara- Atrás da onde?*

*Edilberto- Atrás do morro.*

*Bárbara- Você não tem medo de ir lá?*

*Adrianinho- Tem paca lá!*

*Bárbara-Ela morde?*

*Adrianinho- Morde.*

*Bárbara- E o que mais que tem lá?*

*Adrianinho- Mato.*

*Edilberto- Porco.*

*Bárbara- E você não tem medo de andar lá?*

*Edilberto- [afirmativa] (ENTREVISTA REALIZADA COM EDILBERTO, 5 ANOS).*

Os conhecimentos sobre os perigos na mata são transmitidos entre as crianças, que procuram alertar as demais durante as brincadeiras, ou seja, o aprendizado ocorre na prática, em decorrência da necessidade que existe de evitar situações de risco, como a picada de uma cobra peçonhenta. No entanto, é importante ressaltar que essa transmissão de saberes ocorre sem a finalidade de ‘ensinar’, pois muitas vezes, a responsabilidade sobre as crianças mais novas é direcionada para as crianças mais velhas do grupo.

*Eder- Aqui não tem nada. [pausa] Vou subir lá pra cima. [pausa]*

*Aqui não tem peixe!*

*Douglas- Ah não! E o que é isso que a gente tá pegando?*

*Eder- Só que. [pausa] O meu anzol tá ruim!*

*Erenilson- tá ruim? Ta ruim. [pausa] Tem onça ali!*

*Bárbara- Por que você assustou ele?*

*Erenilson- Porque [pausa] Porque [pausa] Porque ele sim!*

*Bárbara- Tem onça mesmo ali?*

*Douglas- Não tem. [pausa] Imagine se tivesse!*

*[Eder não subiu o rio, continuou tentando pescar no local onde estavam Erenilson e Douglas] (ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A OBSERVAÇÃO DA PESCARIA NO RIO VERMELHO, EM 25/10/2010).*

Ao transmitir conhecimentos peculiares ao meio ambiente local, as crianças mais velhas ensinam as demais, incluindo esse processo na categoria informal da educação<sup>64</sup>. O alerta “*Tem onça ali!*” transmite oralmente um saber acerca da presença nas proximidades da onça-pintada (*Panthera onca*), espécie de mamífero frequentemente avistada e temida na região. Ao mesmo tempo, o sentimento de medo vinculado ao alerta de Erenilson procura proteger o irmão mais novo, pelo qual é responsável na ausência dos pais ou de outros adultos. Essa transmissão de conhecimentos entre as crianças, concomitante à responsabilidade designada às crianças sobre as demais crianças, são recorrentes das gerações anteriores:

---

<sup>64</sup> As reflexões sobre educação informal foram descritas no quarto capítulo deste trabalho.

*Bárbara- E quando você era criança, você também andava assim?[referente a andar pela mata]*

*Ilza- Era muito difícil sair de casa. [pausa]*

*Bárbara- Eram mais seus irmãos que saíam?*

*Ilza- Eles que trabalhava mais no mato.[pausa] Só quando era pra roça, que daí meus pais iam, daí eu ia pra tomar conta dos pequenos na roça. [pausa] Fazia uma barraquinha na roça pra gente ficar. [risos]*

*Bárbara- Daí vocês ficavam brincando lá?*

*Ilza- Ficava brincando lá. [pausa] Até de tarde quando terminava o serviço. [pausa] Só depois que nós ficamos sem nosso pai, que ele faleceu, que daí nós começamos a trabalhar no serviço pesado. [pausa] Fazer roça, ajudar minha mãe (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

O estabelecimento de um paralelo entre as brincadeiras desenvolvidas pelo grupo social da infância da geração adulta atual e aquelas das crianças de hoje possibilita afirmar que em ambas as gerações as brincadeiras que reproduzem a realidade adulta possuem semelhanças, pois são desenvolvidas baseadas em um mesmo contexto físico. E, apesar da cultura caiçara local ter sofrido diversas alterações decorrentes da criação das unidades de conservação na área, muitas características ainda são preservadas, inclusive aquelas que se referem às atividades de subsistência, como se percebe no relato de Agostinho<sup>65</sup>, na observação da brincadeira de Adriano<sup>66</sup> e nas fotografias abaixo. A figura 28 registra o momento em que Eder brincava de “caçar” pela mata e o arco criado com um pedaço de bambu, utilizado durante a brincadeira.

---

<sup>65</sup> Idem página 128 deste trabalho.

<sup>66</sup> Idem página 129 deste trabalho.



Figura 28: Brincadeira de “caça” com arco e flecha e o arco criado com um pedaço de bambu, objeto utilizado durante a brincadeira de Éder.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira

Atualmente, muitas brincadeiras infantis caíram se identificam com brincadeiras que integram o cotidiano das crianças que convivem em localidades urbanas, como “mãe-se-esconde”, “pega-pega”, “carrinho”, “bet’s”<sup>67</sup> e “futebol”, e parecem ocorrer com frequência maior do que as outras brincadeiras que possuem uma relação mais tênue com o meio ambiente e com a cultura local (pescaria, caçadas, canoa, entre outras)<sup>68</sup>. BOMTEMPO (In: KISHIMOTO, 2001: 68) destaca que o contexto condiciona as brincadeiras das crianças, de modo que as alterações sofridas por esse refletem nas brincadeiras.

---

<sup>67</sup> O “bet’s” Este jogo é por duas duplas. Uma delas tem a posse dos “bet’s” (taco) e seus integrantes são os rebatedores, enquanto a outra possui a posse da bola, sendo a dupla de lançadores. A dupla que possui a bola tem por objetivo derrubar a “casinha” através do lançamento da bola. Se a dupla derrubar a “casinha” ela ganha os “betes”. Os jogadores com os bet’s devem rebater a bola, e durante o tempo que a dupla adversária corre atrás da bola, devem ficar trocando de lado no campo, sempre batendo os tacos no meio da quadra e sempre encostando o taco na circunferência da casinha, fazendo assim um ponto para cada vez que bater os tacos no meio da quadra.

<sup>68</sup> Essas brincadeiras são denominadas jogos tradicionais ou populares, ou jogos do mundo, pois são reproduzidos “em qualquer lugar onde haja crianças brincando” (SILVA In: FARIA, 2005: 143).

<b>Comparativo entre as brincadeiras infantis desenvolvidas pelas gerações pesquisadas</b>	
<i>Brincadeiras infantis das gerações anteriores</i>	<i>Brincadeiras infantis da geração atual</i>
<i>Brincadeiras Tradicionais (Esconde-Esconde; Mãe-pega)</i>	<i>Brincadeiras tradicionais (Esconde-Esconde; Mãe-pega; Mãe-cola; Morto-vivo; Bobinho; Foguinho)</i>
<i>Casinha</i>	<i>Casinha</i>
<i>Comidinha</i>	<i>Comidinha</i>
<i>Boneca</i>	<i>Boneca</i>
<i>Caçada</i>	<i>Caçada</i>
<i>Pescaria</i>	<i>Pescaria</i>
<i>Balança</i>	<i>Cortar palmito</i>
<i>Bola</i>	<i>Canoinha</i>
<i>Peteca</i>	<i>Nadar no rio</i>
<i>Burico</i>	<i>Guerrinha de sementes</i>
	<i>Pedras no mar</i>
	<i>Bolinhas de barro</i>
	<i>Banho de maré</i>
	<i>Escrever</i>
	<i>Bet's</i>
	<i>Futebol</i>
	<i>Carrinho</i>
	<i>Polícia e ladrão</i>

Tabela 04: Comparativo entre as brincadeiras infantis desenvolvidas pelas gerações pesquisadas.

Fonte: Dados da pesquisa de campo

A inserção de novas brincadeiras no cotidiano, demonstrada pela Tabela 04, pode ser relacionada com as alterações sofridas pelo modo de vida caiçara<sup>69</sup>, ocorridas um período recente, entre as quais pode-se citar a melhoria dos meios de acesso aos centros urbanos próximos (Guaraqueçaba e Paranaguá). O conseqüente aumento do contato com a cultura da sociedade urbana e industrial ampliou o horizonte de conhecimentos das populações caiçaras, inclusive das crianças, que passaram a incorporar novos elementos e desenvolver novas brincadeiras (Figura 29).

<sup>69</sup> O capítulo dois deste trabalho discorreu sobre algumas mudanças existentes no modo de vida caiçara das populações localizadas no litoral norte do estado do Paraná.

*Dentro de uma mesma cultura, crianças brincam com temas comuns: educação, relações familiares e vários papéis que representem as pessoas que integram essa cultura. Os temas, em geral, representam o ambiente das crianças e aparecem no contexto da vida diária. Quando o contexto muda, as brincadeiras também mudam (BOMTEMPO In: KISHIMOTO, 2001: 68).*

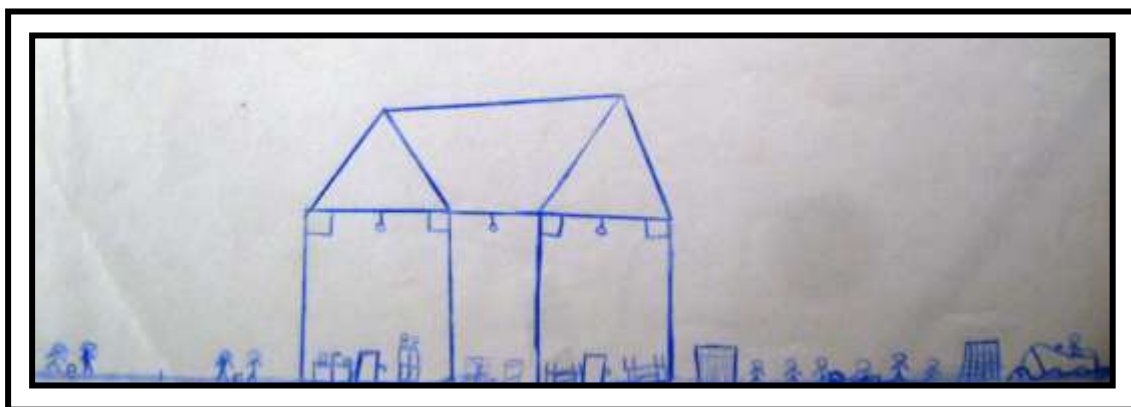


Figura 29: CRISTAL 01. Desenho retrata um jogo de bet's das crianças e um jogo de futebol no campinho da comunidade.

Autora: Cristal.

As semelhanças existentes com as "*brincadeiras do mundo*" referem-se principalmente aos objetivos das mesmas, pois em decorrência do meio no qual são realizadas, existem diversas adaptações nas brincadeiras e inclusão de novas características.

*Depois de brincar na encosta o morro com Cristal, sentamos em um banco próximo a casa de Agostinho. Perguntei para ela qual era sua brincadeira preferida. Ela respondeu que era bet's e que costumava jogar todos os dias com as outras crianças, na Vila de Superagui. Em seguida, Cristal me convidou para ir jogar bet's com ela, em uma área seca, na qual a maré já havia "vazado". Questionei Cristal sobre a falta dos "bet's" (tacos) e das "casinhas". Ela respondeu imediatamente que "era só fazer os bet's com uns galhos". Cristal encontrou dois galhos de árvores caídos, os quais serviriam como tacos e pegou dois tijolos que estavam próximos para que fossem utilizados como "casinhas". O jogo se desenvolveu de maneira semelhante ao jogo de bet's urbano. O objetivo é atingir as "casinhas" com a bolinha, lançando-a com as mãos, enquanto que os tacos, posicionados a*



*frente das “casinhas” são utilizados como proteção. Aquele que atinge a casinha do adversário marca o ponto (PESQUISA DE CAMPO, 24/10/10).*

A adaptação das brincadeiras ao local no qual as crianças caiçaras convivem está associada à aquisição de conhecimentos sobre o meio ambiente e à relação de dependência que as brincadeiras infantis mantêm com o mesmo, pois a presença de uma série de conhecimentos específicos é exigida para a concretização dessas atividades.

Ao brincar de “mãe-se-esconde”<sup>70</sup>, por exemplo, os esconderijos são buscados em meio à vegetação da floresta ou entre as raízes do manguezal. Como os esconderijos escolhidos geralmente exigem caminhadas pela mata, o “pique” é descartado da brincadeira, ou seja, o vencedor será aquele com o melhor esconderijo, sendo o último a ser encontrado (PESQUISA DE CAMPO, 30/04/10).

Tal como as brincadeiras, os jogos como o “mãe-se-esconde” e o “pega-pega” são produtos culturais que dependem das relações sociais estabelecidas pelas crianças e remetem a momentos importantes de aprendizagem de condutas socialmente estabelecidas. Por essa perspectiva, considera-se o jogo como um dos mecanismos de *“socialização que prepara a criança para ocupar um lugar na sociedade adulta (Brougère, 1995). O conhecimento das modalidades lúdicas garante a aquisição de valores para a compreensão do contexto”* (KISHIMOTO In: KISHIMOTO, 2002: 147).

### **7.2.1. Mata adentro**

Viver e conviver em uma área coberta pela Floresta Atlântica e limitada pelo manguezal que antecede o mar confere peculiaridades à infância caiçara. As relações estabelecidas com a floresta são amplamente percebidas nas brincadeiras infantis.

A “mata aberta” faz parte do cotidiano das crianças que, familiarizadas com local, correm descalças pelos diversos caminhos que existem, assim como pela mata fechada sem caminhos. O desenho DOUGLAS 04 (Figura 30) retrata as crianças em cima das árvores,

---

<sup>70</sup> A brincadeira de “mãe-se-esconde”, ou “esconde-esconde” necessita de no mínimo dois jogadores (um para procurar e outro para se esconder). Aquele designado para procurar fica de frente para uma parede, com os olhos escondidos entre os braços, contando até 31, enquanto os demais devem procurar seus esconderijos. Após o término da contagem, o jogador deve sair à procura dos outros, sendo que ao avistar alguém, deve dirigir-se para o local no qual realizou a contagem (o “pique”) e “bater o 31 do (nome da pessoa encontrada)”. O primeiro a ser encontrado é o próximo a procurar.

representando uma brincadeira cotidiana, na intenção de mostrar os esconderijos. No entanto, o autor também conseguiu evidenciar um importante aspecto pertinente à relação existente entre as crianças e a natureza, referente à forte interação estabelecida com o meio ambiente local, que apesar de misterioso e inóspito para a população urbana, é encarado como parte do quintal de casa por essas crianças, que o conhecem em muitos dos seus detalhes.

Durante a brincadeira de esconde-esconde, os meninos correm descalços pela mata e tiram as camisetas, afirmando que desse modo se disfarçam melhor no meio da vegetação, aspectos apreendidos ao observar ou ao escutar as histórias das atividades de caça dos adultos, que evidenciam a necessidade do disfarce e do silêncio para não serem percebidos pelos outros animais, garantindo o sucesso da caçada. Em decorrência da familiaridade que possuem com a mata aberta e o saber-fazer interiorizado durante a convivência com outros membros das comunidades, as crianças se escondem em cima de árvores e se deslocam silenciosamente pelos caminhos existentes na área (que geralmente conduzem aos locais de retirada de madeira, corte de palmito ou armadilhas de caça) (PESQUISA DE CAMPO, 21/10/10).



Figura 30: DOUGLAS 04. Desenho retrata a brincadeira de “mãe-se-esconde”.

Autor: Douglas

Além da familiaridade que existe entre as crianças e a natureza, ressalta-se que as brincadeiras também favorecem a utilização dos conhecimentos adquiridos das relações sociais estabelecidas na comunidade. O relato de Ameire, por exemplo, descreve uma das brincadeiras que eram realizadas diariamente durante sua infância, na qual os conhecimentos sobre as espécies que compõem a vegetação local eram essenciais para a efetivação da mesma:

*Ameire- Era baixo assim. [pausa] Só capim, capim mesmo! Nós fazia um pau assim, cortava um embaú, furava o embaú e punha né? Daí trepava lá e balançava. É! [pausa] Caía em cada parte. Um montava, outro ficava torto. [pausa] Outros caía lá. Caía pau por tudo, em cima da nossa parte. É! Num baixo mesmo assim [referente à altura da vegetação] Lá num baixo assim, só capim. Tinha hora que ficava seco de tanto nós brincar assim! (ENTREVISTA REALIZADA COM AMEIRE, 40 ANOS).*

Entre momentos de lazer e trabalho, conhecimentos tradicionais que abrangem as particularidades da floresta são disseminados, apreendidos e colocados em prática. O *saber-fazer* caiçara é um dos elementos integrantes das brincadeiras desenvolvidas na mata e, ao mesmo tempo, é concebido durante as brincadeiras, as quais possibilitam “a busca de meios, pela exploração, ainda que desordenada, e exercem papel fundamental na construção do saber-fazer” (KISHIMOTO In: KISHIMOTO, 2001: 146).

*Erenilson- Aqui tem minhoca! [apontando para um pedaço de terra que ele avistou de longe]  
Bárbara- Como você sabe, Erenilson?  
[as crianças começaram a cavar o solo no local apontado por Erenilson e realmente havia muitas minhocas naquela pequena área]  
Bárbara- Como você sabia que aqui tinha bastante minhoca?  
Douglas- Tem uma aí, ó, Nilson! [apontando para uma minhoca próxima a Erenilson]  
Eder- Uma aí, ó!  
[as crianças continuaram a cavar e a pegar minhocas]  
Andre [fotógrafo]- Ele achou no olho esse lugar?  
Bárbara- [resposta afirmativa]  
[as crianças continuavam a pegar minhocas]  
Bárbara- Nilson.[pausa] Como você adivinhou que lá tinha tanta minhoca?*

*Erenilson- Por causa que era molhada.[pausa] Por causa que era molhada.*

*Douglas- Terra molhada! (ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A CAMINHADA PELA MATA, ATÉ O RIO VERMELHO, EM 25/10/2010).*

As brincadeiras proporcionam a construção e a aquisição de conhecimentos, juntamente com a socialização da criança, pela simbolização da realidade e consequente interiorização dessa pelo indivíduo. A partir desses processos, a criança se torna um dos componentes da dimensão social da realidade que a envolve.

*A cultura torna-se parte da natureza humana. É através das relações dialéticas com o meio físico e social que a criança constrói seu pensamento, transformando os processos psicológicos elementares em processos complexos, fazendo com que a cultura torne-se parte de cada pessoa (Vygotsky) (DIAS In: KISHIMOTO, 2001: 53).*

Os dados obtidos nas pesquisas de campo demonstram que a mata aberta é o principal cenário para as brincadeiras das gerações que compuseram a categoria social da infância caixara investigada neste trabalho, pois as crianças despendem mais tempo nesse ambiente do que no manguezal ou no mar.

*Durante a caminhada na trilha que conduz às casas da comunidade do Rio dos Patos, Douglas andou na frente. Brincamos de “guerrinha” [acertar o outro com pedaços da folha e do caule] com folhas de caetê [espécie vegetal presente na margem de grande parte na trilha] e de “cobrinha” [Douglas puxava um cipó de alguma árvore e arrastava pelo caminho, imitando o movimento de uma cobra, enquanto eu deveria tentar pisar no cipó, a fim de arreventá-lo] (PESQUISA DE CAMPO, 25/10/10).*

*Dona Alzira- É na roça. [pausa] Nós ficava em casa, nós era pequeno, tudo ele,s né? Não tinha nada pra brincar, nós saía pro mato assim, brincar, fazendo as coisas. Fazia essas coisas assim.[pausa] É! (ENTREVISTA DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

Em umas das atividades desenvolvidas com as crianças, cujo objetivo era capturar como ocorre a interação com o meio ambiente local por meio da observação das brincadeiras, a pesquisadora solicitou que cada criança tirasse fotografias de lugares em

que costumava brincar. Sem exceção, as crianças recorreram à mata aberta para capturar as imagens (Figura 31).



Figura 31: Fotografia do lugar preferido para as brincadeiras.

Créditos: Douglas.

É na floresta que as crianças passam a maior parte do dia e desenvolvem muitas brincadeiras. Elas se socializam entre elas na floresta, por meio das brincadeiras e também pela transmissão de conhecimentos entre as crianças mais velhas e as mais novas. Para Elkin (1968: 14), o processo de socialização da criança “*refere-se à aprendizagem dos modos de qualquer grupo estabelecido e contínuo*”, sendo considerado dependente das relações sociais, as quais podem estar inseridas no microcosmo do indivíduo, ou seja, nas relações próximas, como as familiares, ou no macrocosmo, que engloba a sociedade em geral.

As pessoas que fazem parte do microcosmo da criança assumem o papel de “*outros significativos*” (BERGER e BERGER: 1990; ELKIN: 1968), nos quais a criança reconhece certas atitudes, suas razões e conseqüências. Os “*outros significativos*” assumem o papel de modelos para a criança, ensinando os modos da sociedade e contribuindo para a formação da personalidade da mesma.

Enquanto as crianças mais novas observam as ações das mais velhas e, por conseguinte, constroem novas significações da realidade e adquirem conhecimentos importantes para a vida em comunidade e sobrevivência local, elas também estabelecem interações sociais entre si, importantes para o processo de desenvolvimento do indivíduo.

*Como a linguagem interior e o pensamento nascem do complexo de inter-relações entre as crianças e as pessoas que a rodeiam, assim estas inter-relações são também a origem dos processos volitivos da criança. No seu último trabalho, Piaget demonstrou que a cooperação favorece o desenvolvimento do sentido moral na criança. Investigações precedentes estabeleceram que a capacidade da criança para controlar o seu próprio comportamento surge antes de tudo no jogo coletivo, e que só depois se desenvolve como força interna o controle voluntário do comportamento (VYGOTSKY In: LEONTIEV, 2005: 39).*

A constante e densa interação instituída com a floresta Atlântica a distingue como um dos elementos essenciais para o processo de socialização e de desenvolvimento do indivíduo caiçara. A junção entre os elementos da floresta e as brincadeiras representa uma porção significativa dos processos envolvidos no crescimento da criança caiçara.

### **7.2.2. Dentro da água**

O mar também integra o cenário no qual as crianças desenvolvem suas brincadeiras. Mesmo que seja com uma frequência menor quando comparado à utilização da mata (Gráficos 01 e 02), as águas do mar e as áreas que influenciam diretamente, como os manguezais, estão presentes na composição dos processos de desenvolvimento das crianças caiçaras. Os relatos dos adultos acerca de período em que eram crianças não citam brincadeiras desenvolvidas nas áreas de manguezais ou no mar, pois o contexto vivenciado durante a infância da maior parte dos mesmos foi a comunidade do Rio dos Patos, a qual

dista aproximadamente cinco quilômetros da foz do rio que dá nome a comunidade, o qual desemboca no Canal do Varadouro e possui vegetação de mangue.

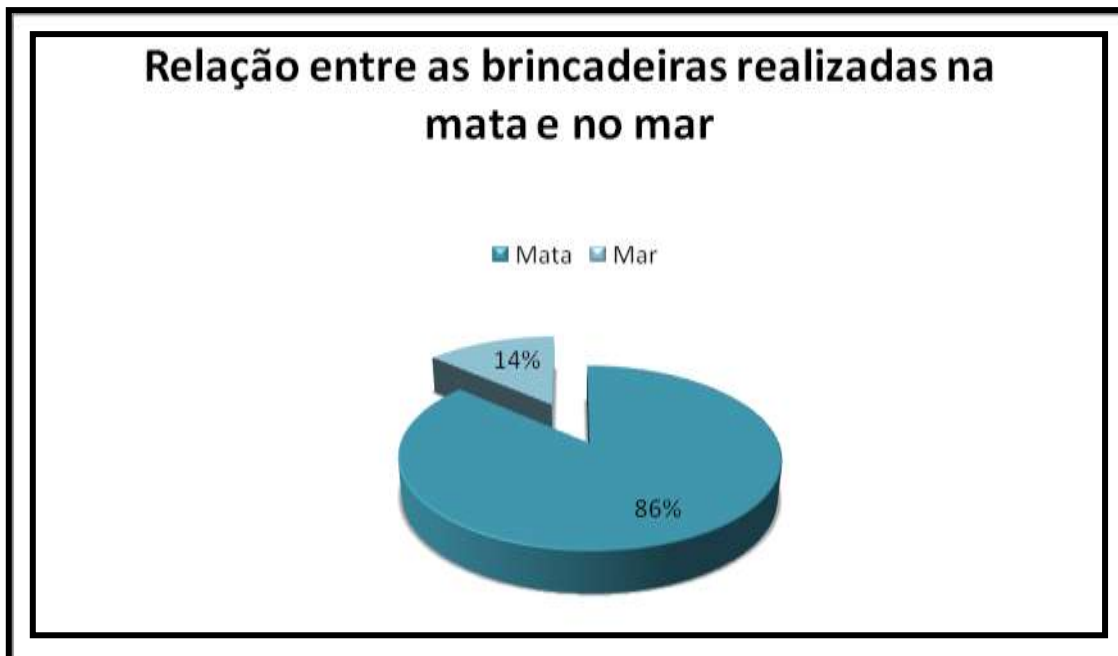


Gráfico 01: Relação entre as brincadeiras realizadas na mata e no mar pelas crianças atualmente.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

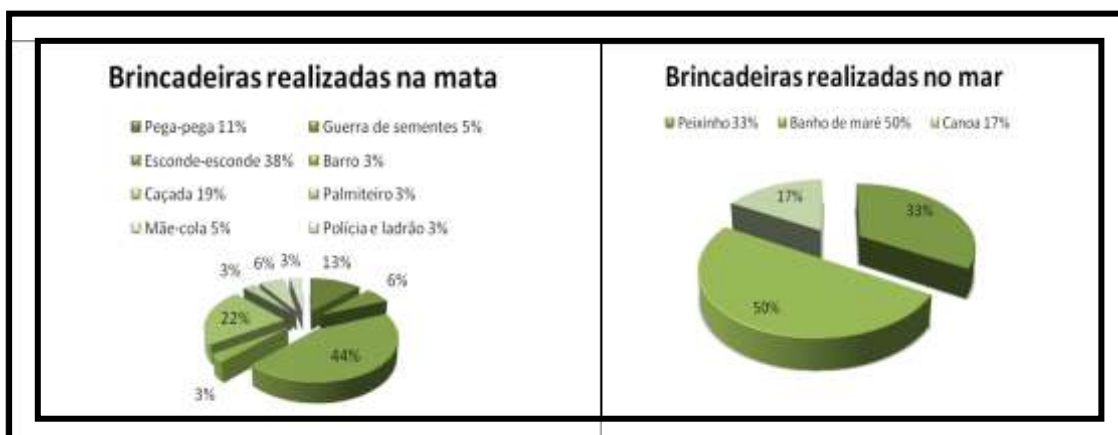


Gráfico 02: Denominação das brincadeiras realizadas na mata e no mar pelas crianças atualmente.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.



As brincadeiras realizadas em meio marítimo utilizam mais as áreas dos manguezais, sujeitas aos fluxos e refluxos das marés. Quando a maré “vaza”, revela apenas um solo lodoso, algumas vezes cobertos pelas raízes da vegetação de manguezal, aspectos que variam de acordo com a localização da área.

As crianças caiçaras reconhecem os locais que possuem apenas o lodo embaixo da maré e definem estes pontos como apropriados para “tomar banho de maré” (Figura 32). Apesar de esse reconhecimento aparentar simplicidade, ele integra o complexo processo de desenvolvimento das crianças, baseado na transmissão oral de conhecimentos, na observação e nas práticas vivenciadas no cotidiano.



Figura 32: Porto da família de Agostinho: local utilizado para “tomar banho de maré”.

Créditos: Geovane.

As atividades pesqueiras recentemente assumiram uma fração importante da economia caiçara das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro, e conseqüentemente, já são percebidas nas brincadeiras infantis, como demonstram observações de brincadeiras realizadas durante a pesquisa de campo, entre as quais se destaca a brincadeira de Douglas, com um pedaço de linha para pesca associado a um dardo de brinquedo, o qual assumiu o papel de “isca” durante a brincadeira. Em alguns momentos da “pescaria”, Douglas prendia o dardo em qualquer lugar próximo e afirmava que a linha estava “presa em alguma pedra”. No decorrer da brincadeira, o menino ainda acrescentou um caroço de azeitona na linha, acima do dardo, dizendo que era o “chumbinho. (PESQUISA DE CAMPO, 20/10/10).

Os detalhes da brincadeira descrita acima demonstram a observação perspicaz da criança sobre a realidade, que aliada a sua participação ativa na mesma, resulta na aquisição e construção de conhecimentos indispensáveis para a sobrevivência física e social na comunidade. De acordo com Vygotsky (1998: 134), a interpretação e posterior reprodução do contexto, sem a “*subordinação estrita às regras*”, por meio das brincadeiras, define-as como ações essenciais para o processo de aprendizagem, o qual ocorre concomitantemente ao desenvolvimento da criança caiçara, de maneira espontânea, sendo raramente possível caracterizá-lo como intencional ou consciente.

Para Combs (1985 In: CANÁRIO, 1999), esses processos de ensino e aprendizagem ultrapassam situações de formação estruturadas ou organizadas, “*através do qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, capacidades, atitudes; a partir das experiências quotidianas e da interação com o meio ambiente*”. A sucessão de experiências e as interações constantes com o meio ambiente estão associadas aos mecanismos de observação, imitação e experimentação, integrando um contínuo de situações educativas que recorrem à memória e à oralidade para sua concretização.

*Enquanto descansávamos próximo ao porto da família de Agostinho, as crianças começaram a brincar de “peixinho”: jogar pedras na linha da água, de modo que ela pule várias vezes na superfície da água, antes de afundar, imitando a tainha, espécie de peixe local, que costuma “pular para fora da água” (PESQUISA DE CAMPO, 21/10/10).*

A observação e participação nas atividades pesqueiras proporcionam a obtenção de saberes que permitem que as crianças reconheçam as espécies e alguns de seus

comportamentos. De forma não consciente, esses saberes fundamentam brincadeiras como aquela descrita acima, que retrata de maneira lúdica o comportamento de uma das espécies de peixes da região, a tainha (*Mugil brasiliensis*), demonstrando as relações existentes entre as e os conhecimentos já adquiridos pelas crianças caiçaras, ao mesmo tempo em que se configuram como um importante mecanismo para a aquisição e internalização desses conhecimentos.

### 7.3. Infância caiçara e os trabalhos de gente grande

Entre uma brincadeira e outra, as crianças caiçaras inserem a participação nas atividades de subsistência em seus cotidianos, o que configura tanto o brincar quanto o trabalhar como importantes momentos de aprendizagem e inserção no grupo social.

*Bárbara- Você tinha bastante irmão?*

*Creuza- Não. Pouco. Cinco irmãos só.*

*Bárbara- E vocês brincavam todos juntos?*

*Creuza- Nós brincava tudo junto.*

*Bárbara- E ajudavam os seus pais?*

*Creuza- Desde pequeno nós trabalhava junto. [pausa] Na lavoura.*

*Bárbara- Que nem ali no Rio dos Patos?*

*Creuza- Que nem ali mesmo! [pausa] Nós ia pra escola até meio dia e depois de meio dia ia trabalhar junto com eles.*

*Bárbara- E dava tempo de brincar?*

*Creuza- Dá! Dava pra brincar ainda uma meia hora ainda.*

*(ENTREVISTA REALIZADA COM CREUZA, 55 ANOS).*

O trabalho infanto-juvenil é um dos principais elementos que constituem o processo de socialização das crianças de Saco da Rita e Abacateiro. Além de ser necessária para a sobrevivência física, é a participação das crianças nas atividades de subsistência da família que garante a continuidade da cultura caiçara, ao mesmo tempo em que difunde os saberes tradicionais entre as gerações envolvidas, estando fundamentada no respeito pelos mais velhos, percebidos como detentores de um saber maior, em decorrência do maior número de experiências acumuladas ao longo do tempo.

Considerado como uma criação humana, o trabalho é resultado de um processo coletivo que contribui para a construção do indivíduo, por meio das trocas constantes entre os sujeitos que participam da atividade. Essas trocas permitem que novas relações entre os

mesmos sejam estabelecidas, por meio das quais conhecimentos, valores e idéias são transmitidos. Por essa perspectiva, percebe-se que o trabalho desempenha um papel imprescindível nos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças caiçaras. De acordo com Monteiro (1986: 197), o trabalho infanto-juvenil em comunidades de tradição oral tem participação importante tanto nos aspectos sociais quanto nos individuais, possibilitando a reprodução da cultura do grupo social e a aquisição dos conhecimentos sobre a natureza.

*Isto significa que ali a criança: 1) aprende através de relações livres e crescentemente complexas de trocas de condutas, símbolos e significados com o seu próprio meio social, no seu todo; 2) aprende através de inserir-se diferencialmente em práticas sociais como as do trabalho caseiro, da agricultura e da pesca, do lazer e da religião, sempre fora de situações estruturadas para a reprodução de um saber em si, como é o caso da escola em nossas sociedades; 3) aprende de um modo intenso e inapagável justamente nos ritos de passagem, quando os símbolos poderosos da tribo marcam na pessoa a regra do saber necessário, ao mesmo tempo em que coletivamente a constituem como um novo tipo de ser social dentro da cultura: a menina que se transforma em jovem pronta para o casamento, ou o menino que, pouco mais do que um adolescente, é redefinido como um jovem guerreiro ou caçador (BRANDÃO, 1985: 127).*

As relações entre adultos e crianças que permeiam o trabalho possibilitam que as crianças adquiram os conhecimentos necessários para o manejo dos elementos naturais da Floresta Atlântica, os quais serão utilizados na vida adulta daquelas que permanecerem nas comunidades. A participação das crianças no trabalho dos adultos “*Facilita, auxilia e capacita a entrada do jovem na vida adulta. É um eixo de todo um processo pedagógico. [...] É um educar abrangente que dá uma profissão, perpetua uma herança social de saber específico e especializado [...]*” (MONTEIRO, 1986: 199).

*Dona Alzira- Daí depois que nós se criemo daí sim. [pausa] Daí nós trabalhamos que meu pai do céu [pausa] Olhe que eu trabalhei minha irmã. [pausa] Trabalhei em dias da minha vida, nem sei lhe contá. Depois que me criei na idade de 10 anos já comecei a trabalhar. (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

No entanto, é importante ressaltar que a inserção das crianças nas atividades de subsistência não possui a finalidade central de que as mesmas aprendam a realizar essas atividades por aprender, ou porque será necessário que as conheçam em momentos futuros.

*Bárbara- E como você ajuda seu pai?*

*Douglas- Ajudando!*

*[...]*

*Bárbara- O que você estava fazendo hoje cedo?*

*Douglas- Brincando. [pausa] Dormindo.*

*Bárbara- E depois?*

*Douglas- Tava lavando o barco.*

*Bárbara- Pra ajudar teu pai?*

*Douglas- Não! Tava ajudando nós tudo, todo mundo usa o barco.*

*[...]*

*Bárbara- O que você faz durante o dia? Você acorda, e aí, o que você faz?*

*Douglas- Acordo, vou no banheiro lavar o rosto, depois vou tomar café, depois faço um pouquinho de coisa e depois peço pra papai pra ir lá pra Rita.*

*Bárbara- Que tipo de coisa?*

*Douglas- Qualquer coisa que papai pedir. (ENTREVISTA REALIZADA COM DOUGLAS, 13 ANOS).*

O processo de aprendizagem teórico-prático ocorre em função do fato de que o auxílio das crianças é necessário para o sustento da família, o que associa o processo educativo às “*necessidades da vida*” (MONTEIRO, 1986: 202). A aprendizagem é muito mais uma consequência de todo o processo que envolve as crianças no trabalho cotidiano da família. As crianças são chamadas para o trabalho porque muitas vezes os pais estão cansados ou debilitados e não conseguem mais suprir todas as necessidades da família, que na maioria dos casos, é extensa.

*Na casa da família de Agostinho, por volta das cinco horas da manhã já era possível escutar o pai (Agostinho) acordar o filho Douglas para que ele colocasse a canoa próxima à margem, pois a maré começara a encher. Apesar do frio, Douglas logo se levantou sem reclamar, para cumprir a tarefa que o pai lhe ordenara e depois voltou a dormir por aproximadamente uma hora. Logo em seguida, ele se levantou novamente, tomou seu café da manhã (uma xícara de café puro) e foi auxiliar a mãe na coleta de ostras (PESQUISA DE CAMPO, 30/04/10).*

A aprendizagem pela observação e pela prática pode ser caracterizada como o principal meio de transmissão de conhecimentos, de modo que o trabalho é definido como aspecto essencial do processo de ensino e aprendizagem caiçara. Os conhecimentos e as habilidades necessárias para o desenvolvimento das atividades são adquiridos durante o período em que a criança observa os mais velhos, ainda que a finalidade educativa dessa observação não seja consciente.

*A prática se dá no desempenho do próprio trabalho; o saber teórico vai sendo transmitido através da prática e é enriquecido ao nível do lazer dos adultos à medida em que se faculta a presença das crianças nos grupos que se reúnem espontaneamente para conversar sobre pescarias empreendidas, relatar façanhas e acontecimentos ocorridos em água longínquas. Desse modo, o saber teórico não é livresco, não é transmitido em oficinas de aprendizagem ou escolas; dá-se ao ar livre, em contato direto com a natureza, parte integrante do conhecimento necessário da sabedoria do pescar e do trato do pescado. (MONTEIRO, 1986: 194 – grifos meus).*

Entre as situações práticas que permeiam a infância caiçara, o trabalho possibilita que as crianças de Saco da Rita e Abacateiro adquiram uma parte significativa dos saberes tradicionais. A confecção de um remo, por exemplo, envolveu a observação inicial dos movimentos realizados pelo adulto, seguida pela atitude da criança, que começou a “talhar a madeira” quando esse trabalho foi, momentaneamente, substituído pelo adulto por outra atividade. Quando a confecção do remo estava sendo realizada pelo menino, Agostinho o observava e corrigia qualquer erro, enfatizando a necessidade de não haver erros, pois aquele instrumento era essencial e urgente para o cotidiano da família (Figura 33).

Por meio do “*fazer o saber*” (BRANDÃO, 1984b: 77) o trabalho integra o processo de ensino e aprendizagem, assim como desempenha um importante papel no desenvolvimento do indivíduo caiçara, englobando “*valores, produção de bens, destinando-se não apenas a suprir necessidades vitais do indivíduo; tem uma importância social inerente*” (MONTEIRO, 1986: 43).



Figura 33: Confeção de remo.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

As brincadeiras e o trabalho integram práticas pedagógicas que sempre fizeram parte da sociedade humana. Por meio dos mecanismos da educação informal, o aprendizado ocorre imerso nessas atividades cotidianas, nas quais “*os mais velhos fazem e ensinam e os mais moços observam, repetem e aprendem*” (BRANDÃO, 1984b: 19 – grifos do original). Esse processo pode ser exemplificado pela observação realizada pela pesquisadora de uma pescaria das crianças no Rio Vermelho (localizado próximo ao sítio no Rio dos Patos), na qual Erenilson, o irmão mais velho, mandava que Éder e Douglas “*turvassem a água*<sup>71</sup>” para que ele pudesse pescar, demonstrando como deveriam fazê-lo e alertando: “*Turvem a água senão não vai pescar nada*”. As crianças obedeciam às ordens de Erenilson e o imitavam quando ele parava de pescar e começava a turvar a água (PESQUISA DE CAMPO, 26/10/10).

---

<sup>71</sup> “Turvar a água” é a ação de mexer no material depositado no fundo do rio a fim de deixar a água com um aspecto barrento, dificultando a visibilidade dos peixes e facilitando a pescaria.

*Erenilson- Turva lá Éder, eu já turvei uma vez!*  
*Éder- Ele tá turvando. [referente à ação do fotografo]*  
*[Éder foi até à margem do rio e desbarrancou um pouco de terra utilizando os pés, para que a água ficasse bem turva; mesmo assim Erenilson foi até o irmão e mostrou ao mesmo o que fazer]*  
*Erenilson- É assim que tem que turvar! [Enquanto tirava mais terra do barranco na margem do rio] (OBSERVAÇÃO DA PESCARIA NO RIO VERMELHO, EM 25/10/2010).*

A aquisição da cultura caiçara ocorre por meio dos mecanismos da educação informal e depende do convívio social no qual o indivíduo está inserido, ou seja, das relações estabelecidas com as outras pessoas da comunidade, assim como com os objetos e elementos naturais que integram o contexto, como demonstra a situação observada durante a pesquisa de campo, na qual Anderson (9 anos) estava sentado entre o adultos, na cozinha, afiando um facão, tal como fazem os adultos da família (PESQUISA DE CAMPO, 12/09/09).

*A imitação e a brincadeira são atividades centrais, na análise de Vygotsky, para o desenvolvimento psicológico do indivíduo; a demonstração, o fornecimento de pistas, o monitoramento de tarefas, a orientação por meio de instruções são formas de promover a aprendizagem onde a ação do indivíduo é fundamental no desenrolar de seu próprio processo psicológico. Nem seria possível supor um lugar passivo para o sujeito em Vygotsky: a idéia de formação de um plano psicológico interno, da reconstrução individual dos significados transmitidos culturalmente, é obviamente central na proposta de Vygotsky. Para ele, “a internalização não é um processo de cópia da realidade externa num plano interior já existente; é, mais do que isso, um processo em cujo seio se desenvolve um plano interno de consciência” (Wertsch, 1988) (OLIVEIRA, 1993: 68)*

Para Vygotsky (*apud* OLIVEIRA, 1993: 68), existem relações entre o desenvolvimento do indivíduo e a cultura do grupo social no qual o mesmo está inserido, uma vez que diferentes culturas produzem modos próprios de funcionamento psicológico. Oliveira (1993: 68) afirma que “*grupos culturais que não dispõem de ciência como forma de construção de conhecimento não têm, por definição, acesso aos chamados conceitos científicos*”, e que, portanto, o processo de ensino e aprendizagem das pessoas que fazem parte desses grupos se fundamenta em conceitos espontâneos, gerados a partir de situações práticas e experiências pessoais. “*É toda uma educação que prioriza desde a infância*



*aquele que será um trabalhador do mar, perpetuando conhecimentos, éticas e valores [...]” (MONTEIRO, 1986: 200).*

O auxílio aos adultos nas tarefas diárias permite que a transmissão de saberes não tenha local ou período específicos para ocorrer. Do mesmo modo, a agência educativa é responsabilidade de todos os indivíduos que integram a comunidade, como os velhos, os familiares e os vizinhos.

*Submetidas aos padrões de cultura que tornam possível compartilhar a vida social, diferentes categorias de atores da comunidade distribuem e perpetuam formas de trabalho, esferas de ação, posições e compromissos. Para que esses mesmos padrões de cultura circulem e orientem tanto a cultura quanto a identidade social dos seus participantes, cada um dos domínios da vida e trabalho – a família, a parentela, a vizinhança, as equipes corporadas, os grupos transitórios, a comunidade – incorporam às suas práticas diferentes estratégias e situações de transmissão do conhecimento. Das relações duais simples, dentro das quais pelo fio dos anos a menina camponesa aprende com a mãe, até as relações complexas de uma equipe de trabalho ritual, por toda a parte, onde quer que os sujeitos sociais troquem bens e serviços, há também trocas de símbolos através dos quais entre si eles se ensinam e aprendem (BRANDÃO, 1984a: 100).*

A transmissão de conhecimentos ocorre entre as crianças e os adultos. Mas também entre as crianças e as crianças mais velhas, em diversos momentos cotidianos, quando as crianças mais velhas são responsáveis pelo cuidado com as mais novas, assim como quando ocorre a observação e a participação nas atividades desenvolvidas

*Seu Sebastião- Meu irmão Nilo trabalhava aqui no porto [referente ao porto na foz do Rio dos Patos]; ele só pescava quase, aí eu cheguei e ele me convidou eu. Eu era pequenininho. Nem tinha 10 anos ainda. (ENTREVISTA REALIZADA COM SEU SEBASTIÃO, 43 ANOS).*

A educação das crianças de Saco da Rita e Abacateiro é dependente da transmissão dos conhecimentos difundidos entre gerações por meio do trabalho, ou seja, o processo de ensino e aprendizagem ocorre pela prática, valorizando o conhecimento dos mais velhos. Esse aspecto do processo educativo permite afirmar que os principais agentes da educação informal caiçara são os membros da família nuclear. Para Brandão (1984: 66)

a “regra do saber é a de que o primeiro aprendizado se dê no interior da família nuclear, do grupo doméstico ou, por extensão, da parentela, entre gerações contínuas ou alternadas. Pais e avós paternos costumam ser os primeiros professores de filhos e netos”.

Geralmente é o patriarca da família que determina quais as atividades que as crianças são capazes de auxiliar, e pelas quais, futuramente, serão responsáveis no contexto da subsistência da família (PESQUISA DE CAMPO, 30/04/10).

*As crianças que possuem até seis ou sete anos de idade não sofrem maiores restrições relacionadas a sua permanência em meio aos adultos, assim como dificilmente recebem ordens para a execução de algum trabalho cotidiano. Essas crianças ficam brincando, muitas vezes sob os cuidados dos irmãos mais velhos. Já as crianças na faixa etária dos sete aos dez anos têm obrigações e constantemente recebem ordens dos adultos para que a realização de algum trabalho cotidiano. As crianças que possuem entre dez e quatorze anos de idade assumem uma postura mais responsável e os adultos cobram a execução de tarefas que muitas vezes são responsáveis por parte do sustento da família (PESQUISA DE CAMPO, 01/05/10).*

Com o tempo, as tarefas que anteriormente eram designadas pelos adultos passam a integrar as obrigações da criança como indivíduo pertencente ao grupo social, do mesmo modo que fazem parte do processo da criança na inserção da sociedade. A criança passa a desempenhar as atividades automaticamente, trazendo para si a responsabilidade das mesmas para o sustento da família, ao mesmo tempo em que também são cobradas nesse aspecto. Os momentos de brincadeiras são substituídos por mais trabalho, o qual muitas vezes substitui a função do patriarca na família.

*Ilza- Já tem [referente a escola no Sebuí], mas meus dois filhos não querem estudar. Não querem, não; é que não dá pra estudar. Porque o pai não pode trabalhar com pesca, que sofre com pressão alta; às vezes tá bom, às vezes tá ruim. Tem que sentar. Uma vez caiu, partiu a cabeça aqui atrás. Tem semana que ele pode trabalhar; tem semana que não pode. Daí eles dois que têm que procurar alguma coisa pra cá, senão não tem como. Se eu pudesse sustentar vocês de tudo, ainda dava pra vocês ir pra escola, mas eu não posso trabalhar porque tenho que ficar com meus filhos em casa. Se não, dava um jeito (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

O auxílio prestado pelas crianças do gênero feminino ocorre, na maior parte das vezes, no ambiente da casa e do quintal, nas atividades domésticas conduzidas pelas mães e demais mulheres mais velhas. Nas situações em que essas mulheres estão ausentes, as meninas com mais idade assumem as tarefas desempenhadas pelas adultas, tal como o cuidado com as crianças menores, o que envolve desde o suprimento de necessidades básicas, como a alimentação, até as broncas e castigos (PESQUISA DE CAMPO, 20/10/10).

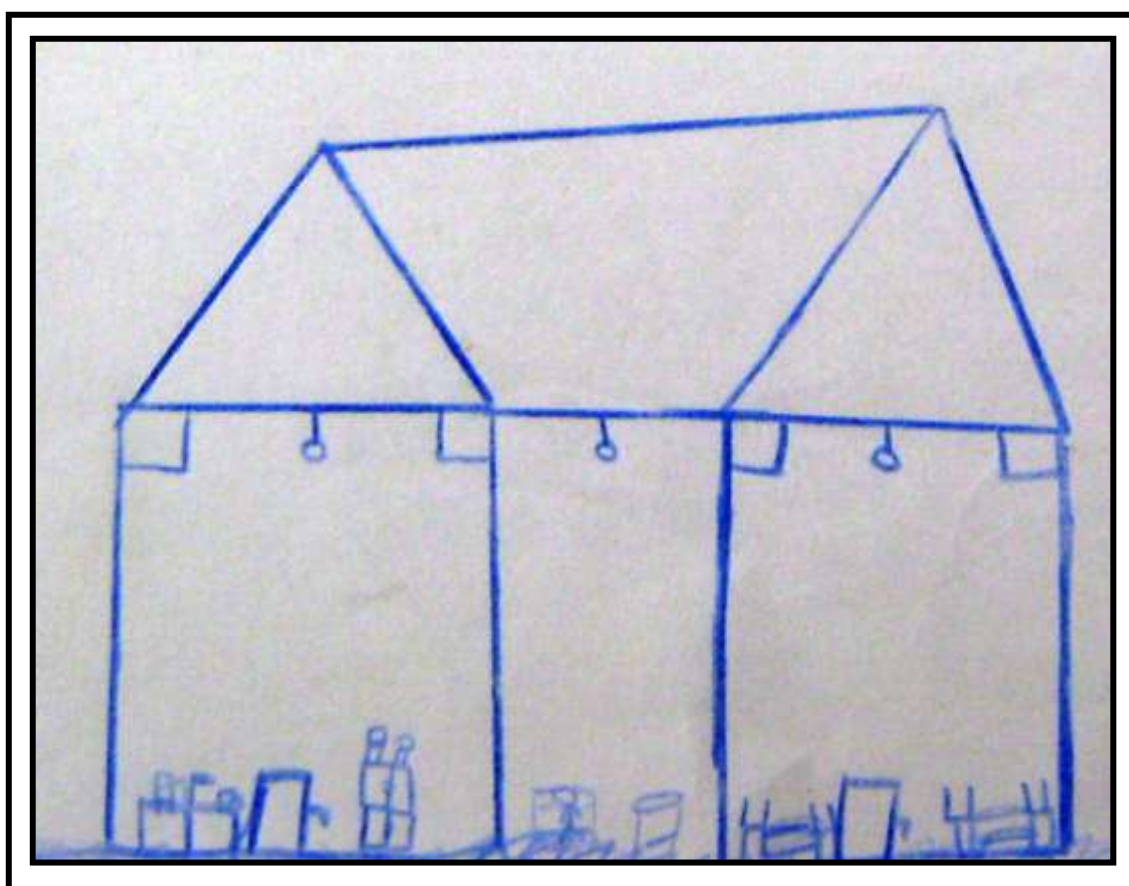


Figura 34: CRISTAL 01 (Detalhes da casa). A casa da avó.

Créditos: Cristal

O desenho de Cristal da Vila de Superagui (Figura 34) possui a casa da avó da autora em sua composição. Cristal retratou alguns detalhes do interior da casa, todos relacionados com o cotidiano das atividades domésticas, como os móveis da cozinha. Em

outro momento, Cristal relatou que gosta de lavar a louça, limpar a casa e lavar roupa, o que era percebido nas diversas vezes em que a menina lavava a louça na cozinha da família de Agostinho (PESQUISA DE CAMPO, 24/10/10).

Enquanto as meninas permanecem no ambiente doméstico, os meninos se envolvem nas atividades consideradas masculinas, como caçadas e pescarias. Ao contrário das meninas, que em algumas situações acompanham os adultos nessas atividades e inclusive trabalham nas roças, os meninos não se envolvem nos trabalhos domésticos.

*Dona Alzira- Ia pra roça, ia pra tudo! [...] Pesca no rio assim [pausa], cacei. [risos] Trabalhei. (ENTREVISTA REALIZADA COM DONA ALZIRA, 76 ANOS).*

*Bárbara- E aqui é só menino que você tem? [referente aos seis filhos, do sexo masculino, de Ilza e Adriano Pereira]*

*Ilza- Só menino.*

*Bárbara- Eles estão ajudando o pai?*

*Ilza- Pro lado do pai tem. [risos] Do meu lado que não tem ajuda! (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

Os relatos dos caixaras mais velhos demonstraram que as crianças começavam a ajudar os pais nas atividades necessárias para o sustento da família com aproximadamente seis anos de idade, sendo que a partir dos dez anos, o trabalho das crianças também adquiria maior importância para a subsistência da família. E são esses os principais momentos nos quais se desenrola o aprendizado das crianças durante o cotidiano, por meio do trabalho, com os símbolos, rituais e valores que o permeiam.

*Creuza- Desde pequeno nós trabalhava junto. [...] Na lavoura. [...]*

*Bárbara- E na roça era o pai que ensinava?*

*Creuza- É! E os irmãos. Nós trabalhava sozinho já, depois que acostumou. E o meu irmão já trabalhava já, com meu pai, com minha mãe.*

*Bárbara- Com mais ou menos com que idade?*

*Creuza- É com pouca idade. (ENTREVISTA REALIZADA COM CREUZA, 55 ANOS).*

Vygotsky define que o processo cognitivo da criança ocorre “de fora para dentro”, sendo dependente das interações sociais. Segundo a perspectiva sócio-histórica, o indivíduo se constitui através da sociedade da qual faz parte, a qual é condição natural para o seu desenvolvimento. Oliveira (1993: 38) afirma que:

*O processo de desenvolvimento do ser humano, marcado pela sua inserção em determinado grupo cultural, se dá “de fora para dentro”. Isto é, primeiramente o indivíduo realiza ações externas, que serão interpretadas pelas pessoas ao seu redor, de acordo com os significados culturalmente estabelecidos. A partir dessa interpretação é que será possível para o indivíduo atribuir significados as suas próprias ações e desenvolver processos psicológicos internos que podem ser interpretados por ele próprio a partir dos mecanismos estabelecidos pelo grupo cultural (OLIVEIRA, 1993: 38).*

Nesse sentido, um dos conceitos centrais da teoria de Vygotsky, a internalização, ocorre através da transformação de uma atividade externa para uma atividade interna, e de um processo interpessoal para um processo intrapessoal (CAVALCANTI, 2005). Presente nesse processo, a mediação, um mecanismo psicológico sofisticado e complexo do ser humano, consiste na intervenção de um elemento intermediário em uma relação, ou seja, em elo entre o estímulo e a resposta. Esses elementos podem ser os signos ou os instrumentos (OLIVEIRA, 2003: 26), sendo os primeiros elementos psicológicos que auxiliam o homem em tarefas que exigem memória ou atenção (como a linguagem) e os últimos, elementos interpostos entre o trabalhador e seu objeto de trabalho, com as funções de unir o homem a natureza e criar novos aspectos culturais e históricos.

É importante ressaltar ainda que a internalização remete à importância da cultura no processo de desenvolvimento do sujeito, visto que a cultura é resultado das ações humanas da sociedade no qual o sujeito está constantemente inserido. Na teoria de Vygotsky, a cultura desempenha papel fundamental no funcionamento da mente humana, assim como no desenvolvimento do indivíduo, sendo um “*produto da vida social e da atividade social*” (CAVALCANTI, 2005: 192).

*Ao mesmo tempo que socialmente a educação, um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa. Aprender significa tronar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura (BRANDÃO, 1984b: 18).*

Brandão (1985: 121) também aponta que além do trabalho proporcionar os conhecimentos necessários para a sobrevivência física do indivíduo, o aprendizado por

meio da prática garante a sobrevivência social do indivíduo, ou seja, a internalização da cultura e a inserção no grupo social do qual o mesmo faz parte. Esses aspectos estão imersos em um processo pedagógico permeado por regras, objetivos e metodologias específicas. Ao ensinar as crianças, os mais velhos possuem uma intenção não explícita relacionada à subsistência da família, utilizando os mecanismos da educação informal para a sua concretização, direcionados e dependentes dos conhecimentos sobre o meio ambiente local.

### 7.3.1. Dentro da mata

Os cenários que envolvem o processo educativo por meio do trabalho infanto-juvenil são compostos pelos elementos naturais da Floresta Atlântica e do complexo estaurino-lagunar Iguape-Cananéia-Paranaguá, associados às construções antrópicas que existem nesses ambientes, habitados pelas populações caiçaras das comunidades de Saco da Rita e Abacateiro.

No meio terrestre, as atividades de subsistência são desenvolvidas nos diversos espaços frequentados pelos caiçaras, incluindo a área do quintal, da vizinhança, do sítio, da mata aberta e da mata fechada. Em diversos momentos do dia-a-dia caiçara, as crianças acompanham os adultos durante o trabalho, misturando o auxílio em atividades como na roça com as brincadeiras com os irmãos e outras crianças.

*Bárbara- E depois que você terminava a escola, você trabalhava com teu pai?*

*Tânia- É daí nos trabalhava de encaixar banana. Encaixar banana: despencar e pôr na caixa. [pausa] Trabalhava na roça.*

*Bárbara- Desde pequena?*

*Tânia- Desde pequena. [pausa] Cinco anos, sete.*

*Bárbara- Ia pra escola, voltava e ia pra roça?*

*Tânia- É. [pausa] Sábado, domingo. [pausa] Daí depois do almoço trabalhava na roça. [...]*

*Bárbara- Dava tempo de brincar, mesmo com roça?*

*Tânia- É! [pausa] Cada um pegava um pedaço pra fazer, né? Eu pegava um pedaço tinha que terminar. [pausa] Até as cinco terminava aquele. Aí a outra minha irmã pegava outro pedaço, meu irmão. [pausa] Dava a roça inteira. [pausa] Brincando fazia (ENTREVISTA REALIZADA COM TÂNIA, 47 ANOS).*

As crianças acompanham os pais e demais adultos nos trabalhos pela mata em função da necessidade pois, dificilmente, os pais conseguem deixar as crianças sob o cuidado de alguém, já que a maior parte dos membros das comunidades também precisa trabalhar no mato para garantir a subsistência da família. Até atingirem idade e estrutura física que permita o auxílio nas atividades de subsistência, as crianças menores acompanham os pais nas atividades, mas ficam brincando nas proximidades ou observando as ações dos mais velhos.

No Rio dos Patos, Dona Alzira, Seu Adriano Pereira e seus dois filhos mais velhos foram trabalhar na roça, enquanto Ilza ficou em casa para preparar o almoço e cuidar dos dois filhos menores. Depois de deixar o almoço preparado, Ilza foi para a roça com Edilberto e Adriano, que ficavam brincando pela roça, subindo nos galhos das árvores derrubadas no chão, brincando com o facão, sempre próximos à mãe, que também estava plantando arroz (PESQUISA DE CAMPO, 25/10/10) (Figura 35).



Figura 35: Crianças durante o trabalho na roça caiçara.

Créditos: André Esquivel.

A constante inserção das crianças na mata, para ajudar os pais ou para ficar sob seus cuidados durante o trabalho, caracteriza esse espaço como o principal ambiente no qual as crianças caiçaras das comunidades pesquisadas se desenvolvem e se socializam, no

qual também ocorre a constante transmissão dos conhecimentos tradicionais, por meio da observação e da prática.

*Ilza- Nós era muito difícil ir pro mato. Eu ia com minha vó lá pro mato. E o mato era pra trabalhar, fazer janela. [pausa] E tudo as coisa. [pausa] Canoinha. [pausa] E ia com ela pro mato (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

Os mecanismos que compõem o processo de ensino e aprendizagem recorrente nas comunidades não são percebidos pelos caiçaras. Como a maior parte das atividades foi aprendida por meio da observação seguida da prática, sem que fosse estabelecido um momento formal em que pessoas determinadas transmitissem o “como fazer”, a aquisição dos conhecimentos não é percebida, de modo que os saberes que possuem sobre o meio ambiente local são percebidos pelos caiçaras como elementos que sempre fizeram parte do indivíduo. “*Umás e outros participam de quase todas as experiências da vida social e, pouco a pouco, conquistam naturalmente o direito de fazer, viver e experimentar quase todas as coisas*” (BRANDÃO, 1985: 121).

*Bárbara- E vocês caçavam?*

*Creuza- Caçava. [...]*

*Bárbara- Não tinha medo de se perder no mato?*

*Creuza- Não tinha. Eu conhecia o mato, né? Andava sempre.*

*Bárbara- Como que você conhecia?*

*Creuza- Andava com nosso pai. Depois saia sozinho (ENTREVISTA REALIZADA COM CREUZA, 55 ANOS).*

Além de aprender pela observação constante e pelos momentos em que participam das atividades, as crianças também adquirem conhecimentos ao escutar os relatos dos mais velhos sobre fatos ocorridos na mata, como é o caso das caçadas, pois as crianças só são chamadas para auxiliar os adultos durante a atividade a partir do momento que consigam acompanhá-los.

*Bárbara- Você já foi caçar alguma vez?*

*Eder- Não.*

*Bárbara- Tem medo de caça?*

*Eder- Tenho.*

*Bárbara- Por que?*

*Eder- Porque sim.*



*Douglas- Tamanduá tem três unhas assim ó, grandona.*

*Eder- É a arma pra gente.*

*Douglas- Ele fica bem de pezinho, assim. Quando os cachorros vêm, ele pega e segura, se ele não solta, se não cortar os braços dele, ele mata o cachorro (ENTREVISTA REALIZADA COM EDER, 8 ANOS E DOUGLAS, 13 ANOS).*

Durante a audição dos relatos de caçaras mais velhos, as crianças absorvem uma série dos conhecimentos específicos que permeiam as atividades de subsistência das famílias. Ainda que não participem de algumas atividades, ao escutar os relatos e associá-los aos saberes que já possuem sobre o local, as crianças passam a se inserir no grupo social, ao mesmo tempo em que adquirem conhecimentos que serão utilizados quando as mesmas participarem de uma caçada, por exemplo.

*Bárbara- E por aqui tem mais mundéu<sup>72</sup> Erenilson?*

*Erenilson- Tem! [...]*

*Bárbara- E quando a caça cai, você que pega ou seu pai? [referente ao animal capturado na armadilha]*

*Erenilson- Papai. [pausa] Já cai morto aqui. Já cai morto embaixo ali. Já cai morto embaixo do mundéu.*

*Bárbara- Já cai morto ali?*

*Erenilson e Eder- Já.*

*Bárbara- Você já viu, Éder?*

*Eder- Já.*

*Erenilson- Paca, tatu.*

*Eder- Paca, tatu, quati, raposa, tamanduá.*

*Bárbara- Qual tamanduá? O pequeninho ou o grandão? [referente a espécie de tamanduá]*

*Éder- Aquele grandão.*

*Erenilson- O grandão!*

*[Éder apontou para uma área na qual o mato estava cortado]*

*Eder- Olha aí o que ó. [pausa] A paca, que fez ali.*

*Bárbara- A paca que fez isso? Cortou o mato?*

*Eder- Não. Ali embaixo ó!*

*Bárbara- A armadilha?*

*Erenilson- [resposta afirmativa] Essa armadilha.*

*Bárbara- E quem ensinou vocês a fazerem a armadilha?*

*Eder- Papai.*

*Erenilson- Papai!*

*Bárbara- E agora vocês fazem ela sozinhos?*

---

<sup>72</sup> O mundéu é um pesado tronco inclinado sobre um pedaço de madeira que o liberta quando a caça se aproxima da isca presa em pequeno curral feito ao lado do tronco. Essa armadilha ocasiona a morte por esmagamento do animal.

*Eder- Fazemos também. Fazemos mundéu. [pausa] Mundéu é a coisa mais facinho que tem. (ENTREVISTAS REALIZADAS DURANTE A OBSERVAÇÃO DA PESCARIA NO RIO VERMELHO, EM 25/10/2010).*

A coexistência do aprendizado pela observação, pela prática e pelas palavras dos mais velhos garante a sobrevivência do indivíduo não apenas no momento presente, quando este desempenha importantes funções no contexto geral que envolve a família, mas também a sobrevivência do mesmo e da possível família que ele constituirá no futuro.

É esse processo específico de ensino e aprendizagem, que tem os pais, familiares e vizinhos como a agência educativa, que ocasiona a aquisição de conhecimentos específicos sobre o meio ambiente local, gerando uma relação de familiaridade entre o mesmo e os caiçaras, a qual é necessária para um trabalho de sucesso e conseqüente sobrevivência. Por meio de “[...] *uma educação que, favorecida pela liberdade proporcionada pelo espaço geográfico onde a comunidade se insere*” (MONTEIRO, 1986: 163), as crianças reconhecem os elementos da mata como a fonte de sua subsistência e possuem conhecimentos específicos sobre o período e maneiras de retirá-los, pois essas ações são habituais e integram o trabalho diário da população local.

Durante a atividade “*Subsistência Caiçara*” (Atividade A4), realizada com as crianças caiçaras no Rio dos Patos, a pesquisadora solicitou que as crianças capturassem imagens de elementos da natureza que contribuem para a subsistência das famílias no local. Éder fotografou umas das cadelas da família, Pintada, e relacionou a imagem do animal com a atividade de caça (Figura 36).

*Bárbara- O que é essa foto?*

*Eder- Pintada!*

*Bárbara- É de comer?*

*Eder- Não.*

*Bárbara- Por que você tirou foto dela?*

*Eder- Pra matar caça! (DESCRIÇÃO DA FOTOGRAFIA ÉDER A4 (1)).*



Figura 36: Cadela Pintada.

Créditos: Éder.

A retirada do palmito, espécie vegetal que desempenha um importante papel na subsistência das famílias de Saco da Rita e Abacateiro, é constantemente observada e realizada pelas crianças caiçaras, que demonstram possuir o “*como-fazer*” dessa atividade. Durante a realização da atividade A4, Erenilson fotografou a imagem da vegetação existente na margem da trilha que conduz ao sítio no Rio dos Patos, no intuito de capturar as imagens das várias árvores de palmito que ali se encontram<sup>73</sup>.

*Erenilson- Palmito.*

*Bárbara- Estava bom pra comer esse palmito?*

*Erenilson- Tava.*

*Bárbara- Como você sabe?*

*Erenilson- Pelo tamanho.*

*Bárbara- Que tamanho tem que ter?*

---

<sup>73</sup> Ver Figura 19.

*[Erenilson e Eder demonstraram, com os braços, a largura que deve ter o tronco do caule do palmito, para que este possa ser derrubado para consumo ou venda] (DESCRIÇÃO DA FOTOGRAFIA ERENILSON A4 (1)).*

Assim como os conhecimentos que Erenilson possui acerca da retirada do palmito, as especificidades da Floresta Atlântica fazem parte do saber adquirido pelas crianças caiçaras por meio das relações sociais estabelecidas com os demais membros das comunidades. É dentro da mata aberta e da mata fechada que as crianças se relacionam com os mais velhos e com as outras crianças, participam de momentos imersos em conhecimentos tradicionais e próprios da área. Nesses espaços, as crianças observam e capturam os saberes, colocando-os em prática poucos momentos depois que os mesmos foram internalizados.

### **7.3.2. Perto do mar**

Com a criação das unidades de conservação sobre os territórios das populações caiçaras, o acesso aos recursos naturais da Floresta Atlântica passou a ser restrito, o que ocasionou mudanças no modo de vida local, designando às atividades pesqueiras, assim como à extração de ostra e caranguejo, um papel fundamental na subsistência das famílias.

*Ilza- Agora quase que não plantam, por causa que tem a pesca. Até o ano retrasado nós prantemo roça. [...] Se plantar tem mais farinha, comprava outras coisas. (ENTREVISTA REALIZADA COM ILZA, 36 ANOS).*

*Agostinho- [...] Como que você vai podê sustentá aí três filhos, quatro filhos, na escola, matando três quilos de camarão por dia, quando mata! Isso na maré de lua que dá o camarão, vendendo a cinco reais o quilo. O dia inteiro batalhando pra você vendê a cinco reais. Matando cinco quilos de camarão por dia. [pausa] Isso quando mata ainda isso! E o baiacu. [pausa] Todo aquele trabalho que a gente tem, dez, quinze quilos de baiacu é uma alegria. Peixe que tem mais é o parati. [pausa] Você mata aí quarenta, cinquenta quilo com uma sorte, vendendo R\$ 1,50 o quilo, e isso lá em Paranaguá que tá isso no mercado. Aqui mais que R\$ 0,80 não vende. [pausa] Mais que R\$ 0,80 você não pega o quilo. (ENTREVISTA REALIZADA COM AGOSTINHO, 46 ANOS).*

Quando a pesca é realizada nas “águas da maré”, em áreas do estuário que são alcançadas em até aproximadamente 30 minutos de canoa a remo, as crianças menores acompanham os pais na atividade. Durante esse período, as crianças observam a ação dos mais velhos e frequentemente prestam algum auxílio a eles, ao mesmo tempo em que apreendem os conhecimentos necessários para desenvolver a atividade posteriormente.

*Bárbara- E como que pega tainha?*

*Eder- Pega. [pausa]*

*Bárbara- Pega com a rede?*

*Eder- É! Bater na canoa e bater na água, pra pegar tainha.*

*Bárbara- A tainha vem quando bate na canoa?*

*Douglas- Ela se espanta e corre pra rede.*

*Bárbara- Quem e te ensinou a pegar tainha?*

*Eder- Papai.*

*Bárbara- Como ele te ensinou?*

*Eder- De colher a rede e. [pausa]*

*Bárbara- Ele falava pra você colher a rede?*

*Eder- [resposta afirmativa]*

*Bárbara- E você consegue colher a rede?*

*Eder- [resposta afirmativa]*

*Bárbara- Acho que eu não tenho força pra colher a rede. É muito difícil?*

*Eder- Não.*

*Douglas- É só ver outro colhendo a rede.*

*Bárbara- Se eu ver, aprendo?*

*Eder- [resposta afirmativa]*

*Bárbara- Você aprendeu assim?*

*Eder- [resposta afirmativa]. (ENTREVISTA REALIZADA COM EDER, 8 ANOS E DOUGLAS, 13 ANOS).*

Assim como nos trabalhos desenvolvidos em meio à Floresta Atlântica, nos espaços que têm o mar, o estuário e o manguezal em suas composições, são a observação e a prática que também proporcionam a aquisição de conhecimentos específicos sobre o meio ambiente local. Além da internalização dos saberes sobre diversas espécies da fauna e flora, as crianças caíças internalizam detalhes específicos sobre o funcionamento próprio desse ecossistema.

*Douglas- Só quando entrar [referente à ação de recolher o peixe capturado para dentro da canoa] tem que ter cuidado com o*

*bagre, que ele tem espora. Que ele encostou e já fura o dedo da gente.*

*Eder- Tem que tirar da rede.*

*Douglas- Quebrar a espora porque... [pausa] Tem uns que é ruim que quebra a espora pra tirar. Mas tem uns que não.*

*Bárbara- Você quebra?*

*Douglas- Eu quebro.*

*Eder- Eu quebro.*

*Bárbara- Vocês sabem quebrar sem se machucar?*

*Douglas- É só prender assim na borda da canoa, enverga que daí já quebra.*

*Bárbara- Teu pai que te ensinou?*

*Eder- Foi.*

*Douglas- Eu vi assim também e aprendi. (ENTREVISTA REALIZADA COM EDER, 8 ANOS E DOUGLAS, 13 ANOS).*

A maré, ora enchente, ora vazante, determina o cotidiano das crianças e demais membros das comunidades. A convivência com as mudanças cotidianas no ambiente remete ao aprendizado precoce das crianças sobre os movimentos da maré, um conhecimento necessário para o planejamento das atividades infantis diárias, o que envolve desde a ida e volta da escola, até a realização de pescarias nos baixios e das atividades associadas à subsistência da família.

As águas que cercam as comunidades de Saco da Rita e Abacateiro e frequentemente cobrem o manguezal que as limita, fazem parte igualmente do cenário no qual se realizam outras atividades extrativistas, como a coleta de ostras e caranguejos, nas quais a presença das crianças caiçaras também é uma constante (Figura 37). O manguezal faz parte do cotidiano das crianças, que observam e participam da retirada de ostras, uma das principais fontes de renda dos caiçaras<sup>74</sup>. Durante essa atividade, a teoria e a prática se unificam, e a transmissão dos conhecimentos ocorre no contato direto com a natureza, compreendida como parte essencial da estrutura desse conhecimento e desta prática (MONTEIRO, 1986: 194).

---

<sup>74</sup> Por ser uma atividade que oferece riscos, a coleta de ostras é uma atividade na qual muitas vezes podem acontecer ferimentos na pele, devido a possíveis cortes ocasionados pelas conchas, por isso, geralmente são apenas algumas crianças com mais de oito anos que auxiliam os adultos. As crianças também observam da coleta de caranguejos, em meados do mês de dezembro, entretanto, não foi possível observar essa atividade devido ao período em que foram realizadas as pesquisas de campo.



Figura 37: Coleta de ostras.

Créditos: Bárbara Elisa Pereira.

São as relações sociais que entrelaçam o trabalho infanto-juvenil que possibilitam a concretização do processo de ensino e aprendizagem, sendo por meio dessas relações que os conhecimentos são adquiridos e as habilidades são conquistadas. Os caiçaras mais velhos levam as crianças para o mar, designando às mesmas a função de ajudantes, ensinando uma profissão, transformando-as em “bons pescadores” e caracterizando o trabalho infanto-juvenil como parte de um processo educativo que *“reveste-se de utilidade prática para a vida futura do indivíduo à medida que familiariza a criança, paulatinamente, com o instrumental mais complexo que certamente utilizará na vida adulta”* (MONTEIRO, 1986: 194).

Durante o final de semana em que a família de Dinho, da Vila de Superagui, passou na casa de Agostinho, o patriarca comentou sobre a possibilidade de levar Douglas para a sua comunidade, pois a idade do menino (13 anos) permitiria que os pescadores o

levassem para os trabalhos em mar aberto, de modo que Douglas aprenderia a ser um “bom pescador” (PESQUISA DE CAMPO, 24/10/10).

*O conhecer do velho pescador se traduz pela sabedoria, algo distinto do saber-fazer. A sabedoria não diz respeito ao manuseio de um apetrecho de pesca, mas onde e quando utilizá-lo. A sabedoria, o pescador a adquire não somente pela experiência, mas indo pescar e ouvindo os mais velhos (DIEGUES, 1983: 185).*

O desenvolvimento do trabalho infanto-juvenil, concomitante à aprendizagem, caracteriza a educação por meio do trabalho como um rico processo pedagógico, que possui objetivos e conteúdos definidos, assim como possibilita a construção dos conhecimentos necessários para a realização das atividades necessárias para a subsistência.



## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRE HOMENS, NATUREZA E CONSERVAÇÃO

*“Não falei de mundos tribais, igualitários, para sugerir que seja possível e desejável voltar a eles. Daí emergimos e deles nos afastamos irremediavelmente. Estabeleci diferenças para dizer que a tarefa do homem a quem a conquista dos sinais humanos da vida – a liberdade, a solidariedade e a felicidade – é o apelo que dirige o trabalho e o saber, deveria ser o de o insistentemente descobrir os meios para que a direção da história seja transformada”.*  
(BRANDÃO, 1984b: 11)

A articulação entre movimentos sociais e ambientais permitiu a inclusão de novas abordagens para a proteção da natureza. Entre essas, é possível citar a recomendação expressa pelo Artigo 8(j) da Convenção da Diversidade Biológica (CDB), que abordou as populações tradicionais indígenas e não indígenas<sup>75</sup> e seus respectivos conhecimentos como atores ativos para a conservação dos recursos naturais:

*Artigo 8:*

*j) Em conformidade com sua legislação nacional, respeitar, preservar e manter o conhecimento, inovações e práticas das comunidades locais e populações indígenas com estilo de vida tradicionais relevantes à conservação e à utilização sustentável da diversidade biológica e incentivar sua mais ampla aplicação com a aprovação e a participação dos detentores desse conhecimento, inovações e práticas; e encorajar a repartição equitativa dos*

---

<sup>75</sup>Apesar da ênfase dispensada pela CDB, a inclusão de assuntos relacionados a populações tradicionais em discussões de organismos multilaterais internacionais não foi uma exclusividade ou iniciativa deste organismo multilateral, pois a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI) e Organização Mundial do Comércio (OMC) já haviam abordado o tema, especificamente no que se refere aos conhecimentos produzidos por estas populações e os direitos de propriedade intelectual intrínsecos aos mesmos (CUNHA, 1999: 148; RIBEIRO & ZANIRATO, 2007: 41).

*benefícios oriundos da utilização desse conhecimento, inovações e práticas (MMA, 2000: 12).*

O Artigo 8(j), elaborado pela CDB, demonstra reconhecer as populações tradicionais como importantes atores para a efetiva conservação de recursos naturais. Porém, mesmo com essa ênfase, ainda não foram consolidados meios para valorizar integralmente as práticas sustentáveis difundidas por essas populações, ainda que os pressupostos científicos começassem a ser desenvolvidos por volta do ano de 1950, com diversos estudos no campo da etnociência, entre os quais a etnoconservação, que desempenha papel fundamental nessas discussões.

Os estudos da etnoconservação da natureza indicam que os povos e comunidades tradicionais manejam os recursos naturais a partir de seus conhecimentos e práticas relacionadas às atividades como o extrativismo, a agricultura itinerante e a pesca, recusando-se a possibilidade da existência de áreas naturais intactas. Por meio desses estudos, surge a percepção de que tais áreas são produtos de ações desenvolvidas pelas populações tradicionais durante longos períodos e que mesmo assim são consideradas como áreas que possuem expressiva diversidade biológica (COLCHESTER, 1995: 13).

A análise das percepções e das relações existentes entre as crianças caiçaras e o meio ambiente, realizada nas comunidades caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita, permite afirmar que o manejo dos recursos naturais por essas populações é permeado pela necessidade do uso adequado dos mesmos. É possível considerar ainda que a necessidade do uso pouco intenso dos recursos naturais configura-se também como um requisito para a perpetuação da própria população no ambiente no qual ela está inserida, ao mesmo tempo em que a diversidade biológica da área depende da continuidade do manejo tradicional.

Entretanto, o manejo tradicional dos recursos naturais pelas populações caiçaras na região de Guaraqueçaba vem sendo alvo de constantes restrições impostas pela legislação ambiental que passou a vigorar a partir da implantação Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba e do Parque Nacional de Superagui. Essas restrições são responsáveis pela alteração do conteúdo transmitido entre os caiçaras. Sem considerar o modo de vida local que se manteve em equilíbrio com o meio ambiente durante as gerações passadas, quando a população cuidava do lugar a fim de garantir a própria sobrevivência futura, o Estado impôs restrições que não consideraram nem os

conhecimentos tradicionais da população nem a relação entre as famílias caiçaras e seus territórios.

O desenvolvimento da análise das relações e percepções de crianças caiçaras de duas gerações distintas demonstrou que apesar dos modos de transmissão dos conhecimentos que fundamentam o manejo dos recursos utilizarem mecanismos semelhantes, existem alterações no conteúdo propagado. A dependência quase total do meio ambiente no qual estavam inseridos, as relações com o mato e com o mar, quase tudo passou por mudanças sutis. Ainda que a transmissão oral, a observação e o aprendizado pela prática continuem sendo os principais mecanismos do processo educativo que permeia o desenvolvimento do indivíduo nas comunidades caiçaras, a proibição da realização de atividades extrativistas, por exemplo, impede que os conhecimentos referentes às mesmas sejam transmitidos e interrompe uma parte importante da conexão entre as crianças caiçaras e o meio ambiente local.

Uma vez que as atividades tradicionais de subsistência são consideradas criminosas, ensinar a uma criança os períodos nos quais é possível caçar determinadas espécies, ou como realizar uma queimada para plantar uma roça é como ensiná-la a cometer um crime. E a família que anteriormente retirava da mata o necessário para sua sobrevivência, atualmente precisa recorrer a outras fontes, capazes de gerar uma renda financeira que permita a realização de compras nos mercados localizados em Guaraqueçaba.

As mesmas restrições que modificaram o modo de vida das populações caiçaras envolvidas nesta pesquisa em favor da proteção do meio ambiente local, concebidas pelas instituições ambientais, também prejudicaram o alcance dos objetivos para os quais foram delineadas. Responsáveis diretos pela conservação da área, esses caiçaras tiveram seus direitos negados e foram ignorados, fato que repercutiu na Floresta Atlântica, uma vez que o manejo tradicional contribuía para a manutenção da biodiversidade local e consistia em atividades antrópicas com impacto minimizado. Ao aumentar a frequência de idas e vindas à Guaraqueçaba, concomitante ao crescente consumo de produtos industrializados, aumenta-se a retirada de matéria-prima, não mais na esfera local, assim como também aumenta - se a quantidade de resíduos depositada no ambiente. Esses fatos permitem comparar o impacto ambiental gerado pelas atividades de subsistência realizadas anteriormente por essas populações com o impacto que as mesmas populações passam a

gerar a partir do momento em que o modo de vida da sociedade urbano-industrial passa a influenciar as mesmas e passa a centralizar as questões relacionadas ao dinheiro e ao consumo.

Ainda que a noção de que não é possível explorar demais os recursos naturais e continuar a utilizá-los no futuro persista entre os caiçaras, as transformações decorrentes da inserção de valores da sociedade urbano-industrial no cotidiano caiçara são expressivas. Se anteriormente as atividades extrativistas eram conduzidas por saberes específicos, os quais carregavam uma série de classificações e regras para o manejo do meio ambiente local, adquiridas diariamente por meio das relações sociais estabelecidas entre os caiçaras mais velhos e os jovens, a inserção da legislação ambiental e dos valores urbano-industriais, concomitante à vertente religiosa que se estabeleceu na região, pode ser caracterizada como um obstáculo na transmissão desses conhecimentos.

Ao mesmo tempo em que a legislação ambiental considera as atividades tradicionais de subsistência criminosas, a vertente religiosa condena os elementos culturais que regulavam essas práticas, criando uma amplitude de obstáculos, ou mesmo de impedimentos, para a transmissão de importantes conhecimentos relacionados com o manejo dos recursos naturais e consequente conservação do meio ambiente local.

Em meio a esse intrincado cenário, a realização desta pesquisa permitiu perceber que as relações existentes entre as crianças caiçaras e a ambiente em seu entorno se desenvolvem baseadas em um contato direto com natureza, de modo que a mesma não é dicotomizada e está envolvida na cultura e no cotidiano infantil, por meio da existência de uma transversalidade nos processos de sociológicos e cognitivos do desenvolvimento das crianças caiçaras de Abacateiro e Saco da Rita.

Entre as significações que os caiçaras atribuem aos elementos que compõem o seu mundo, tanto os mais velhos quanto as crianças da geração atual associam a natureza à sobrevivência local. A mata e o mar que cercam as comunidades de Abacateiro e Saco da Rita são geralmente designados como os lugares que fornecem os recursos para a subsistência das famílias, por meio da pesca, da caça, da extração de palmito e da coleta de outras espécies da flora e da fauna.

As especificidades da Floresta Atlântica fazem parte do saber adquirido pelas crianças caiçaras por meio das relações sociais estabelecidas com os demais membros das comunidades. É dentro da mata, entre as raízes do manguezal e sobre as águas do estuário

que as crianças se relacionam com os mais velhos e com as outras crianças, desenvolvendo uma série de trocas com o meio ambiente local, o que caracteriza esses espaços como o cenário no qual ocorre a maior parte do processo de socialização dos indivíduos que integram as comunidades. Desse cotidiano particular às crianças caiçaras resultam as percepções que misturam sentimentos como o medo e o respeito pelo meio ambiente local, ao lado da familiaridade que possuem com o mesmo.

Em meio à Floresta Atlântica, as crianças participam das situações cotidianas permeadas pelos conhecimentos tradicionais e particulares à região, observando e capturando esses saberes, para colocá-los em prática nos momentos seguintes a sua internalização. A aprendizagem pela observação e pela prática pode ser caracterizada como o principal meio de transmissão de conhecimentos, garantindo a sobrevivência social do indivíduo, ou seja, a internalização da cultura e a inserção no grupo social do qual ele faz parte.

As relações sociais que entrelaçam as brincadeiras e o trabalho infanto-juvenil possibilitam a concretização do processo de ensino e aprendizagem, sendo por meio dessas relações que os conhecimentos e as habilidades são adquiridos, caracterizando esses momentos como integrantes de um rico processo pedagógico com objetivos e conteúdos definidos.

Percebeu-se que durante o brincar, a aprendizagem da criança integra-se à linguagem infantil e seu contexto sócio-cultural, de modo que a junção entre os elementos da floresta e as brincadeiras representa uma porção significativa dos processos envolvidos no crescimento desses indivíduos. A interação entre as crianças e o meio ambiente local é proporcionada pelas brincadeiras, responsáveis por desencadear uma relação de ampla familiaridade, ao mesmo tempo em que contribui para a aquisição de conhecimentos específicos, transmitidos entre as próprias crianças, possibilitando que elas se tornem parte da dimensão social da realidade que as envolve.

Ainda em meio ao cotidiano caiçara, o trabalho infanto-juvenil possibilita que as crianças de Saco da Rita e Abacateiro adquiram parte significativa dos saberes tradicionais. É possível afirmar que a educação das crianças caiçaras é dependente da transmissão dos conhecimentos difundidos entre gerações por meio do trabalho, reafirmando o processo de ensino e aprendizagem que ocorre pela prática.

O trabalho infanto-juvenil é um dos principais elementos que constituem o processo de socialização das crianças de Saco da Rita e Abacateiro. Além de ser necessária

para a sobrevivência física, é a participação das crianças nas atividades de subsistência da família que garante a continuidade da cultura caiçara, ao mesmo tempo em que difunde os saberes tradicionais entre as gerações envolvidas, estando fundamentada no respeito pelos mais velhos, percebidos como detentores de um saber maior, em decorrência do maior número de experiências acumuladas ao longo do tempo.

E entre os processos pedagógicos que permeiam a infância das crianças caiçaras, as reflexões sobre o ambiente escolar conduzem a algumas ponderações que envolvem uma série de problemáticas que abrange desde a estrutura do currículo, importado de centros urbanos, até o cotidiano escolar, o qual muitas vezes não condiz com a realidade das crianças. Essas percepções permitem afirmar que a escola acaba adquirindo uma função de destaque no cenário de migração intensa que vem ocorrendo em diversas comunidades tradicionais, ou seja, ela induz e tenta preparar as crianças para a inserção nos grandes centros urbanos. Entretanto, essa discussão demanda discussões aprofundadas e a realização de outra pesquisa que tenha seus objetivos focados nesses aspectos.

O desenvolvimento desta pesquisa exigiu a transposição de uma série de obstáculos, acompanhados, no entanto, de oportunidades únicas que permitiram a aquisição não apenas de conhecimentos acadêmicos, mas também de conhecimentos que fazem parte de um mundo que não faz parte do mundo de muitas pessoas. A escolha das comunidades caiçaras de Saco da Rita e Abacateiro implicou a exclusão de tantas outras comunidades, em outras tantas regiões, que com certeza também contribuiriam brilhantemente para este trabalho. Entre a definição do campo da pesquisa, da metodologia e da utilização dos dados coletados, esta pesquisa envolveu muitas escolhas, permeadas pela complexidade das questões que envolvem as populações tradicionais e a conservação do meio ambiente, neste caso, da Floresta Atlântica.

E se as escolhas ora priorizaram ora excluíram determinados temas, aspectos e locais, elas também abriram novos caminhos e possibilidades de estudo e atuação. Mais que acrescentar novas páginas de teorias e reflexões, acredita-se que essa pesquisa deva gerar contribuições para as comunidades que colaboraram para sua realização, ainda que de maneira limitada, engrossando as discussões a favor das comunidades ou gerando pressupostos que fundamentem uma educação escolar que atenda às especificidades da realidade local caiçara.

## Referências Bibliográficas

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (ACIESP). Glossário de ecologia. ACIESP. São Paulo, 1987.

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*: São Paulo, v. 43, n. 1, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 07 Apr 2008.

ALLUT, Antonio Garcia. O Conhecimento dos Especialistas e seu Papel no Desenho de Novas Políticas Pesqueiras. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.

ALMEIDA, Mauro; CUNHA, Manuela Carneiro. Populações Tradicionais e Conservação. IN: Programa Nacional da Diversidade Biológica – Seminário de Consulta. Avaliação e Identificação de Ações Prioritárias para a Conservação, Utilização Sustentável e Repartição dos Benefícios da Biodiversidade da Amazônia Brasileira. Macapá, 1999.

ALVAR, Júlio & ALVAR, Janine. *Guaraqueçaba, mar e mato*. Vol. 1. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1979.

ALVEZ, Nelson Luiz Penteadó. *As montanhas do Marumbi*. Edição do Autor. Curitiba, 2008.

ARRUDA, Rinaldo S. V. Populações Tradicionais e a Proteção dos Recursos Naturais. *Revista Ambiente & Sociedade*. Ano 2, n. 5. 2o Semestre de 1999.

ARRUDA, Rinaldo S. V. “Populações Tradicionais” e a Proteção dos Recursos Naturais em Unidades de Conservação. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.

ARRUDA, Rinaldo S. V.; DIEGUES, Antonio Carlos. *Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente USP: São Paulo, 2001.

BALICK, Michael; COX, Paul. *Plants, People and Culture: the Science of Ethno botany*. Scientific American Library. New York, 1996.

BECKER, Howards. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Hucitec. São Paulo, 1994.

BECQUELIN, Aurore. *Temps du récit, temps de l’oubli*. IN: *La mémoire de la tradition*. Société d’Ethnologie. Paris, 1992.

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. *Socialização: como ser um membro da sociedade*. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza (Org.). *Sociologia e sociedade*. Livros Técnicos e Científicos. Rio de Janeiro, 1990.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Martins Fontes. São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. *Memória e vida: textos escolhidos*. Martins Fontes. São Paulo, 2006.

BERKES, Fikret. *Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management*. Taylor & Francis, 1999.

BERKES, Fikret; FOLKE, Carl. *Linking Social and ecological systems: management practices and social mechanisms*. Cambridge University Press, 1998.

BERMAN, Marshall. (1940). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Companhia das Letras. 12 ed. São Paulo: 1986.

BIGARELLA, João José. *A Serra do Mar e a porção oriental do estado do Paraná: um problema de segurança ambiental e nacional*. UFSC-CFG-GCN. Florianópolis, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Casa de escola: cultura camponesa e educação rural*. Papyrus. Campinas, 1984a.

\_\_\_\_\_. *Educação Popular*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1984b.

\_\_\_\_\_. *A educação como cultura*. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

BRASIL. Lei nº. 6.902, de 27 de abril de 1981. Dispõe sobre a criação de Estações Ecológicas, Áreas de Proteção Ambiental e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, p. 7557, 28 abr. 1981.

\_\_\_\_\_. Decreto nº. 90.883, de 31 de janeiro de 1985. Dispõe sobre a implantação da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, no Estado do Paraná, e dá outras providências. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 31 jan. 1985.

\_\_\_\_\_. Decreto Nº 6.040, De 7 de Fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, 7 de fevereiro de 2007.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. T.A. Queiroz. São Paulo, 1979.

BRUSH, Stephen B.; STABINSKY, Doreen. *Valuing Local Knowledge: Indigenous People and intellectual property rights*. Island Press: 1996.

CANÁRIO, Rui. *Educação de Adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa, 1999.

CASTRO, Edna. *Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais*. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). *Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.



CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. Cad. CEDES, May/Aug. 2005, vol.25, no.66. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 02 jun. 2008.

CERISARA, Ana Beatriz; SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Edições ASA. Porto, 2004.

COLCHESTER, Marcus. Salvando la Naturaleza: Pueblos Indígenas, Areas Protegidas y Conservación de la Biodiversidad. Instituto de Investigaciones de las Naciones Unidas para el Desarrollo Social, 1995.

COLCHESTER, Marcus. Resgatando a Natureza: Comunidades Tradicionais e Áreas Protegidas. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMDA). Nosso Futuro Comum. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1998.

CORSARO, Willian A. The sociology of childhood. Pine Forge Press. Califórnia, 1997.

\_\_\_\_\_. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta das crianças. IN: Educação, Sociedade e Culturas, n. 17. Editora Afrontamento Ltda. Porto, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. IN: Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, Maio/Ago. 2005.

COSTA, Jodival Mauricio; MELARA, Eliane; HEIDRICH, Álvaro Luiz; DORNELES, Patricia. Território e qualidade de vida: complexidades sócio-espacial do morador de rua em Porto Alegre. Hologramática - Revista Acadêmica de la Facultad de Ciencias Sociales UNLZ, v. 07, p. 23-47, 2007.

CULTIMAR. Recursos Naturais na Vida Caiçara. Curitiba: Grupo Integrado de Aqüicultura e Estudos Ambientais. Universidade Federal do Paraná, 2008.

CUNHA, Lúcia Helena de O. Comunidades litorâneas e Unidades de Proteção Ambiental: convivência e conflitos; o caso de Guaraqueçaba (Paraná). Estudo de Caso n2. PPCAUB/Pró-Reitoria de Pesquisa da USP/F. FORD/IUCN, São Paulo, 1989.

\_\_\_\_\_. Reserva extrativista para regiões de mangue: uma proposta preliminar para o estuário de Mamanguape, Paraíba. São Paulo, Programa de pesquisa e conservação de áreas úmidas no Brasil-pró-reitoria/USP, 1992.

CUNHA, Manuela Carneiro. Populações Tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. Revista de Estudos Avançados n. 13, 1999.

DEAN, Warren. A ferro e fogo. A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Companhia das Letras. São Paulo, 1996.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Abordagens Etnográficas nas Pesquisas com Crianças e suas Culturas. In: 28ª Reunião Anual da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu - MG. CD ROM 28ª ANPED. Rio de Janeiro, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Autêntica. Belo Horizonte, 2006.

DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. IN: Por uma cultura da infância – Metodologias de pesquisa com crianças pequenas. Ed. Autores Associados, 2002.

DEMARTINI, Zeila Brito Fabri; LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Educando para o trabalho: família e escola como agências educadoras. Edições Loyola. São Paulo, 1985.

DIEGUES, Antonio Carlos. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo. Ática: 1983.

\_\_\_\_\_. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008.

DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). A Etnoconservação da Natureza. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia Caiçara 4: História e memória caiçara. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2005.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia Caiçara 5: Festas, Lendas e Mitos caiçaras. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S.V. (Orgs). Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos; MOREIRA, André de Castro (Orgs.). Espaços e Recursos naturais de uso comum. Núcleo de apoio à pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP. São Paulo: 2001.

DUPAS, Gilberto. *Meio Ambiente e Crescimento Econômico: Tensões Estruturais*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ELKIN, Frederick. A criança e a sociedade. Block. Rio de Janeiro, 1968.

ELLEN, Roy. Indigenous Knowledge of Rainforest: Perception, Extraction and Conservation. University of Kent at Canterbury, 1997.

FUNDAÇÃO S.O.S MATA ATLÂNTICA. Dossiê complexo estuarino lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá. s/d.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período 2005-2008 - Relatório parcial. São Paulo, 2009.

GADGIL, Madhav; BERKES, Fikret; FOLKE, Carl. Indigenous Knowledge for Biodiversity Conservation. *AMBIO*, vol. 22, n. 2-3, 1993.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1997.

GOODY, Jack & WATT, Ian. As conseqüências do letramento. Ed. Paulistana. São Paulo, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto. Tradução de Jenny Klabin Segall. Ed. Itatiaia. São Paulo: 1981.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente. Ed. Contexto. São Paulo, 2005.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel J. Investigação etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2003.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Centauro. São Paulo, 2006.

HANAZAKI, Natalia. Ecologia de caçaras: uso de recursos e dieta. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Biologia. Tese (Doutorado). Campinas, 2001.

HEYWOOD, Colin. Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Artmed. Porto Alegre: 2004.

HOROWITZ, Leah Sophie. Integrating Indigenous Resource Management with Wildlife Conservation: A Case Study of Batang Ai National Park, Sarawak, Malaysia. *Human Ecology*, vol. 26, n. 3, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC. Aspectos Conceituais e Legais. Brasília, 1989.

\_\_\_\_\_. Populações Tradicionais. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/pop.htm>>. Acesso em: 07 Apr 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS & SOCIEDADE E PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Comunidades pesqueiras da APA de Guaraqueçaba: uma caracterização sociocultural. Convênio SPVS/IBAMA (PNMA/UC). Relatório de Pesquisa. Curitiba: 1995.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). APA de Guaraqueçaba: caracterização sócio – econômica dos pescadores artesanais e pequenos produtores rurais. Curitiba: Ed. PARDES/IBAMA, 1989.

\_\_\_\_\_. Diagnóstico ambiental da APA de Guaraqueçaba. Curitiba: Ed. PARDES/IBAMA, 1995.

\_\_\_\_\_. Zoneamento da APA de Guaraqueçaba. Curitiba: Ed. PARDES/IBAMA, 2001.

\_\_\_\_\_. Perfil dos Municípios. 2007. Disponível em: <[http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/EscolheMun.php](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/EscolheMun.php)> Acesso em: 14 de agosto de 2009.

\_\_\_\_\_. Caderno estatístico município de Guaraqueçaba. Curitiba: Ed. PARDES, 2010.

JAMES, Allison; JAMES Adrian L. Constructing childhood: theory, policy and social practice. Palgrave, MacMillan. London: 2004.

JAMES, Alisson; JENKS, Chris; PROUT, Alan. Theorizing childhood. Polity Press. Cambridge, 2004.

JENKS, Chris. Constituindo a crianças. IN: Educação, Sociedade e Culturas. Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, no. 17. Portugal, 2002.

KASSEBOEHMER, Ana Lúvia. Restrições e Impactos da Legislação Ambiental Aplicada no Município de Guaraqueçaba – Paraná. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko M (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. Cortez. São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O brincar e suas teorias. Pioneira Thomson Learning. São Paulo, 2002.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. Disponível em: <[http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf)> Acesso em: 28 de julho de 2010.

KOTHE, Flávio R. Walter Benjamin: sociologia. São Paulo: Ática, 1985.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. EPU. São Paulo, 1986.

LANGOWISKI, Vera Beatriz. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá. In: Cadernos de Artes e Tradições Populares. Ano 1 n° 1, Museu de Arqueologia e Artes Populares. 1973.

LEFF, Enrique. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LENCLUD, G. Qu'est ce que la tradition? IN: LENCLUD, G. Transcrire les mythologies. AlbinMiche, Paris, 1994.

LEONTIEV, Alexis (org). Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. Centauro. São Paulo, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O Pensamento Selvagem. Campinas: Papyrus, 1989.

MACAULAY, Catriona; MAXWELL, Deborah. Oral culture: a useful concept relevant to information seeking in context? S/d.

MACEDO, Heitor Schulz. Processos Participativos na Gestão de Áreas Protegidas: estudos de caso em unidades de conservação de uso sustentável as zona costeira do sul do Brasil. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

MALINOWSLI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Os Pensadores. Abril Cultural. São Paulo, 1998.

MANN, P.H. Métodos de investigação em sociologia. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1983.

MARCHI, Rita de Cássia. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. Educação e Realidade, v. 34, p. 227-246, 2009.

MARQUES, José Geraldo. Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, 2. Ed. São Paulo, 2001.

MARTIN, Alfred Von. La nueva dinamica. IN: MARTIN, Alfred Von. Sociologia del Renacimiento. Fondo de Cultura. México, 1992.

MARTÍNEZ-ALIER, Juan. O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINS, José de Souza. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. Tempo Social. Rev. Socio. USP, 1993.

MARX, Karl. Primeiro Manuscrito: O Trabalho Alienado. IN: FROHM, Erich. O conceito marxista do homem. Zahar Editores, 5ª ed. Rio de Janeiro, 1970.

MAUSS, Marcel. Manuel d'ethnographie. Petite Bibliothèque Payot/13. Paris, 1967.

MAYALL, Barry. Conversas com crianças: trabalhando com problemas geracionais. IN: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. Investigações com crianças: perspectivas e práticas. Ediliber. Porto, 2005.

MEGANCK, Richard A.; SAUNIER, Richard E. Conservation of Biodiversity and the New Regional Planning. The World Conservation Union, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

MELLO, Marcelo Moura. Mutações de olhar: as vias de diálogo entre o campo e o arquivo. Revista sociedade e cultura, v.11, n. 1, jan/jun 2008, pg. 41 a 49.

MENGET, Patrick & MOLINIÉ, Antoinette. Introduction. IN: MENGET, Patrick & MOLINIÉ, Antoinette. La mémoire de la tradition. Société d'Ethnologie. Paris, 1992.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Convenção sobre a Diversidade Biológica – CDB. Cópia do Decreto Legislativo nº. 2, de 5 de junho de 1992. Brasília, 2000.

MONTEIRO, Arlete Assumpção. O trabalho como agente de educação: um estudo sobre a educação numa comunidade de pescadores em Santa Catarina/Brasil. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo, 1986.

MORAN, Emilio. A Ecologia Humana das Populações da Amazônia. Editora Vozes. Petrópolis, 1990.

MULLER, Nice Lecocq. Bairros Rurais do Município de Piracicaba/SP. IN: Boletim Paulista de Geografia nº. 43, julho/1966, p. 83-130. São Paulo, 1966.

NAKASHIMA, Douglas; ROUÉ, Marie. Indigenous Knowledge, People and Sustainable Practice. IN: Encyclopedia of Global Environmental Change. Vol. 5: Social and Economic Dimensions of Global Environmental Change. John WILEY and Sons, LTD. Chichester, 2002.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky - Aprendizagem e Desenvolvimento, Um Processo Sócio-Histórico. Ed. Scipione, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. UNESP. São Paulo 1998.

PARANÁ. Coletânea de Legislação Ambiental. Curitiba: SEMA - Secretária Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 1995.

POSEY, Darrel A. Manejo da Floresta Secundária; Capoeira; Campos e Cerrados (Kayapo). IN: RIBEIRO, Berta G. (org.). Suma Etnológica Brasileira. Volume 1: Etnobiologia. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Bairros Rurais Paulistas: dinâmica das relações bairro ruralidade. Duas cidades. São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. IN: LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, Maria Cristina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Pesquisa em ciências sociais: olhares de Maria Isaura Pereira de Queiroz. CERU. São Paulo, 2008.

QVORTRUP, Jens. Crescer na Europa: horizontes atuais sobre os estudos sobre infância e juventude. IN: CHISHOLM, Lynne et al. Growing up in Europe. De Gruyter. New Yorkk, 1995.

\_\_\_\_\_. Generation – an important category in sociological childhood research. IN: ACTAS do Congresso Internacional: Os mundos sociais e culturais da infância, vol. 2. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Braga, 2000.

REVEL, Nicole. The teaching of the ancestors. IN: REVEL, Nicole. Literature of voice: epics in the Philippines. Quezon City, 2005.

RIBEIRO, Berta G. (org.). Suma Etnológica Brasileira. Volume 1: Etnobiologia. Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia. Conhecimento Tradicional e Propriedade Intelectual nas Organizações Multilaterais. Ambiente e Sociedade, vol. X, pg. 39-55. Campinas: 2007.

ROCHA, Elaine do Pilar. Nomes, Rezas e Anzóis: Tradição e Herança Caiçara. Curitiba, 2005. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná.

ROUÉ, Marie. Novas Perspectivas em Etnoecologia: “Saberes Tradicionais” e Gestão dos Recursos Naturais. IN: DIEGUES, Antonio Carlos (Org.). Etnoconservação - novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2 ed. São Paulo: HUCITEC e NUPAUB, 2000.

SACHS, Ignacy. Sustentabilidade Social e Desenvolvimento Integral. IN: SACHS, Ignacy. Rumo à Ecosocioeconomia: Teoria e Prática do Desenvolvimento. Cortez. São Paulo: 2005.

SAMPAIO, Claudia Pereira da Silva. Estratégias de reprodução da agricultura familiar na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – Litoral Norte do Paraná. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Agrícola. Campinas, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. IN: Educação e Sociedade, vol. 26, n. 91. Campinas: 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto; SOARES, Natália Fernandes; TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. Sixth International Conference on Social Methodology. Recent Developments and Applications in Social Research Methodology. Amsterdam, 2004.

SCHMIDT, Marcus Vinícius Chamon. Etnosilvicultura kaiabi no parque indígena do Xingu: subsídios ao manejo de recursos florestais. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Carlos. São Carlos, 2001.

SECRETARIA ESPECIAL DO MEIO AMBIENTE (SEMA). Áreas de Proteção Ambiental: Abordagem histórica e técnica. Brasília, 1987.

SEVERINO, A. J. A escola e a construção da cidadania. In: SEVERINO, A. J. (org). Sociedade civil e educação. SP: Papirus: Cedes; São Paulo: Ande: Anped, 1992.

SEVERI, Carlo. Cosmologia, crise e paradoxo: da imagem de homens e mulheres brancos na tradição xamânica Kuna. IN: Mana: estudos de antropologia social, Abril 6/1. Rio de Janeiro, 2000.

SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (SNUC). Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000, decreto nº 4.340 de 22 de agosto de 2002. 5º ed. Brasília, 2004.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. IN: Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p: 25-40, Jan/Jun 2006.

SOCIEDADE E PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL (SPVS). Plano Integrado de Conservação para a Região de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. SPVS. Curitiba, 1992.

\_\_\_\_\_. Atlas Ambiental da APA de Guaraqueçaba. SPVS/PROBIO. Curitiba, 2000.

STRAUBE, Fernando Costa. “Guará”: Origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. IN: Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense (IHGP, Curitiba), vol.50, p. 91-100, 1999.

TEIXEIRA, C. A proteção ambiental em Guaraqueçaba: uma construção social. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004a.

TEIXEIRA, Rafael Tassi. Los cañaras de la jungla Atlántica y su producción simbólica: cuerpo, salud y religiosidad en áreas rurales del litoral del Paraná (Brasil). Tese (Doutorado) – Universidad Complutense de Madrid. Madrid, 2004b.

TOLEDO, Victor M. Indigenous Knowledge on Soils: An Ethno ecological Conceptualization. IN: BARRERA-BASSOS, N. & ZINCK, J.A. Ethno ecology in a worldwide perspective: an annotated bibliography. Enschede: International Institute for Aerospace. Survey and Earth Sciences, 2000.



THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.

\_\_\_\_\_. Indigenous people and Biodiversity. Encyclopedia of Biodiversity, vol. 3. Academic Press, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). Desenvolvimento sustentável em Guaraqueçaba. Caderno de Extensão – Novembro 1999. Curitiba, 1999.

VANSINA, Jan. Oral Tradition as History. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1985.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos; SARMENTO, Manuel Jacinto. Infância (in) visível. Junqueira e Marin. Araraquara, 2007.

VIÉGAS, Lygia de Souza. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação. IN: Diálogos possíveis: revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n.1 (jan./jun. 2007). Salvador: 2007.

VIEIRA, Élio. Educação, Trabalho e Participação: um estudo baseado em experiências vividas no meio rural baiano. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1990.

VON BEHR, Miguel. Guaraqueçaba. Empresa das artes. São Paulo, 1998.

WEIL, Simone. A condição operária na fábrica e outros estudos sobre opressão. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

WILLEMS, Emilio. Ilha de Búzios: Uma comunidade caiçara no sul do Brasil. HUCITEC; NUPAUB - CEC. São Paulo 2003.

YIN, R. K. Estudo de Caso: planejamento e método. Bookman. Porto Alegre, 2005.

## ANEXOS

### Anexo 01

Roteiro para entrevistas informais semiestruturadas, realizadas com caiçaras adultos com 35 anos ou mais, das comunidades de Abacateiro e Saco da Rita, localizadas no município de Guaraqueçaba, Paraná.

Objetivos das entrevistas: Compreensão dos processos educativos que permearam a constituição dos indivíduos adultos que atualmente residem nas comunidades caiçaras de Guaraqueçaba, assim como captura de aspectos dos conteúdos que eram transmitidos.

Informações gerais:

- 1- Nome.
- 2- Idade.
- 3- Escolaridade.
- 4- Local em que residiu durante a infância.

Aspectos abordados durante a entrevista:

- 1- Atividades desenvolvidas junto com mãe ou pai.
- 2- Como era a relação com outros parentes mais velhos e vizinhos.
- 3- Trabalhos cotidianos na infância.
- 4- Brincadeiras cotidianas na infância.
- 5- Lembranças sobre formas de castigo utilizadas pelos pais ou outros responsáveis.
- 6- Lembrança de algum fato que tenha acontecido na escola.
- 7- Significados do mar e do mato no cotidiano da infância.
- 8- Modos de transmissão e conteúdo dos valores.

Exemplos de perguntas utilizadas como condutoras das entrevistas:

- 1- Como os adultos ensinavam as crianças a se comportarem?
- 2- O que os pais ensinavam em relação à escola, casamento, festas da comunidade?
- 3- Que lendas e histórias os mais velhos contavam?
- 4- Como eles aprenderam sobre pontos e apetrechos de pesca ou sobre como não se perder na mata e encontrar caça e sobre períodos e locais para plantação?

- 5- O que os pais ensinavam sobre o mar e o mato?
- 6- Possui lembranças de brincadeiras da infância?
- 7- Como era o auxílio aos pais durante o trabalho?
- 8- Quais as lembranças do cotidiano escolar?
- 9- Quais as diferenças entre as crianças atuais e as crianças de antigamente?

Anexo 02

Crianças caiçaras da comunidade de Saco da Rita.

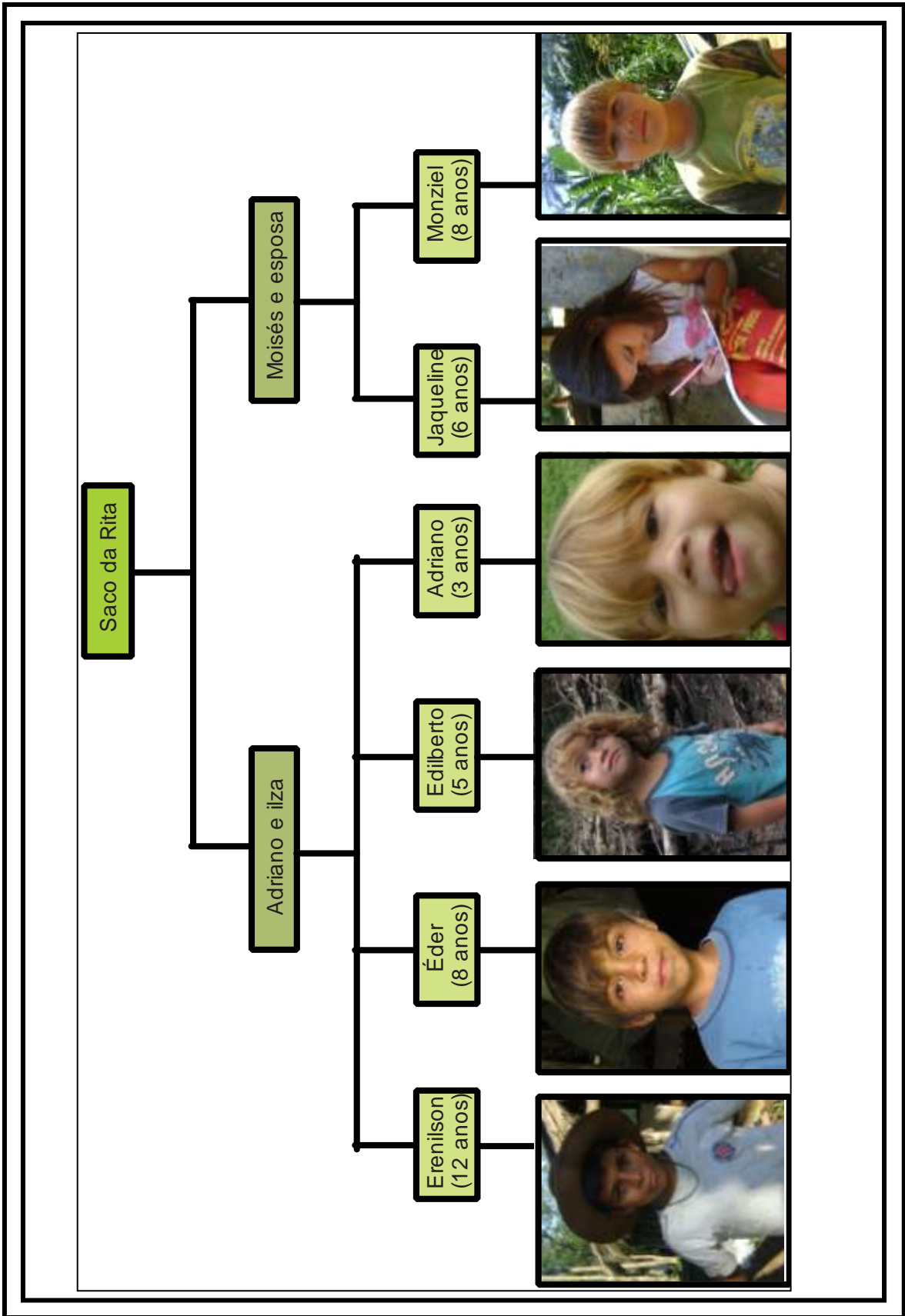


Figura 38: Crianças caiçaras da comunidade de Saco da Rita.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

Anexo 03

Crianças caiçaras da comunidade de Abacateiro.

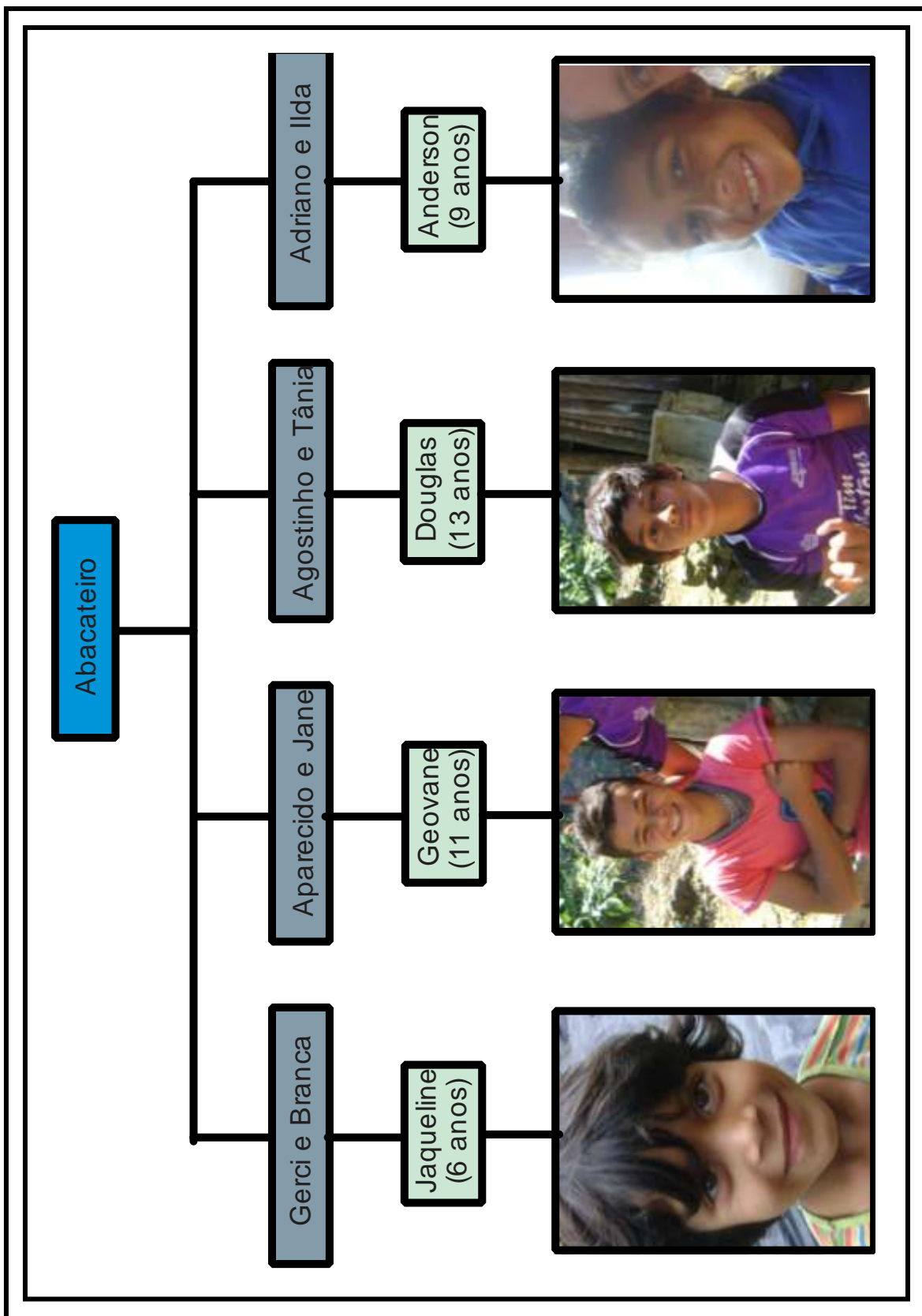


Figura 39: Crianças caiçaras da comunidade de Abacateiro.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.

## Anexo 04

Roteiro de entrevista informal semiestruturada entre a pesquisadora e as crianças caiçaras inseridas na faixa etária dos 3 aos 12 anos, das comunidades de Abacateiro e Saco da Rita, localizadas no município de Guaraqueçaba, Paraná.

Objetivos das entrevistas: Capturar as percepções das crianças caiçaras referentes ao meio ambiente no qual estão inseridas, assim como buscar elementos que demonstrem aspectos relacionados com a conservação do meio ambiente.

Informações gerais:

- 1- Nome.
- 2- Idade.
- 3- Pais.
- 4- Frequência escolar.

Aspectos abordados durante a entrevista:

- 1- Significado de meio ambiente.
- 2- Significados do mar e do mato no cotidiano da infância.
- 3- Conhecimentos sobre o meio ambiente local.
- 4- Conservação do meio ambiente.
- 5- Brincadeiras cotidianas na infância.
- 6- Atividades desenvolvidas junto com mãe ou pai.

Exemplos de perguntas utilizadas como condutoras das entrevistas:

- 1- Como é o lugar em que você mora?
- 2- Do que você brinca?
- 3- Seus pais deixam você brincar no mato?
- 4- O que tem no mato?
- 5- No que você ajuda seu pai quando ele vai para o mato/pescar?
- 6- Com quem você ia pescar?
- 7- Por que você ajuda seu pai/mãe?



## Anexo 05

Roteiro de entrevista realizada entre as crianças caiçaras inseridas na faixa etária dos 3 aos 12 anos, das comunidades de Abacateiro e Saco da Rita, localizadas no município de Guaraqueçaba, Paraná.

Objetivos das entrevistas: Capturar as percepções das crianças caiçaras referentes ao meio ambiente no qual estão inseridas, assim como buscar elementos que demonstrem aspectos relacionados com a conservação do meio ambiente.

Aspectos abordados durante a entrevista:

- 1- Significado de meio ambiente.
- 2- Significados do mar e do mato no cotidiano da infância.
- 3- Conhecimentos sobre o meio ambiente local.
- 4- Conservação do meio ambiente.
- 5- Brincadeiras cotidianas na infância.
- 6- Atividades desenvolvidas junto com mãe ou pai.

Perguntas utilizadas pela criança entrevistadora:

- 1- Como é o lugar em que você vive?
- 2- Do que você mais gosta de brincar?
- 3- Sua mãe deixa você brincar no mato?
- 4- O que tem no mato?
- 5- Como você ajuda seu pai/mãe?
- 6- Como você aprendeu a pescar/caçar/plantar?
- 7- Porque você ajuda seu pai/mãe?
- 8- O que você faz durante o dia?
- 9- Como é na escola?
- 10- O que você quer ser quando crescer?

Procedimento: Essa etapa da pesquisa de campo é realizada com duas crianças de cada vez. É necessário que a criança responsável por fazer as questões domine a leitura, uma vez que as perguntas que compõem a entrevistas são estruturadas pela pesquisadora. Após a explicação da pesquisadora sobre o funcionamento do aparelho de gravação de voz, a dupla de crianças caiçaras desenvolve a entrevista, sendo que nesse momento, a pesquisadora não deve interferir nem ser uma presença constante.

Comunidade de Abacateiro

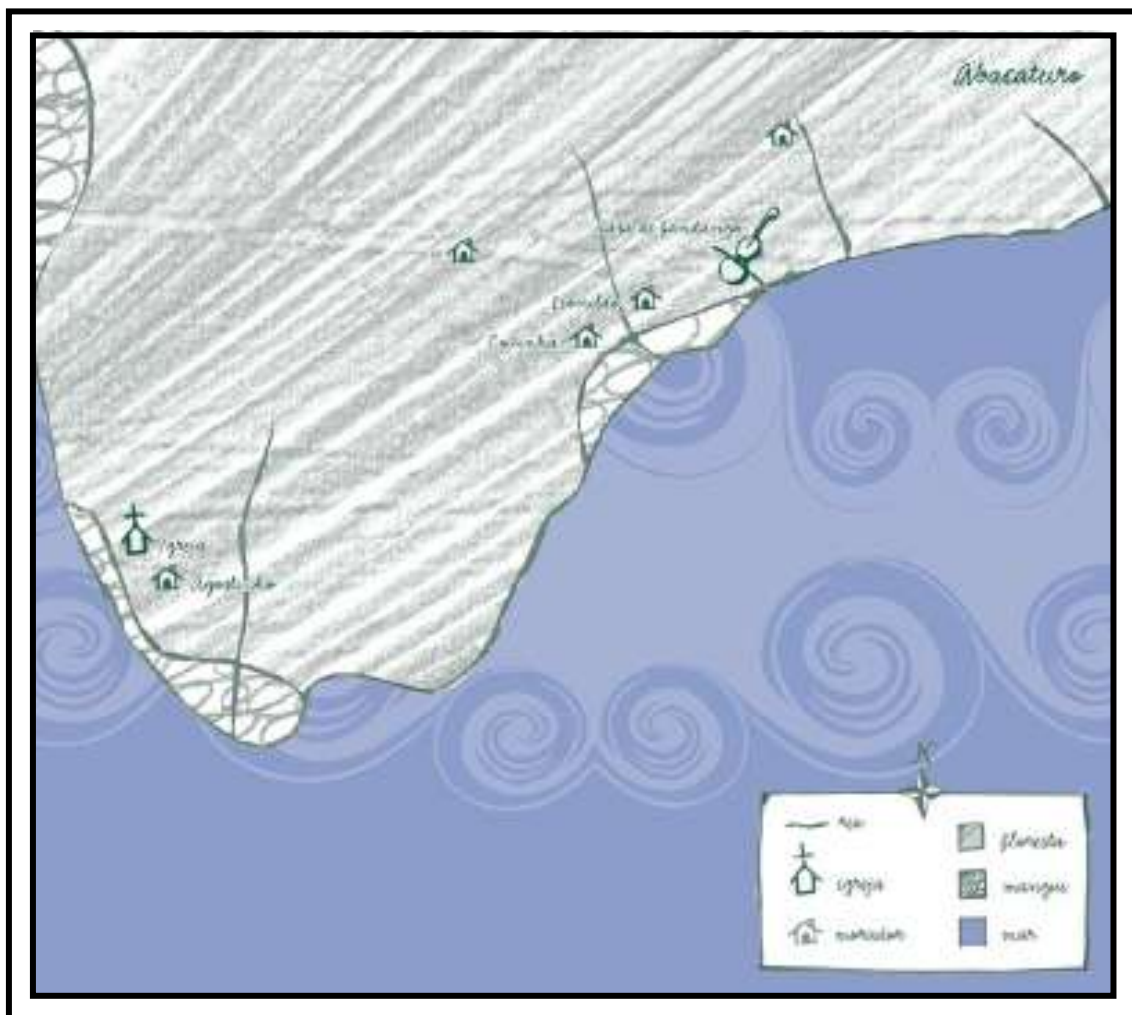


Figura 40: Comunidade de Abacateiro<sup>76</sup>.

Fonte: Recursos naturais na vida caiçara (CULTIMAR, 2008).

<sup>76</sup> Entre o ano de elaboração do livro “Recursos naturais na vida caiçara” (CULTIMAR, 2008) e o período atual, houve a alteração da população da comunidade de Abacateiro, com a chegada de duas famílias provenientes da comunidade de Ilha Rasa: a família de Beto e a família de Adriano. A igreja tornou-se residência da primeira, enquanto uma nova casa foi construída para a segunda.

Comunidade de Saco da Rita

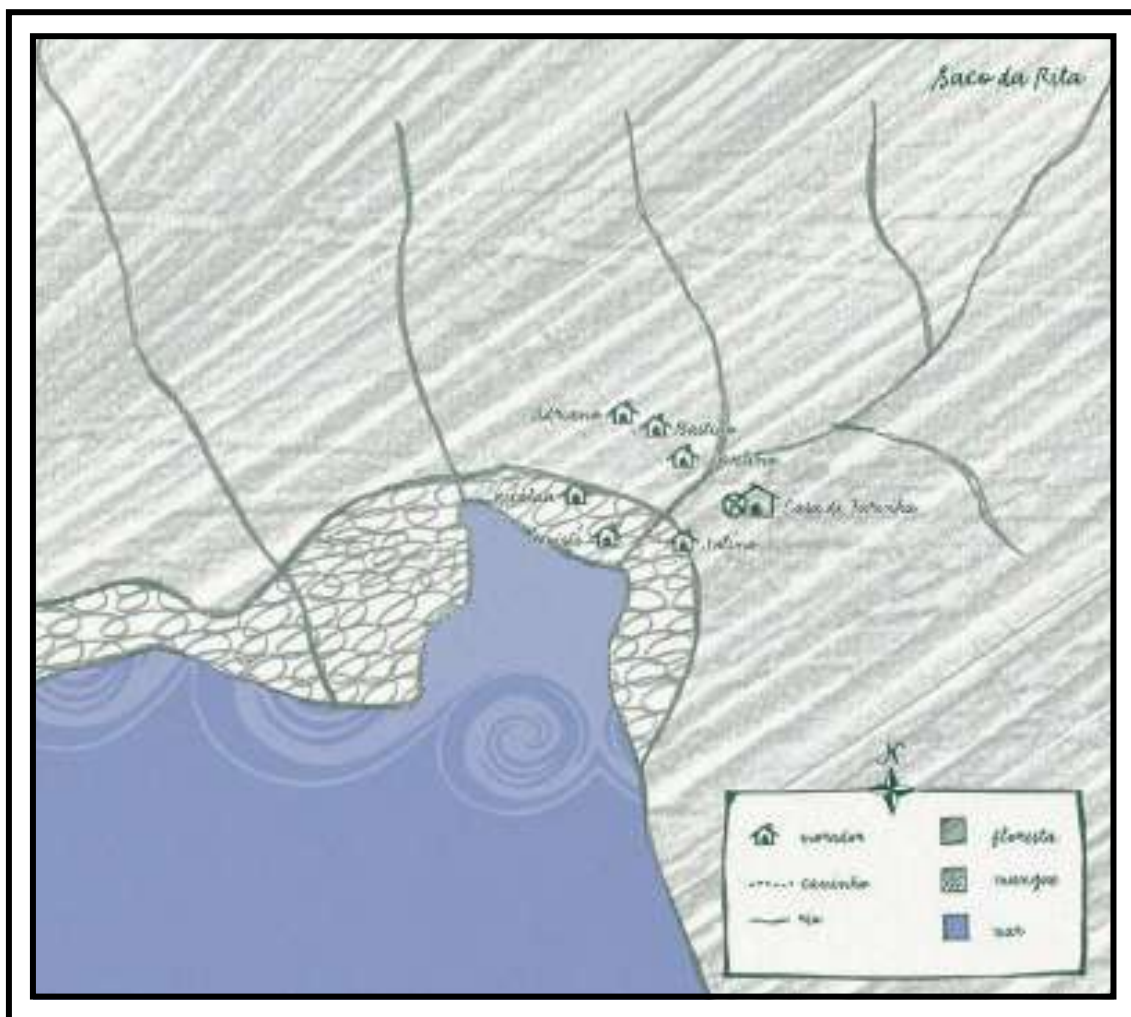


Figura 41: Comunidade de Saco da Rita<sup>77</sup>.

Fonte: Recursos naturais na vida caiçara (CULTIMAR, 2008).

<sup>77</sup> Entre o ano de elaboração do livro “Recursos naturais na vida caiçara” (CULTIMAR, 2008) e o período atual, houve a alteração da população da comunidade de Saco da Rita, devido a qual foi construída uma nova casa para a família de Silvano.

Descrição da família de Alzira e Juvelino Pereira

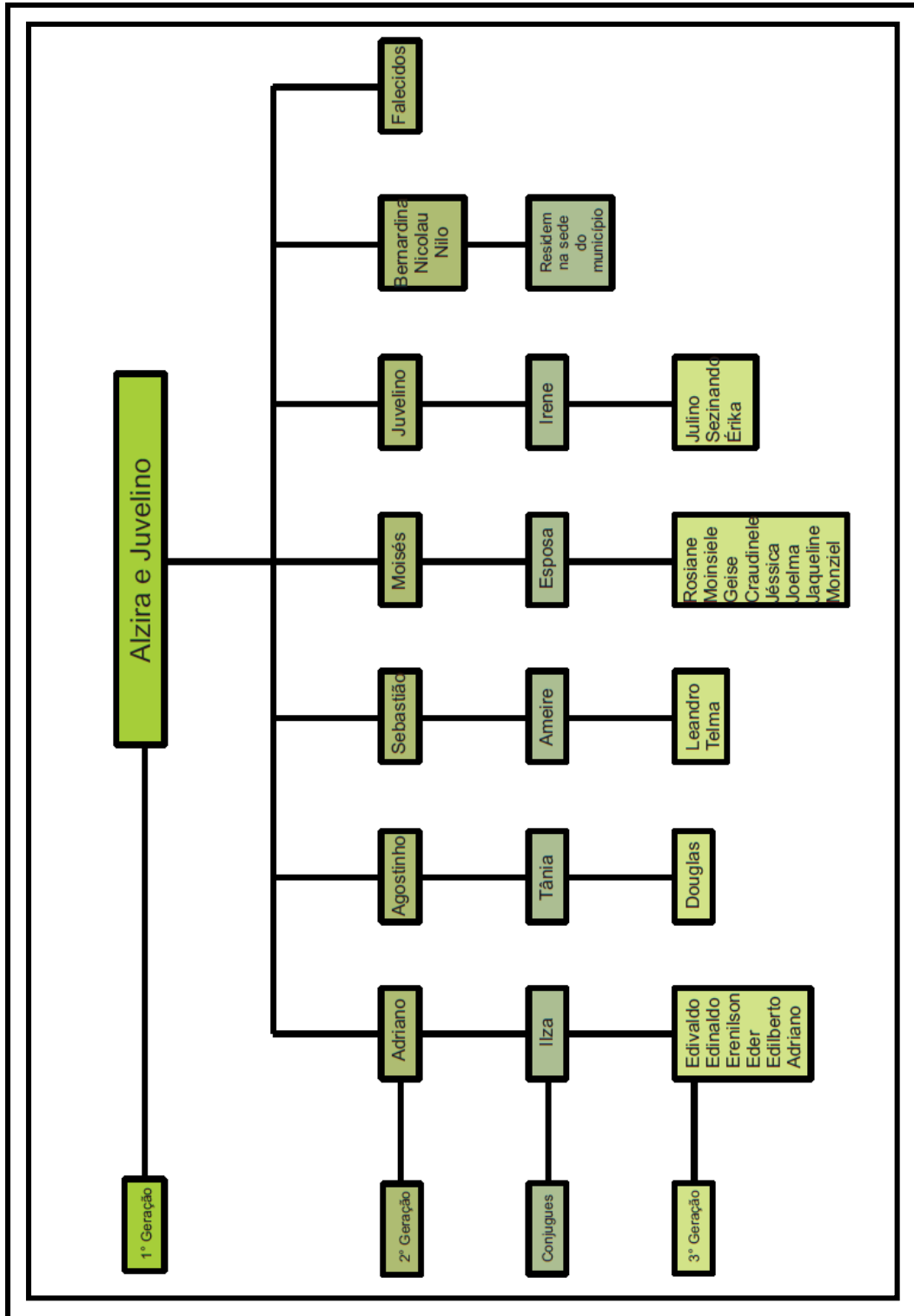


Figura 42: Descrição da família de Dona Alzira e Juvelino Pereira.

Fonte: Dados da pesquisa de campo.